

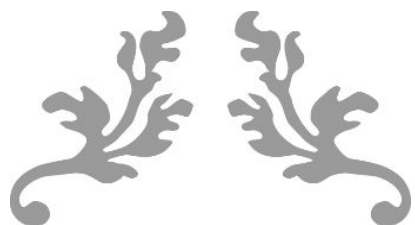
JOICE BITTENCOURT

Alívio

Série Malaman

1





Alívio

Série Malamam – livro 1



Por Joice Bittencourt

Copyright © 2015 Joice Bittencourt.

1ª Edição

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução no todo ou em parte, por quaisquer meios, sem autorização prévia da autora.

Título:

Alívio

Série Malamam – Livro I

Autora:

Joice Bittencourt

joicerbittencourt@gmail.com

Revisão:

Valéria Avelar

Finalização:

Luciano de Paula

Edição Independente

Março 2015

Sumário

[Sinopse](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Quatorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

[Vinte](#)

[Vinte e Um](#)

[Vinte e dois](#)

[Vinte e Três](#)

[Vinte e Quatro](#)

[Vinte e Cinco](#)

[Vinte e Seis](#)

[Vinte e Sete](#)

[Vinte e Oito](#)

[Vinte e Nove](#)

[Trinta](#)

[Trinta e Um](#)

[Trinta e Dois](#)

[Trinta e Três](#)

[Trinta e Quatro](#)

[Trinta e Cinco](#)

[Trinta e Seis](#)

[Epílogo](#)

Sinopse

Depois de dez anos de casamento, **Leônidas Malamam** decide pedir o divórcio à sua esposa Sílvia. Inconformada com a decisão do marido, ela arma um grande escândalo e retira a própria vida durante um importante evento do Malamam Apart Hospital, o deixando viúvo e com uma filha de dois anos. Nina é uma garotinha carente de afeto, carinho e atenção que encontra tudo que precisa em sua nova babá.

Sarah Barcelos trabalha há poucos meses como técnica de enfermagem na pediatria do Malamam Apart Hospital. Foi natural escolher esta profissão, já que suas irmãs são enfermeiras e trabalham no mesmo hospital há três anos. Incentivada por Dora e Safira, Sarah embarca de Domingos Martins/ES para São Paulo com a cara, a coragem e muita vontade de vencer. A rotina e as atribuições do trabalho não são como ela esperava. Levantar todos os dias para lidar com mães histéricas na pediatria tornou-se um fardo grande demais. Sarah já não suporta seu ofício.

Uma tragédia coloca Leônidas e Sarah morando debaixo do mesmo teto. Dia após dia a convivência mostra que os dois são muito diferentes, mas se completam... Principalmente na cama. As convenções da sociedade e o medo da exposição levam o casal a uma dolorosa separação, mas isso serve para mostrar que a distância não é a solução para os dois.

Todos precisam de Alívio, Leônidas encontra o seu durante a madrugada ao se deleitar no corpo da mulher que lhe desperta os mais primitivos desejos... Mas a cada amanhecer ele volta a ser o pior dos carrascos, um homem inatingível para qualquer mulher.

Um

Por Leônidas.

Meu nome é Leônidas Malamam, tenho 36 anos, sou neurocirurgião e minha família tem um hospital, o maior de São Paulo que se chama Malamam Apart Hospital. Somos em cinco sócios todos com a mesma porcentagem em ações, tanto eu, quanto meus pais e meus dois irmãos somos donos de 20% cada um.

Conheci minha esposa ainda na faculdade, não éramos amigos e sim colegas que tinham amigos em comum. Com o tempo nos aproximamos e começamos a namorar, seguindo o caminho de qualquer casal normal. Ela sempre foi linda e muito preocupada com a aparência, a profissão e a opinião alheia. Não posso dizer que era uma paixão arrebatadora ou que o sexo era sensacional, mas parecia o caminho mais certo a traçar diante da minha posição e das responsabilidades que a vida me impunha. Nos casamos em 01 de setembro de 2003.

Depois de sete anos de casamento, Sílvia descobriu que estava grávida. Eu fiquei muito feliz, mas Sílvia nunca quis ter filhos e chegou a sugerir tirar a criança. Após muitas brigas e uma temporada de três semanas que passei na casa dos meus pais, ela desistiu e levou a gravidez a frente.

A gestação foi complicada e com cinco meses Sílvia teve que parar de trabalhar e ficar em repouso absoluto, isso a deixou deprimida. Como ortopedista ela sempre trabalhou muito, e ficar em casa em cima de uma cama a deixava quase que com raiva da criança, que, segundo ela, era a culpada de seus problemas.

Aos sete meses, por complicações com a saúde da minha esposa, não foi mais possível adiar o parto e Nina nasceu prematura. Mais uma vez Sílvia teria que ficar em casa por um longo período, contrariando suas expectativas de voltar ao trabalho e a vida de antes. Com a chegada de Nina em casa comecei a perceber algumas mudanças no seu comportamento, para minha surpresa e completo desespero ela foi diagnosticada com depressão pós-parto. Tirei férias do trabalho e passei a ficar em casa com elas, já que era uma ameaça eminente a deixar sozinha com nosso bebê tão pequeno.

Nossa relação, que já não era das melhores, se tornou um inferno na terra. Brigas sem motivo, ciúmes excessivos e nenhum tipo de afeto... Sexo? Desde a descoberta da gravidez Sílvia se negava a mim. Posso dizer que a última vez que a toquei foi quando nossa filha foi concebida. Até o nascimento da Nina eu fui paciente e fiel, afinal minha esposa estava passando por um momento complicado e, como marido, era minha obrigação entender.

Quando Nina fez seis meses, Sílvia voltou a trabalhar e nesse período nossa filha ficava em uma creche, o que na verdade até achei bom, sabendo que minha esposa ainda não estava completamente curada da depressão, voltar ao trabalho lhe faria bem.

É, mas isso não aconteceu. Sílvia usava o trabalho como desculpa para ficar longe de casa, de mim e da Nina. Tive que diminuir o ritmo de trabalho para poder me dedicar mais a ela. E o sexo? Ainda nada, mas eu sou humano e não sou de ferro.

Comprei um apartamento pequeno a poucas quadras do hospital para evitar envolvimento e amantes no meu pé... Eu me saciava com garotas de programa, passei a fazer isso três vezes por semana. Escolhia as profissionais para manter a discrição, eu queria sexo e elas queriam dinheiro, depois cada um voltava para a sua vida e acabou.

Sílvia nunca me questionou sobre a falta de sexo. Depois de alguns meses eu desisti de procurá-la na cama. Quando Nina estava com um ano e meio eu e minha esposa já não compartilhávamos o mesmo quarto e isso aconteceu naturalmente, já que a cada briga eu ia para o quarto de hóspedes, e como nós brigávamos diariamente eu acabei levando minhas roupas para lá. Quando dei por mim já era meu quarto.

Minha família não entendia o porquê de estarmos casados se todos os nossos amigos e parentes sabiam que já não existia amor, amizade ou qualquer coisa entre nós. No fundo eu ainda tinha esperança de que Sílvia acordasse para a vida e visse suas perdas... Nossas perdas.

Quando Nina estava com dois anos, quase três, eu já não aguentava mais ficar perto da minha esposa, nem sabia como as brigas começavam, mas no fim eu me calava e ia passear com minha filha ou dormir, nem a vontade de discutir existia em mim. Sou um homem de natureza explosiva e não ficava dando chance para o azar, meu medo era perder o controle e acabar fazendo alguma besteira.

Estava com 36 anos e não tinha mais tempo a perder em uma vida que só me destruía, precisava de mais do que aquilo para ser

feliz. Decisão tomada! Vou pedir o divórcio!

Cheguei em casa e chamei Sílvia para conversar no escritório, expliquei a ela tudo que se passava na minha cabeça e que ainda poderíamos seguir nossas vidas como amigos e pais da Nina.

— Sílvia, você pode ficar com o apartamento que ganhamos de casamento e podemos estipular uma pensão satisfatória para você. Gostaria de ficar com a Nina nesta casa, pois acho que seria melhor para todos. Não precisamos viver brigando, eu já estou com os papéis, é só você assinar e continuaremos amigos e pais da Nina. Nossa filha não merece ser criada no ambiente que vivemos, ainda temos uma longa vida pela frente e podemos construir outros relacionamentos.

Ela fez um escândalo, quebrou todo meu escritório e derramou várias ameaças, disse ainda que nunca me daria o divórcio e jamais abriria mão de Nina. Eu perdi a cabeça e também gritei com ela, falei coisas que não precisava, contei que recorria às garotas de programa por ela não me aceitar na cama.

Uma semana se passou desde que pedi o divórcio à Sílvia. Estávamos em dezembro e no próximo sábado seria a festa de confraternização do hospital. No dia seguinte a nossa briga eu embarquei para o Rio de Janeiro para um congresso de neurologia, Nina estava na casa dos meus pais passando as férias e evitando ficar a sós com a maluca da mãe dela.

No sábado à tarde meu celular vibrou com uma mensagem de Sílvia:

“Nos vemos na festa, farei uma surpresa.”

Tenho certeza que será inesquecível. ;)”

Definitivamente aquilo não poderia ser coisa boa, preciso me preparar para um escândalo que essa louca deve fazer mais tarde.

Dois

Por Leônidas.

14 de dezembro de 2013.

A festa de confraternização do Malamam Apart Hospital corre normalmente. Temos cinco unidades espalhadas por São Paulo, são mais de quinze mil funcionários, é claro que não estão todos aqui, pois o trabalho não pode parar.

Minha família está toda presente, esse evento é esperado por todos nós e por todos os colaboradores. Minha mãe, Dra. Magda Malamam, é chefe da pediatria, uma médica muito competente e conhecida em sua especialidade, além do hospital ela leciona em uma universidade de medicina. Meu pai é neurologista como eu, porém trabalha apenas como presidente do hospital há algum tempo, eu me tornei o cirurgião chefe e assumi seu lugar. Lorenzo tem 34 anos, é cardiologista e diretor financeiro. *Não entendo onde ele arranja tempo para isso.* Tenho outro irmão com 32 anos, ele é o maior mulherengo das galáxias... Sério! Nunca conheci ninguém como ele, de tanto explorar o corpo feminino optou pela ginecologia obstétrica. Pergunto-me como consegue ficar cara a cara com uma boceta e não cair de boca nela. Ele se chama Bento e dispensa maiores comentários.

Minha filha também está aqui, ela veio com minha mãe e meu pai, parece uma princesa e é tratada como uma por todos nós, exceto pela mãe. Falando no diabo...

— Oi meu amor! Estava morrendo de saudade de você. — *Sílvia diz me abraçando como se fossemos o casal 20. Estamos perto de várias pessoas e eu apenas dou um sorriso fingindo*

naturalidade diante da cena grotesca. Um escândalo é tudo que ela busca e eu não darei.

— Oi, Sílvia. Me arrumei na casa dos meus pais e vim direto pra cá. Você está bem?

— Estou ótima, recebeu minha mensagem querido? — *Mesmo sendo uma linda mulher, sua beleza não chama a minha atenção, sinto-me enojado com o seu cinismo. Sua pele é extremamente branca e os cabelos artificialmente loiros e longos, combinando com seu olhar amarelado como de uma serpente.*

— Sim, recebi. Espero que não apronte nada Sílvia, lembre-se que você também trabalha neste hospital e nossa filha está aqui.

— Pode ficar tranquilo... Sei que sou conhecida aqui. Depois de hoje serei eterna. Quanto a sua filha, isso não importa para mim. — *Sua filha? Não sei como demorei tanto para conhecer a mulher com quem casei.*

Não sei aonde ela quer chegar com isso, mas não estou gostando dessa palhaçada, segunda-feira vou dar entrada no divórcio litigioso e no pedido de guarda da Nina. Tenho a sensação que Sílvia é uma tragédia ambulante.

Falar com pessoas que nem me lembro do nome, sorrir para fotos abraçado a uma mulher que me causa repulsa e ser bajulado, isso já deu para mim. Não estou com humor para nada hoje. Só quero aguardar o brinde coletivo e ir embora. Na verdade, vou para o flat... Preciso comer alguém ou irei enlouquecer.

A música para e meu pai nos chama ao palco. Todos os anos é assim. A família, incluindo minha "esposa", sobe ao palco para dar

felicitações natalinas e apresentar os resultados do trabalho bem-sucedido. Cada funcionário ergue uma taça e brindamos a às metas atingidas e ao ano que se encerra. Meu pai faz isso todos os anos e também anuncia um bônus, o décimo quarto salário como forma de incentivo a todos os colaboradores.

Depois de brindar descemos do palco para que a música continue e a festa siga o seu curso normal. Tudo está perfeito até que eu ouço a voz de Sílvia vindo do palco, ela sabe exatamente como chamar a atenção quando quer.

— Boa noite a todos! Gostaria de um minuto da atenção de vocês. — *Porra, ela não está fazendo isso. Se a intenção é me desmoralizar, vai ser um sucesso.* Todo o meu corpo fica rígido e sinto a mão do meu pai sobre mim.

— O que a louca da sua mulher vai fazer, Leônidas? — *Meu pai pergunta tentando disfarçar o choque.*

— Não faço a menor ideia, mas não posso ir lá e arrancá-la do palco na frente de todos, mesmo sendo essa a minha vontade.

— Hoje é um dia muito especial para todos, especialmente para mim e para meu marido. Porém ele não quer ser mais o “MEU” marido, não é Leônidas? — *Ela não está fazendo isso comigo! Cadela dos infernos.* — Essa semana meu esposo, que me JUROU amor eterno diante de um padre, me pediu o divórcio. Eu estou aqui para dizer a ele que jamais farei isso. — *Neste momento ela olha diretamente para mim.* — Leônidas eu prometi que seria sua esposa até que a morte nos separe. Lembra-se?

Neste momento ela retira uma pistola cromada da bolsa e aponta em minha direção. Todos permanecem em silêncio e alguns seguranças tentam aproximar-se, mas recuam quando ela engatilha a arma. Minha mãe que está com Nina no colo, tenta deitar a cabecinha dela em seu ombro, mas meu bebê já está aos prantos sem entender a atitude da mãe. Sílvia que está com a arma apontada para mim diz:

— A culpa é toda sua, Leônidas Malamam. — *Em uma fração de segundos o cano prateado está apontado para cima, pressionando a pequena mandíbula da mulher que um dia eu escolhi para dividir a vida...*

(...)

Não foi possível salvá-la. Foram tantas coisas acontecendo ao mesmo tempo, tantas pessoas falando e mil coisas girando na minha cabeça. Fiquei completamente fora de controle. Um misto de raiva e culpa corroía meus pensamentos.

Acordei na casa dos meus pais. Nem sei como foi que eu cheguei até aqui, mas estou de cueca e na cama do quarto que era meu quando solteiro. Depois de tomar um banho refletindo sobre a loucura de ontem e assimilando se tudo não foi um terrível pesadelo, resolvo descer e encarar a realidade.

— Bom dia. — *Digo sem nenhuma verdade ao chegar à sala. Todos estão jantando... Jantando?*

— Boa noite meu filho! Como dormiu? — *Pergunta minha mãe ao se levantar e me abraçar carinhosamente.*

— Não sei mãe, pareço ter desligado completamente e nem sei como cheguei aqui. — *Uma dúvida me ocorre.* — Alguém me drogou? — *Minha pergunta sai em tom acusatório, realmente não me lembro de nada depois do som ensurdecedor do disparo.*

— Meu filho, você estava desesperado e fora de si, foi necessário te apagar antes que fizesse uma besteira com sua própria vida. Já tomei todas as providências cabíveis, você não estava em condições de lidar com mais nada. — *Meu pai tem razão, foi melhor assim.*

— Obrigado pai, desculpe pela forma que falei, mas ainda estou em choque. Ela já foi enterrada? — *Como é estranho falar de Sílvia no passado.*

— Não, será amanhã bem cedo e os pais dela fizeram questão de estarem à frente destas questões. Eles estão profundamente abalados e surpresos. — *Nossa! Não tinha pensado nisso ainda! Os pais da Sílvia... Ana e Silvério não são as pessoas mais amáveis do mundo, mas eram meus sogros e avós da minha filha. Minha mulher compartilhava das loucuras da mãe, ambas eram excessivamente vaidosas e fúteis.*

Sento-me e conversamos sobre tudo que foi feito e como terminou a festa dos horrores. Segundo minha família, os pais dela não me culpam por nada, já que sabiam como a filha estava abalada psicologicamente. A polícia foi acionada, mas como o suicídio era evidente não houve maiores problemas.

Nossa conversa segue e combinamos o horário para sair amanhã e como vamos fazer em relação a Nina. Neste momento

me lembro de uma pessoinha que está faltando aqui. *Não posso acreditar que me esqueci da minha filha.*

— Mãe onde está Nina? — *Afobo-me com as palavras.*

— Se acalme Leônidas! No meio de toda aquela confusão eu acabei deixando a Nina com uma das técnicas da pediatria, ela conseguiu acalmar nossa princesa e se prontificou a ficar com ela e eu achei melhor assim. Nina dormiu na casa da Sarah na noite passada e hoje depois do almoço Lorenzo foi buscá-la e ela está dormindo na minha cama neste momento.

Ficamos o restante da noite reunidos na sala conversando sobre a trágica festa do hospital. Já é madrugada quando vamos dormir. Pego minha princesa para dormir comigo e passo o restante da noite velando seu sono angelical.

A segunda-feira foi pesada e difícil, nada estava no lugar, curiosos xeretavam o acontecido e a culpa ainda me corroía. O enterro da Sílvia está na minha lista de piores dias da vida. Responder as perguntas de Nina foi a pior parte. Como já estamos no fim do ano, resolvi tirar férias e levar minha filha para Disney. Algumas pessoas acharam estranho eu viajar logo após a morte da minha esposa, mas Nina não tem idade para entender o luto e eu preciso distraí-la, tirá-la do olho deste furacão de fotógrafos querendo registrar a desgraça alheia. Nada melhor do que o castelo da Cinderela para distrair uma princesinha.

(...)

06 de janeiro de 2014 – segunda-feira.

Já estamos em janeiro e eu preciso voltar ao trabalho, algumas semanas desde a morte de Sílvia e eu preciso seguir com a vida, Nina precisa de uma babá e minha mãe indicou a tal enfermeira que cuidou dela naquele maldito dia. Acho que vou tentar a sorte já que minha filha parece ter gostado da mulher. Chamei-a ao meu consultório.

— Entre. — *Peço depois de escutar duas batidas na porta.*

— Dr. Leônidas, a Dra. Magda disse que precisa falar comigo.
— *Ráh! Isso só pode ser piada, essa é a Sarah? Parece uma ninfeta de filme pornô, com cara de que tem aquelas bocetinhas rosadas e apertadas.*

É uma jovem de no máximo vinte e dois anos. Seus olhos são azuis escuros e bem grandes, a boca... *Porra, consigo ver meu pau ali dentro.* É pequena, mas é carnuda e cheia, parece estar constantemente fazendo bico. Mesmo com esse uniforme largo consigo ver que tem um corpo delicioso.

— Dr. Leônidas? — *Porra, devo estar com cara de tarado.*

— Sente-se, por favor! — *Indiquei a cadeira com a mão, se eu levantar com essa calça social branca ela vai sair correndo daqui. "Quando meu pau ficou duro que eu nem percebi?"*

— Desculpe, mas eu fiz algo errado Dr. Leônidas? — *Fez... Está vestida!!!*

— Não. Minha mãe comentou que você é uma excelente profissional, mas não é feliz com a rotina hospitalar. Minha filha gostou de você e eu preciso de alguém de confiança para me ajudar com ela, agora que estou sozinho. Aceitaria sair do hospital para

cuidar exclusivamente da Nina? — *Mantenho a voz firme e imparcial.*

— Dr. Leônidas, eu adorei ficar com a Nina, mas largar meu emprego para cuidar de uma criança é uma decisão complicada. Sou uma profissional da área da saúde e não uma babá. — *Ah não minha Ninfa, sem desculpas.*

— Você trabalha em uma escala de 12/36, ganha mil e trezentos reais por mês, passa o dia todo em pé aturando mãe chata e crianças doentes. Estou te oferecendo um emprego de segunda a sexta-feira, porém integral, onde sua única função será cuidar do bem-estar da Nina. Terá um quarto ao lado do dela e seu salário será dobrado, a Nina irá pra escola na parte da manhã e você poderá fazer o que bem entender neste período de quatro horas.

— Com quem ela ficará aos fins de semana?

— Vou revezar com os avós maternos. — *Este fato ainda não me desce, meus sogros nunca foram próximos a minha filha e agora querem contato constante.*

— Vou ter benefícios como os que tenho aqui? — *Negociadora.*

— Sim, mantenho todos os benefícios. Mas preciso que comece na próxima segunda-feira, ficará em minha casa até sexta e depois retornará no domingo à noite para estar disponível logo cedo.

— Hum... Eu aceito. — *A cara é de ninfeta, mas os olhos flamejam malícia.*

— Ótimo. Na segunda às 7h meu motorista passará na sua casa para pegar suas coisas e levá-la. Você mora sozinha? — *Estalos os polegares temendo um possível namorado ou marido.*

— Não. — *Caralho!* — Moro com minhas duas irmãs. Meus pais moram no Espírito Santo, na cidade de Domingos Martins.

— Que bom. Agora pode ir. Não precisa trabalhar pelo resto da semana, resolva qualquer pendência que possa atrapalhá-la na rotina da minha casa. Agora você é minha!

— Como? — *Eita boca grande!!!*

— Minha funcionária e não do hospital.

— Ok! Até segunda.

Meta para segunda-feira... Esquecer a porra dessa menina antes que eu seja processado por assédio sexual. Alguém avisa isso para o meu pau, por favor!

Três

Por Sarah.

Meu nome é Sarah Barcelos, tenho 24 anos, muito bem vividos por sinal. Sou técnica de enfermagem e trabalho há seis meses em um grande hospital de São Paulo, o MAH. Nasci no Espírito Santo, na cidade de Domingos Martins, região serrana do Estado, onde meus pais cultivam morangos.

Eu tenho duas irmãs mais velhas que são gêmeas. Dora e Safira, têm 26 anos, e sou apaixonada por elas desde que me entendo por gente. As duas são instrumentadoras e trabalham auxiliando nas cirurgias no mesmo hospital que trabalho. Quando terminei minha formação, elas me arranjaram uma entrevista aqui, eu entrei num ônibus e vim na cara e na coragem.

Minhas irmãs já moram aqui há três anos, vieram passar férias e se apaixonaram pela loucura da cidade grande, eu também me apaixonei. Quando fiz o meu curso achei que as coisas seriam muito diferentes. Doce ilusão. Na sala de aula não lidamos com o tempo apertado, familiares com reis na barriga e muito menos com a competitividade dos colegas, isso é a pior parte... Não, a pior parte são as mães dramáticas e mais entendedoras de doenças do que os próprios médicos, completamente hipocondríacas e alienadas a realidade da infância. Algumas parecem que querem encontrar doenças onde não existem, um espirro vira pneumonia, um vômito vira refluxo e qualquer coriza é a mais grave das alergias. Socorro!

Apesar de já ter 24 anos, todos me dão menos do que isso. Já me deram 17 anos, acredita? Mas confesso que, de inocente só tenho a cara. Perdi a virgindade aos dezesseis anos com um primo meu, daí por diante só tive dois namorados, mas confesso que dei igual a chuchu na rama.

Meu último namoro durou três anos e foi muito bom, ele se chamava Tadeu e era dono de uma pousada da região que nasci. O sexo era incrível, mas apesar de nunca ter reclamado, eu gostaria que o pau dele fosse um pouco maior, sempre faltava alguma coisa. Sabe quando você olha o pau dos atores de filme pornô e pensa que queria um assim? Pois é, eu queria. É crime? Podem me condenar então!

Eu e minhas irmãs moramos em um apartamento com três quartos, mas é bem pequeno, tem apenas um banheiro. Imagine a confusão de manhã.

Quando o Dr. Leônidas me chamou em seu consultório a primeira coisa que pensei foi que seria demitida. A mãe dele é chefe da pediatria e é maravilhosa, porém tem um outro pediatra chamado Dr. Danilo Vallin que é lindo, mas um canalha, típico médico que acha que enfermeira é o seu lanchinho para comer quando der vontade.

Ontem o Dr. Danilo me chamou em seu consultório e veio com um papinho de que eu era linda, deveria ter todos os homens aos meus pés e poderia ganhar muita coisa com o homem certo. A cada palavra dita ele caminhava a minha volta, se aproximou por trás de mim e alisou minha bunda. Sem pensar duas vezes eu pisei bem

forte no pé dele e disse: *Se encostar em mim outra vez vai ser processado por assédio sexual. Não sou o que está pensando!*

Para a minha surpresa, ao invés de me demitir a pedido do colega de trabalho, Dr. Leônidas me ofereceu outra oportunidade. O salário vale a pena e eu amei a Nina, só o fato de sair do stress de um hospital já compensa. Aceitei e mandei torpedo para minhas irmãs me encontrarem no refeitório.

— E aí Sá, o que o Dr. Carrasco queria com você? — *Me pergunta Safira desconfiada.*

— Me oferecer um emprego para cuidar daquela princesa que ficou lá em casa depois do episódio da festa. Nem acreditei.

— Mentira! Mas isso é muito bom para quem queria sair de hospital. — *Dora é muito exagerada, quando ela diz mentira, ela diz meeentiiraaaaaaa! Sem contar a expressão facial que é única.*

— Sério, nossa eu nunca tinha visto ele de perto. Virou o personagem principal dos meus sonhos eróticos. — Caímos na gargalhada com a minha revelação. A família Malamam é dona do hospital, mas são poucas as pessoas que tem contato com algum deles diretamente, eu mesma só o vi na festa de fim de ano e foi de longe.

Pensa... O cara é loiro com os cabelos raspados em um tom escuro e alguns fios grisalhos espalhados pela cabeça. Parece muito jovem para ter cabelos brancos. Os olhos são quase brancos de tão azuis e são pequenos para alguém tão imponente. Lembro-me que na festa ele se destacava por ser o mais alto de todos os

homens. Ainda bem que permaneceu sentado quando conversamos.

E o corpo? Acho que se aquela tora de homem subir em mim me esmaga... *Em cima de mim?* Parece bom, parece ótimo e devastador, mas essa hipótese está descartada, pois ele é meu chefe e isso não vai acontecer. Segunda-feira começa uma nova fase, ele disse que eu poderia fazer qualquer coisa enquanto a filha estivesse na escola. Eu sonho em fazer letras, adoro escrever e tenho um blog de contos eróticos chamado Entre as Pernas. Já tenho milhares de leituras em meus contos imaginários e cheios de homens lindos, de paus enormes com os quais eu nunca estive, uso o pseudônimo de SaBarcelos e estou amando isso.

(...)

Uma semana depois - 13 de janeiro de 2014

Acordo cedo e me arrumo com uma calça jeans e uma camiseta rosa com gola V, não quero parecer sensual, quero ser neutra perto daquele homem das cavernas, já que ele tem fama de ser um ogro. Minha mala já está na sala, não vou levar muita coisa porque aos fins de semanas voltarei para casa, escolhi o que tenho de mais comportado e casual possível, calças jeans e camisetas serão meu carro chefe.

O motorista liga avisando que está me aguardando na portaria, desço com minha mala e seguimos para a casa do Dr. Leônidas.

A casa fica no Bairro Morumbi, tem muros enormes, e seguranças na porta deixam claro que aqui mora gente rica. É uma

grande construção toda branca com muitas janelas e vitrais, o jardim enorme tem um parquinho com brinquedos coloridos e uma piscina longa e retangular próxima a uma edícula.

Uma senhora vem me receber com um imenso sorriso.

— Seja bem-vinda Sarah! Eu sou Quinha e cuido da comida e da organização da casa. Entre o Léo te espera para o café. — *Léo? Aquele Everest em forma de homem? Sei!*

— Claro. Vamos. É um prazer te conhecer Quinha. — *Ela deve ter cinquenta e poucos anos, é cheia e alta, parece aquelas nonas italianas da festa da polenta. Muito simpática! Um sorriso fácil que dá vontade de rir também.*

Entramos na casa e Quinha me leva a uma sala voltada para um pomar na parte de trás do terreno. É pequeno, mas de uma paz incrível. Leônidas está sentado tomando uma xícara de café e lendo alguma coisa em um iPad. Na mesa há muitas coisas, quase um café colonial como temos na minha terra.

— Léo, a Sarah chegou.

— Obrigado, Quinha. Bom dia, Sarah. Sente-se, a Nina ainda está dormindo. — *Seu tom é tão seco que soa grosseiro.*

— B... Bom dia. — *Para de show! Quem acorda tão lindo assim gente? Essa sombra de barba, esses olhos sem fundo. Aff! Todo de branquinho é maldade.*

— Eu saio todos os dias antes das sete, hoje abri uma exceção para aguardar sua chegada, chego próximo às 20h e sempre janto com a Nina. Se tiver algum imprevisto eu aviso.

— Tudo bem. — *Meu raciocínio ainda está nos olhos tensionados e na testa franzida direcionados para mim. Aff Maria!*

— Você vai ficar no quarto ao lado ao da Nina, tem uma porta que liga os dois quartos e um banheiro em cada um. Ela acorda às 8h e não toma mamadeira, você deve cuidar dela e entretê-la. Todas as tarefas domésticas são feitas pelos outros empregados. Caso queira sair, o Augusto as levará aonde queiram ir. — *Ele diz tudo com o olhar cravado em mim.*

— Posso levá-la ao parque e ao Shopping, coisas desse tipo?

— Sim, só peço que me avise por mensagem e que nunca saia sem o Augusto. Vou deixar com você um cartão de crédito, com ele você poderá comprar qualquer coisa que Nina precise. Isso inclui roupas, remédios, passeios ou qualquer outra coisa para o bem-estar e diversão dela. Todos os seus custos durante o expediente também devem ser pagos com este cartão, alimentação e qualquer outra coisa.

— Entendi.

— Eu tenho que ir agora. Quinha vai te mostrar seu quarto e tirar qualquer outra dúvida que acaso tenha. — *Quando ele fica de pé, vejo a dimensão do problema, o homem é um crime às minhas calcinhas.*

— Está bem... E tenha um bom dia de trabalho.

Ele vira e sai sem falar nada. Não é mal-educado, mas também não é a pessoa mais simpática do mundo, o jeito como fala é ríspido e está sempre com uma carranca emburrada. Deve ter tomado fel no lugar do café.

Quinha mostrou o meu quarto e então me instalei, é bem grande com um banheiro e uma varanda, a cama não é de casal, mas também não é de solteiro é tipo um meio termo, sei lá. Na lateral tem uma porta que liga ao quarto da Nina. Vou até lá e sento na beira da sua cama.

— Bom dia princesa. — *Falo alisando seu cabelo. Ela acorda e me olha surpresa.*

— “Bo diia tisala!” — *Falou embolado, mas eu entendi.*

Nina falou várias coisas, mas eu entendi poucas palavras. Ela tem apenas dois anos e não entende o que está havendo. Passamos o dia brincando e eu cuidei bastante dela. Foi um ótimo começo, dei almoço, banho, brinquei de boneca e desenhamos. Não faço ideia de quantas vezes vi o DVD da Galinha Pintadinha. Depois do almoço ela dormiu e então fui tomar um banho. Quando já estava me secando escutei um choro e corri. Nina estava sonhando e balbuciando coisas como “*nã mamai*”. Fiz carinho e cantei ao seu ouvido até que voltou a dormir tranquilamente.

— Ela vem tendo pesadelos desde a morte da mãe. — *De onde a porra desse homem brotou?*

— Tem muito tempo que está aí? — *Pergunto com a voz baixa sem olhar para ele.*

— Desde que você se debruçou sobre ela. Acho melhor você ir se vestir. — *Putá que na merda! Estou de toalha praticamente de quatro e de costas pra ele.*

Saí do quarto como um furacão e fui me vestir, nem mesmo olhei para ele, usei a porta que divide nossos quartos e tranquei por

dentro.

Por Leônidas.

Tive uma cirurgia que durou quatro horas pela manhã e decidi almoçar em casa, chego por volta das 14h, Quinha me falou que Sarah foi fazer a Nina dormir. Subo para o meu quarto, mas antes de fechar a porta ouço a minha filha chorando ou reclamando. Sei lá! Corro até sua porta, mas não imaginei que a visão seria tão perfeita.

A maldita ninfeta estava de toalha, (*nota mental comprar toalhas maiores*) debruçada sobre minha filha e cantando alguma coisa sobre um “alecrim dourado” e acariciando seu cabelo até que ela adormecesse novamente.

Se for um teste, me reprova logo. Quando ela se dobrou para frente a porra da toalha subiu e eu automaticamente fiz um movimento com o pescoço... — *Ok! Mentira. Eu quase quebrei o pescoço.* — Tive a visão da menor e mais linda boceta que eu já vi. Porra, isso já é provocação, eu não sou um santo.

— Ela vem tendo pesadelos desde a morte da mãe. — *Disse a assustando. Mas ela não se moveu, ficou petrificada no mesmo local e posição.*

— Tem muito tempo que está aí? — *Quase não ouço sua voz. Tempo suficiente para estar salivando com a vontade de cair de boca nessa boceta.*

— Desde que você se debruçou sobre ela. Acho melhor ir se vestir. — *Dou cinco segundos para ela sair da minha frente ou não respondo por mim.*

Ainda bem que ela não olhou para trás. A ereção foi tão forte que eu estava apertando a cabeça do meu pau para ver se aliviava o latejar das minhas veias, mas sei que nada dará jeito nisso. Ou melhor... Ela dará!

Vou para meu quarto, preciso de um banho e preciso gozar... Se bem que ela podia me ajudar néh!? *Volta pra terra Leônidas, você não fode com funcionárias, nunca, jamais, em tempo algum.*

Eu sei que se abrir uma exceção vou começar comendo as médicas, passar pelas psicólogas e assistentes sociais, dar um pulinho na fisioterapia, fazer a limpa na enfermagem e passar uma peneira na equipe de limpeza.

Eu sempre achei que o Bento que fosse o tarado, mas estou passando dos limites, penso em sexo o dia todo. Outro dia levei uma prostituta para o apartamento do centro e ela perguntou se eu havia tomado alguma coisa. Tive que rir, só porque eu gosto de trepar e sei controlar meu corpo, não significa que esteja medicado.

Depois de trancar a porta eu ligo meu computador e abro o sistema de filmagem da casa, as imagens de dentro de casa ficam arquivadas em nuvem e só eu tenho acesso. Abro a câmera do quarto dela, mandei instalar por segurança, vai que ela maltrata minha princesinha. Sarah ainda está de toalha, sentada na cama com as pernas flexionadas e a mão entre elas... — *Ela está? Está se tocando?*

Abro meu cinto, coloco o pau para fora e começo a me masturbar olhando-a fazer o mesmo. Sarah mexe os quadris e seus dedos se tornam ainda mais rápidos. Fico olhando a cena e

tentando não correr lá e enterrar meu pau naquela boceta que deve estar alagada para me receber.

— Ah isso... Goza, minha ninfa. — *Eu estou quase.* — Vai safada, goza no meu pau... Arrg!

Urrando, eu gozo para ela e gozo com ela. Seus movimentos param e ela vai para o banheiro. Preciso colocar áudio nessa porra, queria ter escutado ela gemer, saber se geme o meu nome.

Depois de tomar um banho frio, volto para o hospital. Não vi a Sarah quando saí. Avisei a Quinha que vou chegar tarde. Preciso comer alguém antes de encontrar com a bruxa do sexo novamente.

(...)

31 de janeiro de 2014

Já estamos entrando em fevereiro, tem sido uma tortura conviver com a Sarah diariamente, na verdade os finais de semana tem sido a pior parte, pois ela não está lá. Nina é completamente apegada a ela e devo dizer que a ninfeta cuida muito bem da minha filha.

Não costumo conversar muito com ela, apenas o necessário, pergunto sobre Nina e se precisa de alguma coisa ou se percebeu algo de errado com a minha princesa devido ao ocorrido com a mãe. Diariamente jantamos juntos, ela se senta à mesa com prato e Nina ao seu lado no cadeirão com o pratinho dela, Sarah se reveza entre comer e alimentar Nina.

Quinha me chamou a atenção outro dia dizendo que sou grosso com a babá, que respondo suas perguntas de forma ríspida

e sem paciência. Se ela soubesse o que fica grosso por essa menina, ela me daria razão por ficar longe. Hoje é sexta-feira e dispensei os empregados, trouxe uma pizza e vou curtir um pouco com minha filhota, já que Ana e Silvério vão ficar com ela esse fim de semana.

— Sarah, depois que Nina tomar banho leve-a a sala de TV para assistirmos um filme com pizza, pipoca e suco. — *Essa semana estive muito ausente e quero compensar isso. Detesto estar em falta com ela.*

— Claro, Dr. Leônidas. — *Ela sobe com Nina para se cuidar.*

Depois de uns trinta minutos elas retornam, Nina e Sarah de pijamas iguais. Outro dia elas foram ao shopping e compraram dois pijamas rosa com vários sorvetinhos estampados no conjunto de calça e blusa de manga longa.

Puxei o sofá, que é retrátil e vira praticamente uma cama, espalhei almofadas e comprei o filme “Frozen”. Sei que minha pequena adora aquele boneco de neve louco. Sarah acomodou Nina ao meu lado e saiu.

Assistimos ao filme e quando olhei meu bebê já dormia em sono profundo, eu confesso que adoro assistir desenhos, mas ninguém precisa saber disso. Muito menos Nina, que sonha em ter um bichinho de estimação e eu sempre digo que não é a hora. Não dou conta de trabalho e filho... imagina ainda ter um animal em casa?

Levo a pequena para cama a deixando confortável e quentinha. A porta que dá acesso ao quarto da Sarah está

entreaberta. Com cuidado espio pela fresta e percebo que ela está dormindo.

Nossa! Ela dorme de barriga para cima, uma perna esticada e outra flexionada, seus cabelos estão espalhados para o lado. A blusa do pijama está um pouco bagunçada e posso ver seu umbigo, até o umbigo da bruxinha é sensual.

Quando dou por mim, já estou em pé ao lado da sua cama, o cheiro dela parece me dominar, sento no pé da cama e passo a mão na sua barriga, parece que tem um imã entre nós e eu não consigo parar de tocá-la. Sei que vou ser condenado à força por isso, mas eu preciso. A calça é bem larga, o cordão está frouxo e com todo cuidado do mundo eu consigo retirá-la, para minha surpresa ela não usa calcinha.

— Eu não posso fazer isso. Céus, devo estar ficando louco.

Movido pelo desejo incontrolável, afasto sua perna esquerda, o que me dá uma visão privilegiada da sua linda bocetinha, nem mesmo um exército me tiraria daqui agora, nem eu mesmo sou capaz de me parar. O cheiro é maravilhoso. Tiro a minha blusa e me posiciono para cheirar seu perfume de mulher. Não resisto. Lambo saboreando seu gosto viciante.

— O que o senhor está fazendo? — *Ela tenta se sentar assustada! Mas eu não deixo e abocanho seu sexo sem piedade. Mantenho seu quadril cativo no meu rosto, ataco sua boceta e chupo seu clitóris como quem chupa um pêssago maduro, mesmo gemendo e abrindo mais as pernas ela tenta me afastar com as*

mãos, empurrando o corpo para cima com os pés e tentando empurrar meu rosto.

— Não Dr. Leônidas. Você não pode fazer isso comigo. Ah! Por favor, não faça isso. Nós não podemos, você não pode...

Sua boca diz uma coisa, mas seu corpo diz outra, ela levanta a bunda empurrando o sexo para mais perto da minha língua. Seus gemidos vão aumentando e a respiração está forte.

— ãh... Por favor! ãh... Pare já!

Agora ela tenta segurar meu cabelo e aperta o seu seio esquerdo com a outra mão. Enfio dois dedos na sua boceta e movimento com vontade, ela está completamente fora de si, vejo que está perto de gozar e nada mais importa.

— ãh! Eu vou gozar, não pare!

Meus dedos são esmagados pelas paredes da sua vagina alagada de prazer, o cheiro está me enlouquecendo. Não posso mais esperar. Seus espasmos estão diminuindo e eu retiro minha calça rapidamente. Sem grande dificuldade viro-a e a coloco de quatro para mim, sua bunda para o alto e seu tronco tombado sobre o colchão.

— Visão do paraíso. Vou te comer feito louco. — *O quarto está iluminado por um abajur que fica na penteadeira.*

Esfrego a cabeça do meu pau no mel que escorre dela, sem poder aguentar essa tortura eu entro de uma vez só e gememos pelo atrito. Ela é muito pequena para mim, acho que vou ter uma ejaculação precoce.

— ãh, merda! — grita e se contrai inteira quando minha glânde toca no fundo dela.

— Gostosa pra CARALHO, engole meu pau porra.

Seguro a carne de sua bunda com força. Sinto-me um bicho no cio. A cama bate na parede pela força que estou fazendo, sem parar de meter eu enrolo o seu cabelo no meu punho e sento sobre meus calcanhares, ela senta em minha coxa e rebola.

— Isso delícia, rebola no meu pau! Mostra para mim, vai, como você gosta. Ah!

Que delícia! Sei que vou gozar logo. Puxo o seu cabelo com força e ela inclina a cabeça para trás me dando livre acesso para morder seu pescoço, manipulo o seu grelo que está muito inchado. Seus gemidos se tornam gritos e ela goza moendo meu pau sem piedade. Sem demora gozo dentro dela.

— Puta que pariuuuuuu! Arhg. — Todos os meus músculos se contraem, aquela sensação angustiante e libertadora de gozar percorre minha espinha até tornar todos os meus pensamentos uma só névoa.

Deito-me com ela na cama sem sair de dentro do seu corpo, fico beijando seu ombro e pescoço até que adormeça. Quando ela relaxa eu recolho minhas roupas e saio.

Quatro

Por Leônidas.

Chego ao hospital às seis da manhã. Não estou preparado para encontrar com ela. Assim que entro, sou informado que Bento acabou de sair do centro cirúrgico, estava em um parto de emergência.

Era disso que eu precisava, encontrar com um dos meus irmãos para desabafar, acho que vou enlouquecer se não falar com alguém. Subo apressadamente e vou até seu consultório no terceiro andar. Ele está se preparando para ir pra casa.

— Bom dia Bento, preciso conversar... Poderia me ouvir agora?

— Acho que tomou café demais, fala com calma e senta aí. Matou alguém? Preciso dar fim em algum corpo? — *Esse é o Bento, totalmente pirado.*

— Cara, eu transei com a Sarah, a babá da Nina. — Bento já esteve com a Sarah quando pedi que ele buscasse a Nina na sexta-feira à noite para levá-la a casa dos avós maternos e eu estava trabalhando até mais tarde.

— Hum... Depois eu que sou o tarado! Como foi?

— Isso é sério Bento. Foi...foi incrível e eu não paro de pensar nisso. Depois de tanta coisa ruim e tanto peso nas minhas costas... Sei lá! Foi como se ela me curasse dos meus problemas... Foi como um alívio.

— Eita que foda milagrosa. Boceta poderosa essa hein! — *Brinca mostrando-me o molde de uma vagina que fica sobre a*

mesa.

— Sim, poderosa. O problema é que agora eu quero mais. Preciso de mais e não sei nem como voltar para casa sem me enfiar dentro dela outra vez. — *Esfrego a cabeça e começo a falar.*

Conto para Bento como tudo aconteceu, desde o primeiro dia que a vi na minha sala e fiquei de pau duro só de olhá-la. O dia que a encontrei de toalha e me masturbei espiando ela se dando prazer. Sem contar as muitas outras vezes que a observei pela câmera de segurança. — *Ok, eu sou um pervertido que se masturba olhando a babá trocar de roupa, mas ela também se masturba... E faz isso quase todos os dias.*

— Cara você tem isso gravado? Eu ia adorar assistir aquela delícia gozando.

— Se falar isso outra vez, eu arranco sua cabeça. — *Filho da puta.*

— Adoro minha cabeça, retiro o que disse.

— Bento você é um tarado da porra, não passa um dia sem meter... E trabalha cara a cara com bocetas todos os dias. Preciso saber como você se controla, como faz para seu pau não te entregar?

— Leônidas, eu não acredito que estou ouvindo isso. Cara! Sei lá, eu entro no modo de trabalho e esqueço-me do resto, não vejo minhas pacientes como fontes de prazer e sim de serviço.

Passo mais uma hora conversando com Bento, depois disso vou trabalhar e cuidar da minha vida. Mesmo com muitas coisas a

fazer eu sempre me pego pensando nela, entre um paciente e outro eu me conecto ao servidor de segurança da minha casa e observo as câmeras internas de casa e fico a observando. Quando Nina dorme depois do almoço vejo Sarah pegar o celular e ligar para alguém, percebo que ela fica mais de trinta minutos na ligação. Será que tem alguém na vida dela? Ninguém passa trinta minutos no celular. Preciso descobrir isso.

Verdade seja dita, ela cuida muito bem da Nina, percebi que fez um quadro de atividades e um cardápio detalhado, outro dia saiu para comprar roupas e sapatos pra minha princesa... Levou ao pé da letra a história de usar o cartão, a cada meia hora meu celular apitava indicando uma compra em lojas infantis.

Sarah fez uma seleção das melhores escolas de São Paulo, na sua lista estava tudo especificado de forma esmiuçada e prática, eu só tive que escolher e assinar o contrato para o ano letivo. Optei por algo menor e próximo a minha casa, desta forma sinto-me mais seguro.

Olho para o relógio e já passa das 18h, pedi ao Bento para pegar a Nina e levar à casa dos avós maternos, esse fim de semana é deles e com minha cabeça a mil eu nem me lembrei que dei folga ao Augusto e precisava levá-la. Tive que ouvir dez minutos de gozação por estar aguardando Sarah sair de casa para não ter que encontrá-la.

Por Sarah.

Acordo totalmente dolorida, mas é uma dor maravilhosa. Percebo que estou sozinha no quarto e o sol já nasceu, vou ao banheiro e quando sinto algo descer por minhas coxas tenho certeza que não foi um sonho. — *Ainda bem que eu uso contraceptivo, mas preciso conversar com ele sobre isso, não devíamos ter transado sem camisinha... não devíamos nem ter transado.*

Depois de tomar banho e constatar que Dr. Leônidas não está em casa, vou cuidar da minha princesa e agilizar minha vida, hoje é sábado e eu nem deveria estar aqui, acabei ficando ontem, pois minhas irmãs estavam de plantão e eu ficaria sozinha.

Meu dia se resume em cuidar da Nina e relembrar da noite passada. *Que homem é aquele?* Foi o melhor sexo da minha vida. Eu já tinha reparado que ele é lindo, gostoso e com cara de quem fode até sua alma, mas ter a prova disso foi incrível.

Resolvo ligar para minhas irmãs. Afinal elas são minhas parceiras em qualquer crime.

— Fala garota! — *Safira sempre com suas patadas carinhosas.*

— Eu espero que tenha um bom motivo para me acordar no cu da manhã. — *Sempre nos falamos em conferência, Dora odeia*

acordar cedo em seu dia de folga... mas cedo para ela é qualquer hora antes das quatro da tarde.

— Eu preciso de vocês. Aconteceu uma coisa...

— Você está grávida? — *Elas perguntam em uníssono. Por que quando alguém está com problemas pensam logo que está grávida?*

— Nããããão! Mas transei com meu chefe. — *Falo fechando os olhos.*

— Ahhh! Mentira, com o gostoso Carrasco dos Malamam? Isso é ruim? — *Dora, a escandalosa.*

— Sim!

— Virou lanchinho de médico agora, Sarah? Parabéns, daqui a pouco outros te procuram querendo também. — *Safira me puxando pra realidade.*

— Vou contar tudo...

Conto tudo que aconteceu, Tintim por Tintim, não escondo nada das minhas irmãs, pois temos muita intimidade. Dora me enche de perguntas e Safira me cobre de esporros, elas são gêmeas, mas uma é o oposto da outra.

— Ele deve estar arrependido Sarah, por isso saiu escondido e não voltou mais. Você deveria se valorizar e correr para casa logo.

— Vou fazer isso Safira, mas a Quinha foi ao mercado e o Dr. Bento ligou pedindo para eu aprontar as coisas de Nina, ele irá buscá-la mais tarde. Hoje vamos sair e eu quero me divertir.

— Aqui, vamos à Swinger's, parece que vai ter um show maravilhoso e o pessoal do hospital estava marcando de ir.

Depois que desligo, vou cuidar da Nina e arrumar meu quarto para sair. Já passam das 18h quando Dr. Bento vem pegar a sobrinha para levá-la à casa dos avós maternos, ele não comenta nada, mas pela sua cara percebo que sabe o que aconteceu entre eu e Leônidas. Dr. Bento Malamam é conhecido como Dr. Sorriso, pensa em um homem alegre e simpático... É ele. Ele é tão alto quanto o irmão, mas tem um ar mais jovial que os outros dois. Os chamamos no hospital de "OS TRÊS TENORES", Dr. Carrasco, Dr. Tímido, e Dr. Sorriso.

— Oi Sarah, Leônidas pediu que eu levasse a Nina para casa dos avós dela, ele está em uma cirurgia de emergência e não deve voltar tão cedo. Se você quiser pode ir.

— Claro Dr. Bento, eu tenho que ir mesmo, vou à Swinger's e preciso passar no shopping antes de ir para casa me arrumar. — *Se ele pensa que vou me lamentar por ontem, está muito enganado.*

— É mesmo? O que vai ter lá hoje? — *Homens são péssimos atores, com cara de cínico ele tenta conversar sem sorrir. É impossível.*

— Parece que terá um show. Vai bombar e eu vou com minhas irmãs. — *Entreguei a bolsa da Nina e ele se abaixou e a pegou.* — Tchau!

Por Leônidas

— Alô!

— Léo, já deixei a Nina na casa da Ana e estou em casa.

— Me ligou pra isso? Desembucha de uma vez Bento. — *Não estou com tempo para palhaçada.*

— Sua babá vai à Swinger's hoje e estava cheia de más intenções. Só supus que gostaria de saber.

— Explica isso direito. — *Meu corpo todo se alerta quando ele começa a falar. Não sei por que, mas a ideia da Sarah em uma boate cheia de homens querendo ter o que foi meu, me deixa completamente insano. Combino com Bento de irmos à mesma boate e ligo para o Lorenzo convocando ele para ir também.*

Desde que me casei, não saímos mais juntos e isso vai ser muito bom, quero ver algum filho da puta chegar perto da minha Sarah. Quebro os braços de qualquer cara que pense em encostar na minha Ninfa.

Cinco

Por Sarah.

Visto uma blusa verde musgo em cetim de alcinhas finas, saia nude bem leve com duas camadas lembrando uma flor. A saia é curtinha e rodada, mas não ficou vulgar por ser de uma cor pastel e não marcar o corpo. Pego uma sandália grafite de Dora e completo o visual com maquiagem esfumada nos olhos e boca natural.

Safira é mais contida e veste um macacão preto longo com cintura marcada por um cinto de couro e a parte de cima imita uma regata, no estilo alfaiataria. Sandália preta e cabelos em coque, essa é minha irmã.

Dora é a criatura mais pra frente que existe no mundo, totalmente alheia a opinião das pessoas a sua volta. Ela está com uma calça de couro vermelha mega justa e uma blusa chumbo solta que só cobre até a parte inferior dos seios e deixa sua cintura de fora, o incrível é que ela é tão espontânea que não está vulgar. Se eu vestir isso vão me perguntar: *"Quanto é a hora?"*.

Apesar de Dora e Safira serem idênticas nada nelas é igual, são como a noite e o dia, e se completam assim. Eu fico no meio termo... Sou como o horário das 17h30min, nem claro e nem escuro. Enquanto Safira é séria e centrada, calma e contida, Dora é alegre e expansiva, inquieta e espontânea... Faz até graça olhá-las de longe. E eu? Bem... Eu sou o meio termo disso tudo aí.

Chegamos à boate às 23h, está lotada e repleta de gente bonita e animada. O espaço é todo negro com alguns detalhes em laranja e muito vidro, no centro de tudo há um palquinho com uma barra de pole dance. Pedimos três Martinis e ficamos por um tempo

na área do bar conversando. Nada melhor para levantar a moral do que sair toda produzida e escutar milhares de cantadas das mais variadas possíveis.

Estou oficialmente apaixonada por esse lugar! É muito homem gato por metro quadrado, fez até vertigem de não saber para onde olhar. Loiros, morenos, orientais... Cada negão musculoso de fazer qualquer mulher tremer na base.

— Eu quero dançar ali. — *Dora aponta para o palco redondo.*

— Vai na fé. — diz Safira. — Não sou nem louca, hoje em dia tudo cai na internet e estou correndo de exposição.

— Mana, você é muito cricri, não sei como pensa em ir morar na Europa, o povo lá é mais liberal do que aqui.

Minha irmã fez uma prova em novembro para estudar administração hospitalar em Londres por dois anos com uma bolsa maravilhosa. Estamos esperando o resultado e se tudo der certo ela logo nos deixará para alçar voos maiores. Ela merece tudo de melhor, é muito esforçada e dedicada a tudo que faz.

A noite segue maravilhosa, danço quase o tempo inteiro, preciso extravasar e esquecer a forma como fui usada e descartada pelo idiota do meu patrão. Esquecer a cara dele por no mínimo um fim de semana. E principalmente esquecer que adorei ser usada por ele, nunca senti nada tão bom, matei a vontade de experimentar um pênis enorme e simplesmente viciiei... Preciso encontrar um PA bem-dotado para ontem.

Alguns caras vêm dançar comigo, se aproximam, mas logo desaparecem, acho que hoje não é meu dia de sorte. Safira

encontrou algumas amigas do hospital e ficou no bar batendo papo, Dora... Bem... Dora é exibicionista e está no meio da boate dançando no palco agarrada à barra de pole dance para pessoas mais... “Desinibidas”.

Minha irmã é totalmente desinibida, pra frente e aberta a vida. Ela ainda não se pendurou na barra, mas está dançando sensualmente ao som de Beyoncé, o mais incrível é que ela dança para ela mesma, dá para perceber que está em seu próprio mundo. Coisa de gente doida.

Alguém me abraça por trás e começa a dançar comigo, o movimento é delicioso e suas mãos percorrem a lateral do meu corpo sem tocar as partes proibidas. Olho de soslaio e vejo que é um negro lindo e parece um príncipe de ébano feito de chocolate. Pelo volume, encontrei meu PA bem-dotado.

Como num passe de mágicas, quando eu estava entregue a dança, com os olhos fechados e sentindo o rebolado do gostosão contra meus quadris, ele some. Como alguém desaparece assim? Eu aqui achando que a noite iria ser quente.

Encosto no balcão e peço outro Martini com duas cerejas e permaneço olhando para as garrafas ao fundo do bar. Alguém se aproxima de mim, se posiciona junto as minhas costas e segura firme nos ossos da minha bacia, puxando-me para si.

— Quantos machos vou ter que tirar de perto de você? — *Só pode ser castigo. Essa voz ainda vai me matar. Carrasco.*

— Nenhum... Isso não é da sua conta. — *Respondo sem olhar pra ele, o que não significa que não tenha total consciência da sua*

presença.

— Resposta errada. Isso é totalmente da minha conta, não quero outro macho com as mãos em você. — *“Macho”, vou procurar o tacape na maleta dele amanhã.*

— Quem você pensa que é para tentar impedir? Seus serviços foram de muita valia, mas agora quero outro. Gosto de variar. — *Ainda estou voltada para o bar e nos falamos sem nos olharmos. Leônidas de pé atrás de mim com o corpo rente ao meu. Sua boca está na minha orelha enquanto ele fala.*

— Essa é a língua que te chupou ontem até você derreter e essa é a boca que bebeu seu gozo. — *ele lambe e chupa minha orelha sinalizando os atos praticados ontem à noite.*

— Ah! — *reprimos um gemido, não quero parecer afetada, mas é humanamente impossível.*

— E esse é o caralho que te comeu, que gozou dentro do seu corpo e te fez gozar mais uma vez. Pelo que me lembro, você gostou, pediu mais e caiu em sono profundo depois que te comi. — *Ele me puxa e esfrega o pau na minha bunda mostrando o seu nível de excitação.*

— Escuta aqui seu filho da p...

Sem me deixar terminar, desce uma das mãos até a barra da saia e entra na minha calcinha em dois segundos, os dedos escorregam para dentro de mim e voltam melando meu grelo. Como eu estou de frente para o balcão e com o seu corpo enorme por trás de mim, ninguém pode perceber o que estamos fazendo.

— Diz.

— Pare com isso, seu tarado... Pare, Dr. Leônidas... — *Hum que vontade de matar esse infeliz.*

Leônidas não para. Coloca três dedos dentro de mim fazendo-me segurar o mármore a minha frente. Enquanto a palma esfrega meu clitóris, os dedos começam a me penetrar e ganham movimentos mais precisos.

— Acho que você precisa de um orgasmo e vou te ajudar com isso. — *Os movimentos aumentam ainda mais. A música é sex e alta, as pessoas conversando ao nosso redor... Dança e pegação... Tudo à minha volta me deixa mais excitada. O homem viril e dominante me comendo com os dedos está fazendo-me perder a cabeça.*

— Posso sentir ela se contraindo, sei que vai gozar, me beija agora ou seremos descobertos... — *tombo a cabeça em seu ombro e ele consome minha boca. Solto um gemido longo e sôfrego que é bebido por ele.*

Depois do beijo eu viro para frente e tomo minha bebida em um gole, Leônidas retira a mão de dentro da minha saia com cuidado e se afasta um pouco. Quando viro para ele, pronta para a briga... Ele evaporou, filho da puta me deixou sozinha outra vez.

Por Leônidas.

Chego à boate e encontro com meus irmãos no estacionamento privativo, vamos para um dos camarotes do segundo piso, de lá teremos uma visão privilegiada de tudo o que acontece. Bento avisa quando Sarah chega na companhia de mais duas moças que devem ser suas irmãs. Vejo Lorenzo seguir uma delas com os olhos, a linda mulher usa uma calça vermelha e se eu não estivesse fissurado na maldita boceta da Sarah, com certeza olharia para a outra também.

Com o passar da noite vários caras tentam se aproximar da minha Ninfa, mas todos são retirados da boate pelos seguranças... contei que essa boate é do Lorenzo? Ah! Pois é, meu irmão gosta de investir em entretenimento, além dessa, ele tem mais quatro boates e é sócio investidor de uma grande rede de academias junto com um ex-atleta famoso.

Todos acham que Lorenzo é quieto ou até tímido. Eu o acho sonso, e esses são os piores. Assim que chegamos pedi que ele colocasse um segurança com Sarah, meu irmão não disse nada, mas eu percebi um dos seguranças colado à moça de calça vermelha. Já a terceira parecia mais tranquila e ficou conversando com amigas no open bar, mas logo largou a bebida e ficou apenas na água tônica.

Vi minha oportunidade quando Sarah ficou um tempo no bar, cheguei sorrateiro e a agarrei por trás. Depois de uma discreta discussão sobre o direito que tenho de afastar os gaviões dela, eu fiz o que sei de melhor, a fiz gozar e quase gozei nas calças quando ela se derreteu nos meus dedos.

Saí dali como um foguete, entrei no banheiro já arrancando meu pau das calças e esfregando os dedos melados no meu nariz para sentir seu cheiro e o seu gosto que me viciaram. Gozei quase imediatamente. Só posso estar ficando tarado mesmo. O restante da noite correu bem. Continuei observando-a e ela dançou sozinha ou com as amigas, bebeu e conversou com algumas pessoas, mas nada demais.

Saímos da boate por volta das 5h da manhã. Ainda bem que é madrugada de domingo e poderei dormir até mais tarde.

Por Lorenzo.

Eu sou um cara tranquilo, já fui mais esquentado e com a idade acabei me controlando. Sou cardiologista e normalmente trabalho mais do que qualquer outra coisa na vida. Além de clinicar, também sou diretor financeiro do hospital e tenho alguns investimentos no ramo do entretenimento. Como não sou muito de interagir com as pessoas, gasto meu tempo trabalhando.

Hoje meu irmão mais velho me ligou se convidando para ir a uma das minhas boates, fazia muito tempo que não saíamos os três e topei na hora, afinal, Leônidas está em uma fase ruim desde o suicídio da Sílvia, na verdade acho que a fase ruim começou quando ele se casou com a maluca.

Não tenho problemas com compromissos, já tive umas quatro ou cinco namoradas e todos os namoros duraram mais de um ano, o mais recente durou uns dois anos e terminou por eu trabalhar demais e não ter tempo para uma vida social. Estou solteiro há quase seis meses, mas sempre bem acompanhado.

Pouco tempo depois de chegarmos ao camarote, Bento avisa a Leônidas que a Sarah chegou, ele tinha acabado de me contar o que aconteceu e eu estava muito surpreso, meu irmão nunca se envolve com funcionárias. Mas realmente a Sarah é a cara do pecado dos homens que já passaram dos trinta.

Observando percebo que ela chega acompanhada de mais duas moças, são gêmeas, mas parecem ter personalidades bem distintas, dá para perceber na forma de andar e de se vestir. Uma delas me chama muito a atenção. Deslizando o olhar em torno delas

vejo que não sou o único preso a exuberância da morena, a maioria dos homens está babando em cima dela.

As três se parecem muito, porém cada uma tem um toque pessoal. A Sarah tem cara de ninfeta, do tipo que adoramos assistir em pornô. A de preto é a que parece ser mais séria ou calma. Já a que veste calça vermelha tem um jeito que, sei lá... Está me hipnotizando. É naturalmente iluminada, cheia de vida e tem um sorriso de deixar qualquer dentista apaixonado.

Leônidas pede que eu coloque um segurança para manter os homens longe de Sarah e aproveito para fazer o mesmo com o furacão de vermelho. Não quero me preocupar de ser ultrapassado por algum desses moleques que vêm aqui buscar a foda da noite. Estou realmente interessado.

Depois de uma longa reforma finalmente a boate ficou como eu imaginei. As paredes foram revestidas em acrílico Black piano, o chão ganhou um tom vinho e todo o estofamento foi alterado para laranja em vinil. Um palco no estilo pole dance foi instalado no meio da pista de dança, onde as moças mais “descoladas” podem fazer a alegria da rapaziada. Todos os detalhes foram pensados e projetados por mim com a intenção de tornar este local um espaço único e de destaque.

Em mais de duas horas, tudo corre normalmente. Claro que um ou outro tentou se dar bem com as meninas, mas não durou muito. Leônidas é muito estourado e só falta pular lá em baixo toda vez que alguém começa a dançar com a Sarah, Bento não perde a oportunidade de sacaneá-lo.

Muitas gargalhadas e pelo menos seis águas tônicas mais tarde, vou ao banheiro que fica aos fundos da área vip. Não sou adepto a bebidas alcoólicas e de qualquer forma estou dirigindo, não seria inteligente somar álcool e direção. Quando retorno cumprimento algumas pessoas pelo caminho e tiro algumas fotografias, já que hoje, tudo é motivo para um selfie. Percebo que muitos homens das mesas do camarote estão olhando para baixo, todos de boca aberta, alguns comentando de forma descarada enquanto a maioria lançava olhares de cobiça para um ponto específico. Sigo os olhares e fico estático por alguns segundos.

— Essa porra deve ser doida, só pode.

O Furacão está rebolando, enquanto segura na barra de ferro do mini palco recém-construído, ela sobe e desce no ritmo de *Drunk in Love* na voz de *Beyoncé*. Seus olhos estão fechados e o cabelo cobre parte do rosto já suado, deixando-a ainda mais sexy e desejável. Nada nesta mulher parece normal. Quando vira de costas e movimentava os quadris sinuosamente para os lados não parece existir ossos em seu corpo, a pele brilha e a calça de couro modela cada milímetro das suas curvas perigosas. Mando uma mensagem para meu chefe de segurança: *“Coloque seus homens perto do palco, não permita a nenhum homem tocar na mulher de calça vermelha ou estará demitido. Ninguém a toca.”*

Cinco homens protegem meu furacão exibido, vários caras tentam chegar perto ou colocar a mão e todos são convidados a se retirar da boate, o mais impressionante é que ela não está nem aí para nada, dança várias músicas e depois vai ao encontro da irmã como se tudo fosse supernormal.

A intenção do palco é que as mulheres subam e percam a linha no meio da boate, dando um show à parte para os homens que aqui estão, mas, estou pensando em mandar tirar essa merda amanhã cedo.

Todos os taxistas que fazem ponto na porta da Swinger's são cadastrados e tem um chip de rastreamento no carro que é conectado ao sistema de segurança da casa. Assim que elas entram no táxi um dos seguranças me passa o ID do carro e eu mando um SMS para o motorista: *“A corrida é por minha conta, não diga nada.”*

Vejo pelo GPS que elas já chegaram em casa e só então vou para o meu apartamento.

Lembro-me de ouvir Sarah comentar com minha mãe em uma das visitas que fiz a Nina, que suas irmãs são instrumentadoras no nosso hospital. Não me lembro do rosto delas, se bem que, de máscara, capote e óculos fica difícil. Segunda-feira vou caçar esse furacão e trancá-la em uma garrafa feito um saci.

Seis

Por Leônidas.

Meu domingo foi horrível sem Nina e sem Sarah. Depois que cheguei da boate tive que me aliviar outra vez e mesmo assim foi só para parar a dor em minhas bolas. O prazer, a desgraçada roubou de mim no momento que estive dentro dela. Nada na minha vida tem sido como antes, na verdade tudo está mais leve desde que ela chegou, sinto que essa é a forma correta de estar, quero essa mulher para mim. Pena que não posso.

Há algum tempo não recorro às profissionais para me satisfazer, mesmo antes da noite que transamos eu já as estava evitando, com a morte de Sílvia não tive tempo e nem cabeça para isso. Além da culpa, dos problemas no hospital e da Nina, também tenho que lidar com as pessoas que me julgam como o grande vilão da história, o marido que não soube amar sua esposa.

À noite vou à casa dos avós de Nina para buscá-la e tenho que escutar a mesma ladainha de todas às vezes, mesmo sem expressar em palavras é nítida a reprovação deles sobre mim. Para Ana e Silvério, a filha era uma mulher incompreendida que teve os sonhos podados por uma gravidez indesejada e um marido egoísta. Claro que nunca disseram isso, mas não sou bobo e percebo os olhares de julgamento que recebo.

Passamos no shopping para jantar e quando chegamos em casa, Nina já está dormindo na cadeirinha do carro. Passa das 23h. Subo a escada com ela nos braços e assim que ultrapasso a porta, encontro Sarah organizando os materiais de escola da minha princesa. Ela me olha assustada, e corre para preparar a cama e tirar a sandália de Nina.

— Desculpe, eu estava arrumando as coisas para amanhã. Vai ser um grande dia. — *Permanece neutra diante da minha presença.*

— Tudo bem. Ainda nem acredito que minha pequena vai para a escola. Parece que foi ontem que nasceu, e agora já está iniciando essa nova etapa. — *Digo observando Sarah trocar sua roupinha por um pijama do Pacman. Acho graça das coisas que ela compra para minha filha.*

— Ela vai se dar muito bem, o senhor vai ver. Nina só precisa de mais autoconfiança e interação. — *Senhor? Agora sou senhor?*

Sarah se abaixa para recolher a roupa suja me dando uma visão maravilhosa e fazendo meu pau acordar. Caminha em direção ao banheiro, sem pensar duas vezes a sigo e paro escorado na porta sem esconder a barraca que se formou em minha calça.

— Pode parar de me olhar assim... — *Sua voz some quando percebe meu estado. Os olhos azuis mudam de tom e a língua rosada passeia pelos lábios de fogo. Isso só me faz latejar mais. Preciso desesperadamente de alívio e só ela pode me dar.*

— Como estou te olhando? Acho que o seu olhar é bem pior que o meu.

— Por favor, Dr. Leônidas, me respeite. Eu não quero nenhum envolvimento com o senhor.

— Está um pouco tarde para isso Sarah. Eu quero e preciso de um... envolvimento com você. Quero suas pernas envolvidas em torno de mim e quero agora.

Vou me aproximando e ela se encosta na pia, os mamilos já estão destacados sob a blusa. Quando encosto meu corpo no seu, ela fecha os olhos e suspira derrotada, sabe que não adianta lutar.

— Já posso sentir sua excitação, isso me deixa insano. Preciso provar. — *Em um movimento bruto viro-a de frente para a pia, ajoelho-me e retiro sua calça de uma vez só. Ao sentir-me puxando sua calcinha para o lado, ela empina a bunda descaradamente. Abro suas nádegas e enterro meu rosto entre elas, lambendo o seu ânus, enfio tudo que consigo da minha língua nele. Ainda vou arrombar esse cofre.*

Minha língua passeia por seu corpo que se empina cada vez mais, abocanho seu clitóris e afundo meu nariz na sua boceta. Sarah rebola em busca de mais prazer. Vou me perdendo em cada gemido. Não sei se consigo esperá-la gozar antes de estar socando dentro dela.

Mantendo minha boca trabalhando em sua boceta, dispo-me fazendo malabarismos que jamais seria capaz em sã consciência e fico de pé atrás dela.

Nossos olhos se encontram no espelho enquanto esfrego meu pau na entrada molhada e quente que me viciou perpetuamente. Sem me esperar, empurra contra mim levando-me para dentro de si.

— Ah!

— Uau. Isso é o paraíso. — *Seguro suas ancas e tomo as rédeas do nosso ritmo.*

Quanto mais intensifico os movimentos, mas ela se enverga me dando passagem, sua boceta apertada me engole e me mastiga

loucamente... Sei que já está perto.

— Me toca, Leônidas... Ah, por favor! — *Assim que eu quero, nada se “senhor”.*

— Assim, Ninfa? — *Estimulo o ponto de prazer e ela se entrega sem reservas.*

— Amh, Leoni... Hum!

É mais difícil de me controlar quando ela me esmaga sem misericórdia. O meu fim se dá, quando ela coloca a mão entre suas pernas e afaga minhas bolas.

— Porra, ninfa! Isso. Issoooooo!

Libero meu sêmen marcando-a como minha. Sinto que estou perdendo o meu controle, sinto necessidade dela como nunca imaginei ser possível. Ainda dentro dela ficamos nos olhando pelo espelho e, sem trocar uma só palavra nós conversamos entre olhares. Não sei o que essa mulher tem para me deixar assim.

— Isso não pode continuar, Dr. Leônidas.

— Vai me dizer que não gostou? Vai dizer que não gozou e se deliciou assim como eu?

— Não foi isso que eu disse. — *Saio de dentro dela e ficamos frente a frente.* — Não sou seu brinquedo novo, seu banco de esperma ou sua puta para você pegar quando tem vontade e depois fingir que nada aconteceu.

Dito isso se afasta de mim e cata suas roupas, em segundos ela já está no seu quarto, mas quando vai fechar a porta eu a

empurro e entro sem a menor delicadeza trancando a porta atrás de mim.

— Banco de esperma? — *Falo mais alto que deveria.*

— Sim. É exatamente isso que sou para você.

— Tem noção de como isso soa ridículo? — *Sorriso nervoso com a situação.* — Eu não penso só em mim, eu primeiro penso no seu prazer. Quando foi que não te fiz gozar? — *Já estamos aos gritos.*

— Você aparece, me seduz, goza e some. Em nenhum momento me pergunta se eu quero ou se pode continuar.

— Você quer uma caixa de bombons e um passeio na praça? Não espere isso de mim Sarah e não adianta dizer que não me quer. Vejo como me olha e sei que me deseja, mas saiba que de mim só terá isso: PRAZER.

Digo isso e deixo-a sozinha. Eu quero ficar com ela, mas agora não dá. Eu tenho uma filha pequena, um hospital para cuidar e estou viúvo há nem três meses. Fico pensando em como as pessoas reagiriam se eu aparecesse com alguém agora. Como minha família reagiria e até mesmo a Nina. São tantos problemas na minha cabeça que eu não preciso de mais um para a coleção.

Por Sarah.

— Burra, burra e burra mil vezes. É isso que eu sou, ele encosta em mim e eu abro as pernas. Simplesmente não sei dizer não para aquele homem, tão lindo e tão gostoso que eu acabo cedendo. — *Nunca senti tanto prazer assim. Quando aquela mão grande me aperta eu perco o juízo, perco a calcinha e tudo que estiver usando.* — Nunca mais Sarah, nunca mais você vai servir de puta desse infeliz. CHEGA!!!

Falo para mim mesma. Como diz a Safira, eu não posso ser lanchinho de médico safado. Preciso me dar valor. Amanhã vai ser um novo dia e vou mostrar a ele que sou mais forte e não preciso daquele pau enorme, lindo, duro e.... Ah! Que ódio.

Acordo Nina as seis da manhã, dou um banho e coloco o uniforme, pegamos a mochila e lancheira para descer e tomar café. Leônidas já está na mesa em sua mesma postura séria de sempre, o café segue tranquilamente e ele age como se nada tivesse acontecido entre nós. Infelizmente ele faz questão de levar a filha ao seu primeiro dia de aula.

Deixamos Nina na escola e permanecemos mais alguns minutos até que ela se distraia.

— Bom, eu vou pegar um táxi.

— Eu a deixo em casa. Não estou com pressa.

— Não precisa. O hospital é no sentido oposto. Eu pegarei um táxi. Além do mais, eu não vou pra casa.

— Para onde você pensa que vai, Sarah? — *Ele inclina o rosto e levanta a sobrancelha direita.*

— Não penso, eu vou servir de modelo vivo na faculdade de artes, um amigo me chamou a um tempo atrás e resolvi ir hoje. Você disse que eu poderia fazer o que quisesse enquanto Nina estiver na escola.

— Modelo vivo para desenho? — *A forma desconfiada como fala me faz rir internamente.*

— Sim. Eles estão aprendendo as proporções do corpo humano. — *Dou um sorriso para que ele me entenda.*

— Por um acaso essa porra é vestida? — *Algumas pessoas nos olham pelo tom de voz que ele usou.*

— Desculpe Dr. Leônidas, mas isso não lhe diz respeito.

Saí triunfante o deixando atônito e cheio de raiva.

Tenho um amigo do hospital que estuda artes e me pediu para posar para sua turma. Nada pornográfico, apenas um desenho do corpo de uma mulher nua feito com traços de grafite. A turma é mista, tem homens e mulheres de todas as idades, não me sinto desconfortável, vejo profissionalismo no que estão fazendo.

Fico quatro horas deitada de lado, com uma perna sobreposta à outra e com um braço sob a cabeça e outro ao lado do corpo.

Assim que termina, ligo para Augusto, o motorista, e ele me pega para buscarmos a Nina na escola. Chegamos em casa e ela ainda está contando sobre o primeiro dia de aula e eu tentando de todas as formas entender tudo que ela diz. Depois do almoço fiz

Nina dormir e aproveitei para deitar um pouco também, estava lendo quando o cansaço me venceu e adormeci.

(...)

Sinto mãos grandes acariciando meus seios, depois de um gemido de prazer, abro os olhos. Não me surpreendo ao encontrar belas piscinas azuis em chamas me devorando. Cada mão apertava um seio e os polegares rodeavam os mamilos já proeminentes. Como uma massagem erótica incandescente.

— O que faz em casa a essa hora? — *Minha voz sai como um sussurro.*

— Tentei sair cedo para buscar a Nina, mas não deu tempo. — *Sua boca alcança um mamilo e suga. Isso é tortura.*

— Quero que saia do meu quarto, Dr. Leônidas. — *digo firme. Eu não quero, mas é o certo.*

— Não, você não quer. Isso é birra. — *ele volta sua atenção ao outro mamilo. Me derreto em sua boca quente e habilidosa, mas tento parecer indiferente.*

— Sinto não atender suas expectativas, mas não estou afim. Por favor, se retire imediatamente do meu quarto.

— Você é uma péssima mentirosa. Sei que está fervendo de desejo assim como eu.

— Você está engan... — *o desgraçado enfia a mão na minha bermuda, coloca dois dedos dentro de mim bem fundo movimentando-os em círculos indo e vindo.*

— Aaam!

— Por que está molhada feito uma poça se não me deseja? — *Leônidas fala movimentando os dedos em direção ao meu umbigo como gancho.*

— Sai agora, Leônidas! — *Grito com ele e tento retirar seus dedos de mim.*

— Adoro quando você fica arisca. Me deixa doido. — *o pior é que eu também adoro quando ele me pega assim, com força.*

Chuto-o e ele se afasta um pouco, vai até as duas portas e as tranca. Levanto-me arrumando minhas roupas, mas ele se aproxima e rasga minha blusa em duas partes.

— Seu louco, você rasgou minha blusa. Some da minha frente Leônidas ou eu juro que...

— Que o quê? Vai montar no meu pau e cavalgar em mim por dias? Para de show e vem aqui.

— Você é patético. — grito.

Começo a me afastar, mas ele me agarra e morde meu pescoço. Tento empurrá-lo e me soltar dos seus braços que me forçam contra o corpo forte e rígido. Quanto mais eu me debato e o xingo, mais ele me aperta e vai rasgando minhas roupas. Já estou nua e ele está de cueca apenas.

— Vou te provar que me quer tanto quanto eu te quero. Você me enlouquece, sabia?

Ficando completamente nu, o ogro me joga no chão e vem para cima de mim. Por mais que estejamos brigando e eu diga que não o quero, na verdade essa cena me deixa ainda mais excitada.

— Isso é crime, Leônidas. Eu estou dizendo que não QUERO!

— Vamos ver.

Meu cabelo é usado como cabresto, ele o enrola no punho e com muito custo me vira de bruços e se senta sobre minhas coxas.

— Vou te provar que seu corpo me recebe de bom grado, mesmo contra sua cabecinha teimosa.

— NÃO!

É impossível lutar contra um homem de quase dois metros em cima de mim. Ele aperta meus dois pulsos nas minhas costas com apenas uma mão e com a outra força minha cabeça toda para o lado e assalta minha boca. Com um único movimento de quadril me penetra com força, as paredes da minha vagina queimam e tentam se ajustar a sua largura exagerada.

— Ahrg delícia! — *Ele murmura no meu ouvido.*

Lágrimas de raiva escorrem no meu rosto. Raiva de mim. Raiva do meu desejo insano. Como posso desejar esse homem? Mesmo diante da sua grosseria eu quero que ele continue. É como um jogo de gato e rato que meu corpo adora jogar e ele sabe disso.

— Seu ogro. Eu não quero você.

— Sinta meu o pau entrando e saindo de você, Sarah. Sinta como é perfeito. — *os movimentos ganham velocidade.* — Essa bocetinha está melada para mim. Se não me quisesse estaria seca. Eu jamais a tomaria sabendo que realmente não me deseja, mas, você gosta assim. Estou errado?

Nego com a cabeça.

Posso sentir seu pênis tocar bem no fundo, é uma dor maravilhosa que me vicia, a cada estocada nossos gemidos se tornam mais necessitados.

— Eu preciso de você cada dia mais. Não me negue o que já é meu, Sarah.

— Mais forte, Leônidas. Humm!

— Eu sei como você gosta, minha Ninfa. Só eu posso te satisfazer.

Leônidas me levanta e me leva para a parede, segura por baixo dos meus joelhos deixando-me arreganhada para si.

— Segura firme em mim Ninfa, porque você precisa ser comida com força, para nunca mais se negar a mim.

Nossos corpos se chocam violentamente, nas minhas costas com toda a certeza ficarão marcas pelo atrito com a parede, por outro lado minhas unhas estão enterradas na carne do seu pescoço. Eu chupo seu pescoço, suas orelhas e digo que quero mais que isso. Perdendo todo o seu controle Leônidas soca em mim com toda sua força bruta e eu grito sem medo de ser ouvida.

Estou perto, muito perto. Fazendo círculos com o quadril seu corpo se esfrega no meu clitóris e eu gozo soltando um último gemido agudo e sofrido de dor e prazer. Como se apenas me aguardasse, ele se derrama dentro de mim rosnando contra a pele do meu ombro que recebe uma mordida.

— PORRAAAAA!

Sou carregada até a cama, Leônidas se deita sobre mim e me beija de forma calma e doce. Quando nosso beijo termina nos olhamos por um tempo. Descabelado e suado, sua pele está vermelha e posso ver vários hematomas no seu pescoço e ombros. Nosso sexo é tão bruto e tão forte, que nem percebemos quando as marcas são feitas.

— Eu não quero que pense que te trato como uma puta. Eu nunca olhei para você dessa forma.

— Não é o que parece.

— Eu sou cheio de problemas, Sarah. Não quero ter mais um para me preocupar. Por outro lado, não consigo abrir mão de você.

— Não estou pedindo um relacionamento, Leônidas. Quero apenas que me respeite e que não me use a seu bel prazer.

— Eu não te uso, nós nos usamos mutuamente. Gosto de estar com você e não aceito ficar sem.

— Então vamos fazer assim, durante o dia somos como sempre fomos, durante a noite ficaremos juntos, mas exijo que me respeite. — *Digo rindo de mim mesma.*

— Me parece ótimo. Mas eu quero você na minha cama, essa aqui é muito pequena para nós dois.

— Vou adorar dormir com você, Doutor. — *Mordo sua orelha e já sinto seu pênis criar vida entre minhas pernas.*

— Sarah... Você não pode dormir comigo, alguém pode perceber, os empregados ou até mesmo Nina. Isso vai ser só nosso, não quero que ninguém saiba.

Aos olhos de outras pessoas, a situação pode parecer ruim, mas para mim está bom. Não quero um relacionamento, apenas gosto de estar com ele e do prazer que ele me dá.

— Tudo bem.

Somos interrompidos por um choro baixinho e corro para o quarto da Nina, ela teve um pesadelo com a mãe e preciso abraçá-la e cantar para que se tranquilize. O restante da tarde corre de forma tranquila, Leônidas não voltou para o hospital e ficou com a filha falando da escola e brincando no quintal, aproveito para arrumar o quartinho dela e descansar da sessão de sexo violento que tivemos.

Já à noite, quando os empregados vão embora e Nina dorme, Leônidas vem me buscar e vou para o seu quarto. Transamos na sua cama, no chuveiro e na mesa do computador. Minha vagina já está assada, mas eu não me recuso. No meio da madrugada sua boca volta a me procurar, estou de lado e suas mãos abrem minha bunda permitindo que ele foda meu ânus com a língua.

— Ah! Leônidas.

— Eu quero aqui Sarah, quero esse cu que está me chamando. Dá ele para mim? — *Um dedo já está dentro de mim e eu não consigo responder, apenas rebolo. Leônidas senta ao meu lado masturbando o pau e faz sinal para que eu me sente sobre ele.*

— Vem aqui. Você comanda e coloca o quanto aguentar.

Monto sobre ele, chupo sua boca e nos beijamos desesperadamente, seguro minhas nádegas abertas, ele mantém o pau firme com uma mão e a outra estimula meu clitóris. Não

paramos o beijo, mas eu vou descendo sobre ele, a cabeça do seu pênis começa a entrar e sinto meu ânus queimar. A mão que segurava o pau passa a envolver minha cintura e me forçar para baixo, sem deixar nossas bocas se separarem, ele intensifica o beijo e meus gemidos de dor são tomados.

Quando tato para saber quanto ainda falta, percebo que não entrou nem metade e sinceramente isso não vai caber em mim.

— Relaxa Nífa, rebola que entra. Vai caber tudinho.

— Não cabe Leônidas, não consigo mais que isso.

Sem me dar escapatória ele me beija quase me sufocando e arremete seu pênis em mim tão forte que lágrimas escorrem no meu rosto. De uma vez só recebo todo o seu comprimento dentro de mim, minhas pregas são estiradas e um tranco atravessa minha espinha.

— Filho da puta. Dói!

O desgraçado segura meus cabelos com as duas mãos e segue lançando o quadril para cima me penetrando sem dó do meu sofrimento. É doloroso e gostoso ao mesmo tempo. Preciso dele, preciso disso.

— Sou o filho da puta que te faz gozar. Eu sei que é disso que você gosta. A dor te dá prazer.

Mudamos de posição, fico de quatro dando a ele total acesso ao meu corpo. Quando já estamos saciados, o dia está claro. Volto para o meu quarto, tomo um banho e começo a arrumar tudo para levar Nina escola.

A semana segue assim. Levamos Nina para a escola logo cedo, volto pra casa, na parte da tarde cuido dela e a noite Leônidas volta pra casa e jantamos todos juntos contando os acontecimentos do dia. Esse fim de semana será o aniversário da boate Swinger's e Leônidas me disse que ela é do irmão dele, o Dr. Lorenzo. Eu falei que adoraria ir e meu carrasco conseguiu três convites para mim e para as minhas irmãs.

— Esse fim de semana promete.

Sete

Por Leônidas.

Sexta-feira – 7 de fevereiro de 2014.

Lorenzo me pediu para ficar com Nina este fim de semana, eles são muito apegados e isso sempre acontece, antes eu ficava com ciúmes, mas hoje que seu problema é de conhecimento da família, eu entendo seus motivos. Aproveitei e dei folga a todos os funcionários, quero fazer uma surpresa para minha Ninfa. Minha dependência por essa mulher é assustadora. Acredito que passei tantos anos aceitando e relevando a frieza de Sílvia, que me apegar ao calor de Sarah foi natural.

Deixo Nina na escola e aviso que meu irmão irá buscá-la.

Vou a um Sex shop bem discreto que conheço e compro algumas coisas para usar com a Ninfa... Ou nela. Também passo no supermercado e compro mais coisas pensando nela, está complicado fazer qualquer coisa sem ter Sarah como ponto principal, nos conhecemos há um mês, transamos há uma semana e ela já domina os meus pensamentos. Chego em casa procurando por Sarah e a encontro sentada no chão da sala de TV com uma agenda e o telefone nas mãos.

— Para quem minha ninfa está ligando a essa hora da manhã?

— *Assustada com minha presença, fica completamente sem jeito.*

— Credo Leônidas! O que faz em casa há essa hora e por que ninguém chegou ainda? Ainda não vi Augusto, nem Quinha ou as meninas da limpeza.

— Quantas perguntas mocinha. Mas você ainda não respondeu à minha.

— Ah, eu estou ligando para algumas faculdades que tem cursos à distância, quero voltar a estudar. Já que não estou fazendo nada pela manhã decidi investir meu tempo e meu bom salário em algo útil. — *Isso deveria ser uma boa notícia, mas não gosto da ideia.*

— Que curso pretende fazer? — *Se for educação física com aqueles bombados, pode esquecer.*

— Letras ou pedagogia, não sei bem, ainda não decidi. Conversei com algumas professoras da Nina e me identifiquei bastante. O que acha?

— Excelente! Pedagogia é excelente. — *Não havendo homens, qualquer um serve.*

— Agora responda as minhas perguntas.

— Nina vai sair da escola direto para a casa dos meus pais porque Lorenzo pediu para ficar com ela o fim de semana. Dei folga a todos os funcionários para ficar em casa sozinho com a minha Ninfa. Precisamos de privacidade para o que pretendo fazer. — *Chego perto dela e permaneço de pé enquanto está sentada sobre os joelhos. Seu olhar começa a mudar, posso ver desejo, luxúria e felicidade. Os seios se movem com o ritmo acelerado da respiração, a garganta se contrai e um pequeno roçar de coxas não passa despercebido por mim.*

— Vamos ficar todo o fim de semana trancados aqui? — *Esse biquinho ainda vai me matar.*

— Por mim sim. Por mim você não vai à festa na boate do Lorenzo amanhã e fica aqui comigo, vira minha escrava sexual. —

Digo segurando seu queixo, Sarah olha para minha calça e percebe que já estou duro.

— Já conversamos sobre a festa, não vou furar com minhas irmãs. Mas fora esse curto período, vou adorar ser sua escrava. O que há na sacola? — *aponta uma das unhas vermelhas para a bolsa preta que trouxe comigo.*

— Vou te mostrar na cama. Vamos!

Assim que chegamos ao quarto entrego a ela a sacola, Sarah se senta no meio da cama com as pernas trançadas e vai retirando os objetos um a um, sua cara é impagável. Um vibrador de clitóris em formato de borboleta, gel lubrificante térmico sabor menta, Nutella, algemas e uma mordação... Do fundo da sacola ela retira um pênis pink de borracha que tem um anel ajustável para se prender ao meu.

A cara que ela faz é hilária, tudo fica espalhado pela cama enquanto Sarah analisa o objeto de borracha rosa em sua mão. Ele é bem menor e mais fino que o meu, todo cheio de ondulações e relevos, na embalagem dizia estimular as terminações nervosas da vagina e do ânus.

— Alguma objeção aos itens da sacola? Não quero te forçar a nada... Hoje.

— Sou toda sua. — *Isso é tudo que eu precisava ouvir. Hoje que parto essa mulher ao meio.*

— Deita de barriga para cima. Agora você é minha. Relaxa e deixa que eu vou cuidar do nosso prazer. Só preciso da sua entrega e confiança.

Afasto os itens da cama e me sento ao seu lado, pego as algemas para prender suas mãos juntas na cabeceira da cama. Prendo seus tornozelos nas algemas com correntes longas, passo por trás o seu pescoço, ela fica literalmente como um frango assado... Toda exposta para mim.

— Totalmente vulnerável. — *Dou um tapa na sua boceta e ela grita.*

— Ai! Isso doeu. — *E lá está o biquinho novamente.*

Uso a mordança para calar seus lábios, não sou nenhum *dom*, mas isso está melhor do que eu imaginava. Seus olhos estão brilhando de tesão, assim como sua boceta que brilha aberta para mim. Aproximo meu rosto do seu sexo e cheiro sua excitação. Ela tenta elevar o quadril buscando contato, mas não consegue. Cheiro-a como um animal no cio e Sarah geme implorando meu toque, mas eu não faço.

Tiro toda minha roupa lentamente. Os olhos de Sarah se fixam no meu pau, que está tão duro que se mantém apontado para cima cheio de veias e nervos aparentes, minha glândula excessivamente vermelha e úmida pelo desejo latente dentro de mim. Sem pressa me aproximo dela e esfrego nossa pele nua. Quando abocanho seu seio esquerdo, os gemidos enchem o quarto, aumento a pressão e sugo faminto, trabalho nos dois mamilos até que estejam vermelhos e pontudos. Percorro seu corpo com mordidas e beijos, deixo minhas marcas até chegar ao seu monte de Vênus.

Molhada não é a palavra, pois ela já escorre seu mel pelo ânus, me deixando completamente satisfeito e alucinado.

Minha língua começa em seu cóccix e sobe até seu clitóris espalhando o mel. O sabor é indescritível e ativa todas as células do meu corpo. Sarah se contorce e geme feito louca, tenta pedir por mais, mas a mordança não permite. Tenho prazer em chupá-la, não faço só para satisfazer seu desejo, mas o meu também em tê-la tão entregue. Me afasto mesmo ouvindo seus protestos, pego o pote de Nutella e pisco para ela, que me olha descabelada, suada e linda ... Parece a deusa do sexo.

Espalho o doce por sua boceta e sigo com lambidas longas e ritmadas a fazendo choramingar languida. Meu pau não aguenta mais esperar, eu preciso tomar o que é meu agora mesmo.

— Sempre soube que faltava alguma coisa muito importante nesse doce. Agora sim ficou perfeito. — *Ajoelho-me na frente da sua bunda, me encaixo ao seu corpo, esfrego a cabeça do meu pau na sua fenda e penetro bem lentamente. Fechamos os olhos e apreciamos o momento juntos.*

— Ah!

— Hoje eu te envergo. Nunca mais vai esquecer a quem pertence esse corpo. Vou me acabar em cada parte de você.

Movo o quadril lentamente. Não quero arriscar gozar antes do tempo, o vai e vem fica viciante e continuo a penetrá-la com calma. Estendo a mão e pego o vibrador em forma de borboleta, com muito cuidado separo suas dobras e o prendo. Sarah começa a gemer e ondular no momento que ligo o dispositivo, sua boceta me aperta e

palpita comigo dentro. Mordo meu dedo indicador para retardar meu orgasmo.

— Aaaahr!

Continuo metendo, me obrigando a não acelerar, as vibrações da borboleta deixam Sarah fora de si, todo seu corpo sofre. Meu pau sai cada vez mais molhado e brilhando, preciso parar algumas vezes para evitar o meu próprio prazer. Volto a penetrá-la e retiro o pau totalmente, repito o mesmo ato várias vezes. Ela goza duas vezes seguidas, nitidamente, posso sentir seus orgasmos, retiro quase todo o meu pau e prendo o consolo de borracha em mim.

Com os olhos fechados tentando voltar a realidade, seu corpo treme quando a cabeça do meu pau pressiona seu ânus, o orgasmo foi tão intenso que escorreu deixando-o todo melado e lubrificado para eu entrar.

— Já transou com dois homens? — *Por um momento tenho medo da resposta. Ela nega com a cabeça e arregala os olhos, incrédula.*

— Nunca vai ter essa experiência na vida. Nenhum outro homem vai encostar em você sem ser eu... Mas hoje vamos fazer algo parecido.

Encaixo o objeto de borracha na sua fenda e movo o quadril penetrando as duas entradas ao mesmo tempo, sua cabeça vira para trás. O prazer é maravilhoso, seu ânus muito apertado quase machuca meu pau que está inchado demais pela excitação desesperada que sinto. A forma e os relevos da borracha fazem uma massagem torturante no meu pau através da parede entre seus

órgãos. Sarah demonstra tanto, ou mais prazer do que eu, seus espasmos vão ganhando força e sei que está perto de outro orgasmo.

— Aaaahrg! — *Ela grita e puxa as correntes, lágrimas escorrem por seu rosto.*

— Goza amor... Eu não posso esperar mais... Ah! Pelo amor...
— *Penetro-a freneticamente. São tantos estímulos que nossos corpos estão em combustão imediata, a borboleta, a dupla penetração e o nosso contato em si, fazem com que nosso orgasmo seja surreal.*

— Porra, Sarah!!!!!!!!!! Argh!!!!

Derramo até minha alma dentro dela, minhas coxas tremem sem controle, eu preciso deitar. Retiro nossos apetrechos e caio quase morto na cama depois de beijá-la em adoração.

Oito

Por Sarah.

Acho que morri! Não tenho forças nem para abrir os olhos, cada parte do meu corpo está deliciosamente dolorida. Leônidas dorme ao meu lado, deitado de bruços e completamente destruído, nossos “brinquedinhos” espalhados pelo chão me fazendo lembrar as loucuras que esse homem me faz sentir. Não sabia que era possível entrar em um nimbo de prazer estando viva.

Saio da cama para preparar alguma coisa para comermos, nem só de sexo vive um casal no cio. Pego o pão, queijo e suco de laranja, arrumo tudo em uma bandeja de inox e volto para o quarto. Ele ainda não se moveu na cama. Deixando a bandeja no aparador, decido tomar um banho.

Assim que volto para o quarto sou recebida pelos olhos famintos de Leônidas sobre mim.

— O que eu fiz para merecer ser deixado sozinho nessa cama enorme e fria? — *Pergunta com a sobrancelha levantada.*

— Acabou comigo há algumas horas e eu preciso, ou melhor, nós precisamos comer. Aproveitei para tomar um banho e ficar cheirosinha para o meu Carrasco favorito. — *Faço meu caminho e sento ao seu lado na cama, ele segura meu cabelo puxando meu pescoço para si e me cheira.*

— Deliciosa minha Ninfa. Espero ser o seu único carrasco, não aceito que nenhum outro te toque de qualquer forma.

— Isso vale para nós dois? — *Permanecemos abraçados enquanto falamos.*

— Sim, isso vale para os dois. Não preciso de outra mulher tendo você comigo. Agora mate a minha curiosidade... Acha mesmo que sou um carrasco como dizem?

— Acho. — *Levo um tapa na bunda pela minha resposta e me explico.* — Leônidas, você não dá um sorriso, vive de cara amarrada, essas sobrancelhas não se desgrudam, e a equipe de enfermagem que trabalha com você sempre diz que “O Dr. Leônidas não admite erros. Até o preenchimento dos prontuários questiona. Se alguém atrasar trinta segundos, está fora.”. — *Imito voz de homem, fazendo-o sorrir.*

— Não preciso ficar sorrindo por aí. Sorrio para as pessoas que importam para mim, o resto é o resto. E lembre-se que sou neurologista, um erro, por menor que seja, pode matar ou invalidar alguém para sempre.

Comemos durante uma conversa sobre a rotina de trabalho dele, entre beijos e carícias. Nossa sexta-feira foi diferente de tudo que já fizemos. Assistimos filmes e tomamos banho de piscina, dormimos e transamos muitas vezes. Passamos a noite juntos em seu quarto, por mais estranho que pareça para nós dois, dormimos de conchinha e foi muito bom, não sei por que ele está agindo assim, mas não posso reclamar... Estou adorando.

Depois de um sábado regado a muito sexo e muitas conversas sobre nossas famílias, chegou a hora da tão esperada festa da boate do Lorenzo. Leônidas não está nada satisfeito com a minha decisão de ir com minhas irmãs, mas eu devo isso a elas e se o deixar comandar desde já, estou perdida.

Minha irmã Dora está passando por uma fase complicada, ela terminou um namoro de oito anos pelo telefone. Por mais que eles já não se vissem há meses e que ela tivesse certeza de não querer levar isso a diante, é sempre triste terminar e saber que o outro vai sofrer por nossa causa, pensar que um relacionamento tão longo terminou assim é lamentável. Mas minha irmã é a pessoa mais positiva do planeta e vai superar isso.

Já Safira recebeu o resultado da prova que fez em novembro para estudar em Londres. Minha irmã passou em primeiro lugar e deve ser chamada em breve para se apresentar na Inglaterra. Hoje vamos exorcizar o mau momento de Dora, comemorar a aprovação de Safira e brindar a boa fase na minha vida.

Escolho um vestido *nude* tomara que caia com um zíper que vai da bainha aos seios. Sim eu estou cheia de más intenções com essa roupa, quero que ele me pegue no carro ou no banheiro e me deixe sem saber o que me atropelou. Estou terminando de passar o batom quando Leônidas aparece na porta do meu banheiro.

— Acho melhor você trocar de roupa ou vestir a parte que, com certeza, está faltando desse troço. — *Fala com os braços cruzados sob o peito.*

— Nem uma coisa, nem outra, Leônidas, eu vou assim e se eu fosse você, procuraria os pontos positivos do meu vestido. — *Abro o zíper até o umbigo e fecho rapidamente.*

— Hum! Bom ponto o seu, mas se eu me aborrecer por causa dessa maldita roupa, vamos embora imediatamente.

Saímos de casa e no caminho Leônidas sugere me deixar próximo à entrada, dar uma volta no quarteirão e depois de alguns minutos ele entra. Mesmo achando tudo isso desnecessário, não me oponho. Não faço a menor questão de ser vista com ele. Para Leônidas, as pessoas não entenderiam que ele pode estar reconstruindo a vida tão pouco tempo depois da morte de sua esposa.

Entro e logo encontro minhas irmãs no open bar.

— Que bom que já estão aqui! Achei que ficaria sozinha. — *Falo enquanto as cumprimento.*

— Você não viria com o Dr. Leônidas, Sarah? — *Pergunta Safira desconfiada. Sei que ela é contrária ao meu envolvimento com ele.*

— Sim, ele foi estacionar.

— Ou foi despistar que vieram juntos?

— Gente!!! Chega disso, hoje é o nosso dia e vamos nos divertir. Quero esquecer o mundo e dar para algum desconhecido. — *Nesse momento estamos eu e a Safira de boca aberta olhando para Dora totalmente má intencionada.*

Nada na vida supera estar perto de quem se ama. Quando estamos juntas parece que nos completamos. A espontaneidade de Dora, a sobriedade de Safira e o meu carinho nos faz perfeitas juntas. Durante todo o tempo que danço e me divirto com minhas irmãs percebo Leônidas olhando-me do camarote, e também noto três seguranças sempre bem perto de nós. Dora dança com um homem alto e loiro que está de costas para mim e Safira, de um

minuto para o outro, eles... Sumiram. Acho que ela não estava brincando.

— Vou fazer xixi, vamos comigo? — *Pergunto pra Safira.*

— Não, vou sentar um pouco na mesa de umas amigas do hospital, lá perto daqueles pufes. — *Ela aponta para a mesa e eu aceno seguindo para o banheiro.*

Faço xixi e quando saio do banheiro sou rebocada por um metro e noventa e cinco de homem, ele caminha comigo até uma saída de emergência. O frio da madrugada me deixa arrepiada, mas logo sou prensada contra uma parede de tijolos. Não é uma rua e sim um beco, iluminação quase não existe e está deserto. Enquanto me beija, ele abre o zíper do vestido que caí no chão me deixando completamente nua.

— Não acredito que veio sem calcinha. Alguém poderia ter visto o que é meu. — *Sua voz é abafada pela curva do meu pescoço, algumas palavras se perdem em meio às mordidas que ele me dá.*

— Quis fazer uma surpresa, não gostou?

— Não sei se amei ou se odiei. Mas, agora só consigo pensar no meu pau socando dentro de você. — me beija — Vira e empina essa bunda para mim.

Na mesma hora obedeço, e ele entra em mim sem nenhuma preparação, mas a essa altura eu já estava mais do que preparada e ele sabia disso melhor do que eu. Travo meus dedos nos tijolos tentando me manter firme enquanto as estocadas de Leônidas ganham velocidade e força, uma das suas mãos cativa meu quadril

e a outra tampa minha boca, abafando meus gemidos. Para conter os próprios gemidos ele morde meu pescoço com tanta força que já posso imaginar o tamanho da marca.

Flexionando os joelhos, ele se posiciona de forma que acerte o ponto máximo de prazer no meu interior, a cada investida meu corpo treme mais e mais, já não tenho mais controle sobre nada e me entrego ao prazer latente que ele me proporciona. Na mesma hora Leônidas jorra seu rio dentro de mim.

— Já estava com saudade da sua brutalidade comigo. — *Digo enquanto fecho o vestido.*

— Eu me matando para ser um lorde o fim de semana inteiro, e você sentindo falta do meu lado mais grosso!?

— Huuum!!! Adoro quando você está... Grosso! — *Faço a cara mais safada do mundo.*

Bom, não demoramos muito na boate, repetimos o esquema de sairmos separados e voltamos para casa. Dora realmente sumiu com o loiro misterioso. Safira reencontrou um peguete tão misterioso quanto o da Dora e assim se foi mais uma noite. Eu e Leônidas passamos a madrugada trepando feito gatos no telhado, foi maravilhoso, principalmente porque eu já tinha bebido um pouco e ele fez tudo que quis comigo... Nem gostei.

Acordo tarde e me vejo sozinha na cama. Hoje é domingo e ainda estamos sozinhos, visto uma cueca do Leônidas e vou procurá-lo pela casa. Nada dele na sala, nem no escritório. Sou levada até a cozinha pelo cheiro delicioso de café da manhã.

— Não acredito que me abandonou na cama sozinha...

Meu sangue para assim que olho para a mesa da cozinha.

Sentados tomando café da manhã estão Leônidas, uma mulher loira que deve ter uns cinquenta anos e um senhor também loiro da mesma idade, ele é bem gordo e tem uma barba grande. A mulher olha para mim horrorizada, chega a ser teatral a forma como sou encarada e os gestos silenciosos de repulsa que ela faz. O homem virou o rosto soltando um “Meu Deus!”.

— Mas que indecência é essa, Leônidas? Essa não é a babá da Nina? — *Diz a mulher com os olhos arregalados de surpresa.*

— Oh! Eu sinto muito. — *Sim, isso foi tudo que eu consegui dizer.*

Saí em disparada direto para o quarto, tranquei a porta e fiquei atônita com a cena que acabei de protagonizar. Não sei quem são, mas pareciam ser bem íntimos de Leônidas. Me esguio até o início do corredor e ouço uma briga acalorada entre meu loiro e o casal. Não consigo entender o que dizem, mas sei que não estão se entendendo. Ouço a porta bater com força e os passos de Leônidas vindo em minha direção, corro para o quarto e logo ele entra.

— Por favor, me desculpe, eu não sabia que tinha alguém em casa. — digo rapidamente.

— Não foi culpa sua, eles apareceram sem avisar e eu tive que os receber. Achei que você permaneceria dormindo até que eu me livrasse dos dois.

— Quem são?

— Ana e Silvério, são os avós maternos da Nina.

Nove

Por Leônidas.

Preparo a mesa do café da manhã alegre como pinto no lixo. Nunca passou pela minha cabeça que essa mulher me faria tão feliz depois de tudo que a minha vida se tornou. Dormir com ela foi maravilhoso, surpreendente e acima de tudo reconfortante, como se tudo de pesado do dia a dia se findasse ali nos seus braços.

Mesmo nos melhores anos do meu casamento, se é que posso chamar assim, nunca me senti tão... Feliz. Essa é a palavra, eu estou feliz com ela. Sei que não devo aprofundar mais essa relação, mas isso está cada dia se tornando mais impossível, já estamos muito profundos um no outro.

A campainha toca, tirando-me dos pensamentos. Para minha surpresa, negativa é claro, quem invade o meu domingo às oito da manhã é minha sogra-coral e meu sogro.

— Nossa! A que devo a honra da visita em pleno domingo de manhã? — *Tento soar normal, mas não sei se consegui. Definitivamente a última coisa que eu preciso é isso.*

— Bom dia para você também, Leônidas. Gostaríamos de conversar com você.

— Claro, Ana. Entrem. Eu estava preparando o café da manhã.

Vamos à cozinha e Ana observa cada canto da casa, não sei se procura algo de errado ou se é mexeriqueira mesmo. Desde a morte de Sílvia eles nunca mais vieram aqui, quando a filha era viva também não costumavam vir, apenas em festas.

— Toda essa comida é só para você, Leônidas? — *Ô mulherzinha intrometida.*

— Acho que não foi como nutricionista que você veio à minha casa as oito da manhã de domingo, não é? — *Isso só pode ser provação, minha Ninfa nua na cama e eu aqui com essa velha botocada.*

Por meia hora permanecemos sentados na mesa que preparei para minha Sarah conversando sobre Nina. Ana relembra momentos da filha e sinceramente fala coisas das quais eu não me lembro, como: “*Sílvia era uma mãe tão dedicada, uma esposa maravilhosa*” ou a pérola “*Se minha filha ainda estivesse viva, todos nós ainda seríamos felizes*”.

Agradeço internamente por Sarah ainda estar dormindo. Nossa noite foi movimentada e com certeza ela vai dormir até tarde.

— Leônidas, gostaria de lhe fazer um pedido. Tenho certeza que não me negará. — *Estava demorando para meu sogro pedir alguma coisa.*

— Na verdade não é um pedido, e sim um direito nosso. Não tem porque ser negado — *Falou a sogra coral.*

— Estou ouvindo. — *Minha postura já está mais ereta. Sei que não é coisa boa.*

— Eu quero ficar com as joias da minha filha. Sei que Sílvia tinha muitas joias valiosas, e como ela não está mais aqui acho justo que elas sejam minhas.

Sílvia tinha muitas joias realmente, quase todas que dei de presente, pois ela adorava, chegou uma época em que sempre que eu precisava de uma noite de sexo, dava a ela um anel ou um par de brincos para ser recompensado. Hoje as joias estão em um cofre no banco, não quis me desfazer delas, quando Nina for maior de idade eu darei a ela as joias da mãe.

— Essas joias agora são da Nina, quando ela fizer dezoito anos darei a ela como presente da sua mãe. Sinto muito, mas não darei as joias a você.

— A Nina nem fez três anos ainda. — diz minha ex sogra. —É um desperdício esse tesouro ficar guardado. Eu quero como lembrança da minha filha e você não pode me negar isso.

Haja paciência.

— Escolha uma peça e me diga qual é. Darei a você. Não farei mais do que isso. Essas joias são da minha filha.

— Eu poderia ter lutado pela guarda da minha neta. Depois da tragédia do natal tenho certeza que teria grandes chances. O que eu estou te pedindo não é nada para um homem rico como você. Tem ideia do quanto já sofri pela perda da minha única filha? Sua obrigação era me carregar no colo e realizar todos os meus desejos. Por sua culpa minha filha perdeu o prazer pela vida. — *Ana não altera sua voz, mas as palavras são despejadas carregadas de ódio.*

Não tive nem tempo de responder. Sarah entra na cozinha vestida apenas com uma cueca branca e os seios à mostra. Se isso não fosse foder com a minha vida, eu teria caído na gargalhada da cara que a Ana fez com a cena.

— Não acredito que me abandonou na cama sozinha...

Se dando conta que tenho companhia, ela fica muda e completamente sem reação.

— Mas que indecência é essa, Leônidas? Essa não é a babá da Nina? — *Ana esbraveja com toda raiva que existe em si.*

— Oh! Eu sinto muito. — *Sarah sai às pressas da cozinha cobrindo os seios. Quero ir atrás dela e me desculpar por tudo isso, mas tenho um problema crescente para lidar.*

Os próximos quinze segundos se arrastam como horas, Ana anda com a mão na boca demonstrando estar horrorizada. Procuro me manter firme para não demonstrar nervosismo.

— Como teve coragem de colocar uma vagabunda dentro da casa da minha filha, e ainda arranjou um cargo de babá para ela. Meu Deus! Você expõe a Nina as suas perversidades. Não vou permitir isso, Leônidas.

— Não venha me julgar, você não sabe o que está falando. Eu e Sarah somos adultos e ela não é nenhuma vagabunda, apenas nos envolvemos naturalmente.

— Que decepção, Leônidas. O corpo da minha filha nem esfriou e é assim que você age? Eu tentei usar os problemas psicológicos da Sílvia para entender a sua morte, mas a causa de tudo isso é VOCÊ. — *Silvério diz entre os dentes. O pai de Sílvia é um homem gordo e bem branco, mas agora está roxo.*

— Pense o que quiser. Eu não lhe devo satisfação da minha vida. Acho que essa visita já terminou.

Eles deixam minha casa em direção ao portão principal. Não era para ser assim, isso piora em muito os meus problemas, até agora eles apenas cuidavam da neta e lamentavam a morte da filha, a partir de agora não sei como vai ser nossa relação. No meio do caminho, Ana se vira para mim e diz:

— Você não tem moral para cuidar da minha neta. Livre-se dessa desclassificada ou eu vou tirar a Nina de você. Pode ter certeza.

Prefiro não pensar sobre isso agora. Subo a escada e vou atrás da minha Nina que não deve estar entendendo nada. Ela está no quarto de costas para a porta.

— Por favor, me desculpe, eu não sabia que tinha alguém em casa. — *Sarah se desculpa sem se virar pra mim.*

— Não foi culpa sua, eles apareceram sem avisar e eu tive que os receber. Achei que você permaneceria dormindo até que eu me livrasse deles.

— Quem são eles?

— Ana e Silvério, são os avós maternos da Nina.

— Como eles sabem quem eu sou?

— Logo depois da morte de Sílvia, eles foram ao hospital acertar algumas coisas e minha mãe mostrou a eles quem foi a jovem que cuidou de Nina. Depois disso, quando eu te chamei para ser a babá dela, contei que tinha chamado a mesma moça.

Nossa distância está me matando. Ela já está vestida e se mantém de costas. Chego perto, viro-a para mim. Não sei o que

passa por essa cabecinha de vento.

— Me diz no que está pensando.

— Não quero ser vista como a ruim da história. Eles devem estar me odiando e pensando mil coisas, até mesmo que já éramos amantes antes de tudo acontecer. — *O desespero em sua voz é palpável.*

— Não posso te garantir nada daqui para frente, mas tenha certeza que eles vão me infernizar e se você estiver aqui, a você também. Ela vai fazer de tudo para atrapalhar a minha vida.

— Não me quer aqui?

— Essa é a questão. Eu quero você aqui, na minha cama, na minha vida... Em todos os lugares, mas você precisa entender que tempos desesperados pedem medidas desesperadas.

Dez

Por Sarah.

— Acho melhor me dizer o que está nas entrelinhas da sua frase.

— Eu não estou disposto a enfrentar uma batalha judicial pela minha filha à toa. — *À toa? Isso é o suficiente para mim.*

— Já entendi.

Saio do seu quarto e vou para o meu, tranco-me e começo a arrumar as minhas coisas. A cada peça dobrada mais e mais lágrimas escorrem pelo meu rosto, a cada segundo as lembranças de um fim de semana perfeito tomam conta dos meus pensamentos. Não pensei que fosse ser tão difícil, mas escutar que a briga seria "à toa" doeu muito. Sinto-me descartável e sem importância.

Recolho tudo que é meu, até mesmo os fios de cabelo no chão banheiro. Troco a roupa de cama, deixo o material de escola da Nina preparado para amanhã e chamo um táxi. Já estou na cozinha quando o interfone toca. Meu táxi chegou.

— Não precisa sair assim, como se estivesse sendo expulsa daqui. Eu mesmo posso levá-la amanhã cedo. Podemos passar o domingo juntos. — *Não o percebi entrando aqui, mas é muito cara de pau mesmo. Tudo bem que estamos juntos há uma semana, mas tenho o meu orgulho e posso cuidar de mim mesma.*

— Prefiro ir hoje. Meu emprego no hospital ainda existe? — *Pergunto séria.*

— Claro. Pode mudar de setor se quiser ou se estiver insatisfeita com a pediatria.

— Vou pensar sobre isso. — *Viro-me para pegar as malas e ele segura meu braço, puxa-me para seu peito envolvendo todo meu corpo com os braços enormes.*

— Eu gostaria que fosse diferente, mas não é. Não me odeie, eu não tive escolha.

— Sempre há uma escolha. A sua foi feita. — *Dito isso, vou embora.*

Chego em casa e minhas irmãs ainda estão dormindo, a noite na *Swinger's* foi longa para todo mundo. Vou para o meu quarto, tomo um banho e resolvo faxinar a casa. Não tem coisa melhor para aliviar as tensões do que uma boa faxina. Limpo a cozinha, sala, tapetes, banheiro e nem as janelas escaparam. Quando não tem mais nada para limpar, vou passar roupa.

Dora aparece com cara de espanto ao me ver em casa e ainda faxinando. Como eu disse a elas que ficaria me deliciando nos braços do meu carrasco, “*Oh! Que ódio!*”. Ela não esperava me encontrar aqui.

— Pela faxina eu acho que as coisas desandaram com o seu doutor Carrasco.

— Pois é. — *Conto a ela tudo que aconteceu, choro rios de lágrimas e quando dou por mim, Safira está massageando meus pés e Dora fazendo tranças no meu cabelo. Ficamos amontoadas no sofá da sala.*

— Sabe o que eu penso disso, não é? — pergunta Safira.

— Sei... Ele me comeu e cansou. Fui mais um lanchinho na sua vida. Parabéns para mim.

— Não! Ela não pensa isso. — *Dora me repreende lançando um olhar matador para Safira, que levanta as mãos dando-se por vencida.*

— Pode parar de tapar o sol com a peneira. É verdade sim, é a mais pura verdade, sabíamos que isso ia acontecer, até demorou muito. Ele só precisava de um motivo.

— Safira, você é muito sem noção. Nossa irmã precisa de apoio e você está aí chutando cachorro morto.

— Não. Estou fazendo o que devia ter feito antes, falando a verdade. Vamos curtir o luto hoje, tomar sorvete e comer brigadeiro no sofá. Amanhã quero esse assunto morto e enterrado, nada de médicos dentro dessa casa.

— É isso aí. — *digo sem a menor animação enxugando as lágrimas.*

— Tarde demais. — *Com um sorriso descarado, Dora cai na gargalhada deixando eu e Safira sem entender nada.*

— Por que diz isso Dora? Vai me dizer que o carinha que saiu daqui hoje cedo era médico?

— Entre outras coisas... — *Ela cai na gargalhada novamente, uma que só ela sabe dar sem parecer estranho.*

— Que coisas? — *pergunta Safira.*

— Ele é um Malamam. — *Eita maldição!*

— Não acredito. Duas desmioladas. Vocês são duas desmioladas. Qual Malamam? Se for o ginecologista, pode...

— É o Dr. Lorenzo, vulgo Dr. Tímido. Não ficaria com o Dr. Bento, todo mundo sabe que ele é um comedor.

Por Leônidas.

Fazer a coisa certa e ter a certeza que fez a coisa errada. É assim que me sinto agora. Minha vida parecia estar finalmente tomando um caminho mais agradável, sem tantas pedras e obstáculos. Quando penso que os problemas chegaram ao fim... Levo um jato de água fria. Sei que minha sogra não hesitaria em pedir a guarda da Nina só para me infernizar, na cabeça dela a culpa da morte da Sílvia é minha e eu mereço sofrer. Pena que demorou tanto tempo para colocar as asinhas de fora.

Afastar-me de Sarah não foi uma decisão fácil, mas foi melhor assim. Do jeito que estávamos, não iria demorar até alguém perceber nossa relação, o escândalo seria inevitável. As pessoas ainda comentam sobre a morte da Sílvia, muitas me culpam e até mesmo jornais já fizeram matérias colocando-me como o lobo mau do casamento. O destruidor da linda e doce esposa perfeita.

Imagino se descobrem meu envolvimento com a Sarah, nossas peripécias na boate ou mesmo que foi ela a ficar com a Nina quando Sílvia se matou. É certo que a colocariam como pivô da minha separação e do suicídio. Essa notícia cairia como uma bomba na minha família e até mesmo na minha vida profissional. Sarah seria massacrada pela mídia, os funcionários do hospital a apontariam como uma qualquer, que dava para o chefe e não tenho ideia de como sua família do interior receberia isso. Não posso arriscar tanto.

Resolvo almoçar na casa dos meus pais. É melhor do que ficar aqui sozinho pensando nela e em como saiu arrasada, magoada e triste. Nunca me senti tão covarde. A mulher que me

deu motivos para sorrir estava saindo da minha vida e eu não movi um músculo para que ela ficasse. Pelo contrário, fui eu que a coloquei para fora.

Chego à casa dos meus pais e logo vejo minha mãe com um olhar mortal. Acho que a bruxa está solta para o meu lado hoje.

— Eu espero uma boa explicação vinda de você, meu filho.

— E sobre o que seria?

— Desde quando a Sarah é sua amante? — *Minha sogra já passou por aqui. Amante? Não estou casado para que ela seja minha amante.*

— Não é nada disso, mãe. Pode parecer errado, mas não foi.

— Estamos esperando sua explicação, meu filho. — *Papai acena para mim e sei que está a meu favor. Ele é um homem de poucas palavras, mas sempre foi amigo dos filhos.*

— Eu não conhecia a Sarah até que você a indicou para cuidar da Nina. No momento que ela entrou em meu consultório já fiquei interessado por ela, mas não aconteceu nada, fiz o máximo para me manter afastado e não tive sucesso. Só tivemos algo de concreto há poucos dias. Temos ficado desde então e estávamos nos conhecendo melhor, além disso, era algo só nosso e ninguém sabia até hoje cedo. A Ana chegou a minha casa logo pela manhã e acabou presenciando uma cena que não devia.

— Ela encontrou a babá pelada na sua cozinha?

— Nada disso, mãe. A Sarah achava que estávamos sozinhos e desceu de cueca para tomar café da manhã. Somos adultos e

estávamos sozinhos na minha casa, acho que não preciso dizer o que estávamos fazendo antes.

— Leônidas, eu não me meto na sua vida pessoal, mas a sua sogra é tão desequilibrada quanto a filha era. Ela chegou aqui aos prantos dizendo que você estava desonrando a memória da Sílvia. Disse que seu caso com a Sarah é antigo e por isso a Sílvia teria se matado.

— Opa! — *Bento sai em minha defesa, mas era melhor ter ficado calado.* — Isso eu garanto que é mentira das brabas. Quando Léo comeu a babá, ele mesmo veio me contar e isso foi recente. A maluca já tinha morrido.

— Bento! A Sílvia não era maluca, ela estava com problemas psicológicos. Como médico você deveria se expressar melhor. Já que isso foi esclarecido e não temos motivos para duvidar, vamos almoçar em paz. — *Meu pai fala puxando mamãe pela cintura.*

— Benício, a culpa disso é toda sua. Fica passando a mão na cabeça deles e olha no que dá. — *Mamãe fala enquanto é rebocada por ele.*

O almoço segue tranquilo, minha filha come ao lado de Lorenzo e brinca com Bento de roubar comida um do outro. Chamo minha mãe em um canto e digo que preciso encontrar uma nova babá. Ela fica surpresa, mas compreende a minha decisão.

— Você gosta dela?

— Isso não importa mais. Ela já deve estar me odiando.

— Cuidado Leônidas. Depois que uma mulher esquece, não adianta correr atrás. Sei o que estou dizendo.

— Pode deixar mãe, é melhor assim. Já tenho uma vida e uma carga pesada, ela deve construir a vida dela do zero. Sarah é jovem, bonita e cheia de possibilidades...

— Logo essa moça encontrará um bom homem. — *Olho-a contrariado por sua afirmação.* — Não adianta olhar assim, isso é natural. Se você está abrindo mão dela com tanta facilidade, tenha a certeza que muito em breve outro aproveitará a bela oportunidade.

Volto para casa com minha filha e terminamos o domingo assistindo desenho com pipoca de micro-ondas. Nina já perguntou da Sarah umas três vezes e eu disse que ela precisou viajar e outra babá virá em seu lugar.

— Ela vai viazar po memo luga ca mama? — diz minha pequena com seu dialeto complexo.

Putá merda!

— Não, meu amor. Ela foi para a casa dela.

— Nos moangos?

— Isso mesmo, lá nos morangos.

Na segunda-feira levo Nina para a escola e vou para o hospital, na parte da tarde Bento vai buscá-la e a noite eu a pego na casa dos meus pais. Revezamos por toda a semana, cada dia um pega minha filha na escola e fica com ela até eu chegar. Como podemos moldar nossas agendas, as coisas ficam mais fáceis.

Estou saindo do hospital na sexta-feira quando vejo a Sarah conversando com algumas enfermeiras em uma barraquinha de cachorro quente. Ela não me vê e se despede seguindo para o ponto de ônibus. Sem perder tempo a sigo e quando estamos longe das vistas dos curiosos, puxo-a pela cintura.

— Senti saudades. — *Falo com a boca colada em seu ouvido.*

— Me larga, Dr. Leônidas. — *Voltou com a porra do Dr.*

— Não consigo. Uma semana sem você e acho que vou enlouquecer. Vamos arranjar um jeito de consertar as coisas. Janta comigo? — *Solto-a e ficamos nos olhando por alguns segundos. Não vejo o desejo de antes, há apenas indiferença.*

— Realmente não será possível, eu já tenho um compromisso para hoje e você não está nos meus planos... Dr. Leônidas Malamam.

— Com quem? Quem é mais importante do que eu na sua vida?

— Isso é assunto meu. Passar bem.

Ela sai toda rebolante e eu fico parado feito um dois de paus, com o queixo caído. Sarah nem ao menos se abalou com a minha presença, não suspirou com minha pegada... Nada. Ofereci resolver a nossa situação, expus minha vontade de tê-la de volta e não houve nenhum interesse da parte dela.

— Inferno!

Onze

Por Leônidas.

Entro na casa dos meus pais como um furacão, chego à cozinha e vou logo abrindo a geladeira atrás de algo bem gelado para me acalmar, enquanto isso Lorenzo e Nina que estão à mesa tomando um lanche, me observam atentos.

— Está tudo bem Léo? — *Pergunta meu irmão com a sobrancelha arqueada de forma interrogativa.*

— Pareço bem para você?

— Nina, titio deixou as canetinhas em cima do carpete da vovó. Acho melhor você ir lá catar para ela não brigar com a gente.

— *Lorenzo fala pegando Nina nos braços e dando um tapinha em seu bumbum. Ela sai correndo e gargalhando com a brincadeira.*

— Ela me deu um fora, você acredita? Chamei minha Ninfa para jantar, não foi para um motel ou para escondê-la de todos. Foi para jantar e ainda tomei um fora, com a desculpa de outro compromisso. Compromisso de cu é rola. — *Esbravejo abrindo um refrigerante e tomando direto do gargalo.*

— Vamos sair hoje à noite. — *Oi?*

— Que porra é essa, Lorenzo? Desde quando você está furando o meu olho? Filho da Puta! — *Não me aguento de ódio e voo para cima dele, o banco onde está sentado não aguenta e caímos os dois no chão da cozinha. Monto sobre ele com as duas mãos em seu pescoço.* — Vocês transaram? Fala! Você transou com ela?

— Você está me... Enfor... cando. — *Sua frase sai cortada enquanto tenta afastar minhas mãos de seu pescoço.*

— Vocês transaram? Sim ou não? — *Por ser mais pesado e muito bom lutador, consegue inverter nossa posição e me imobilizar. Senta-se com meus braços presos sob suas pernas, travando minha cabeça com os dedos enterrados nos meus cabelos.*

— Qual a droga que você está usando? Eu nunca toquei nela. Hoje é aniversário da sua Ninfá, — *profere o apelido que dei a Sarah de forma debochada* — e eu estou saindo com a Dora, irmã dela. Vamos a boate comemorar e isso é tudo.

Dito isso ele sai da cozinha puto comigo, com toda razão. Permaneço deitado no chão com as mãos na cabeça, sem entender o que deu em mim. “*Nota mental: procurar um psiquiatra para ontem*”. Levanto e recolho algumas coisas que caíram da mesa quando derrubei meu irmão e vou para o seu quarto, bato na porta e ele não responde.

— Irmão, desculpe de verdade. Eu não sei o que deu em mim. Na verdade, eu sei, essa distância dela está me matando. Abre a porta, preciso conversar... Lo, me ajuda.

— Entra, babaca. — *Abre a porta, senta-se na cama e permanece encarando-me. Conto o que houve hoje e a falta que estou sentindo dela em casa.*

— Por que não fala isso com ela?

— Eu falei, disse que sentia sua falta. Ela nem se coçou com o nosso contato. Meu corpo explodiu e ela não teve reação nenhuma.

— Você deu os parabéns a ela? — *Como? Eu nem sabia disso.*

—Não. Eu nem sabia que era hoje.

— Nós vamos estar na boate hoje, você poderia aparecer por acaso, a chamar para dançar. Sei lá! Mas vou adiantar que você já tem concorrente à altura. — *Todos os meus sensores de alerta estão ligados no máximo.* — Parece que o ex dela chegou hoje a São Paulo e ligou querendo dar os parabéns pessoalmente.

— Tudo que eu precisava era um ex. Vejo você na boate.

Por Sarah.

Ainda consigo sentir os dedos dele sobre a minha pele, isso está me matando, parece queimar. A água escorre pelo meu corpo fazendo-me lembrar dos momentos que passamos juntos. Suas mãos faziam este mesmo percurso, não havia uma só parte que escapasse do seu toque. Só eu sei a falta que estou sentindo de Leônidas. A semana passou arrastada como se carregasse correntes pesadas por onde andasse, mas esse gostinho eu não darei a ele.

É claro que a forma da sua abordagem me afetou, segurei a respiração e fingi não estar nem aí para o seu toque. Puro teatro. Tantas apresentações na escola foram válidas para alguma coisa. Não ter lembrado o meu aniversário foi a cereja do bolo, afinal, eu não sou ninguém importante para que essa data seja relevante na sua agenda. O renomado neurocirurgião não teria tempo para tal banalidade.

— Sarita, se você demorar mais cinco minutos. Eu vou desligar o gás e você vai ficar no frio. Eu pago essa conta, saiba disso.

— Eu pago a luz e não implico com o seu secador de cabelo, implico? Vai catar coquinho Safira. — *Grito do banheiro.*

— Mana, é sério. Temos que nos arrumar também. Safira ainda nem tomou banho. Sai dessa bustrenga agora ou eu vou deixá-la desligar o gás mesmo. — *Dora e seu palavreado. O que é Bustrenga?*

— Já vou!

As 22h Lorenzo aparece para nos buscar. O relacionamento dele com a Dora é uma incógnita. Tem uma semana que estão saindo e se conhecendo, hoje é sexta-feira e ele dormiu aqui todos os dias desde sábado passado quando ficaram a primeira vez. Safira escolheu uma calça jeans com blusa de seda verde bandeira. Dora está com um vestido preto e um cinto fino dourado. Eu preferi uma saia preta com blusa estampada.

A Swinger's está lotada, pessoas saindo pelo ladrão. Lorenzo já tinha uma mesa reservada com seis cadeiras, balde de gelo com bebidas e tábua de frios. Foi muito atencioso da sua parte. Ontem Tadeu, meu ex-namorado, me ligou dizendo que viria a São Paulo para uma feira de hotelaria e gostaria de desejar-me feliz aniversário pessoalmente. Avisei que estaria aqui e ele disse que viria.

— Como estão as coisas na pediatria, Sarah? — *Lorenzo pergunta.*

— Na verdade, não estou mais na pediatria. Consegui uma transferência para o pré-operatório no quinto andar, assim não aturo gente chata.

— Então nos veremos muito. Já roubei a Dora para ser minha instrumentadora particular, agora ela só opera comigo em todas as unidades. Começamos hoje. — *Sério, ele é muito fofo.*

— Estou sabendo, cunhadinho. — *Dora quase me cozinhou com o olhar.*

— Nada de cunhadinho, Sarah. Nós não somos namorados, somos amigos com benefícios.

— Quanta modernidade para uma família só. Eu devo ter nascido com defeito, por que não aceito isso não. Ou o cara está comigo ou não está. Já mandei pastarem por muito menos que isso.

— Safira, relaxa. Vamos curtir.

Neste momento sinto uma mão fria com dedos finos em meu ombro, olho para me certificar que é Tadeu. Ele continua o mesmo. Meu ex-namorado é branco, tem olhos castanhos, cabelos da mesma cor, não é muito maior do que eu e tem trinta anos. Quando começamos a namorar eu tinha vinte anos e terminamos quando estava com vinte e três, depois de um ano embarquei para cá e estou aqui a uns oito meses. Desde que cheguei aqui nunca mais encontrei com ele. Às vezes nos falamos por mensagem e não é nada demais.

— Como está a aniversariante do dia? — *Levanto-me para abraçá-lo e percebo Lorenzo olhando para os lados de forma preocupada.*

— Oi Tadeu! Estou muito bem. Quanto tempo não nos vemos... Parece que faz anos.

— Para mim parece que foi ontem, nem mesmo o seu cheiro mudou. Continua uma delícia.

— Mas a delícia agora tem dono e eu acho melhor você tirar as mãos da minha namorada, para o seu próprio bem e integridade física.

Pelo olhar petrificado que Tadeu lançou para trás de mim eu já posso imaginar a cara do Leônidas neste momento. Mas que porra ele pensa que está fazendo? Vou matar esse carrasco bipolar.

Viro-me pronta para arrancar os olhos dele com as minhas unhas, porém isso não será possível, não agora. Leônidas usa uma camisa azul marinho e calça jeans clara, na mão esquerda ele segura um buquê de rosas vermelhas, em sua mão direita há uma garrafa de champanhe e duas taças entre os dedos.

— Feliz aniversário, Ninfa! — *Por mais que eu queira pular no pescoço dele e enchê-lo de beijo, não farei isso. Me afasta, não me procura por uma semana e acha que é assim. Deu tesão, traz um buquê de rosas e trepa comigo até o dia clarear? Oh delícia!!!!*

— Tadeu. Só um minutinho, por favor. Eu já volto para ficar com você.

— Vai sonhando. — *Leônidas fala descaradamente para ele.*
— Lo! Vou usar o seu escritório para uma rapidinha... Uma conversa rapidinha com a minha NAMORADA.

— Sem fluidos no meu sofá, sim! E cuidado com as minhas meninas. — *De tímido esse Malamam não tem nada.*

Entramos no escritório de Lorenzo que fica no subsolo da boate. É uma sala bem grande com uma mesa de madeira maciça, um sofá branco de frente para a televisão ridiculamente grande e um aquário que ocupa toda a parede do fundo. Ao invés de peixes ou corais, Lorenzo cria medusas, elas são transparentes e com tentáculos enormes, o balé que fazem ao se movimentarem deixa-me hipnotizada. Luzes internas tornam a visão quase surreal, elas são azuis e de repente mudam para rosa, amarelo, vermelho.

— Essas são as meninas de que ele falou?

— São. Ficou pronto tem pouco tempo, coisa de gente doida.
— *Fala aproximando-se de mim, mas afasto-me.*

— Gostou das flores?

— Por que está fazendo isso, Dr. Leônidas? — *cruzo os braços sob os seios, mantenho uma postura firme.*

— Doutor? Já passamos desta fase, Ninfa. Eu não devia ter mandado você embora, não devia ter feito as coisas daquela forma e estou aqui para reparar o meu erro.

— Olha só. Eu estou muito bem sem você. Acabei de reencontrar um cara maravilhoso e isso promete uma noite perfeita, então volta para a sua casa e me deixa ser feliz.

— Noite perfeita com aquele babaca lá em cima? Duvido que ele te aguente.

— Nós namoramos por três anos, ele é um cara legal.

— Quanto entusiasmo, só falta convencer a si mesma. — *Com uma das mãos ele pega meu queixo e com a outra me prende contra o aquário. O vidro frio arrepia toda minha pele, meus mamilos ficam duros e já não sei se é frio ou um tesão doloroso.* — Vai sair daqui, transar com ele e quando chegar em casa vai se masturbar em busca do prazer que só eu posso dar a você. Só pela cara já vejo que tem um pau pequeno que não alcança onde você gosta, não bate no fundo do seu corpo causando aquela dor que só nós entendemos ser deliciosa e libertadora. Ele não tem a pegada que você tanto gosta.

— Ele me dava muito prazer. Trata-me como se eu fosse a coisa mais preciosa que existe no mundo e não como uma puta, feito você. — *Grito as palavras praticamente cuspiando na sua cara por saber que ele está certo, ninguém faz como ele.*

— Eu nunca te tratei como uma. Que inferno!

— Trata-me como as putas que leva para o seu flat. Acha que o assunto não chega aos corredores daquele hospital? — *É nítida a mudança eu seus olhos, ele bufa exasperado e disfere um soco contra o vidro do aquário.*

Sem nenhum cuidado com o meu corpo Leônidas praticamente atira-me sobre a mesa, curva meu corpo deixando minha bunda para o ar, a mão esquerda segura minha cabeça grudada à madeira brilhante enquanto a direita rasga a calcinha que o impede de chegar a seu objetivo. Minha vagina arde com a fricção do tecido sendo rasgado e solto um grito dolorido, mas ele não liga.

— Vou te mostrar como tratei as putas que levava para o flat e aí você vai poder comparar. Tenho certeza que depois de hoje vai entender que para mim o seu prazer é o meu prazer.

Não consigo falar nada, ainda estou assustada com a sua violência, não é a mesma de quando transamos, é crua e sem cautela. Sem mais nem menos, puxa-me pelo cabelo e sou colocada de joelhos de frente para sua ereção lustrosa. A forma bruta que Leônidas enfia o pau na minha boca é humilhante, ele não olha para mim e permanece apenas com os olhos fechados e a expressão endurecida. Não consigo reagir a isso.

— Cospe. — O *quê?* — Anda cospe nele ou vou entrar rasgando em você.

Faço como me pede e sou colocada bruscamente na mesma posição de antes. Com a mão ele pressiona minha cabeça contra mesa, mas não tem noção da força que exerce. A minha bochecha está doendo e com certeza vai ficar roxa. Ele esfrega minha saliva pelo sexo e entra com toda a força. Não é como fazia antes, dessa vez não sinto o seu desejo e muito menos a vontade de proporcionar-me prazer. Seu pênis entra estirando minhas paredes internas, cada estocada é mais dolorosa e ardida que a outra.

— Argh!

Em nenhum momento Leônidas se preocupa em me satisfazer, suas mãos só seguram minha cabeça e meu quadril, impedindo-me de escapar das suas investidas secas e cruas. Quero que ele me toque, que acenda o meu corpo. Quero ter prazer, mas não consigo. Tento me concentrar, mas não consigo. Minha vagina não se lubrifica e está cada vez mais seca.

— Estou seca. Me toca, Leônidas. Me excita. Eu quero gozar, por favor. — *Imploro, louca para conseguir chegar ao êxtase.*

Mas nada acontece. Com muito custo consigo colocar uma das minhas mãos entre as pernas e estimular meu clitóris que grita por atenção. Quando já estou molhada e prestes a gozar...

— Engole tudinho, puta. — *Leônidas puxa-me pelos cabelos, caio de joelhos no chão e quando vejo seu pau já está completamente enterrado na minha garganta, tento me afastar, mas suas mãos mantêm minha cabeça imóvel. Ele goza sem emitir*

nenhum som, não vejo sinais de prazer em seu rosto. Não vejo nada.

Não tenho nenhuma reação, não tenho palavras ou forças para protestar. Parece que esse homem não é o mesmo que conduzia o meu corpo à um prazer extremo, ele parece ter se desligado e ligado no piloto automático. Quando penso ter tido o pior sexo da minha vida, Leônidas destrói a última linha de dignidade que me restava.

— Espero que isso pague os seus serviços prestados. — *Duas notas de cem reais caem ao meu lado e ele, já vestido, sai.*

Por que eu não o impedi? Como me permiti ser tratada dessa forma?

— Ah, mas você vai lambar o Ibirapuera inteiro correndo atrás de mim, Leônidas Malamam.

Arrumo minhas roupas, dou uma ajeitadinha no cabelo e subo a escada voltando para a boate lotada. Mando uma mensagem para minhas irmãs pelo app do celular e vou para a saída.

Sarah@ *Estou indo para casa.*

Dora@ *Precisa de ajuda? Está tudo bem?*

Sarah@ *Não. Só preciso ficar sozinha e tomar vergonha na cara.* □

Safira@ *Nossa!!!! Ela pensa.* □

Sarah@ *Valew! Mui amiga vc.*

Pego o primeiro táxi que vejo e vou para casa. Nunca pensei que derramaria tantas lágrimas por um homem, muito menos por um homem que é capaz de me humilhar dessa forma, faço todo o caminho afogando-me em lágrimas. O motorista olha-me disfarçadamente pelo retrovisor. Por um lado, ele mostrou-me que nunca me tratou como suas putas, nosso sexo era forte e desesperado, mas ele se preocupava com o meu prazer antes mesmo de pensar no dele.

Segunda-feira sua linda, vem em mim que eu vou lhe usar. Ele vai descobrir o poder de uma mulher com raiva... Raiva não, ódio.

Por Leônidas.

Não sei há quanto tempo estou dentro do carro, mas já faz bastante tempo. Não era isso que eu tinha planejado para essa noite. Comprei flores, champanhe e até taças novas de cristal, pensei em tudo, iria pedi-la em namoro. Quase implorei para o Bento ficar com a Nina em um sábado à noite, já que seus avós viajaram e meus pais tinham um evento do CRM. Tinha planejado sair com a minha Ninfa e comemorar os seus vinte e cinco anos de vida, mas como sempre, enfiei os pés pelas mãos e fiz uma cagada estratosférica.

— É Leônidas, hoje você se superou. — *Falo para mim mesmo.* — Mas vou consertar.

Entro novamente na boate e vou até a mesa onde Lorenzo está com as gêmeas e o babaca do ex da minha Ninfa. As caras não são das melhores em minha direção. Pergunto por Sarah e elas não me respondem, meu irmão diz que ela foi embora sem se despedir e mandou uma mensagem de texto. O tal de Tadeu nem mesmo me dirige o olhar e eu saio ainda pior por ter estragado a noite dela com o meu surto de loucura.

—Dr. Leônidas? — Viro-me quando já estou chegando ao carro. Safira, a irmã mais séria de Sarah se aproxima.

— Pode me chamar só de Leônidas. Eu sou praticamente...

— O senhor não é nada meu fora do hospital. Conheço bem essa história de médico que se diverte com o corpo de enfermagem achando que ali está o seu self-service sexual. Acredite essa é velha para mim. — *Permaneço sério olhando para ela que me fuzila*

como se pudesse matar com o olhar. — Minha irmã é uma mulher linda e não precisa passar por isso, não é justo jogar com os sentimentos dela para aliviar os desejos quando lhe convier. Eu ainda não sei qual foi a merda que você fez hoje, mas com certeza foi muito grande para ela ter saído sem nem ao menos olhar para mim e para Dora.

— Eu realmente gosto dela Safira.

— É mesmo? Gosta tanto que a despachou como se não fosse nada, na primeira dificuldade. Gosta tanto que não a procurou por uma semana. Melhor. Gosta a ponto de sair da sua zona de conforto? Não, você não gosta, você se aproveita dos sentimentos que ela nutre por você. — *Ela tem sentimentos por mim?*

— Vou resolver a minha vida e depois disso poderemos começar do zero, como um casal normal.

— Vai sonhando, doutor. A vida não espera por você, sabia? Tadeu não está aqui à toa, tenha certeza que ele vai tentar levá-la de volta para Domingos Martins e aí... Era uma vez a sua existência para ela.

Saio cantando pneu, o som alto tentando abafar as palavras da Safira martelando na minha mente. *Ele não vai levá-la de mim... Só por cima do meu cadáver.*

Não sei o que deu em mim, a tratei como uma das putas que levava para o flat. Nem conseguir olhar para ela eu consegui, permaneci de olhos fechados tentando enganar o meu corpo. Minha vontade era jogá-la no sofá e chupar aquela bocetinha até que estivesse pingando por mim. Gozei mecanicamente, não senti

prazer nisso. Meu prazer é tê-la gemendo e gritando o meu nome, meu prazer é sentir sua bocetinha moendo meu pau enquanto goza.

— Eu vou enlouquecer. — *Segunda-feira vou procurar os meus advogados para saber até que ponto devo temer uma batalha judicial com a Ana. Quero minha mulher de volta, em casa... Nos meus braços.*

Doze

Por Leônidas.

Esperança é a palavra de ordem. Logo cedo fui ao escritório dos meus advogados. Saí de lá com a certeza que tenho todas as armas para lutar pela minha felicidade. Sou um bom pai, nunca dei motivos para contestarem isso, sou um excelente profissional e minha vida financeira vai de bem a melhor. Quando deixei Nina na escola aproveitei para conversar com a professora, a pedagoga e a psicóloga. Foi bom e... Reconfortante, de certa forma.

— Bom dia! Eu sou Leônidas, pai da Nina Malamam do maternal.

— Prazer, eu sou Michele a psicóloga da escola. Em que posso ajudá-lo? — *Michele é uma mulher na casa dos quarenta anos, muito bem cuidada. Negra, seus cabelos estão cortados bem curtos e ela surpreendentemente é quase da minha altura.*

— Será que poderíamos conversar com um pouco mais de privacidade? Caso esteja ocupada, eu posso marcar outra hora. — *Estamos no pátio da escola e o assunto é delicado demais para ser tratado aqui.*

— Vamos até a minha sala.

Expliquei para a psicóloga toda a história do nascimento da minha filha, os problemas que minha esposa enfrentou na sua gravidez e tudo que aconteceu posteriormente. Deixei claro o nível de relacionamento que eu e Sílvia vivíamos, a distância dela com a filha e até mesmo as minhas eventuais puladas de cerca. Para a minha surpresa ela mostrou-se familiarizada com a situação.

— A sua filha é uma criança muito carente, visivelmente assustada e muito apegada a qualquer pessoa que lhe dê o mínimo de carinho. Ela raramente fala da mãe, mas fala muito do senhor, do tio Lo e do tio Be. Claro que ela fala da maneira dela, mesmo assim dá para captar o amor que sente por vocês.

— Esses tios são meus irmãos, eles me ajudam muito na criação dela. Lorenzo não pode ter filhos e desenvolveu quase que uma dependência afetiva pela Nina, eles são unha e carne.

— Sinto muito pelo seu irmão. Já os vi aqui na escola. Mas tem uma coisa me preocupando essa semana. A Nina disse que a Sarah foi embora, isso é verdade? — *Por pouco tempo.*

— Sim. — *sussurro em resposta.*

— Elas pareciam ser muito apegadas. Não é bom para ela perder mais ninguém nesse momento. Aconselho que você repense essa demissão, sua filha está formando traços muito importantes da sua personalidade, e é fundamental uma figura feminina no seu convívio diário.

— A Sarah não foi demitida. Ela ... — *Ela foi expulsa de casa por que transava com o patrão, que no caso é um idiota egocêntrico.*

— Não precisamos entrar em detalhes. Não sei o motivo para ela ter ido embora, mas posso afirmar com propriedade que isso está afetando e muito o lado emocional da sua filha.

— Quanto a possível ação judicial?

— Se for necessário, estarei à sua disposição para testemunhar a seu favor. Não tenho motivos para fazer o contrário.

— Obrigado!

Chego ao hospital com duzentos quilos a menos, é como se eu estivesse carregando o mundo e de repente só tem São Paulo nas minhas costas. Agora vou atrás da minha Ninfa, preciso concertar o desastre que causei.

— Bom dia Patrícia, tenho algum paciente para antes do almoço? — *Patrícia é minha secretária, na verdade ela atende a todos os consultórios do quarto andar.*

— Desculpe doutor... É que eu permiti que a Sarah, do pré-operatório esperasse na sua sala. Fiz mal? — *Céus, isso só pode ser o dia “faça de um neurologista fodido, um cara feliz”.*

— Fez muito bem. Ninguém entra na minha sala, não estou para ninguém. Cancela qualquer coisa que eu tenha para as próximas horas... Nem mesmo ligação eu vou atender. Se o presidente tiver um AVC, procure outro médico.

Corro para a minha sala com ainda mais esperança de tudo terminar bem. Abro a porta e a vejo recostada na minha mesa, virada para a porta e com os olhos no chão. Assim que escuta a tranca, seu rosto vira-se para mim com um desejo inflamado no olhar. Um movimento me chama atenção, a mão que estava apoiada para trás na mesa vai para o alto e dela vejo uma pequena peça de renda branca cair. Ela está sem calcinha?

Não tenho mais freio, não há força nesse mundo capaz de acabar com esse desejo animalesco que sinto por essa mulher. Com três passos já estamos com os corpos encostados e fervendo, nossa respiração acelera, as pupilas dilatam e não existe mais um

mundo lá fora... Somos apenas eu e ela dentro de uma bolha de luxúria.

— Volta para casa. Preciso de você, preciso do seu cheiro de uma forma que eu nunca imaginei ser possível. — *Por um segundo algo diferente passa em seu olhar e logo some.*

— Estou molhada, quente e louca para gozar. Preciso da sua boca entre as minhas pernas, agora.

Carrego-a até um pequeno sofá sentando-a na ponta da almofada, subo a saia que pega nos joelhos até que cheguem à cintura. Sou agraciado com uma linda e minúscula bocetinha completamente depilada, rosa e brilhando pela excitação já adiantada. Sem nenhum comando Sarah segura as pernas com as mãos, ficando completamente exposta para mim, deliciosamente safada.

Começo dando um beijo molhado abocanhando toda a região, deslizo a língua por toda a parte, com os dedos mantenho os grandes lábios separados para facilitar o acesso ao ponto mais sensível do seu corpo. Ela se contorce e geme pedindo mais e eu dou tudo a ela, chupo seu clitóris como se ele fosse o melhor dos doces do mundo e ele é. Esforço-me para entrar mais e mais profundamente com a língua em sua boceta escaldante.

— Eu quero mais... Ah, por favor, mais!!!!

Coloco dois dedos dentro dela fazendo movimentos cada vez mais rápidos de vai e vem, movimento meus dedos em seu interior sentindo que está muito perto do orgasmo. Cada penetração traz um som estalado e gostoso de se ouvir, a melhor das melodias.

— Ah ahmmm! — *Mesmo com a mão tapando a boca, seus gemidos escapam deliciosos.*

— Goza, minha Ninfa, goza para mim. Acho que morro se não entrar logo em você. Goza nos meus dedos que depois vai gozar comigo, no meu pau.

Sarah derrete diante de mim, geme como uma gatinha manhosa cheia de tesão, seu corpo ondula buscando mais do meu contato. É a visão mais alucinante que um homem pode ter na vida. Lambo os dedos melados pelo seu prazer, o gosto é perturbador, parece uma droga personalizada para as necessidades do meu organismo. Caminho até minha mesa onde deixo a gravata e a camisa sobre a cadeira, viro-me retirando o cinto e abrindo a calça... Sarah já está de pé e quase recomposta.

— O que está fazendo? — *Pergunto enquanto retiro o pau da cueca fazendo movimentos de vai e vem, seus olhos param por alguns segundos no meu ato e depois voltam para mim.*

— Estou voltando para o meu setor. Acabou a hora do lanche.
— *Ela fala a última palavra com malícia, referindo-se a mim.*

— Para de besteira. Vem aqui. Estou louco para matar a saudade minha Ninfa. Fica de quatro no sofá, ou você está com saudade de uma pegada mais forte? Faço como você quiser, mas tira essa roupa. — *Estou ofegante. Meu pau está latejando na minha mão, uma gota já brilha na glândula e as veias estão destacadas por toda parte. Meu saco começa a ficar dolorido e grita por alívio.*

— Obrigada pelo orgasmo Dr. Leônidas! — *Fazendo cara de quem esqueceu algo, ela coloca a mão no bolso do jaleco e retira*

duas notas de cem reais e as joga em meu rosto. — Espero que isso pague os seus serviços prestados.

Não acredito nisso. Ela foi embora e me deixou assim?

Por Sarah.

Dou graças a Deus por não ter ninguém dentro do elevador. Encosto-me na parede fria e tento acalmar a minha respiração, o coração parece sair pela boca, minha pele está sensível e o meio das minhas pernas completamente melado. Preciso de um banheiro urgente.

Chego ao quinto andar e tranco-me no banheiro da enfermagem, uso o chuveirinho para me lavar e as toalhas de mãos para secar a lambança que fiz. Ainda bem que planejei tudo minuciosamente, trouxe uma calça de trabalho, calcinha e sabonete íntimo. Saio como se nada tivesse acontecido.

Estou guardando as minhas coisas quando percebo alguém se aproximar. Assusto-me achando ser Leônidas, mas é o Dr. Talles, um anestesista muito gente boa que tem aqui no quinto andar. Este andar é composto de três setores, centro cirúrgico, pré e pós-operatório.

— Como vai, Sarita? Você não estava de saia hoje? —
Homem nunca repara em nada, só quando não deve reparar.

— Ah! Claro, mas aconteceu um acidente e eu tive que trocar.
— *Respondo completamente sem graça.*

— Você se machucou? Posso te acompanhar até ao centro de prevenção a infecções.

— Não... São coisas de mulher, entende? — *Devo estar roxa.*

— Sei como é... Quer dizer, não sei. Ou melhor...

— Já entendi, Dr. Talles. — *Acho melhor livrá-lo dessa saia justa antes que piore tudo de vez.*

Terminei o meu plantão às 19h um pouco decepcionada, pois achei que o Leônidas fosse querer tirar satisfação ou tentar me dar o troco, mas isso não aconteceu.

Encontrei com o Dr. Talles na saída do hospital e aceitei a sua carona. Ele é ruivo de olhos azuis bem claros e não é muito alto, deve ter 1m75cm ou um pouco mais. Já tinha o visto pelo hospital e sempre me pareceu um cara legal, vive sorrindo e conversando com as pessoas, até mesmo com o corpo de enfermagem, coisa rara entre os médicos, eles vivem em um meio social próprio.

O caminho foi muito divertido, Talles fala pelos cotovelos e descobri que é amigo da Dora. Tinha que ser. O falador sorridente e a tagarela desbocada.

— O que acha de sair para comer alguma coisa?

— Acho melhor não, Talles. — *Quando eu penso que estou fazendo uma amizade, o cara já quer me comer.*

— É só uma pizza ou uma churrascaria. Não estou dando em cima de você e nem vou fazer isso.

— Não?

— Sou comprometido, mas hoje estamos em plantões diferentes e eu fiquei sem companhia para comer alguma coisa. Estou morrendo de fome e você me parece que também está.

— Ok. Vamos de pizza então.

Pizza de marguerita, Coca-Cola gelada e muitas gargalhadas, assim foi a minha noite com o Talles. Ele me proibiu de chamá-lo de doutor fora do hospital.

Acabei contando que tinha me decepcionado com um cara e que esse cara só queria me usar para se satisfazer e isso já não fazia bem para mim como eu achava. Ele escutou tudo e deu vários toques sobre eu ter que me valorizar, não deixar homem nenhum me fazer de brinquedo e etc.

— Sua namorada é uma mulher de sorte. Quero conhecê-la...

— Conhecê-lo. — *Para tudo! Não escutei direito.*

— Não entendi. — *Realmente não devo ter entendido bem, estou ouvindo coisas.*

— Entendeu perfeitamente. Eu tenho um namorado... Na verdade um companheiro estável e legal. Moramos juntos há dez anos. Ele também é médico, trabalha em outra unidade do MAH e somos muito felizes.

Meu queixo está no chão, totalmente escancarado. Talles não tem o menor trejeito de homossexual, não fala de forma afeminada ou anda diferente, nem mesmo gesticula demais. Ele passaria como hétero facilmente em qualquer situação.

— Desculpe, mas é impressionante.

— Meu companheiro é urologista e acha que se assumirmos nossa relação perante a sociedade, ele vai sofrer problemas por conta de sua especialidade.

— Entendo. O homem que te falei também trabalha no hospital. É bem complicado saber que estamos tão perto o tempo todo. — *Digo sem revelar a identidade do Leônidas.*

— Tenho certeza que ele vai se arrepender de deixar uma mulher tão linda como você sozinha por aí. Logo virão outros e ele será esquecido, você é jovem e tem muita estrada pela frente ainda.

— Falou o senhor Matusalém. Ai, ai seu bobo. O problema é que eu não quero outro. Quero que ele sinta a dor de ser trocado. Dispensado, na verdade. Só não tenho ânimo para sair com outros caras.

— Precisa de um dublê. — *Talles fala sorrindo e apontando para si mesmo.*

— Um dublê?

— Sim. Podemos fingir que estamos saindo, posso cortejar você, almoçamos juntos e assim vão saber que estamos ficando. Tenho certeza que ele vai ficar louco quando souber que você está comigo e não a disposição dele. Topa ser minha ficante postiça? — *Sou obrigada a cair na gargalhada no meio da pizzeria. Já consigo imaginar a cara do meu carrasco quando souber.*

— Fechado. Ahh adorei! — *Isso está me saindo melhor do que eu imaginava.*

Treze

Por Leônidas.

— Ninfa dos infernos! — *Grito arremessando um porta-treco na parede.*

As notas estão jogadas sobre a minha mesa, eu sem camisa e com o pau completamente duro para fora da calça. Não acredito que ela fez isso comigo. É inconcebível, absurdo... Chega a ser cruel com um homem no meu estado. A porta se abre e Lorenzo sorridente passa por ela, mas seu sorriso morre e se transforma em uma cara de nojo quando percebe o meu estado deplorável.

— Cara, que nojo. Se eu não tivesse visto a Sarah sair daqui, diria que você é um tarado que se masturba no próprio consultório. — *De costas para mim ele diz.* — Guarda essa merda, por favor.

— Me lembro perfeitamente de ter comido a Débora do segundo ano enquanto você espiava pela fresta da porta. Acho que você gostou de olhar meu pau. — *Sacaneio.*

— Isso não conta, eu tinha uns quinze anos e você nem era maior de idade ainda. Nossa! De onde você tirou isso? Eu nem me lembrava mais.

— Pode virar, babaca. Já guardei. — *Vou até o lavabo, lavo as mãos enquanto ele senta e fica observando a bagunça na minha sala.*

— Para quem não se envolvia com funcionárias, você está se superando com louvor. Trepando no consultório, com o hospital a todo vapor? Quem te viu e quem te vê Dr. Leônidas Malamam.

— Antes fosse... Ela foi embora e me deixou na mão. Veio aqui, me encheu de esperança, esfregou aquela bocetinha deliciosa na minha cara, gozou e foi embora. Tem noção de como eu fiquei?

— Ah, eu vi com meus próprios olhos que a terra há de comer.

— Pois é! Filha da puta.

— Acho que ela veio se vingar pelo que você fez na sexta-feira com ela no meu escritório da Swinger's. Levando em consideração o que você me contou domingo, e foi muita coisa para digerir. Acho que ela está no direito de querer vingança, dar o troco e essas coisas de mulher com raiva.

— Vamos mudar de assunto, preciso esfriar as cabeças. — *Dou uma piscadela para ele.* — O que o cardiologista, diretor financeiro e empresário do ramo de entretenimento veio fazer na sala de um humilde médico fodido e não fodendo?

— Vou viajar com a Dora no fim de semana, vamos para uma pousada de um paciente meu em Bonito — Mato Grosso do Sul. — *Ai que inveja!*

— Não sabia que estavam tão sérios assim. Há quanto tempo estão saindo?

— Dez dias, amanhã. — *não consigo deixar de rir com a sua precisão. Rir não, gargalhar.* — Pode rir à vontade, mas eu estou bem com a minha mulher. Faço amor com ela todos os dias e quase sempre durmo agarrado nela. Já você, está aí com o saco cheio e um humor do cão.

Ok, eu mereci isso.

— Vai trabalhar Lorenzo, vai fazer jus ao seu salário. Vou fazer o mesmo e depois vou encontrar uma forma de me redimir com a Sarah e levá-la de volta para casa. Não aguento mais essa distância.

— Quer um conselho? — *Digo que não imediatamente.* — Mas vou dar assim mesmo. Dê tempo para ela esfriar a cabeça, a noite você compra umas flores, bombons ou alguma coisa que ela goste e vai até a casa dela. Conversa, explica os seus motivos e os seus medos com calma e sinceridade. O resto é com você. Se quiser seguir bem, se não se foda. Eu estarei lá curtindo minha espoleta.

Ele tem razão, é isso que eu vou fazer. O restante do dia se arrasta insuportavelmente. Não tenho cirurgia hoje e por isso não vou ao quinto andar, onde Sarah trabalha. Meus planos de sair cedo vão por água abaixo, aparece uma cirurgia de emergência e só consigo deixar o hospital às 23h. Ligo para a casa dos meus pais e aviso que vou precisar deixar Nina para dormir lá. Bento ficou responsável por deixá-la na escola antes de ir trabalhar e eu vou buscá-la.

O caminho entre a sede do MAH no Morumbi e o apartamento de Sarah na Vila Sônia é de dez minutos. Estaciono do outro lado da rua e interfono pedindo que Dora abra para eu subir.

— Oi, Leônidas! Está muito tarde para chegar à casa dos outros, não acha? — *fala de forma humorada, olhando para o relógio de pulso.*

— Eu preciso falar com a sua irmã, pode chamá-la?

— Safira está de plantão e Sarah não chegou ainda, ligou dizendo que iria comer uma pizza com um amigo. — *Ela saiu do hospital às 19hs, como assim ainda não chegou?*

— Esse amigo tem nome? — *estou puto com essa informação e não faço a menor questão de esconder.*

— Dr. Leônidas, não tenho nada a ver com o seu relacionamento com a minha irmã, mas não vou lhe passar nenhuma informação. Sim, ela está com um homem e espero que ele seja melhor do que você foi para ela. Seu irmão está ansioso me aguardando na cama, com licença. — *Bate à porta na minha cara.*

É isso mesmo? As mulheres dessa família vão usar o dia para me tirar do sério? Tudo bem! Que seja, mas, daqui eu não saio. Desço e acomodo-me no banco de couro do meu carro e espero, espero e espero. Quase uma hora da manhã um Honda Civic preto para próximo à calçada e um homem ruivo salta para abrir a porta do carona, reconheço esse sujeito... Talles Nogueira, ele é anestesista do hospital, opera comigo toda semana. Vejo quando se abraçam.

Sem perder tempo, corro até os dois e arranco Sarah de um abraço apertado demais para o meu gosto. Talles olha-me assustado e transfere o olhar para Sarah de forma interrogativa. Em resposta ela dá de ombros parecendo desculpar-se.

— Dr. Leônidas? O que é isso? Está louco? — *Olha-me tentando soltar o braço do meu aperto, mas não consegue nem mover a minha mão.* — Me solta!

— Onde você estava até essa hora e ainda por cima com outro homem? Para quem não queria ser vista como lanchinho de médico, você está virando rodízio. — *Meu sangue está fervendo nas veias, minha vontade é jogá-la no ombro e deixá-la amarrada na minha cama para sempre.*

— Tire as mãos dela Leônidas, você está ofendendo-a sem motivo. — *Quando Talles tenta se aproximar, dou uma cotovelada com toda força no seu nariz, ele coloca as duas mãos no rosto e o sangue já começa a escorrer. Não era para ter batido tão forte, mas ele me provocou em um momento que não tenho controle algum.*

— Meu Deus! Olha o que você fez? Seu idiota. — *Ela corre para socorrê-lo, pega um lenço na bolsa e limpa o sangue das mãos e do rosto do infeliz. O fato de ela estar tão preocupada com ele, me deixa ainda mais puto.* — Talles, entra no banco do carona que eu vou te levar para a emergência e iremos resolver isso. Desculpe, eu nunca devia ter te envolvido nisso. Vamos!

— Você não vai levá-lo em lugar algum. Eu vou chamar uma ambulância e você vai para casa comigo. Entra no meu carro Sarah.

— Vai para o inferno!

Chego em casa só o veneno. Parece que tomei fel com limão e sal. A desgraçada além de sair com outro homem no mesmo dia que gozou na minha boca, ainda vai toda preocupada socorrer o infeliz. Vou demitir o maldito amanhã, quero a cabeça dele em cima da minha mesa logo cedo, vou comer o fígado desse anestesiasta de merda.

Por Sarah

Não sei onde enfio a minha cara, estou morrendo de vergonha do Talles. Eu sei que devia ter contado que o tal homem era o chefe dele, o meu chefe e o todo poderoso dos hospitais Malamam, mas eu preferi deixar para lá.

Talles sai da sala do médico com um curativo no nariz e o rosto bem inchado. Até os olhos estão com hematomas devido a pancada forte demais. Leônidas destruiu o rosto dele.

— Por favor, me desculpa. Nunca pensei que ele estaria lá e muito menos que faria isso com você. Me perdoe Talles?

— Está tudo bem. Só acho que eu merecia saber que o homem em questão é o meu chefe e o dono do hospital.

— O dono é o Dr. Benício.

— Você está mal informada, cada um da família tem 20% do MAH. Ele é o filho mais velho do dono, é neurologista chefe e ainda é conhecido como Dr. Carrasco. Ele desfigurou meu rosto. — *aponta para o nariz.*

— Nem está tão mal assim, mas já ficou bem roxo. — *Leônidas fez um estrago no rosto do Talles, abaixo dos seus olhos tem manchas roxas, mesmo já colocado no lugar o nariz está extremamente inchado.*

— Pedro vai falar uma semana na minha cabeça. — *Por um momento ele parece estar realmente chateado, sinto-me culpada pelo seu estado.* — Ei! Não estou com raiva de você, estou achando

graça por saber que o excelentíssimo Dr. Carrasco caiu de quatro por uma menina como você.

— Amigos?

— Amigos? Claro que não, somos ficantes. Agora que já quebrei o nariz, vou até o fim, até o seu doutorzinho assumir que te ama.

— Talles, eu agradeço o seu apoio, mas vamos esquecer isso de uma vez por todas. Ele não me ama, nunca vai assumir nenhuma relação comigo que não seja um sexo casual e eu não quero que você quebre mais nada. Pelo amor de Deus, ninguém ama em duas semanas!

— Nenhum homem perde a cabeça daquele jeito por um sexo casual. Leônidas parecia um bicho quando me viu abraçando você. Fica tranquila, quarta-feira é nosso plantão e iremos almoçar juntos, ele vai perceber que eu estou ganhando espaço e vai tentar tê-la de volta. Pode apostar.

— Você vai trabalhar quarta-feira? Não recebeu atestado para isso aí? — *Aponto para o curativo no seu rosto.*

— Sou anestesista, não preciso fazer grande esforço. Prefiro trabalhar. Melhor que escutar o Pedro tagarelando na minha cabeça sobre os copos que eu deixo pela casa ou meu pé em cima do sofá branco.

— Posso perguntar uma coisinha? — *Minha cara nem queima por me meter na vida dos outros assim.*

— Já imagino o que seja. Eu sou ativo e ele é o passivo... Se é que você me entende. Mas dependendo podemos mudar se der vontade. Agora vamos. Vou deixar meu carro aqui e pegamos um táxi para casa.

Na terça-feira estou de folga e Safira também, Dora trabalha. Aproveitamos para arrumar a casa, dormir e assistir *The Vampire Diaries*, que eu adoro de paixão. Nem preciso dizer que eu prefiro o Damon, néh? Sempre gostei de um bad boy, bons moços não chamam a minha atenção. À noite vamos ao supermercado. Compras sempre são um caos. Três mulheres em uma casa, três TPM's, três tipos de shampoo e outras coisas mais. Cada uma dá uma parte para as compras da casa e os itens pessoais são responsabilidade de quem usar.

Chego às 06h30min da manhã ao meu setor, faço a troca de plantão e inicio o meu trabalho. Pela manhã é sempre bem movimentado para as cirurgias eletivas, é um entra e sai de gente que não para mais. Talles aparece quando estou batendo o ponto do almoço, seu rosto está esverdeado pelos hematomas.

— E aí minha peguete! Vamos almoçar? — *Sou obrigada a rir dessa cara inchada e tala no nariz piscando para mim.*

— Estou me sentindo horrível por fazer isso com você. Tem certeza que quer continuar? É sua última chance de salvar o pescoço. — *aponto com a caneta para o seu peito e levanto a sobrancelha para ele, que me puxa para um abraço apertado e carinhoso, se fosse homem eu até desconfiaria.*

— Bora garota, estou me divertindo muito com isso.

Aqui no Malamam Apart Hospital existem oito andares com a cobertura. No primeiro funcionam recepção, pronto atendimento e triagem. O segundo andar é o Centro de Tratamento de queimados e UTI. No terceiro andar funcionam maternidade e pediatria, onde eu trabalhava anteriormente. Quarto e sexto andar são consultórios de todas as especialidades e administrativo. Hoje trabalho no quinto andar, onde fica o centro cirúrgico, o pré e o pós-operatório. Os apartamentos e enfermarias ficam no sétimo andar. Para finalizar vem à cobertura, é uma área exclusiva para funcionários e colaboradores, aqui temos uma parte descoberta e gramada, o refeitório, banheiros espaçosos e um repouso com televisão e muitos estofados.

O refeitório está lotado, existe uma certa divisão imaginária aqui. Os médicos sempre ficam nas mesas do centro, normalmente comem conversando sobre pacientes ou mexendo no celular. Nós, meros mortais, usamos as mesas dos cantos, falamos um pouco alto e fofocamos sobre tudo que acontece nos corredores.

Talles escolhe uma mesa bem no meio para sentar, ficamos eu e Safira que encontramos no caminho. Logo aparecem mais uma fisioterapeuta amiga dele e o marido dela, que trabalha no administrativo. O papo está animado quando vejo Leônidas entrar pelas portas duplas de vidro, seu olhar cai imediatamente em mim e quando dá um passo determinado em nossa direção, a mão de Lorenzo o detém.

— Salvo pelo gongo. — *Talles sussurra ao meu ouvido.*

Almoçamos com uma tensão no ar. Talles acaricia meu braço por cima da mesa e consigo sentir o olhar de Leônidas queimar

minha pele. Já não sei mais se essa foi a coisa certa a fazer. A fisioterapeuta e seu marido parecem não perceber o clima que paira no ar. Quarenta minutos depois nos despedimos de todos para voltar ao trabalho. Quando estamos de saída passamos pela mesa onde estão os irmãos Malamam e seguro a minha respiração para manter a compostura.

— Dr. Talles. — *A voz feroz do meu Carrasco sai como um trovão.*

— Pois não. — *Paramos e o suicida segura minha mão esfregando o polegar com carinho, os olhos do Leônidas focam em nosso contato e depois se voltam para Talles.*

— Quero o senhor em minha sala daqui a vinte minutos.

Definitivamente eu estou me arrependendo dessa brincadeira. Se ele demitir o Talles vou morrer de remorso. Que nada de pior aconteça, por favorzinho!

Quatorze

Por Leônidas.

Acordo com uma dor infernal nas costas parece que dormi com um elefante montado em mim. Tenho uma cirurgia complicada hoje pela manhã e não posso nem sonhar em me atrasar. Chego ao hospital as 06hs para conversar com a família e o paciente, preciso que todos estejam cientes dos riscos de um procedimento invasivo no cérebro. A medicina é uma área incerta, não posso garantir que uma pessoa sairá viva da sala de cirurgia, mas dou a certeza de fazer o meu melhor e é isso que esperam de um neurologista tão conceituado.

A cirurgia dura aproximadamente cinco horas, mais do que eu previa antes de iniciar o procedimento, às vezes temos surpresas, nos exames as coisas são de uma forma e quando abrimos... Tudo muda. O paciente tinha um aneurisma na parte inferior do cérebro, conseguimos excluí-lo da circulação por meio de uma pinça metálica colocada entre ele e a artéria, impedindo que o sangue entre. Caso ele se rompa, em 1 a cada 5 casos o paciente vem a óbito. Neste caso deu tudo certo.

Horas de pé, com os olhos focados em um cérebro aberto e a tensão do momento foram o suficiente para esgotar-me. Deixo o hospital direto para a escola da minha filha, preciso compensar tudo que ela está passando com a ausência da mãe e agora da “Tisala” dela.

Almoçamos em uma churrascaria que ela adora, fomos ao parque da Mônica e só chegamos em casa depois das 18hs, meu bebê já está destruídinho. Dou banho, faço um miojo com requeijão e presunto para o jantar, sou um ótimo cozinheiro. Quando minha

princesa já está na cama algumas lembranças rodeiam a minha mente, o pequeno e curvilíneo corpo da Sarah pousado sobre a cama, tão linda! Flashes da nossa primeira transa brilham na minha memória.

Sem me dar conta, já estou buscando seu cheiro nos lençóis, procurando uma só fonte de prazer que ela possa ter deixado para aliviar o meu desejo. Não há nada, nem mesmo o cheiro da sua pele ficou aqui, oito dias entregue a sua ausência. Lembro-me de Lorenzo com a sua precisão, a minha é igual... Negativamente é claro.

Reviro gavetas, cesto de lixo, procuro roupas sujas e nada. Ela não me deixou nenhuma lembrança. Sento-me em frente ao computador e divago em sites sem sentido a procura de algo que eu sei exatamente onde está, nos braços de um ruivo a quem eu quero incendiar e observar enquanto queima. Pensar que as mãos de outro estão tocando o que é meu está me deixando quase perigoso, eu diria até mortal.

Um ícone chama minha atenção “Vídeos de Segurança”. Como não pensei nisso antes? A câmera do quarto da minha Ninfa.

Encontro uma gravação onde ela está ajoelhada na cama, a mão direita segura um mamilo e a esquerda estimula o clitóris, seu corpo faz movimentos de vai e vem. Quanto mais rápido os dedos trabalham, mais o corpo enverga para frente e quando ela chega ao orgasmo consigo ler o meu nome em seus lábios. Aciono o *repeat*, arranco minha calça rapidamente, cuspo na cabeça do meu pau e começo a me masturbar completamente afoito.

— Goza Ninfa! Esmaga o meu pau com essa bocetinha...
Argh!!!

Seguro minhas bolas com força até sentir a tensão se espalhar por todo o meu corpo, meus músculos se contraem ao máximo, travo os dentes até que um gemido grotesco surge da minha garganta e a porra quente atinge a tela do meu computador escorrendo sobre o corpo da minha Ninfa, congelo a imagem.

— Até meus espermatozoides procuram por você... Que lambança!

A quarta-feira começou agitada. Cirurgias para acompanhar, consultas desmarcadas e toneladas de problemas. Como já estava muito sumida, minha sogra resolveu dar o ar da graça, veio me comunicar que na sexta-feira levará Nina para sua casa de praia em Santos. Vai ser bom para ela, preferi manter a cordialidade e aceitar sem mais delongas.

— Eu realmente preciso ir Ana.

— Claro querido, eu entendo... Só mais uma coisinha, aquela babá promiscua ainda trabalha para você? — *Não me dei ao trabalho de disfarçar o meu desgosto com o seu tom.*

— Infelizmente não, mas assim que possível estará de volta.

— Acho que fui clara em minha última visita. — *Mulherzinha intragável.*

— Eu vou ser claro agora Ana. Meus advogados, minha família e os professores da minha filha já estão cientes do nosso impasse. Vou usar tudo que tenho e te massacrar se você pensar em tirar a

Nina de mim, coisa que já me informei ser impossível. Mesmo assim, caso insista ou coloque caraminholas da cabecinha dela, vou destruir o que sobrou do seu sobrenome e qualquer outra coisa que você preze na vida. Não tem espaço para mais uma louca no meu dia a dia, sua filha ocupou todos.

— Como você ousa falar tais coisas para sua sogra?

— Ex-sogra. A Sarah em breve será minha mulher e você terá que conviver com ela por bem ou por mal. Estou refletindo sobre doar a herança que a Silvia deixou, para você e seu marido, não foi muita coisa. Como você deve saber éramos casados em separação total de bens e ela tinha apenas as coisas que eu dei de presente, sempre gastou tudo que ganhou com roupas e sapatos.

— Seus pais deram um apartamento de presente de casamento aos DOIS. Quero esse imóvel, é o mínimo que você pode fazer por nós. Seria justo que nos desse uma ajuda de custo, não tenho mais minha filha para me ajudar e as coisas não são fáceis. — *Essa era a questão, o apartamento no Itaim Bibi e uma mesada.*

— Esse é o seu preço?

— É o meu direito de mãe. O que era da minha filha deve ser dado a mim. — *Entendo.*

— Está na minha hora, preciso almoçar. Ligo para você te dando minha resposta, mas lembre-se... A Nina é sagrada, acabo com você se tentar tirá-la de mim.

Encontro com meus irmãos e vamos almoçar. O refeitório está cheio a essa hora, não gosto de sair para ir a restaurantes e

perder tempo com deslocamento.

— Xiiii! Acho melhor buscar o tranquilizante que a fera vai surtar. — *Bento debocha olhando para o centro do grande salão. Sigo seu olhar para no fim encontrar Sarah sentada em uma mesa de destaque com o maldito Talles.*

— Eu mato esse filho da puta hoje. — *Dou um passo na direção deles, mas sou impedido por uma mão segurando meu cotovelo.*

— Léo, pensa Léo. Estamos em nosso local de trabalho, não podemos perder a razão aqui. Olha o vexame. Como vamos explicar que o cirurgião chefe dessa porra espancou o anestesista? Resolva isso com ela em outro local, não aqui.

— Ele está passando a mão nela, vou arrancar os braços desse cara sem anestesia.

— Relaxa Leônidas, ele está pegando no braço dela. Com certeza já pegou em partes bem mais legais quando estavam sozinhos. — *Olho para o Bento com toda a raiva que estou sentindo pelo Talles neste momento.* — Já entendi, estou caladinho... Não quero ficar sem a minha cabeça, adoro minha cabeça Léo.

— Ok. Vamos almoçar tranquilamente. Bento eu mesmo arranco a sua cabeça se continuar atijando ele dessa forma. — *Lorenzo às vezes me irrita com essa parcimônia.*

Não tiro os olhos deles nem um momento, meu foco fixa-se nas mãos dele que hora estão em seu braço e outra acariciando sua bochecha. A comida não tem sabor, perco totalmente a percepção do que acontece a minha volta, Lorenzo e Bento conversam e eu

não escuto nem uma palavra, só consigo prestar atenção nas risadinhas ridículas, conversas ao pé do ouvido e troca de olhares entre Sarah e o futuro defunto.

Eles se despedem das demais pessoas sentadas a mesa, que eu nem percebi que estavam lá, e caminham direção a saída que está na minha direção. Mesmo tentando passar o mais distante possível, não há outro caminho a não ser por mim, ela parece saber que estou prestes a voar em cima do cara com a cara roxa e o nariz deformado. Era para ter batido mais, devia ter fraturado a cara inteira.

— Aquilo foi resultado de uma cotovelada? Parece que bateu com um paralelepípedo na cara do sujeito. — *Se o Bento abrir a boca novamente, a cotovelada vai ser na cara dele.*

— Dr. Talles. — *Minha voz sai feroz e ameaçadora.*

— Pois não. — *Eles param de frente para mim, segura a mão direita da minha Ninfa rebelde, meu olhar foca neste contato e preciso me controlar para não fazer uso da faca que está descansando sobre o meu prato. A incisão seria perfeita nessa cara sardenta.*

— Quero o senhor em minha sala daqui a vinte minutos. Pode ir. — *Observo os dois deixarem o refeitório e Lorenzo chama minha atenção.*

— Acho melhor um de nós acompanharmos essa conversa, lembre-se que isso é um hospital Léo. Não misture as coisas, uma boceta não vale tudo que você vai perder se agredi-lo aqui dentro. O processo seria...

— Não venha me dizer o que vale ou não a pena Lo. Ele está tentando tirá-la de mim, estamos em uma fase ruim e ele aproveitou isso para ganhar terreno. E se fosse com a Dora? — *Já estou muito irritado, minha voz transmite todo o meu estado.*

— Não adianta falar com uma porta. E isso não aconteceria comigo e com a Dora, eu não expulso a mulher que trouxe felicidade para minha vida. Só idiotas como você fazem isso.

— Irmãos, parem de se digladiar. Leônidas sobe e vai conversar com o anestesista antes que ele fuja de medo. Lorenzo você tem que avaliar a mãe que está com pré-eclâmpsia na obstetrícia, ela está marcada para as 13h30min. Vamos embora cambada de Malamam! — *Já disse que vou quebrar o nariz do Bento? Esse garoto deve tomar energético no café da manhã.*

Ando de um lado para o outro, faço vários km de caminhada pela minha sala, caminhar me acalma, preciso estar calmo e sereno. Uma batida na porta arranca-me dos meus pensamentos.

— Precisa falar comigo Dr. Leônidas? — *A cabeça ruiva com a cara roxa aparece na abertura da porta.*

— Entre. — *Talles senta-se na cadeira que fica de frente para minha mesa, mantém uma postura ereta, parece tenso e um pouco amedrontado. Isso é ótimo.* — Qual o seu nível de envolvimento com a Sarah? — *vamos direto ao ponto.*

— Imaginei que esse seria o assunto. Estamos nos conhecendo melhor.

— E em que consiste o termo “nos conhecendo melhor”? — *Vou matar esse cara.*

— Não sei qual o seu interesse nisso Dr. Leônidas, não consigo enxergar nenhum. Somos adultos, livres e desimpedidos.

— Ela não é livre. Porra! — *Dou um soco na mesa e percebo que ele trava o queixo, não devo estar com a melhor das expressões.* — Ela é minha e está impedida para qualquer outro. Afaste-se dela Talles, para o seu bem, se afaste.

— Ela não me disse ser nada sua, muito pelo contrário. — *Ficando de pé ele respira fundo colocando a mão sobre o curativo do nariz.* — Eu poderia ter procurado a polícia e te processado por lesão corporal ou até mesmo tentativa de assassinato, mas vou fazer melhor por você, vou te dizer qual foi o seu erro. — *Agora eu o faço engolir os dentes, levanto-me enquanto ele continua a falar.* — Você afastou uma mulher maravilhosa por ser acomodado e ter medo de tomar posição na sua vida amorosa. Fez ela se sentir descartável, como um pedaço de carne. Não colocou em palavras o seu real problema, ou o que sentia por ela permitindo assim que a cabecinha dela criasse mil possibilidades e como toda mulher ela criou as piores possíveis.

— Você não sabe do que está falando e minha mão está coçando para terminar de quebrar a sua cara petulante.

— Esse é o seu maior defeito, sabe agir e não sabe dialogar. — *Pegando na maçaneta para ir embora, vira-se para mim e diz.* — Enquanto o doutor usa as mãos para quebrar a minha cara, eu uso as minhas para satisfazer a Sarah.

Em dois segundos estou em cima dele no meio do corredor, aperto seu pescoço com as duas mãos. Minha vontade é fazê-lo

engolir cada palavra dita, fazê-lo engolir as mãos por tocar no que é meu.

Dois seguranças tentam tirá-lo das minhas mãos sem sucesso, Talles começa a fixar roxo e meus olhos mais e mais vermelhos de ódio. Um dos seguranças tenta me imobilizar sem sucesso, estou em cólera e nada é capaz de me segurar, os dois puxam de cada lado do meu corpo e não movo um músculo.

— Por favor, Leônidas. Pelo amor de Deus, eu estou implorando que pare. — *a voz da Sarah suplica atrás de mim. Automaticamente solto o maldito que começa a tossir, alguns funcionários que estavam no andar saem para presenciar o circo.* — Não temos nada, ele nunca tocou em mim da forma como você está pensando. Juro!

— Entra na minha sala. E vocês, voltem ao trabalho. — *falo alto para os curiosos.*

Na minha sala, Sarah está com os olhos arregalados, cheios de lágrimas e a expressão assustada. Estala os dedos tentando disfarçar o nervosismo.

— Ele disse que te satisfaz. — *Quase junto nossos corpos, estou parado atrás dela. Respiro com dificuldade e o ar pesado move os fios acobreados do seu cabelo.*

— Foi para mostrar a você que... Mostrar...

— Que sou louco por você? Conseguiu! Está de parabéns. Mostrou para mim e para todos os meus funcionários que eu sou completamente desequilibrado e perigoso, quando o assunto é você.

— Não precisa se preocupar comigo, vou pedir transferência de unidade. As coisas vão voltar a ser como antes. — *Sarah ofega com a nossa proximidade, permaneço em seu encalço e ela voltada para minha mesa.*

— Vocês transaram? — *Controle-se, respira e controle-se Leônidas.*

— Não. Somos apenas amigos, ele é comprometido, só estava ajudando uma amiga idiota. Eu já disse que vou embora.

— Isso tudo foi vingança pela noite na boate? — *Ela acena com a cabeça que sim.* — Então estamos quites?

— Como eu falei, estou indo embora. Chega disso, por favor.

Quando estamos um de frente para o outro, não resisto e tomo sua boca para mim. Abro o máximo que consigo, entro completamente em seus lábios para que chupe minha língua avidamente. Com as mãos mantenho sua cabeça presa e seu quadril colado ao meu, flexiono os joelhos e esfrego minha ereção contra sua boceta, já posso sentir o calor aumentar nessa região.

— Isso tudo começou porque eu quis te mostrar como fazia com as putas. Agora vou te mostrar como fazemos amor.

Carrego Sarah até o sofá, deito sobre o seu corpo sem interromper o beijo que chega a ser doloroso, chupo sua língua com força e malícia. Ela agarra meu pescoço querendo mais contato, arranca minha camisa e eu faço o mesmo com a sua.

Mãos para todos os lados, a saudade que nossos corpos sentem um do outro é surreal. Minha Ninfa esfrega os mamilos

contra o meu peito, com movimentos firmes estímulo seu clitóris usando meu pau duro feito aço.

— O telefone. — *A merda do aparelho da minha mesa não para de tocar.* — Pode ser importante, atenda.

— Nem fodendo. Tira essa calça ou vou rasgá-la.

Fico de pé para tirar a calça enquanto ela se livra da sua, puxo a calcinha amarela de renda para o lado. Coloco Sarah de joelhos em cima do sofá, com a bunda empinada para mim. Abro as bochechas deslizando minha língua do clitóris até o seu ânus rosado que chama por mim, desenho círculos em volta do buraquinho apertado.

— Ahmmm Leônidas, que delícia.

Enfio dois dedos dentro dela fazendo movimento de gancho para estimular o seu ponto mais sensível, enquanto isso minha língua entra livre no buraquinho apertado que sei desejar-me tanto quanto eu o desejo.

— Vem amor, dentro de mim. Ahammm eu preciso tanto. — *choraminga manhosa.*

Ajoelho-me atrás dela, lambuzo meu pau com seu mel e entro com cuidado até a metade e depois enfio tudo de uma vez só. Gememos os dois, a saudade e o desejo são latentes.

— Nunca mais vai fugir de mim Ninfa. Chega de brincar de gato e rato. — *A cada palavra dita enfio meu pau com mais força dentro dela.*

— Mais, quero mais. Oh!

— Porra! Gostosa pra caralho, rebola delícia, vai!

Estamos tão perto de gozar que nossos corpos chegam a latejar. Meus movimentos são rápidos e intensos, meto com tanta força que produzimos um barulho alto e molhado com a penetração.

Enrolo seu rabo de cavalo em meu pulso fazendo um cabresto enquanto sinto-a gozar gemendo no meu pau, completamente descontrolada, aproveito o momento e forço a entrada no cuzinho rosado e apertado.

— Aaaah!!!

— Isso, me deixa gozar nesse cu. Oh!

Enquanto gozo e vou para outra dimensão, ouço alguém esmurrar a minha porta. O hospital está pegando fogo? Só pode.

— Leônidas? Abre essa porta imediatamente. — *Putá merda! Meu pai.*

— Só um minuto, já estou indo. — *Grito para que me escutem.*
— Vista-se Sarah, vou te apresentar ao meu pai.

— Não. Pelo amor de Deus, ele já deve saber que estávamos transando. Prefiro pular dessa janela.

Nos vestimos rapidamente, tropeçando nas roupas e catando a peças jogas pela sala, arrumo as almofadas. Sarah tenta desesperadamente acertar o cabelo, que continua com cara de quem acabou de ser puxado. Pego sua mão a força caminho em direção à porta.

— Ai que vergonha.

— Agora relaxe, se aproveitou de mim vai ter que casar.

Quinze

Por Sarah.

Isso não está acontecendo, isso não está acontecendo... Está e eu estou mais que fodida. Eu poderia até dizer fodida e mal paga, mas ele me pagou duzentos reais. Começo a fazer um cálculo mental, enquanto me visto, de quanto uma garota de programa ganharia por semana, ou por dia... Talvez ganhe mais em um dia do que eu ganho em um mês. Não sei de onde tiro essas coisas.

Segurando minha mão com muita força, ele praticamente arrasta-me para a porta.

— Ai que vergonha. — *Pular do quarto andar nem chegaria a me matar, seria a opção mais viável.*

— Agora relaxe, se aproveitou de mim vai ter que casar. — *Arregalo os olhos, completamente atônita com suas palavras. Leônidas não se afeta e simplesmente abre a porta, como se tivesse comentado sobre o tempo.*

Em dez segundos entram cinco pessoas na sala, o clã Malamam está em peso diante de mim e para completar a festa... Talles com o seu nariz quebrado e agora a marca das mãos de Leônidas em seu pescoço.

— Vocês têm consciência que as paredes destas salas são de drywall? — *Pela primeira vez na vida escuto doutor Benício, dono do hospital, falar de tão perto. Eu e Leônidas nos olhamos sem*

entender o que isso tem a ver conosco. — Vou demonstrar. — Agora pulo da janela com todo prazer. O pai dele vai até o sofá e bate com o joelho no móvel fazendo-o se chocar com a parede, este gesto causa sons altos na parede de gesso. Entendi. Ai que vergonha, meu Deus!

— É... Pai...

— Não tenho nada com a vida sexual de vocês, mas eu fui chamado para impedir o meu filho de matar um funcionário e quando chego aqui... Pude ouvir vocês do hall dos elevadores que fica ao final do corredor. Tem ideia do quão errado é isso? Leônidas eu esperava mais de você.

— Papai esperava duas enfermeiras ao invés de uma. — *Bento fala rindo e é repreendido pela Dra. Magda.*

— Devo lembrar quem já respondeu três processos de paternidade por parte de funcionárias?

— Negativo em todos, eu encapo meu brinquedo antes de usar.

— Ok. Vamos ao que interessa e cale a boca Bento. O Dr. Talles se recusou a dizer por que vocês brigaram. Comece a falar Leônidas, estamos ansiosos para entender o dia de hoje.

Ainda estamos de mãos dadas, estou suando e tremendo feito vara verde. Maldita hora que eu comecei com esse plano de gênio. Talles permanece tranquilo como se nada estivesse acontecendo, ele deve estar me odiando, o coloquei na pior das enrascadas do planeta.

— Como todos já sabem, eu e a Sarah nos envolvemos um tempo depois que ela foi trabalhar na minha casa. — *Sabem? Todos sabem?* — Nós tivemos um desentendimento e ela voltou a trabalhar aqui. — *Desentendimento?* — Fiz uma coisa que a magoou muito e como punição ela fingiu estar saindo com esse aí.

— Resumindo vocês estavam resolvendo os seus problemas pessoais no meio do corredor do hospital e depois o casal veio fazer as pazes em pleno consultório. Benício, isso é culpa sua que vive passando a mão na cabeça das crianças.

— Eu sou compreensivo só isso. Mas vamos lá, vocês estão em um relacionamento? No mínimo estavam se relacionado antes de entrarmos aqui. — *Isso era para ser divertido? Estou tão travada que não há a menor chance de sair uma risada do meu rosto.*

— Pai você está constrangendo a Sarah. Aproveitando a presença de todos, vou anunciar de uma vez. — *Alguém cala a boca desse sujeito.* — Eu e a Sarah estamos namorando sério e ela vai voltar para a minha casa. Assim que a morte da Silvia deixar de ser assunto, iremos nos casar. — *Chama o rabecão porque eu já morri. Vermelha? Imagina, eu estou bordô com listrinhas.*

Cri... Cri... Cri... Só os grilos, nem um piu na sala, apenas olhos arregalados e bocas abertas. Além de ser pega praticamente com a boca na botija, ou aquilo na botija, Leônidas me faz ficar ainda mais exposta para todos os julgamentos e sermões que estão por vir. Já consigo prever o show de horrores que isso será.

— Léo isso é maravilhoso, não poderia ter notícia melhor. Deixe-me adivinhar... Tem um Malamam a caminho? — *Creio em*

Deus pai! Sai pra lá.

— Não mãe a Sarah ainda não está grávida.

— Ainda? — *Quase gritei com ele. Que isso gente? Até ontem esse homem fugia de mim igual o diabo da cruz.*

— Ainda. Nina vai ficar muito feliz em ter um irmãozinho, eu vou amar ter mais filhos. — *Filhos? no plural?* — É a ordem natural das coisas, namoro, noivado, casamento e filhos.

— Então estamos namorando?

— Léo você esqueceu-se de avisar a sua namorada sobre o novo status dela. Sarah cunhadinha, quase não nos falamos e tenho que dizer. Você é muito gata. Se ele não der conta pode me procurar. — *diz Bento piscando para mim.*

— O papo está ótimo, mas temos outro assunto para resolver. Acredito que você tem uma retratação a fazer com o Dr. Talles. Sua atitude foi deplorável Leônidas e espero que isso seja resolvido agora. — *Dr. Benício brinca, mas quando fala grosso todos os Malamam abaixam as orelhas.*

— Talles... Bem, eu agi de forma antiética com você, mas venhamos e convenhamos que fui provocado. Vou arcar com os custos médicos pelos danos ao seu rosto e se precisar fazer uma cirurgia plástica. Se desejar, emito uma nota no boletim do hospital com um pedido público de desculpas. A única coisa que vou pedir, é que nunca mais ponha as mãos na minha mulher, isso é crucial para que não tenhamos novos problemas.

— Sem problemas Dr. Leônidas. Fiz o que fiz por amizade a Sarah, somos apenas bons amigos e eu sou comprometido... Muito bem comprometido, tenha certeza. Não há necessidade de nenhum pedido público de desculpas, estou satisfeito em ter aberto os seus olhos para a linda mulher que estava perdendo. Quero vê-la feliz.

— Engula o linda Talles. E pode deixar que me encarregarei de fazê-la feliz. — *Sou obrigada a sorrir.*

— Sarah.

— Oi Dra. Magda.

— Não tem nada a dizer sobre isso? Está calada e com cara de passarinho que caiu do ninho. — *Apenas sorrio. Não sei o que dizer.* — Não se assuste com isso, sei que parece demais à primeira vista. Somos italianos e resolvemos tudo em família, normalmente ao redor de uma mesa com muita comida, mas hoje não foi possível. Esse fim de semana nem Lorenzo e nem Nina vão estar presentes, mas no próximo quero você em um almoço lá em casa.

— Dora também vai. Vou apresentá-la a família. — *Finalmente Lorenzo abriu a boca, e deixa um sorrisinho escapar.*

— Ela vai sim. — *Dou um olhar matador para Leônidas por responder as coisas por mim.*

— Vai ser um prazer almoçar com vocês.

Já estou deixando o meu plantão e minhas pernas ainda tremem, meu coração tem um friozinho interno e sinto-me aérea. Não é fácil conhecer a família do namorado, muito menos quando todos sabem que vocês acabaram de transar no ambiente de

trabalho. Devo admitir, achei que seria pior do que realmente foi esse encontro.

O pai do Leônidas é uma figura, muito carinhoso com a esposa e os filhos. A mãe é mais contida e tem o pulso mais firme com eles, mas é uma mulher incrível, já tive a oportunidade de trabalhar com ela e adorei. Não conto com Lorenzo porque já o conhecia, ele dorme mais na minha casa do que na dele ultimamente. Agora o Bento, esse sim é uma figura, a cara dele denuncia que não presta.

No fim das contas foi tudo ótimo, na medida do possível... Eu imaginei que iriam nos repreender e me subjugar por ser de uma classe inferior, achei que me colocariam para fora da sala ou que seria demitida. Bom, nada disso aconteceu e estou satisfeita com o rumo das coisas.

O que dizer do pedido de namoro? Não teve um, a bem da verdade é que fui intimada a namorar com ele. Minha vontade foi negar na frente de todos e deixá-lo com cara de taxo, mas ele é tão lindo e gostoso que preferi curtir o momento, mesmo sabendo que logo teremos que conversar sobre tudo isso. Primeiro o homem me enxota da sua casa e em menos de duas semanas depois vem dizer que sou sua namorada e irei voltar a trabalhar na sua casa? Comigo não violão, essa conversa vai ter que existir.

— Já está pronta? — *Assusto-me com a voz de Leônidas atrás de mim.*

— Você não pode entrar aqui, esse é o descanso de enfermagem. Poderia ter alguém sem roupa aqui.

— Me informaram que você estava aqui sozinha, por isso entrei. Não seria nada mal se estivesse nua, eu iria adorar essa surpresa deliciosa. Podemos ir, minha namorada?

— Para onde vamos?

— À casa dos meus pais, buscar a Nina. Precisamos ir ao seu apartamento pegar as suas coisas também.

— Eu não vou para sua casa Leônidas, prefiro continuar trabalhando aqui. Não quero ser expulsa outra vez, quando sua sogra aparecer. Vamos manter como está. — *Ele respira fundo tomando um pouco de paciência e pega minha mão, caminhamos até a cama que fica encostada na parede.*

— Ninfa, eu preciso de você. A Nina não está bem, ela sente a sua falta e está sofrendo por ficar longe, ela não entende o nosso mundo ainda. Eu não vou expulsá-la da minha casa nunca mais, não devia ter feito da outra vez e me arrependo muito.

— Você me quer de volta pela Nina? — *Não acredito que pensei ser pelo que tínhamos. Desvio o olhar escondendo o sentimento de decepção.*

— Essa cabecinha só pensa merda, não é? — *Diz batendo com a ponta do indicador na minha testa.* — Eu... Eu e somente eu quero você de volta na minha vida, quero ser o seu homem e não aceito não como resposta. Minha filha também se apaixonou por você e sente a sua falta tanto quanto eu. Só que realmente estou preocupado com ela, a psicóloga da escola disse que não seria bom ela perder mais nada. — *Leônidas esfrega as minhas coxas por cima da calça preta que coloquei agora.* — Ela sempre foi quietinha

e tímida, mas ela está triste, realmente triste pela sua partida. Precisamos de você.

— Talvez seja melhor eu continuar aqui e manter mais contato com ela... — *sou interrompida por ele.*

— Vamos fazer assim. Hoje você vai para minha casa, sexta-feira iremos com Lorenzo e Dora para Bonito no Mato Grosso do Sul. Faremos um programa de casal normal, não teremos intromissão de ninguém e quando voltarmos você decide o que quer fazer. Se depois de passar esses três dias comigo como seu namorado, se você quiser continuar morando no seu apartamento e trabalhando aqui, tudo bem.

— Não acha que seria adequado me perguntar antes de decidir as coisas?

— Não, eu não acho. Vem aqui!

Sou içada para o seu colo, iniciamos um beijo gostoso, cheio de carinho e aconchego. Aos poucos, meu corpo vai caindo sobre a cama, o seu acomoda-se em mim e continuamos uma dança sensual com nossas línguas. A coxa musculosa pressiona o meio das minhas pernas intensificando as sensações que percorrem o meu corpo.

— Gostosa. — *Diz mordendo meu queixo.*

Leônidas morde o meu pescoço, lambe toda extensão da minha mandíbula e chupa minhas orelhas. Está tudo tão gostoso, sinto-me uma debutante dando uns esfregas no namorado em pleno sofá de casa... Mas é delicioso. Três batidas na porta fazem-me

saltar, imediatamente Leônidas senta e cruza as pernas para esconder o volume extra.

— Sarita, meu amor. — *Talles fala animado após colocar a cabeça para dentro da porta. Sem perceber a presença de Leônidas, ele continua.* — Você vai para casa comigo ou seu Ogro particular vai te levar pelos cabelos?

— Com o ogro. Aliás... Quem é Sarita? Trate-a pelo nome, Sarah para você. — *Abrindo completamente a porta, meu ogro para ao meu lado e fita o Talles com seus olhos azuis matadores.*

Eu devo ter me enxugado no Santo Sudário, só pode. Tenho tendência a me meter em enrascada. Ficamos eu e Talles no silêncio do século, um olhando para o outro esperando uma tábua de salvação chegar do além, mas não chega nada... Ou melhor, chega a boca grande do Talles.

— Dr. Leônidas! Você por aqui. Atrapalho alguma coisa entre o mais novo casal? — *Pergunta simpático terminando de entrar na sala minúscula e fecha a porta. Rapidamente dá uma olhada para a mala que meu ogro ostenta entre as pernas e tenta disfarçar, mas já é tarde.*

— Não atrapalha nada. Meu pau é deste tamanho mole mesmo...

— Leônidas! — *repreendo-o.*

— Leônidas? O cara estava empoleirado em você dia e noite. Finge, para me irritar, ser seu novo caso e eu tenho que ser paciente? Sarah você reclamou que eu entrei aqui, mas ele pode entrar? Porra! Só pode ser castigo... Eu já fui castigado que chega,

ok? Errei? Beleza, mas aprendi a lição à duras penas e preciso ser perdoado. Não vou admitir esse cara cheio de mimimi para cima da minha mulher, ou teremos problemas.

— Leônidas...

— Não Sarah. Olha só, não vou aceitar essa história de amizade com homem. Ele pode ser seu amigo, legal, eu entendo que tenha amigos, mas o cara entra na sua sala de descanso te chamando de Sarita? Esse local é exclusivo para mulheres, você poderia estar nua. Ele tem um pau sabia? — *Descontrole é a palavra de ordem, as veias do pescoço do meu carrasco saltam livremente.*

— Vamos colocar as cartas na mesa e acabar com essa palhaçada. — *Não entendo aonde Talles quer chegar com isso. Ou melhor, entendo, mas não acredito.* — Leônidas Carrasco Malamam, sim eu tenho um pau e sou homem... Um homem que não tem nenhum interesse sexual no sexo oposto, muito menos na sua namorada, que é minha amiga. Eu sou casado há dez anos com Pedro e somos muito felizes, nunca traí meu relacionamento e jamais trairia minha amizade com a Sarah.

A cara do Leônidas é impagável, com os olhos estatelados e a boca aberta ele tenta assimilar as palavras ditas por Talles. Olha para mim buscando confirmação e apenas balanço a cabeça positivamente, não preciso dizer mais nada já que tudo foi dito.

— Você dá ou come? — *Oi, oi, oi... Esse homem não tem freio na língua?*

— Meu Deus Leônidas, chega!

— Tudo bem Sarah, isso é normal, a diferença é que as pessoas normais são mais delicadas ao perguntar certas coisas. — *Voltando-se para o meu namorado ele responde.* — Depende. Faz diferença para você?

— Claro que faz. Quem come, come qualquer coisa. — *Sério, ele acha que essa discussão é normal. Que todo mundo tem no balcão da padaria.*

— Você me comeria Leônidas? — *Apertando o braço em torno da minha cintura, ele quase grita a resposta.*

— NÃO!!!! Claro que não, eu gosto de mulher.

— Então sua pergunta está respondida, quem come não come qualquer coisa, eu gosto de homens. — *Deixando Leônidas sem palavras mais uma vez, Talles planta um beijo em minha testa e vira-se para sair.* — Beijo Sarita, já que você tem carona, eu vou embora. Pedro cismou de fazer caranguejo e tenho que limpar aquela bosta.

Eu acho que os meus problemas com a amizade do Talles terminaram, pela cara que Leônidas está ostentando eu poderia dizer que está soltando fogos pela novidade.

— Depois dessa, vamos buscar a Nina e caçar o rumo de casa. Preciso matar a saudade da minha Ninfa deliciosa.

Dezesseis

Por Sarah.

A reação da Nina ao me ver foi emocionante, assim que se deu conta da minha presença, correu agarrando minhas pernas, e plantando beijos nas minhas coxas. Leônidas não disse nada, apenas observou nosso momento de interação tão íntimo, transferiu o peso de uma perna para a outra e continuou a contemplar-nos.

Passamos em meu apartamento para pegar algumas coisas. Vila Sônia tem a melhor pizza de São Paulo, pegamos uma para viagem, para comermos nós três juntos, assistindo desenho animado no sofá até que a pequena dormisse. Enquanto ele levava Nina para o quarto, aproveitei para tomar um banho.

— O que faz aqui? — Pergunta encostado na pia observando-me tirar a roupa.

— Vou tomar banho, preciso de um urgente.

— Notei que vai tomar banho. Quero saber o porquê está aqui e não em nosso quarto. — *Nosso quarto. Ele não disse meu quarto ou no outro quarto. Disse nosso.*

— Não te entendo. Sinceramente estou perdida, não sei o que mudou ou qual o motivo de você ter decidido seguir por esse caminho.

— Ficar nua na minha frente não é a melhor forma de iniciar uma conversa, mas eu realmente quero conversar, Sarah. Vou para o nosso quarto, tomarei uma ducha e te espero na cama. — *Vira-se para sair, mas volta.* — Esteja vestida.

Tomo um banho demorado, lavo os cabelos, esfrego os pés e hidrato meu corpo. Visto um roupão que fica dentro da segunda gaveta do armário em baixo da pia. Chego ao quarto e ele está sentado em uma poltrona próxima à janela, os pés descalços, uma calça de moletom vinho e camisa branca de algodão. Sento-me na cama de frente para ele.

— Quando minha ex-sogra ameaçou pedir a guarda da Nina, caso eu estivesse com você, me acovardei. Tive medo que todo o circo de horrores da festa me prejudicasse em uma batalha pela minha filha. Acabei trocando os pés pelas mãos e pedi que voltasse para o hospital, não queria que fosse embora daquela forma, mas você tomou as coisas como um insulto e eu não esclareci os fatos, como deveria ter feito. — *Com os cotovelos apoiados em cada joelho e os olhos vidrados em mim, ele continua.*

— A semana que passamos separados foi destruidora para mim, senti falta de tudo e não só do sexo. Até mesmo suas calcinhas eu procurei no cesto, — *Ele sorri* — mas não encontrei nada seu. Nem mesmo o cheiro ou fios de cabelo ficaram para trás.

— Você me expulsou depois de usar o meu corpo a seu bel prazer. Passamos o fim de semana como dois amantes e depois fui jogada para fora da sua vida. Em nenhum momento pensou nisso. — *Digo muito magoada.*

— Ok. Eu deveria ter colocado o meu ponto antes de pedir que fosse embora, mas não consegui pensar direito. A Ana veio aqui pedir, ou melhor, ela veio exigir que eu desse a ela as joias que foram da Silvia. Minha falecida esposa era louca por joias e relógios de luxo, não bastava ser ouro ou pedras preciosas, mas todas

tinham que ser de marcas muito famosas ou assinadas por designers de sucesso.

— Não estou entendendo.

— O que ela quer é um motivo para me forçar a entregar essas joias a ela. Como não tem acesso à herança da filha, ela pretende conseguir através da neta. Antes de ir almoçar e esganar o seu amigo, Ana foi me procurar e mostrou mais um pouco das suas garras.

— Então me dispensou para não entregar as joias?

— Não. Eu só queria evitar uma batalha judicial, a exposição para a mídia, que ainda não esqueceu a cena feita pela Silvia no dia que se matou. Já imaginou o que diriam se soubessem do nosso envolvimento? Com toda certeza você seria vista como o pivô do suicídio, seria a enfermeira que roubou o marido de uma excelente mãe de família. Seus pais são do interior, pense em como eles veriam isso. Minha família sabe a verdade, mas depois que a imprensa marrom coloca uma coisa como real... Ela se torna tão real quanto a verdade.

Ele tem toda razão, por mais que eu não queira admitir. Conversamos noite a dentro, já passava das 3h quando demos o assunto por encerrado. Essa noite não fizemos nada, apenas dormimos, eu de bruços e ele com uma das pernas sobre a minha bunda e uma das mãos em concha sobre o meu seio esquerdo.

A manhã de quinta-feira foi bem... familiar, eu diria. Acordamos cedo, tomamos banho juntos e não teve jeito, transamos do nosso modo, forte e bruto contra os azulejos. Arrumei Nina e organizei seu

material, o lanche e uma muda de roupa sobressalente. Descemos para o café com a mesa já posta por Quinha que me olhava com um ar animado. Conversei um pouco com ela e me surpreendi quando falou que já tinha percebido algo diferente entre nós.

Deixamos Nina na escola com outra atmosfera, ela está animada, sorrindo e realmente parece feliz.

— Sarah!

— Oi Micheli! Quanto tempo, não é?

— Mais do que eu gostaria. Nossa princesa estava sentindo muito a sua falta, sempre fala de você e se abateu muito com a sua saída. Está de volta? — *Antes que eu abrisse a minha boca, Leônidas se adianta.*

— Ela está totalmente de volta, sem chance de partida. Vamos nos casar. — *E o filtro entre o cérebro dele e a boca ainda não está funcionando.*

— Leônidas...

— O quê?

— Fica tranquila Sarah. Já estou ciente dos problemas que envolvem vocês, esse é um segredo nosso. — *Diz piscando para mim.*

— Segredo? Eu já contei umas dez pessoas sabendo disso. Esse aqui não tem freio na língua. Deus me livre!

Fico no meu apartamento, estou de folga e vou aproveitar para arrumar as malas do fim de semana. Ainda preciso contar tudo para minhas irmãs e organizar minha mudança para a casa dele...

Isso mesmo, ontem fui obrigada a prometer que me mudaria para lá de mala e cuia, não bastam as poucas coisas que peguei ontem, ele quer que leve tudo. Para os demais eu sou a babá que mora no serviço, para nossas famílias estamos morando juntos oficialmente e logo iremos nos casar. Esse logo é que são elas, pode ser seis meses, um ano, dois... Vamos deixar o barco correr.

— Mana você tem certeza que isso vai dar certo? Vocês mal se conhecem e ele acabou de ficar viúvo, tem uma filha e é seu chefe. Eu não acho que esteja fazendo certo. Não ficaram juntos nem uma semana, se conhecem a menos de dois meses. Sinceramente, isso é loucura da sua parte. — Safira tenta me alertar.

— Eu gosto muito dele, acho que nunca gostei de ninguém assim. Quero tentar, se não der certo eu volto para casa e fim da história.

— Você está certa. Vai ser feliz Sarah, segue o seu coração e se joga de cabeça. Qualquer coisa, estamos aqui e sempre podemos cortar os ovos dele. — *Não tem como não rir com essa garota.* — Mudando de pau para cavaco. Vocês vão para Bonito com a gente? Nossa fiquei muito animada. Isso vai ser demais, só falta Safira. — *Olhamos as duas para Sá que está sonsando no celular.*

— Nem adianta. Essa não é a minha praia. Além do mais, estou correndo de Malamam na minha vida.

Corro para buscar minha princesa que está com os olhos vidrados no portão esperando que eu aparecesse. Não há nada

mais gostoso do que o abraço de uma criança que te ama. Augusto nos leva direto para casa enquanto conversamos no banco de trás.

O almoço já estava pronto, essa mocinha tem loucura por carne moída com batatinha e cenoura. Descansamos, brincamos e aproveitei para adiantar o dever de casa dela, Nina já sabe as cores, números até dez e algumas vogais.

As 7h os empregados vão embora, ficamos eu e Nina comendo cereal no sofá e assistindo Princesinha Sophia. Já está tarde e não recebi nenhuma ligação do Leônidas avisando sobre atrasar. Já estou na cama quando ele entra no quarto, prefiro fingir que estou dormindo, deixo que tome banho e deite-se na cama comigo sem falar nada.

— Sei que está acordada, miss emburradinha. Não vai perguntar onde estive? — *Não respondo nada.* — Vou dizer mesmo assim. Adiantei ao máximo o meu trabalho para não precisar ir amanhã. Sairemos daqui às 7h, após deixar Nina na escola iremos direto para o aeroporto.

— Poderia ao menos ter ligado. Mandado uma mensagem, batido um tambor ou sei lá.

— Você também poderia ter me ligado, poderia ter ligado para o hospital ou para um dos meus irmãos para saber de mim.

— E fazer papel de mulher ciumenta e insegura? — *Permaneço de costas, mas a cada momento ele está mais próximo.*

— Não, insegura não. Fazer papel de mulher zelosa, eu poderia ter morrido, batido de carro, levado um tiro e você estaria aí achando que esqueci de ligar. — *Viro-me para xingá-lo, mas não*

tenho tempo. Ele me beija e assalta minha boca com ânsia. Delicioso!

Nossa! É muito bom beijar debaixo das cobertas, receber um carinho gostoso sem pressa de terminar e ter a noite inteira para fazer amor nos mínimos detalhes, tirando peça por peça, beijando cada parte do corpo. Sinto-me entregue e sem qualquer barreira.

Nos amamos antes de dormir e ao acordar. Já estou no chuveiro com ele fazendo xixi no ralo ao meu lado, intimidade é foda.

— Você deveria fazer isso no vaso, seu porquinho.

— Faço xixi no banho, economiza água e tempo. Pode fazer também, eu deixo. Sou ecologicamente consciente.

— Não vou fazer isso na sua frente. Você é ecologicamente cara de pau, isso sim.

— Esse é o primeiro passo para um casamento. Fazemos xixi um na frente do outro, esprememos espinhas, eu posso depilar onde você não alcança. E por aí vai... Coisas da vida a dois. — *É muito descarado mesmo.*

— Eca Leônidas!

— Diz isso agora, daqui a uns cinco anos nem vai se lembrar dessa conversa. Falando sério agora, adianta porque temos que ir. Nosso voo sai às 9h.

Dezessete

Por Sarah.

Sexta-feira 21 de fevereiro de 2014.

Minhas mãos soam e tremem constantemente, acho que vou ter um treco assim que esse troço decolar. Imaginei que iríamos em um voo comercial com mais duzentas pessoas para dividir o meu desespero. Meio que “se eu morrer, não morro sozinha”. Parece um pensamento egoísta, mas eu pensei assim. Leônidas e Lorenzo fretaram um pequeno avião com um piloto e um copiloto, eu acho. Enfim, são dois caras vestidos de branco e usando Ray-ban de lentes marrons.

O motor já está ligado e o piloto diz coisas completamente desconhecidas para mim, ele fala ao rádio e aguarda autorização para decolar. Leônidas acaricia minha coxa dando-me conforto, mas isso é impossível neste momento, estou em pânico com essa viagem. Nem mesmo quando mudei do Espírito Santo para São Paulo viajei de avião, eu usei um ônibus como todo mundo. Até porque a passagem é cara e eu não podia esbanjar.

— Você está tremendo, parece que vai ser abatida para a ceia.

— *Beija minha bochecha e cheira o meu cabelo enquanto fala.*

— Estou apavorada. Não dá para ir de ônibus ou de carro?

— Perderíamos muitas horas de viagem e aqui faremos umas duas horas, talvez um pouco mais.

Dei-me por vencida, não adianta tentar evitar o inevitável. Viajar com a Dora é só para os fortes, minha irmã fala mais do que puta na chuva, o pior é que Lorenzo dá corda e fica olhando para ela com cara de homem apaixonado. Preferi ficar calada, troquei

alguns beijos com o meu carrasco e em nenhum momento soltei sua mão. A pior parte foi para pousar essa coisa, não tinha certeza se era normal tremer tanto ou se o tranco na coluna foi só comigo, mas graças a Deus estamos em terra firme.

Uma grande caminhonete prata já estava alugada em nome de Lorenzo, colocamos as malas na carroceria e seguimos viagem para o centro da cidade de Bonito. Ninguém lembrou de trazer repelente e Leônidas queria conhecer o Centro antes de seguir para o Eco Resort.

— Parece uma cidade fantasma. Achei que veríamos turistas por todos os lados Lo. — *Dora comenta, pendurada no pescoço do Lorenzo, parecem aqueles ursinhos “agarradinho”, que ficam um grudado ao outro por velcro. Melosos que faz nojo.*

— A cidade é muito movimentada durante a noite, no período do dia os turistas estão fazendo passeios e trilhas ecológicas. Muitas lojas só abrem depois do almoço ou até mais tarde. — Lorenzo explica.

No meio da praça existe uma escultura enorme de dois peixes em uma poça de água que representa um lago ou um rio, o peixe da direita parece estar mergulhando e o da esquerda parece saltar para fora da água. São enormes, muito maiores do que uma pessoa. Tem alguns jatos de água que deixam a visão incrível.

Depois de comprar o que precisávamos seguimos em uma estrada de chão por uns 20 km, a paisagem é bucólica e tomada por verde e muitas aves. Ainda bem que estamos em uma 4x4.

Minha cidade também é voltada para o turismo, mas não é algo tão grandioso como aqui. Em Bonito tudo gira em torno do turismo e do meio ambiente, não há lixo nas ruas e tudo tem placas ou alguém para te informar prontamente.

A pousada na verdade é uma grande fazenda, onde existem vários rios e lagos de águas cristalinas, muitas aves e outros animais silvestres. Passamos por um imenso portão onde se lê *Eco Resort Mosquem*, a placa é talhada em madeira e duas araras também em madeira a sustentam. Um grande casarão colonial destaca-se em meio à paisagem de floresta, ao fundo ficando poucos metros da margem de um rio posso contar dez chalés de tijolinhos com flores e pedras ao redor.

— Bebê!!!! Adorei, simplesmente maravilhoso. Putz grila, nem acredito que vamos ficar em um chalé. — *Putz grila é um termo que só minha irmã usa no mundo todo.*

— A não pô! Bebê Lorenzo? Que gut-gut. — *Leônidas nunca iria perder isso.*

— Cuidado hein, temos três dias para eu pegar alguma coisa sua e da sua... Ninfa? É isso néh?

— Ok idiota. Vamos lá, já são mais de 11h e estou morrendo de fome, quero provar a carne de jacaré.

— Sério? Tem isso aqui?

— Tem sim Ninfa, vamos comer daqui a pouco, no almoço.

Seguimos para a casa grande e somos recebidos por um senhor de uns cinquenta e poucos anos, ele veste uma bermuda e

camisa regata. Com toda paciência do mundo o senhor nos mostra todas as opções de lazer da pousada e explica como funcionam os passeios do eco turismo. Deixamos agendado para as 14h uma visita a Gruta do Lago Azul, segundo o senhor, neste local foi gravada cenas da novela Alma Gêmea.

Antes do almoço decidimos ir para os nossos chalés deixar as malas e tomar um banho, é claro que já consigo sentir as segundas intenções do meu namorado com essa história de tomar banho, sendo que saímos de casa há umas 3h. Lorenzo não fica atrás e sai rebocando a Dora.

O chalé fica um pouco elevado, para chegar a ele há uma escada com menos de dez degraus Tudo é em madeira, vidro ou tijolinhos em barro. Assim que deslizamos a porta de correr fico maravilhada com a sofisticação minimalista do espaço, mesmo sendo pequeno e simples o local é... Magnífico.

Uma imensa cama com lençóis brancos, dois criados mudos e sobre um deles o aparelho de telefone, cômoda com abajur e espelho. Nada mais, isso mesmo, não há mais nada dentro do chalé. Ah claro... Vejo uma porta onde tem um banheiro e também tem cortina nas janelas. Perfeito!

— Gostei do lugar.

— Eu amei, parece perfeito. Só espero que a água seja quente ou iremos à cidade comprar um mergulhão. — Digo rindo de mim mesma.

— Mergulhão. Alguém ainda usa isso? Estou me sentindo bem mais jovem agora, minha Ninfa usa mergulhão. — *Caio na*

gargalhada.

— Caso você não saiba Pedra Azul é um local muito frio e quando eu era criança nós não tínhamos chuveiro elétrico e eu usava o mergulhão ou o fogão mesmo. Nem todo mundo cresce em uma mansão no Morumbi Dr. Leônidas. — *Finjo estar ofendida, mas acabo rindo da cara de culpado que ele faz para mim.*

— Você é uma pivete às vezes. — *Deixa as malas ao lado da porta e vem abraçando-me e caminhando para o banheiro.* — Vamos ser mais rápidos se tomarmos banho juntos. Assim aproveito para aliviar minhas bolas que estão em brasa desde que você ficou toda quietinha dentro do avião, vou ajudá-la a relaxar o stress. — *Sei!*

Entramos no chuveiro, que graças aos céus é quente, ficamos lavando um o corpo do outro e conversando sobre a beleza incontestável do local. Viro-me para pegar o condicionador, mas paro sentindo Leônidas abrir minhas nádegas e lambe calmamente em volta do meu ânus, ofego com as sensações que isso traz ao meu corpo. Rapidamente desligo o chuveiro, não é consciência ambiental e sim medo que ele pare por estar se afogando lá em baixo. Abro as pernas até que encostem nos limites do box, encosto os seios no azulejo frio empinando ao máximo a minha bunda.

— Ninfa, você está cada dia mais safada.

— Continua. — *Mas que droga! Parou quando estava tão bom.*

Meus grandes lábios são abertos pelos polegares avantajados de Leônidas, a ponta da língua faz pequenos círculos estimulando o ponto inchado com o prazer que ele está dando a mim. Ainda com

os seios apoiados no azulejo, uso as duas mãos para separar cada banda da minha bunda que o impede de chegar mais perto. Preciso dele mais e mais próximo.

— Espera. — *Afasto seu rosto e viro-me de frente para ele, apoio um pé na quina do box e o outro mantenho-me de pé. Tremendo, mas de pé.*

— Não falei que está virando uma safada. — *Brinca e volta a me chupar, desta vez com maior acesso ao meu corpo. Seus dedos entram em minha vulva movendo-se rapidamente, a língua trabalha incansável. Meus quadris ganham vida em busca de mais contato com sua boca, assim é bem melhor.*

Mal termino de gozar e ele já está forçando meu corpo para baixo e enfiando o pau em minha boca, a princípio embolo-me e engasgo com o seu comprimento, mas logo tomo o controle da situação. Dando prazer ao meu homem até que ele derreta em minha garganta, posso sentir seu corpo perder o equilíbrio e colocar as mãos na parede.

Visto uma calça de academia preta, top do mesmo material e por cima uma regata rosa e tênis. Como iremos fazer uma trilha achei melhor esconder as pernas dos mosquitos e estar confortável. Leônidas vestiu uma calça de tãctel cinza e regata branca com vários furinhos e tênis. Também nos equipamos com boné, óculos escuros, protetor e repelente. Tudo pronto, deixamos o chalé e seguimos para o casarão onde o almoço seria servido para os hóspedes, não imaginei que tivesse tantas pessoas aqui. Afinal o que acontece com esse lugar que o povo evapora?

Dora e Lorenzo já estão se servindo, a comida está posta em uma grande bancada comprida, as panelas ficam sobre o fogo que está na parte interna. De cada lado forma-se uma fila e as pessoas vão preparando os seus pratos com a comida disponível. Uma variedade absurda, principalmente em peixes são diversos tipos e preparos.

— Aqui amor. — *Leônidas aponta para uma panela de barro que muito me lembra a moqueca capixaba, servida no meu estado.*
— Essa é a moqueca de jacaré, vou querer. Prova, dizem que é uma delícia.

— Vou ficar com o pintado mesmo.

Famílias, casais e grupos diversos curtiam o fim de semana no resort. A visita a tal gruta seria conduzida por um guia e teria número exato de pessoas, fomos em dez adultos mais o guia para a Gruta do Lago Azul. Bonito fica localizada na *Serra da Bodoquena* em Mato Grosso do Sul.

Fizemos uma caminhada de dez minutos por uma trilha no interior da floresta até encontrarmos uma abertura surpreendente, simplesmente um buraco enorme em uma rocha. Com ajuda do líder descemos o equivalente a um prédio de vinte e seis andares, a descida foi extremamente difícil, não é permitido tocar em nada e também não se pode tomar banho no lago que fica dentro da caverna.

— Essas formações que vocês podem ver como se estivessem caindo do teto, são estalactites que estão em constante modificação. Essa caverna tem aproximadamente 12 milhões de

anos e cada uma destas formações cresce em média um milímetro por ano, esse é o principal motivo para não permitirmos o toque, um simples passar de mãos pode destruir o trabalho de um ano inteiro da natureza. — O guia explicava detalhadamente tudo à nossa volta. — No fundo da caverna temos as mesmas formações, porém são chamadas de estalagmites e são formadas por essa poeira calcária que podemos observar no espelho d'água, elas pesam e depositam-se sobre as peças que vão se formando.

É uma coisa impressionante, parece que temos estacas apontadas para as nossas cabeças o tempo inteiro. A água dentro da caverna é azul, mas não um simples azul, é um azul neon, futurista. Tiramos muitas fotos e fizemos dezenas de perguntas. Dora tenta a todo custo convencer o guia a deixá-la mergulhar, mas ele foi enfático em dizer não.

— Essa água com o tom extremamente azulado é na verdade uma ilusão de ótica. Como aqui tem carbonato de cálcio e magnésio dissolvidos na água, o sol penetra na abertura da caverna e acaba refletindo, ou seja, refratando nessa água e dando a impressão de que ela é azul. Nos meses de novembro e dezembro o sol entra diretamente aqui, tornando essa cor mais cintilante com o tom de azul saltando aos olhos.

— Então se voltarmos aqui em dezembro vai ser ainda mais lindo? — Pergunto empolgada.

— Com certeza será.

— Podemos voltar quando quiser, minha Ninfa. — *Leônidas fala abraçando-me por trás.*

O passeio levou mais ou menos 3h e quando chegamos ao nosso chalé já passava das 18h, decidimos pegar o carro e conhecer a vida noturna de Bonito. Visto um macacão curto vermelho de botões na frente e calço uma Anabela de tirinhas. Dora escolheu um short jeans e uma regata branca transparente com um sutiã listrado de preto e branco.

A noite aqui não lembra em nada a cidade deserta que vimos hoje pela manhã, a rua principal estava muito movimentada. Bares, restaurantes e outros comércios mantinham um fluxo constante de pessoas no local. Escolhemos um restaurante com uma iluminação amarelada e mesas de madeira com velas ao centro, observei que cada telefone público por onde passamos era no formato de um animal do pantanal mato-grossense, o que ficava ao lado do restaurante era em forma de onça pintada. Fui obrigada a fazer um selfie.

Escolhemos as comidas e permanecemos jogando conversa fora, olhando as pessoas em volta e rindo, principalmente rindo do Lorenzo e do Leônidas fazendo cara de mau para os homens descarados que nos secavam.

— Definitivamente, essa vai ser a nossa última vez aqui no centro. Ou eu vou conhecer a delegacia local.

— Para de estragar o passeio Leônidas, deixa olhar. Ninguém vai encostar a mão em mim.

— Se encostar, eu arranco fora do corpo, pode ter certeza. — *Essa carinha de mau é um pecado, parece que chupou limão.*

— Você deve ter chupado muito limão quando criança, para ter essa cara de azedo.

— Eu chupo a sua...

— Cunhado! Poupe-me dos detalhes sórdidos. Você e Lorenzo são iguaizinhos, a única diferença é que você fala e ele guarda, fica com essa cara de paisagem e depois quando solta já viu.

— Eu não gosto de armar barraco como o Leônidas faz. Ele é explosivo e eu sou observador. — *Lorenzo pisca para ela.*

— Não. Você é contido, daqueles que quando explodir vai ser uma vez só.

— Pode ser.

Fechamos o dia maravilhoso com tequila só para meninas, viramos quatro tequilas cada uma. Entramos no carro quase carregadas, Leônidas e Lorenzo riam e faziam comentários a nosso respeito, não consegui entender o que diziam. Quando saímos do carro Léo me pegou nos braços e Lo fez o mesmo com minha irmã, fomos carregadas para dentro dos chalés e quando dei por mim estava deitada na cama com Leônidas arrancando a minha roupa.

— Do que tanto ria com o seu irmão? Por que está tirando a minha roupa assim? — *Me enrolei um pouco, mas consegui falar.*

— Estávamos falando que eu de bêbado não tem dono, deixamos vocês beberem quanto quiseram para ir às forras depois. Vou te comer inteirinha hoje, se prepara, amanhã não vai conseguir nem mesmo vestir uma calcinha. Adivinha o que eu trouxe... — *Não*

respondo, não sou capaz. — Nosso amiguinho Rabbit, vamos matar a saudade de te comer com dois paus.

Aff! Minha mãe das namoradas de homem tarado e do pau grande...

Dezoito

Por Leônidas.

Não sou ligado a bebidas alcoólicas, mas ter a minha Ninfa toda soltinha para mim é muito além do que eu esperava. Dora não fica atrás, percebi no olhar do Lo que a coisa vai ficar feia para o lado dela. Ainda bem que não tem praia, água salgada nas bocetinhas assadas não iria ser legal.

Na primeira dose de tequila elas já perderam a noção do tom de voz. A segunda dose foi para perder a vergonha e Sarah começou a alisar minhas coxas por baixo da mesa, jogando olhares insinuativos para mim. A essa altura nenhuma das duas prestava atenção no mundo fora das suas mentes alcoolizadas.

— Hoje meu chalé vem a baixo.

— Leu meus pensamentos Léo. Já perdi a conta das tequilas, para cada uma vai ser uma hora rola bem dada. — *Não tem jeito, somos irmãos e sempre que estamos juntos conversamos de forma aberta e descarada, principalmente sobre sexo, perdi as contas de quantas vezes contamos as nossas experiências sexuais um para o outro.*

— Cuidado Lorenzo, vai ficar todo esfolado depois. — *Caímos em uma gargalhada estrondosa, não teve uma alma que não olhasse para nós quatro. Duas mulheres rindo com hienas e dois caras em um rompante de humor.*

— Pior você que precisa de um amiguinho eletrônico para fazer sua Ninfa gozar. — *Diz me sacaneando.*

— Idiota! Sabe muito bem que não é isso, apenas gosto de variar. Você devia tentar.

— Vou pensar sobre isso.

Deixamos as duas voltarem no banco de trás, definitivamente elas estão muito animadas. Dora sugeriu que fossemos invadir a Caverna do Lago Azul, é muito maluca mesmo, tudo para ela é divertido e totalmente normal. Com certeza elas iriam cambalear até os chalés, preferimos levá-las nos braços, assim poupamos tempo.

Deposito minha Ninfa sobre os lençóis brancos, sem mais já vou arrancando sua roupa, quero minha mulher sem barreiras. Certifico-me para que nunca mais use esse maldito macaquinho vermelho, arranquei todos os botões ao puxar e rasguei a parte de baixo para passá-lo pelos seus quadris.

— Do que tanto ria com o seu irmão? — *Fala de forma arrastada e sorridente.* — Por que está tirando a minha roupa assim?

— Estávamos falando que eu de bêbada não tem dono, — *Seus olhos se arregalam.* — deixamos vocês beberem o quanto quiseram para irem à forra depois. Vou te comer inteirinha hoje, se prepare, amanhã não vai conseguir nem mesmo vestir uma calcinha. Adivinha o que eu trouxe... — *Sarah não me responde, apenas olha-me languida.* — Nosso amiguinho Rabbit, vamos matar a saudade de te comer com dois paus.

Deixo Sarah nua sobre a cama e vou buscar alguns apetrechos que trouxe na mala. Pego o vibrador, lubrificante, bolinhas perfumadas e um óleo térmico que comprei hoje na farmácia do centro. Não tive a menor dúvida em trazê-lo, Sarah vai derreter na minha boca.

Deitada com a barriga para cima e o peso sobre os cotovelos, Sarah olha-me com curiosidade. Ela sabe que minha promessa foi verdadeira, sabe como sou louco por ela e isso é totalmente recíproco. Quero que isso entre nós dê certo, essa viagem veio a calhar, aqui podemos ser um casal normal.

— Tenho até medo quando você está no modo "macho alpha".
— *Diz fazendo aspas com os dedos.*

— Não tenho um modo "macho alpha". Eu sou O Macho Alpha, o seu macho e você é a minha Ninfa deliciosa, totalmente indefesa. Acho que isso poderia ser considerado crime.

— Uhhhm! O alpha está falando demais, achei que fosse agir.
— *Toda corajosa, o que a tequila não faz com uma pessoa.*

Deixo as coisas em cima do criado mudo e termino de tirar a minha roupa, como estou muito excitado meu pau salta para fora da cueca, no mesmo instante vejo Sarah abrir as pernas. Ela parece não perceber, mas já nos tornamos um só corpo, quando uma metade age a outra reage.

— Vai me amarrar? — *Pergunta enquanto a mão esquerda alisa o seio entumecido pelo desejo latente.*

— Não preciso, você está completamente entregue a mim, como nunca esteve.

Sento-me ao seu lado na cama correndo as mãos por toda lateral do seu corpo, os pelos se arrepiam à medida que minha mão avança, a barriga se contrai e os lábios se separam levemente. Sim... Somos como fogo e gasolina, a combustão é imediata.

— Seus seios são tentadores, dá vontade de morder e não soltar nunca mais. — *Circulo o mamilo com o indicador, abro os dedos e aperto o seio todo contra minha palma.* — Macios e suaves.

Abaixo-me para tomar posse do que é meu, quero-os em minha boca. Antes de encostar desvio o olhar para ela, as duas esferas me observam um pouco sem foco pela bebida, os cotovelos cedem e seu tronco cai sobre a cama. Aperto a mama fazendo com que o mamilo salte ao encontro da minha boca, antes de tomá-lo por completo cravo os dentes fazendo-a miar.

— Minha Ninfa mia como uma gatinha no cio. — *Concentro-me em chupar seu seio e não apenas abocanhá-lo, mas sim trabalhar minha língua com destreza.*

— Ahhhh!

Quero deixá-la no limite da sanidade, dedico muito tempo ao mamilo que já está vermelho pelo excesso de contato, repito o mesmo com o outro para deixá-lo em igual situação de desejo. É fantástico vê-la tão entregue, gosto de quando tenta me rejeitar e não consegue.

— Eu estou pronta. — *Sussurra segurando meu cabelo, empurrando-me em direção ao seu sexo na tentativa de aliviar o têsão.*

— Ainda não.

O sobe desce apressado dos pulmões denuncia seu estado, os dedos que flexionam sem parar e a língua atrevida a molhar os lábios de minuto em minuto, não deixam erro... Ela está em chamas para me receber dentro do seu corpo.

— Ninfa, tenho pena de você. Sinto como se tivesse tomado alguma droga, estou insano para te comer inteira.

Deslizo lambendo a pele da barriga até chegar à minha caverna particular, minha caverna inundada. Contraio os músculos deixando minha língua dura e firme para entrar o máximo possível em sua intimidade, volto trazendo seus fluidos para lubrificar o clitóris, afasto suas dobras até que esteja exposto. Um broto, lembra-me um botão de rosa pronto para se abrir... Pronto para ser aberto por mim.

— Oh! Leônidas.

— Isso está uma delícia.

Apoio suas pernas em cada um dos meus ombros, arrasto as duas mãos por suas costas levantando nossos corpos. Sarah está com o tronco escorado no alto da parede, a boceta escarranchada ao meu rosto, permaneço de pé com ela sentada sobre mim, montada seria a palavra mais apropriada. Enquanto devora o mais saboroso dos doces, ela arqueia contra a parede e geme.

Sem muita delicadeza, tombo o que resta do seu corpo no colchão macio e caminho em direção as coisas que deixei no criado mudo. Abro o frasco do óleo térmico adicionando uma pequena quantidade a minha glândula, imediatamente sinto o local aquecer e inchar ainda mais, não pensei que isso fosse possível. Aproveito que minha Ninfa está languida e aberta para mim, pingo duas gotas em seu clitóris provocando espanto nela.

— Está quente. O que é isso?

— Ainda vai esquentar minha pinguça. — *Paira sobre ela esfregando a cabeça do meu pau em sua vagina. Espalho o óleo por toda região misturando nossos fluídos com o líquido térmico.* — Vamos colocar fogo em Bonito.

Quanto mais esfrego meu pau por suas dobras, mais ela eleva a anca ao meu encontro. Surpreendo-a entrando de uma vez só, arremeto com precisão e mantenho-me dentro por um tempo, o calor aumenta e logo estamos suando. Minhas investidas ganham mais e mais força a cada segundo, seus gritos e meus rosnados criam uma melodia erótica incentivando-nos a continuar como dois babuínos loucos por sexo.

— Mais Leônidas, eu quero mais. Mais forte.

— Argh... Argh!!!!

Diminuo os movimentos para fazer o que planejei, estico meu braço e pego o vibrador acoplável ao meu pênis. Mando que prenda as pernas em seus braços fazendo um frango assado, prendo meu ajudante em mim e introduzo-o completamente dentro dela, mantenho meu pau para cima sem entrar. Ela está tão aberta e entregue para mim que não questiona nada, nem parece a Sarah do contra que eu conheço. Nota mental “manter tequila em litros na nossa casa”.

— Quero aproveitar de sua incapacidade para realizar um desejo. Relaxa e não se contrai.

— Sou toda sua. — *Fala ainda com a expressão de quem bebeu muito.*

Aperto meu pau e o vibrador juntos, seguro os dois com uma mão só e encosto na sua entrada, ela solta uma perna e tenta separar os dois e colocar o de borracha em seu ânus, mas não deixo.

— Está errado.

— Está certo, quero assim. Apenas feche os olhos e curta o momento. — *A princípio ela me olha assustada, mas quando sente as duas cabeças entrando lentamente ela faz o que eu digo e abre os lábios em um grito silencioso.*

Empurro o mais lentamente que consigo, paro na metade e estímulo seu clitóris deixando-a ainda mais úmida facilitando a entrada. Quando estou quase todo dentro, inicio os movimentos de quadril, Sarah inclina a cabeça para trás e geme como uma loba, estamos no mesmo barco. Todo meu corpo se tenciona, travo os dentes e tenho a certeza de estar com a fisionomia de um guerreiro espartano em combate, sinto o suor escorrer pelas minhas costas, vejo gotas caírem sobre a barriga de Sarah... Acho que vou enfartar.

— Arrrrrg! Céus!!!!

— Porra! — *Rosno a única palavra que vem na minha mente. Porra, porra e porra é isso que eu preciso liberar antes que morra aqui.* — Não dá...

Sinto quando ela começa a gozar arqueando as costas e choramingando alto, vejo lágrimas escorrerem pelas bochechas. Não consigo mais segurar, retiro meu pênis e o vibrador desatando-o apressadamente, antes de terminar já esporrava sem controle.

Acordo com batidas na porta do chalé, as cortinas estão fechadas e quando abro vejo Lorenzo com uma toalha na cintura.

— São seis da manhã. — *Falo puto por ter sido acordado.*

— Preciso de alguma pomada, gel, creme qualquer coisa. Não consigo nem mijar. — *Lembro que ainda não tentei fazer isso, talvez precise também.*

— A Sarah tem pomada de assadura de bebê na bolsinha do banheiro, espera aí que vou olhar. — *Entro, pego a pomada lembrando de deixar um pouco para mim e levo para ele.*

—Toma.

— Segura aqui para mim. — *Pego cada ponta da toalha fazendo uma barreira para esconder seu corpo, Lorenzo abre a pomada e passa na cabeça do pau que está roxa.*

— Qual foi a merda que você fez aí? Isso está horrível.

— Dora comprou um bujãozinho de tequila ontem no bar e resolveu me chupar com aquilo. Puta que pariu!

— Au!

— Você não tem ideia, tentei aguentar para agradá-la, mas parece ter abelhas picando meu pau.

— Nem conseguiu meter depois néh?

— Meto até em velório. — *Caímos na gargalhada.* — Não sei se gemi mais de dor ou de prazer, mas minha mulher está dormindo satisfeita.

Combinamos de acordar as pinguças para o café da manhã na casa grande, nosso passeio começa as sete e já estamos quase atrasados para nos organizarmos. Acordo a dorminhoca que leva uma vida para levantar e ficar pronta, ainda bem que estamos de óculos escuros porque ninguém aqui está livre das olheiras. Lorenzo está andando igual a um pato e é impossível não rir quando olho para ele. Definitivamente vou voltar a Bonito muitas vezes.

Tomamos café e seguimos para a nascente do rio Baía Bonita, vamos fazer a famosa flutuação, depois vamos para o Buraco das Araras e fechamos o dia na Fazenda do Peixe para conhecer a famosa e inusitada arara laranja que foi o cruzamento de uma arara azul com uma vermelha. Diz o guia que era considerado impossível, mas aqui tudo é possível.

Dezenove

Por Sarah.

Chegamos à fazenda onde fica a nascente do rio Baía Bonita. Depois de um rápido curso em uma piscina seguimos para o local. Fomos informados que não é permitido pisar no fundo do rio onde vamos fazer a flutuação, aqui não se pode interferir na vida dos animais de forma alguma. Usamos roupas especiais que ajudam o corpo a boiar, um snorkel, pés de pato e óculos de mergulho.

— Está cansada?

— Não.

— Parece cansada, está andando mais lentamente que o normal. — *Diz Leônidas observando-me.*

— Estou dolorida. — *Admiti baixinho, ele sorri e abaixa-se com as mãos em seus joelhos quase de cócoras. Olha-me e bate na escápula.*

— Suba em mim. — *Eu poderia recusar, mas achei tão engraçado que pulei sobre ele como uma criança. Enganchei minhas pernas nas laterais das suas costelas e lacei os braços pelo seu pescoço. Seguimos assim por mais vinte minutos de caminhada, ele não reclamou ou pediu que saísse.*

Parece que estou diante de uma pintura, ao fim da caminhada nos deparamos com uma abertura na floresta onde vemos um lago cercado por plantas nativas, flores e árvores frutíferas.

O guia relembra todas as regras e entramos na água. Confesso que sou medrosa e tudo que penso é que uma sucuri vai se enrolar ao meu corpo e me comer ou um jacaré irá arrancar a

minha perna com os dentes. Estou adorando a viagem, tudo aqui é lindo e espetacular, mas eu morro de medo da maioria das coisas, não sou como a Dora que está louca para dar de cara com uma onça ou uma cobra. Acho que sou mais urbana, mesmo vindo do interior lá não tinha as coisas que tem aqui.

São tantas árvores que quase não é possível enxergar o céu, o verde é escuro entre o bandeira e o musgo, a maioria das árvores tem galhos mais finos e marrons acinzentados. A terra não aparece no solo que, contém grama e folhas caídas das árvores. Tudo é impressionante. A água é transparente, mas parece verde, aqui é conhecido como Aquário Natural não é à toa.

Ao fundo existem muitas plantas subaquáticas, conchas e peixes, ou melhor, cardumes. Não são cem ou duzentos peixes, são milhares, milhões e não estão nem aí para nós, simplesmente nadam como se fossemos troncos. Quando olho para o fundo percebo uma espécie de vulcão brotando da areia, a água surge com força das entranhas da terra nos dando um espetáculo à parte.

Leônidas aponta para um caranguejo que puxa o que sobrou de um peixe na disputa com outro caranguejo. Ficamos na vertical e ele me puxa para um beijo molhado e apaixonada, ainda não me acostumei com esse novo status do nosso relacionamento.

— Está gostando do nosso fim de semana? — *Pergunta ainda abraçado ao meu corpo.*

— Estou amando.

— Como está essa boceta? — *Olho em volta para ter certeza que ninguém escutou o descarado.* — Fica calma, eu nunca iria te

expor desta forma. Estão todos explorando as maravilhas do lugar.

— Já passou, mas não vamos repetir isso tão cedo. — *Flashes da noite passada enchem a minha mente.*

— Tenho várias ideias interessantes. Tenho certeza que vai demorar até que comecemos a repetir. Vamos iniciar a decida, o dia vai ser cheio hoje.

E assim fizemos, descemos o rio Baía Bonita flutuando junto com a correnteza. Nunca imaginei viver algo tão maravilhoso, Leônidas fez quase todo o percurso segurando minha mão, mostrando-me os peixes e mantendo-me calma. Estou curtindo o passeio, mas mantenho aquela pontinha de medo dentro de mim, um barco nos acompanha o tempo inteiro mantendo a segurança e ajudando quem não aguenta os noventa minutos de flutuação.

— O que achou Ninfa? Nossa, parece que não tenho mais problemas, nem me lembro das cirurgias marcadas para segunda-feira. — *Ele sorri abertamente e esfrega o cabelo, retirando o excesso de água.*

— Adorei amor! — *Respondo espontaneamente, não me dando conta da palavra que usei. Percebo o olhar dele travar em mim, refaço a frase mentalmente e não sei onde errei. Em dois passos ele está colado ao meu corpo beijando-me sem pudor pelas pessoas à nossa volta, todos estão se livrando das roupas emborrachadas.* — Por que está agindo assim? Tem gente olhando.

— Você me chamou de amor... Você nunca faz isso. Fez no meio de todos, não percebe, mas já me aceita como seu. — *Beija-me novamente.*

— Oh, casal fogo e gasolina? — *Chama Lorenzo nos sacaneando.* — Estamos atrasando os outros, ainda temos que conhecer o Buraco das Araras. Se bem que... Conhecer o buraco da cobra foi bem melhor do que qualquer passeio turístico.

— Lorenzo! — Dora dá um beliscão nele e sai bufando. Acho que alguém liberou a retaguarda ontem. Caímos na gargalhada, finalmente ele conseguiu deixá-la sem graça.

Seguimos para outra fazenda, nesta existe um buraco absurdo no solo onde vivem centenas de araras vermelhas livremente. Segundo o proprietário, quando ele comprou o local havia uma lenda que ali era terra das araras e que um dia o local foi abarrotado delas. Depois de um tempo ele ganhou um casal e começo a criá-las alimentando-as na mão, com o tempo o número foi aumentando e hoje são centenas dela.

Na beira do abismo foi feito um deck de madeira onde podemos fotografá-las e observar o balé de seu voo. Em uma das muitas fotos que tiramos, três araras voavam por trás de mim, ficou perfeitamente digna de um quadro. De lá seguimos para a Fazenda do peixe, onde fomos só comer e ver mais animais.

Dizem os pesquisadores que, se uma arara morre a outra fica sozinha para sempre e que uma coloração não se mistura com a outra, pois é, aqui isso não rolou. Uma arara perdeu o parceiro e estava cheia de ovos, depois que esses nasceram ela botou mais ovos e destes nasceu uma arara laranja, isso mesmo, laranja. Ela foi uma rara mistura entre a arara vermelha e uma azul.

Nesta fazenda comemos, alimentamos as araras na mão e tiramos centenas de fotos. O dono do local é a verdadeira atração, ele é simplesmente uma figura, simpático e acolhedor. Adorei o local e recomendo. Quando voltamos para o nosso hotel já era noite.

— Vamos sair hoje?

— Estou cansado amor, prefiro descansar aqui com você, ou podemos fazer algo aqui mesmo. O que acha do salão de jogos?

— Prefiro a sauna. Vou chamar a Dora para fazer e você pode jogar com seu irmão. Pode ser?

— Parece ótimo.

Chegamos à sauna e não havia ninguém. Estamos de biquíni e como sempre falamos feito duas tagarelas.

— Vou tirar o biquíni. — *Não tem mais ninguém aqui e acredito que seja feminina, esqueci-me de olhar a placa. As toalhas são lilás, então...*

— Desembucha Dora!

— Ok. Eu dei, sob protestos, mas eu dei. — *Sabia.*

— E aí? Era uma vez um cuzinho virgem. — *Não consigo parar de rir, nunca vi minha irmã tão sem graça.*

— Putz! Mesmo com toda a preparação e tal, doeu para caramba, consigo sentir até agora. Acho que foi mais medo mesmo.

— Medo de que tapada?

— Sei lá... De sujar ele. — *Todas têm esse medo, mas ninguém fala.*

— Eu sempre penso nisso, mas tem que rolar uma chuva antes néh! E conhecer o próprio corpo, tem dia que não dá e pronto.

— Mana você está me saindo pior do que a encomenda. Depois eu que sou a maluca, sou é santa perto de você e da Safira. Foi bom, não vou mentir, mas Lorenzo é um jumento de grande. Não rola fazer direto.

— São irmãos, até nisso se parecem. A primeira vez que fizemos eu achei que não caberia e parei, o filho da puta meteu tudo de uma vez só. Quase morri.

— Eu teria mandado parar na mesma hora. Lorenzo foi mega carinhoso, coitado penou comigo. Vou mandar cortar aquele pau para caber melhor. — *Caímos na gargalhada, Dora é muito exagerada quando fala, gesticula e se exaspera. Só ela mesmo.*

— Doeui, mas eu gosto. Leônidas me faz coisas que ninguém jamais fez, coisas que eu mesma repudiava antes dele. Com ele parece... Perfeito.

— Sarita completamente apaixonada. Vão casar mesmo?

— Bom... Ele diz que sim. O homem é de lua, tem hora que está bem, outra mudou e voltou a ser o carrasco. Estou deixando o barco correr.

— Quando vai falar com o pai e a mãe?

— Quando eu tiver certeza que ele não vai surtar outra vez e desistir da gente.

Conversamos por um tempo até que o silêncio dominou o ambiente tomado pelo vapor, ficamos as duas nuas relaxando.

Pouco tempo depois Dora resolveu procurar por Lorenzo e decidir o que iríamos jantar, fiquei sozinha com meus pensamentos em Nina e como ela reagiria a um relacionamento entre eu e o pai dela.

Ouçõ a porta se abrir, mas não me dou ao trabalho de olhar quem é, deve ser Dora. Estou sonolenta, o dia foi puxado e sei que meu carrasco vai terminar de arrancar meu coro mais tarde. Preciso estar preparada.

— Calma ai! Calma cara, que isso? Foi mal. — *Desperto com um homem desesperado gritando e quando dou por mim Leônidas está espancando o sujeito, Lorenzo tenta segurá-lo, alguns outros homens aparecem para tentar tirá-lo de cima do sujeito, mas ninguém consegue.*

Enrolo uma toalha em meu corpo e tento entender o circo a minha volta. Dora corre em minha direção, Lorenzo precisa dar um mata leão no irmão para contê-lo enquanto outros dois sujeitos arrancam o tal cara dos braços dele. Tem um pouco de sangue no chão, no rosto do cara e nas mãos de Leônidas, os dois homens levam-no desmaiado para fora.

— Mana a sauna é mista. Quando falei que aproveitamos para relaxar nuas aqui, seu namorado saiu feito um raio.

— Mas eu não sabia, não tenho culpa.

— Me solta porra! — *Grita com o irmão.* — Solta. Eu estou controlado. — *Lorenzo vai soltando o aperto até que o libera.*

— Controlado, é um termo totalmente desconhecido para você, irmão. Ainda vai ser preso por esses rompantes de loucura. — *Lorenzo solta o irmão que vem feito um touro para cima de mim.*

— Que porra pensa que está fazendo? Virou exibicionista agora? Ele estava se masturbando para você nua. Inferno! — *Pai de misericórdia. Agora está explicado.*

— Credo! Eu não fazia ideia, achei que a sauna fosse...

— Cala a boca Sarah! Cala a merda dessa boca antes que eu perca o resto de juízo que resta em mim.

— Eu não tive culpa. — *Grito.*

— Ah não? Alguém entra aqui, se masturba, provavelmente geme e você não percebe. Eu devo mesmo ter cara de idiota. — *Ele segura meu pulso com toda força e gira para fora, fazendo-me arquear o tronco de dor.* — Está molhada para ele?

— Leônidas! — Lorenzo entra no meio e segura o braço dele que está apertando meu pulso. — *Você está machucando a sua Ninfa cara. Presta atenção no que está fazendo.*

Parecendo despertar de um transe ele solta meu braço e vira para a parede, enrolo melhor a toalha em volta do meu corpo e caminho para a recepção. Dora vem comigo, depois de lançar um olhar mortal para Lorenzo como se dissesse: *“Dá um jeito no seu irmão”*.

— Preciso de outro chalé, bem longe do anterior, por favor. — *A recepcionista olha-me assustada, alguns poucos hóspedes que perceberam o evento também olham desconfiados. Ela me entrega a chave e diz onde fica o chalé.*

— Mana, foi tudo um mal-entendido. Senta com ele e conversa, vocês são muito oito ou oitenta, vai com calma.

— Você é compreensiva demais. Ele quase me bateu.

— Não exagera, está sendo injusta. Ele se exaltou e segurou um pouco além do necessário no seu braço.

— Quando você passou a defendê-lo?

— Só quero levar as coisas de forma mais leve. — *Aff ela leva tudo leve demais. Tipo: “Dora caiu um avião com duzentas pessoas”. Aí ela responde: “Que bom que não foi mais”. Totalmente lesada.*

— Vai levar as coisas mais leve na casa do caixa prego. Me ajuda a carregar minha mala para o outro chalé. — *Chegamos ao chalé e entramos para pegar minha mala.*

Junto as roupas sujas e meus produtos de higiene que estavam no banheiro, pego minha bolsa e meus chinelos. Quando estamos terminando de fechar a mala Leônidas aparece na porta.

— Pode nos dar licença um minuto Dora? — *Fala baixo e firme, olhando para mim, não faço o mesmo, mas sei que me olha posso sentir.*

— Vai com calma cunhado.

— Dora você ficou de me ajudar com a mala. — *Metralho-a com o olhar e as palavras ditas de forma ríspida.*

— Obrigado Dora, não vai ser necessário. — *A filha da mãe saí e me deixa sozinha com ele.*

Continuo com a minha tarefa e ignoro a sua presença. Coloco a mala de pé, ajeito a cama e dou uma última olhada no banheiro.

— O que queria que eu fizesse? — *Sua voz grossa e a respiração ruidosa deixam-me nervosa.*

— Eu estou indo embora. Amanhã cedo volto para a minha casa, solta a mala. — *Ele pegou minhas coisas e colocou atrás de si.*

— Então vai ser assim. Discutimos e você vai embora? Achei que já tivéssemos passado por isso.

— Nós não discutimos. Você me acusou, me ofendeu, me humilhou diante de várias pessoas e quase me bateu.

— Jamais bateria em você Sarah. Admito que disse coisas erradas, mas eu fiquei fora de mim quando... O cara estava se masturbando olhando para você nua deitada naquela toalha, ele poderia até ter te estuprado. Pensa, eu fiquei louco quando abri a porta e vi o sujeito tentando ajeitar a bermuda para esconder o que fazia.

— Eu dormi Leônidas, dormi. Não vi o cara, não sabia que ele estava ali.

— Eu sei...

— Não, você não sabe. — *Grito o mais alto e estridente que consigo, ele mesmo se assusta com minha atitude.* — Para você eu estava me exibindo para ele, teve coragem de insinuar que eu estivesse excitada com isso. — *Nem eu sabia o quanto estava ofendida com suas afirmações.*

— Me perdoa! — *Pede com os olhos azuis focados em mim, a boca fechada em uma linha dura.*

— Estou indo para o outro chalé. Amanhã cedo volto para São Paulo.

Dou a volta em seu corpo, pego minha mala e caminho em direção a porta, não consigo mais olhar para a cara dele.

— Sarah.

No momento que me viro para ouvir o que tem a dizer... Leônidas pega-me nos braços a joga-me sobre a cama, tento levantar ou sair do seu agarro, mas ele é muito mais forte e maior. Grito para me soltar, dou socos no seu rosto para demonstrar a minha raiva.

Com a mão esquerda ele segura meus dois braços acima da cabeça e com a outra abre a caixa de primeiros socorros que está sobre o criado mudo, pega o rolo de esparadrapo e prende meus pulsos na cabeceira da cama.

— Me solta, agora.

— Nem fodendo. Vamos nos acalmar e depois vamos fazer amor a nosso modo. Quando seu corpo estiver exaurido do prazer que eu vou dar a ele, solto você.

— Isso é cárcere privado. Vai ser preso por tentativa de homicídio e por sequestro.

— Espero que aquele filho da puta já seja um cadáver. Não é um bom momento para me lembrar dele. Vou te ajudar a ficar calada.

Com outro pedaço de esparadrapo ele tampa minha boca. Chuto e quico na cama, mas é inútil quando o corpo com mais de

cem quilos paira sobre mim.

— Vou cuidar de você, do jeito que só eu sei minha Ninfa.
Adoro quando resiste, fica mais excitante.

Vinte

Por Leônidas.

Mais um dia que termina com chave de ouro, melhor só se minha princesa estivesse aqui. Já liguei umas dez vezes para saber como andam as coisas com ela, Ana é uma péssima sogra, mas uma ótima avó, isso não posso negar.

Jogar sinuca com Lorenzo é o melhor que está tendo, nossas mulheres estão na sauna e eu não vejo a menor graça em ficar sentado no calor com várias pessoas à toa.

— Vai dar a tacada ou vai ficar namorando a mesa porra?

— Leônidas meu irmão, você é muito afoito. Eu sou estrategista, por isso ganho babaca.

Dora aparece com a parte de cima do biquíni e uma toalha em volta da cintura, abraça Lorenzo por trás e diz alguma gracinha no ouvido dele que se vira e fecha a cara logo que percebe os seus trajes.

— O que é isso Vida? Poderia ter colocado a roupa para sair da sauna, biquíni é só lá dentro.

— Que besteira bebê, ainda vesti muito. Nossa, procurei por vocês pelo hotel todo, achei que iriam para a sala que tem a mesa de cartas.

— Sinuca é melhor.

— A Sarah ficou?

— Aham! Peladona aquecendo a bacurinha. Super-relaxante fazer sauna pelada amor...

Não dou tempo para a surtada terminar de falar, corro em direção a sauna, lembro-me de ter lido no informativo do hotel que a sauna era mista. Onde essa mulher está com a cabeça para tirar a roupa em um lugar público? Abro a porta de madeira pesada e consigo ver o movimento de um homem subindo o calção, ele estava... O filho da puta estava se masturbando. Primeiro homicídio ai vou eu!

Ele diz alguma coisa, mas eu não estou interessado nas suas explicações, vou fazê-lo engolir o próprio pau. Com poucos socos ele já sangra, apenas tenta se soltar de mim sem revidar, está morrendo de medo. Não olho em direção a Sarah, no estado que estou sou capaz de arrastá-la pelos cabelos até o chalé. Prendo a cabeça do pervertido com um braço, uso o outro punho para socá-lo sem parar.

Tudo é muito rápido, Lorenzo já está em cima de mim e outros dois homens tentam arrancar o cara dos meus braços, não permito. Sinto-me um leão defendendo o seu jantar e ele pode ter certeza que vou jantá-lo com farinha hoje.

Levaram o sujeito. Estou no chão liso da sauna e vejo Sarah em um dos cantos amparada pela irmã, não sei quem é pior. Lorenzo permanece agarrado atrás de mim, suas pernas envolvem minha cintura, um dos braços aperta meu pescoço e o outro, força a minha cabeça para frente deixando-me sem ar e sem forças. Ele sempre gostou mais de lutas do que eu, por incrível que pareça eu fiz aulas por ordens dos nossos pais, ele e Bento fizeram por gostar mesmo.

— Me solta porra! — *Grito com Lorenzo, que começa a afrouxar o braço e as penas.* — Solta. Eu estou controlado.

— Controlado, é um termo totalmente desconhecido para você, irmão. Ainda vai ser preso por esses rompantes de loucura.

— Que porra pensa que está fazendo? Virou exibicionista agora? Ele estava se masturbando para você nua. Inferno! — *Digo furioso com o que acabei de presenciar.*

— Credo! Eu não fazia ideia, achei que a sauna fosse...

— Cala a boca Sarah! Cala a merda dessa boca antes que eu perca o resto de juízo que há em mim.

— Eu não tive culpa.

— Ah não? Alguém entra aqui, se masturba, provavelmente geme e você não percebe. Eu devo mesmo ter cara de idiota. — *Não sei por que seguro seu braço e torço causando dor, percebo que dói pela sua expressão.* — Está molhada para ele?

— Leônidas! — *Lorenzo entra no meio e segura o meu braço.* — Você está machucando a sua Ninfa cara. Presta atenção no que está fazendo.

A forma como ele diz “*sua Ninfa*” me desperta para o grande erro que estou cometendo, vejo seu pulso vermelho e sei que passei dos limites... Passei muito além do limite. Mesmo depois que ela deixa a sauna permaneço esfriando a minha cabeça. Lorenzo não disfarça o desgosto com o meu comportamento, sinto-me um menino de doze anos que puxou o cabelo da irmã de cinco.

— Não acredito que teve coragem de levantar a mão para ela.
— *Olho incrédulo para ele.*

— Eu não levantei. Segurei seu pulso na tentativa de chamar a atenção, foi uma represália e não uma violência.

— Deixou uma bela marca.

— Eu estava nervoso, porra. Vai me recriminar agora?

— Onde isso vai parar Leônidas? Qualquer dia vai dar uma surra na sua mulher e dizer que estava nervoso. — *Ele só pode estar brincando comigo.* — Não adianta me olhar assim, sabe que estava por um fio de perder o juízo. Vai perdê-la e não vai ter volta.

— Eu nunca, jamais, de forma alguma bateria nela. Não importa o quão nervoso esteja, não faria isso por nada no mundo. Só não posso garantir que não faria com qualquer homem que tentasse tirá-la de mim ou tocá-la. — *Respiro fundo revendo a cena recente.* — Lorenzo, o cara estava se masturbando em uma sala fechada com a minha mulher nua, poderia tê-la violentado e ninguém ouviria, poderia matá-la. Tenho certeza que não houve maldade da parte dela em tirar a roupa, inclusive deve ter sido ideia da louca da Dora, com certeza foi.

— Vamos deixar a Dora fora dessa, depois converso com ela. Vamos ao que interessa, a minha Vida estará em minha cama ao meu lado, a sua Ninfa estará? — *Aposto um braço que sim.*

— Nem que seja amarrada.

Saio à procura de Sarah e não a encontro em nenhum lugar da área comum do hotel, os funcionários tentam disfarçar sem sucesso,

todos me olham assustados. Devo ter feito um estrago no perverso da sauna. Corro até o nosso chalé e gelo por dentro quando vejo a mala pronta em cima da cama, o olhar que Dora direciona a mim é esclarecedor... Como se precisasse, ela está indo embora.

— Pode nos dar licença um minuto Dora? — *Imploro com os olhos mais piedosos que já expressei na vida.*

— Vai com calma cunhado.

— Dora você ficou de me ajudar com a mala. — *Sarah atira para a irmã que não se abala e caminha em direção à porta.*

— Obrigado Dora, não vai ser necessário.

Não sei por onde começar, agora parece errado o que eu fiz, mas eu sei que não foi. Sarah termina de fechar a mala, olha em volta e nunca para mim, dá uma última conferida no banheiro e eu já não aguento mais ser ignorado.

— O que queria que eu fizesse?

— Eu estou indo embora. Amanhã cedo volto para a minha casa, solta a mala. — *Pede tentando alcançar a bolsa que coloquei atrás de mim, em algum momento vai ter que chegar perto.*

— Então vai ser assim. Discutimos e você vai embora? Achei que já tivéssemos passado por isso.

— Nós não discutimos. Você me acusou, me ofendeu, me humilhou diante de várias pessoas e quase me bateu. — *Essa porra de novo?*

— Jamais bateria em você Sarah. Admito que disse coisas erradas, mas eu fiquei fora de mim quando... O cara estava se

masturbando olhando para você nua deitada naquela toalha, ele poderia até ter te estuprado. Pensa! Eu fiquei louco quando abri a porta e vi o sujeito tentando ajeitar a bermuda para esconder o que fazia. — *Só a lembrança me faz tremer.*

— Eu dormi Leônidas, dormi. Não vi o cara, não sabia que ele estava ali.

— Eu sei...

— Não, você não sabe. — *Ela grita tão alto que dou um passo para trás em sinal de rendição.* — Para você eu estava me exibindo para ele, teve coragem de insinuar que eu estivesse excitada com isso.

— Me perdoa!

— Estou indo para o outro chalé. Amanhã cedo volto para São Paulo.

Dá a volta em meu corpo para pegar a mala e vai em direção à porta. Nem fodendo que ela sai daqui.

— Sarah.

Jogo-a sobre a cama e mesmo com todos os protestos, amarro seus pulsos com o esparadrapo da caixa de primeiros socorros. Gritos, xingamentos e muitos chutes são direcionados a mim, não me importo... Daqui ela não sai.

— Me solta, agora.

— Nem fodendo. Vamos nos acalmar e depois vamos fazer amor ao nosso modo. Quando seu corpo estiver exaurido do prazer que eu vou dar a ele, solto você.

— Isso é cárcere privado. Vai ser preso por tentativa de homicídio e por sequestro.

— Espero que aquele filho da puta já seja um cadáver. Não é um bom momento para me lembrar dele. Vou te ajudar a ficar calada. — *Uso outro pedaço de esparadrapo para tapar sua boca.*

— Vou cuidar de você do jeito que só eu sei minha Ninfa. Adoro quando resiste, fica mais excitante.

Enquanto Sarah esperneia na cama, vou para o banheiro tomar um banho e me acalmar, não quero me perder nas palavras e muito menos magoá-la novamente, precisamos sentar com calma e conversar. Claro que comigo nervoso e ela gritando isso não será possível. Deixo que a água leve toda a tensão do meu corpo, mantenho as duas mãos na parede e a cabeça curvada para frente deixando a força da água massagear cada nódulo.

Caminho pelado até a mala e visto uma samba canção de seda vinho e chinelos. Sarah continua na mesma posição, porém, com os olhos fechados e percebo um rastro de lágrimas pela lateral do seu rosto. A luta vai ser árdua, mas vou mover essa montanha do meu caminho.

Sento-me ao seu lado na cama organizando os travesseiros deito virado para ela que, ainda não abriu os olhos, enquanto traço cada detalhe do seu rosto com os dedos arquivando sua beleza em minha memória. O tempo não se altera a nossa volta enquanto estamos juntos, somos como uma brecha na realidade e nada pode afetar mais um do que o outro.

Sua respiração está acelerada, mesmo tentando disfarçar suas pálpebras tremem e outra lágrima escorrega por ela.

— Sei que magoei você mais uma vez, magoei profundamente. Não foi a minha intenção Sarah, infelizmente eu o fiz e isso não tem volta. — *Respiro profundamente e deito minha cabeça em seu peito.* — Eu sei que você nunca ficaria nua para outra pessoa propositalmente, não tenho e nunca tive dúvidas quanto a isso. Só preciso que entenda o meu ponto, preciso que se coloque em meu lugar e imagine como se sentiria ao me ver sem roupa dentro de uma sauna com uma mulher se masturbando. Será que agiria normalmente?

Sarah permanece parada, mas não se afasta do meu toque. Seus olhos ficam vidrados no teto como se lá estivesse a resposta para todos os nossos problemas, não há mais lágrimas em seu rosto e isso deve ser um bom sinal. Continuo a falar calmamente.

— Sou cheio de defeitos Sarah. Sou impulsivo, ciumento ao extremo do extremo, mandão, ciumento além da conta, falo dormindo, sou ciumento e preciso de sexo diariamente para viver... Já falei ciumento? — *Ela esboça um sorriso por baixo do esparadrapo.* — Mas eu sou fiel como um cão vira lata, sou leal como um gato, sou viciado em você mais do que qualquer dependente químico. Não pense que um dia vai sentir o peso da minha mão, só porque eu sou violento com o homem que tentar te tirar de mim, não há motivo no mundo que me faça te causar dor. Eu NUNCA, por motivo algum, bateria em você. Minha vida está uma bagunça, tenho uma ex-sogra chata e uma filha linda, mas que precisa de atenção e paciência. Minha imagem pública não é das

melhores, mas minha imagem privada é irretocável. Só te peço uma chance, talvez duas ou três... Venho de um relacionamento complicado e desgastado com uma pessoa totalmente desequilibrada e fria, aí de repente, aparece uma Ninfa cheia de amor para dar e eu perco o juízo. Não quero e não posso te perder Sarah... Por isso não sei como agir e faço merda, atrás de merda.

Ela faz um movimento com a boca pedindo-me que retire o material dos seus lábios. Faço como me pede e fico esperando os gritos e que diga que vai embora.

— Esqueceu seu principal defeito... É persuasivo demais.

— Funcionou?

— Estou magoada com você. Palavras ferem mais do que qualquer outra coisa Leônidas.

— Prefiro que me chame de amor. — *Digo desatando seus pulsos.*

— Faça por merecer... Estou esperando sua promessa de mais cedo. — *Safada.*

Já livre, minha Ninfa monta sobre o meu corpo, a sensação é maravilhosa, minhas mãos agarram seus quadris esmagando a carne macia da sua bunda, tenho certeza que meus dedos ficarão marcados e quero isso, adoro deixar marcas nela. Tento beijá-la em vão, Sarah vira o rosto e esfrega a boceta no meu pau, que já está envernizado dentro da cueca, com o polegar e o indicador estimula seu mamilo direito e quando vou fazer o mesmo sou impedido. Estou de coadjuvante nesta situação.

— Não te tocar é meu pior castigo. — *Suas pálpebras se abrem e um sorriso diabólico é desenhado no rosto mais angelical que eu já vi.*

— Nada é tão ruim que não possa piorar...

Essa tortura continua até que sua excitação ultrapassa o tecido, todos os seus pelos estão ouriçados e os mamilos deliciosamente protuberantes. Elevando-se o mínimo possível ela enfia-me dentro de si e é quase fatal, a boceta molhada se adapta a mim facilmente deixando-me entrar até as bolas. Como se eu não estivesse presente Sarah movimentava o corpo em um S frenético enquanto se masturba, neste momento ela não rejeita meu toque aos seus seios. Não leva dois minutos até gozar, nunca a vi chegar logo assim.

— Nossa!

Espero na cama quando ela caminha para o banheiro, mas levanto e vou em sua direção quando ouço o som de água caindo. Pera aí... Eu não gozei ainda!

— Ninfa, o que está fazendo?

— Me lavando.

— Estou vendo. Poderia ter deixado para depois, vou te fazer suar muito ainda. Vem.

— Não vai rolar Leônidas, sinto muito. — *Enrola-se na toalha e passa por mim toda dona de si.* — Nem pense em me tocar, ainda estou magoada com você... Entendo seu ponto, mas estou

magoada e até que minha magoa passe...Você não goza, pelo menos não com a minha ajuda.

— Como assim? Isso não se faz Sarah. Olha como eu estou, tenha dó de mim.

— Boa noite!

— Como vou dormir com isso? — *Aponto para meu pau que olha para a lua de tão ereto.*

— Feche os olhos. Não ouse me tocar ou vai ser muito pior.

Não a toquei, mas tive que tomar um banho e rolou uma punheta escondida para aliviar minhas bolas, coisa que foi uma merda. O corpo quente e úmido da minha mulher na cama e eu aqui gozando na água fria olhando para o azulejo branco e pensando no que estava perdendo.

Vinte e Um

Por Sarah.

Aproveitamos o domingo para relaxar e esquecer os problemas da noite anterior. Lorenzo e Dora não deixaram o quarto antes do almoço e nós não fizemos diferente. Leônidas tentou de todas as formas me persuadir a transar com ele, mas não teve sucesso, o máximo que conseguiu foi beijos incendiários e um 69 que parei assim que me fez gozar. Como já era de se esperar ele parou de joelhos na cama e se masturbou até gozar sobre a minha barriga.

— Até quando vou ser castigado? — *Pergunta ofegante e com o semblante pesado.*

— Não sei.

— Vamos almoçar e partimos às 14h.

Confesso que esperava uma briga ou que ele me pegasse de jeito para mostrar quem é que manda, que ele fizesse alguma coisa para parar minha pirraça. Gosto muito da versão namorado, mas estou sentindo muito falta dele como amante.

Depois do almoço voltamos ao chalé para buscar as coisas e seguir viagem. Em pouco tempo já desembarcamos em São Paulo, fomos direto para a casa dele. Lorenzo foi com Dora para o nosso apartamento, acho que esse cara vai se mudar para lá.

— Onde está indo?

— Deixar minha mala no quarto, preciso arrumar as coisas da Nina para amanhã também, quero estar livre quando ela chegar em casa.

— Está indo para o quarto errado mocinha — *Faz cara de esperto, como se isso fosse óbvio.* — Já tem um espaço para você no meu closet.

— Devíamos conversar com a Nina primeiro. Ela vai confundir as coisas...

— Ela vai fazer três anos, não vai nos julgar. Falando nisso temos que preparar uma festinha para ela e os amiguinhos da escola. Isso é com você.

— Posso fazer como eu quiser? Tipo palhaços, pula-pula, decoração e tudo mais?

— É com você amor.

Perdi totalmente o foco da discussão e pela cara dele arrastando minha mala para o seu quarto, também percebeu que quando o assunto é a Nina eu perco o foco.

Esse castigo está me cansando, ele chega perto de mim e começa a passar a mão se esfregando, meu corpo fica fervendo por ele, mas recuo. Infelizmente Leônidas está cumprindo o castigo direitinho, quando mando parar, ele para e não tenta me persuadir como sempre fez. Que saudade do meu carrasco.

Estou fazendo o jantar quando a campainha toca e dou de cara com Ana e o marido dela com Nina nos braços, minha princesa pula em meu colo beijando-me e dizendo que está com saudades. Pode ser estranho, mas eu entendo tudo que ela fala. Sua avó olha-me como se eu tivesse cometendo um crime por estar aqui.

— Venha Nina, vamos achar o papai. — *Tenta retirar a neta dos meus braços sem sucesso.*

— Não. Nina fica com Tisala.

— Meu amor ela não é sua tia, é sua empregada.

— Tisala, Nina saudade de você. — *Ela diz sem dar atenção às palavras da avó.*

— Eu também meu amor.

— Vá chamar o seu patrão queridinha. Não vou deixar minha neta sob seus cuidados.

— Ela é minha namorada Ana. É de total confiança e é melhor você mudar o seu tom dentro da minha casa.

— Você está comprando uma briga desnecessária meu genro, não vou entrar para perder.

— Nem eu.

— Bom... Meu recado está dado. Nina meu amor, a vovó busca você em quinze dias. Eu te amo tesouro.

Tomamos banho juntas na banheira e dou comida para ela na hora do jantar. Antes de perder para o sono Nina me dá uma canseira sem tamanho, ela é pequena para a sua idade, mas isso não quer dizer que não tenha energia. Quando os olhinhos azuis finalmente se apagam Leônidas a pega nos braços e eu corro em sua frente para arrumar a caminha.

— Achei que ela não fosse dormir nunca. Amanhã vai sofrer para acordar.

— Ela te muita energia acumulada. Agora que está entrando na rotina da escola vem carnaval, isso acaba com o relógio biológico da gente.

— Nem me lembrava disso. Nunca tive saco para carnaval, sempre trabalhei em dobro com o número elevado de acidentes graves. Nem mesmo na juventude eu gostava, prefiro viajar ou fazer programas mais caseiros.

— Pensei em ir para casa, ficar um pouco com meus pais. Não fui no natal, nem no ano novo, pensei em passar o feriado de carnaval com eles. — *Seguimos para o nosso quarto.*

— Isso é um convite? — *Pergunta enquanto tranca a porta do quarto e eu ligo a babá eletrônica.*

— Você gostaria de ir? — *Não acredito que esse seja o desejo dele, conhecer os pais da namorada lá no cafundó do Judas, não é o melhor programa do mundo.*

— Gostaria, mas você não parece muito animada para me apresentar a eles. Algum problema com a minha idade ou por ter uma filha?

— Não vejo nada de errado com a sua idade, você ainda é jovem, apesar de ter bastante cabelo branco. O fato de ter uma filha não muda nada, minha mãe vai entupi-la de morangos e socol, Nina iria adorar correr e brincar por lá. Já falei com mamãe sobre você e ela com certeza falou com papai.

— Não faço ideia do que seja socol, mas tenho certeza que Nina vai adorar a plantação de morangos. Então posso comprar as

passagens para amanhã à noite? — Oh, criatura apressada, mal chegamos de Bonito e ele já quer me enfiar naquela coisa outra vez.

— Poderíamos ir no fim de semana. Saímos daqui na sexta-feira, vamos e voltamos de ônibus ou de carro. É uma viagem legal. — *Qualquer coisa para não subir em um avião outra vez. Ele cai na gargalhada como se eu fosse a louca de história.*

— Amor, pessoas viajam de avião a todo momento, as estradas são bem mais perigosas. Não é um bicho de sete cabeças, assim fica mais rápido e podemos otimizar o nosso tempo. Hoje é domingo, amanhã resolvo algumas coisas no hospital e Nina ainda tem aula. Na terça-feira é feriado de carnaval e poderíamos emendar até o outro domingo com seus pais. O que acha?

— Acho que vai perder o emprego.

— Sou sócio do meu pai, assim como meus irmãos. Cada um de nós têm 20% do hospital, somos cinco com meus pais. Não vou perder o emprego.

Estou no banheiro escovando os dentes, quando vejo seu reflexo no espelho, enquanto escovo, ele me observa atentamente, seu olhar desliza pelo meu corpo dando mais atenção a minha bunda e meus seios no reflexo. Uma de suas mãos aperta fortemente o membro destacado sob o tecido de moletom verde escuro da sua calça. Lembro-me do dia que praticamente me obrigou a aceitá-lo dentro de mim quando estávamos no meu banheiro, dizer que me forçou é exagero, eu bem que adorei.

— Quando esse castigo terminar vou virá-la do avesso. Não tem ideia de como estou me segurando, reprimindo um desejo

animalesco de estar dentro do seu corpo e fazer você gritar. — *Ele pensa um pouco e conclui.* — Só espero que não seja na casa dos seus pais, eles ficariam horrorizados em saber como a filha é escandalosa na cama.

— Realmente você está ficando velho. — *Resolvo provocá-lo, essa delicadeza está me cansando.*

— Não entendi.

— A pouco tempo atrás eu já estaria nua e feito uma lagartixa grudada na parede... — *Claro que não tive tempo de falar mais nada, mexi com o seu lado mais a florado.*

Minha camisola foi audivelmente rasgada e caiu aos meus pés, seus olhos cheios de pecado deixaram os meus e caíram sobre meus mamilos entumecidos não pelo frio do ar condicionado que invadia o banheiro, mas sim, pelo calor do seu corpo atrás de mim. Posso ver que entrou no modo de caça e eu sou a presa mais ansiosa que existe... Louca para ser comida.

— Ninfa perversa, vai acordar com essa boceta em carne viva. — *Morde minha orelha raspando os dentes até meu pescoço, chega ao meu ombro e deixa uma bela mordida ali.* — Quero você cheia das minhas marcas, o velhinho aqui vai deixar a novinha destruída nessa cama amanhã cedo.

É... Ele não estava exagerando, quando consegui dormir já passava das 5h da manhã, Leônidas tomou um banho e foi direto para o trabalho com a promessa de comprar as passagens com a data de amanhã.

Esse ano o carnaval caiu no finalzinho de fevereiro, isso deu um tempo para começar a vida e ter uma paradinha para o descanso ou para muitos farrear. Esse não é o meu perfil e não quero deixar a Nina com ninguém para sair, a minha intensão é dar a ela o que nunca teve, uma família. Mesmo sendo uma menina linda e feita para olhar, seu semblante é triste e desconfiado para qualquer um que tente se aproximar, isso só muda na presença do pai e dos tios, até mesmo com os avós ela é mais acanhada.

Ela não se parece muito com Leônidas, a não ser pelos olhos que são muito claros. Os cabelos são negros e a pele bem branquinha, vi algumas fotos das Silvia e Nina é a cara da mãe, com a diferença que ela pintava o cabelo de loiro.

Meu celular me acorda às 7h com uma chamada do carrasco mais lindo do planeta.

— Já está com saudade? — *Falo sonolenta.*

— Também. Só quero avisar que não precisa levar Nina à escola, Augusto fará isso com a Quinha. Durma, ainda estou com as energias acumuladas e vou te almoçar hoje, lá pelas 13h vou dar um pulinho em casa.

— Vai enrolar o seu dia Dr. Leônidas, isso não é nada responsável.

— Passei alguns pacientes para o novo contratado do hospital, assim posso avaliá-lo. Uma rapidinha não vai alterar minha agenda. Então nem mesmo pense em se vestir, vou rasgar o que estiver no meu caminho.

Estamos no aeroporto de Congonhas aguardando na sala vip de embarque. Nina parece não se abalar com a viagem. Segundo Leônidas é comum para ela estar indo pra lá e pra cá, como todos trabalham, ela nunca tem um ponto fixo. Coitada da minha princesa, um dia com o pai, outro com um tio ou outro, às vezes com os avós e se ninguém puder ela fica com Quinha até um deles chegar.

— Sabe que é desnecessário esse nervosismo todo não é? — *Beija minha mão e deixa uma mordida.*

— Odeio isso. — *Não adianta, estou irritada e não sei esconder, roo as unhas e fico sacudindo a perna como se ela tivesse um vibracall embutido. Leônidas aperta meus joelhos e eu paro, mas logo volto a chacoalhar.*

— Tisala bobinha. Papai cuida de nós, ele é gande.

— Amor, a Tisala tem medo de avião, fico nervosa com isso. — *Seus olhos fitam-me piedosa e com um sorrisinho acolhedor ela diz:*

— Segura minha mão, ele não vai cair. — *Olha para o pai.* — Tadinha, não pode rir não.

— Desculpe, não vou rir mais. Você está certíssima princesa, vou me comportar melhor.

Uma hora e meia depois desembarcamos no aeroporto de Vitória no Espírito Santo. Só vamos para Pedra Azul amanhã, hoje ficaremos em um apart hotel aqui. Deixamos as malas, coloco um shortinho leve em Nina e em mim, para poder pagar de turista onde eu nasci.

— Vamos conhecer a casa da mamãe do céu Nina, lá tem macaquinhos e calangos bem grandes.

— Vamo!

A capital do Espírito Santo é uma ilha, para chegar nas outras cidades atravessamos pontes, a mais famosa delas é chamada de Terceira Ponte. Quando vamos de Vitória para Vila Velha¹ podemos ver um morro lindo ao lado esquerdo e ao direito tem um outro morro onde fica o famoso Convento da Penha², ele é o ponto turístico mais visitado daqui e lindíssimo também. Abaixo do convento fica o exército e ao lado a marinha, é uma visão deslumbrante.

A subida é bucólica, quase não vemos o céu de tantas árvores nas laterais da estrada feita de paralelepípedos, o local é tombado pelo patrimônio histórico e não pode sofrer grandes alterações. O trajeto de carro termina na área do campinho onde estacionamos e aproveitamos para tirar fotos e admirar a vista da cidade aos nossos pés.

— É muito bonito aqui. Não pensei que fosse tanto, essa paisagem cortada pela ponte tira o fôlego de qualquer um.

— É mesmo, algumas pessoas fazem rapel no outro morro, eu já fiz e é bem legal.

— Tisala cadê os caquinhos.

— Os macaquinhos ficam mais para cima, vamos caminhando até lá.

Vários degraus e muitos macaquinhos depois, chegamos a igreja do Convento da Penha. Estamos a 154m de altitude, o local começou a ser construído em 1558 pelo Frei Pedro Palácios³. Conta a história que, o Frei morava em uma gruta aos pés do morro e lá ficava um quadro de Nossa Senhora da Penha, este desapareceu três vezes e em todas elas, foi encontrado no alto do morro. Assim se deu a construção do santuário religioso e a devoção a santa padroeira.

Assistimos uma missa e contemplamos a beleza do local, fiquei surpresa e horrorizada em saber que Nina nunca foi a uma igreja. A questão para mim não é a religião e sim uma doutrina que deve ser seguida seja ela qual for. Todos precisamos saber que existe alguém acima de tudo a quem devemos respeito.

— Quero matriculá-la na catequese Leônidas.

— Faça como achar correto, você está à frente da minha casa e da minha vida agora. O que decidir está decidido.

— Você é o pai, devia se importar. — *Já estamos dentro do carro rumo à Ilha das Caieiras, um local aonde encontraremos a melhor Moqueca Capixaba do estado.*

— Sarah, eu trabalho em média 12h por dia, tinha que monitorar uma pessoa mentalmente debilitada dentro da minha casa entre outras coisas. Não me julgue, fiz o melhor que pude para minha filha.

— Só não é comum para mim. Fui criada com pais presentes e fiz primeira comunhão, crisma e perseverança. Essa coisa de cada um por si, não existe na minha casa, você vai ver quando chegar lá.

O prato mais famoso servido aqui é a moqueca capixaba. Costumamos dizer que se não for capixaba é peixada. Basicamente é um peixe feito com temperos e servido com arroz branco, pirão e moquequinha de banana. Leônidas e Nina comeram de ficar letárgicos, seguimos direto para o hotel.

Adoro uma feirinha, as comidas e artesanatos são minha perdição. Aqui existe um local a beira mar na chamada Praça dos Namorados e lá tem feira livre aos fins de semana, como é feriado de carnaval está funcionando em plena terça-feira. Nina escolheu móveis da Barbie feitos de caixa de frutas recicladas e vários arcos artesanais, eu comi feijão tropeiro com salpicão e Leônidas se acabou com crepes e churros.

Não demoramos a voltar para o hotel, pois na manhã seguinte pegaremos a estrada para a casa dos meus pais. Não é tão longe, em no máximo duas horas estaremos lá.

¹ O município foi fundado em [23 de maio](#) de [1535](#) pelo [português Vasco Fernandes Coutinho](#), donatário da [Capitania do Espírito Santo](#), e foi sede desta até [1549](#), quando a capital foi transferida para [Vitória](#). Figura-se então como a cidade mais antiga do estado, possuindo várias construções históricas, como a [Igreja de Nossa Senhora do Rosário](#), o [Forte de São Francisco Xavier de Piratininga](#), o [Farol de Santa Luzia](#) e o [Convento da Penha](#), sendo este último um dos principais pontos turísticos do Espírito Santo, construído entre os séculos XVI e XVII e tombado como patrimônio histórico cultural pelo [Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional](#) em 1943. Atualmente, tem um grande porte industrial, e é o segundo maior centro comercial do estado, depois da capital, Vitória. Possui 32 quilômetros de litoral, sendo praticamente todo recortado por [praias](#), as quais constituem importantes ícones turísticos e paisagísticos, como a [Praia da Costa, de Itapoã](#) e de [Itaparica](#)

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Vila_Velha)

² O **Convento da Penha** é um dos [santuários religiosos](#) mais antigos do [Brasil](#), localizado no município de [Vila Velha](#), estado do [Espírito Santo](#). Está situado no alto de um penhasco, a 154 metros de altitude, sendo uma das igrejas mais antigas do estado, cujas obras avançavam aos poucos e tiveram início por volta de 1558, a mando de frei [Pedro Palácios](#).

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Convento_da_Penha)

³ Frei Pedro Palácios (c. 1500 - [9 de junho](#) de [1570](#)) fundou o [Convento da Penha](#) em [1558](#).

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_Pal%C3%A1cios)

*Ossocol, também chamado de socol, é um [embutido](#) de lombo suíno envolto em [peritônio](#) de boi ou de porco, amarrado por uma rede elástica, curtido durante aproximadamente 3 a 6 meses em ambiente fresco e arejado, protegido do sol. Os

temperos utilizados são a pimenta-do-reino, alho e sal, e por alguns, o cravo e a canela. É consumido cru, fatiado bem fino.

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ossocol>)

Vinte e dois

Por Leônidas.

A preocupação que a Sarah dedica a minha filha é surpreendente, mesmo sendo jovem e ainda não tendo filhos, ela tem um carinho maternal pela Nina. Minha princesa olha para ela com adoração, todos os movimentos, cada gesto ou trejeitos são copiados. Nina observou a forma que a Sarah pegava o garfo e fez igual, o modo de limpar a boca com o guardanapo também foi fielmente copiado.

Talvez pareça que eu não me envolvo ou não me importo, mas a verdade é que eu quero que elas se tratem como mãe e filha sem a minha intromissão. Se eu não estivesse completamente apaixonado pela Sarah jamais permitiria que fosse tão próxima a minha princesa, faço isso por querer as duas como uma família para sempre.

Sarah falou tanto do bendito café colonial que não pude resistir. Deixamos o hotel antes das sete da manhã. Ontem aluguei um SUV no aeroporto, assim não dependemos de ninguém para deslocamento e na hora de voltar entrego o carro antes do embarque. Sarah prendeu Nina cuidadosamente na cadeirinha que locamos junto com o carro, organizei as malas e seguimos viagem. A estrada para Pedra Azul é muito boa e a paisagem melhor ainda.

Ao subir a serra quis mostrar as vaquinhas para Nina, mas ela já dormia. Enquanto subimos somos emparelhados entre um paredão de rocha e um penhasco, em alguns momentos podemos ver casas com um estilo alemão e pousadas rurais.

Uma hora na estrada e chegamos a um hotel construído em madeira avermelhada e vidro, ele está em um terreno bem elevado em relação à pista e de lá podemos observar algumas plantações e árvores com folhagem amarela, quase mostarda. Outras são de cor rosa chá algo que eu não costumo presenciar em São Paulo.

Finalmente entendi o conceito de café colonial. O restaurante do hotel é um grande salão com mesas espalhadas ordenadamente e na lateral beirando uma janela com vista absurda, está uma comprida mesa em madeira rústica.

— Como funciona amor? — *Pergunto enquanto escolhemos uma mesa. A nossa volta tem muitas famílias comendo e falando animadamente.*

— Vamos pegar um prato e escolher o que queremos na mesa, na saída pagamos um valor único independente do que comermos. — *Eu tomo prejuízo com Nina e eles comigo.*

— Tisala tem um montão de papa.

— Tem sim amor, pode comer à vontade. Vamos lá, que minha mãe já deve estar em cólicas para nossa chegada.

Bolos, frutas, queijos e tudo mais que a imaginação permitir. A mesa era um atentado a qualquer homem lutando para se manter à altura da Ninfa que tem. Qual é? Meu metabolismo não é mais o de um cara de vinte anos, se não me cuidar vou ficar barrigudo e de cabelos brancos. Definitivamente o fato da Sarah ter dito que tenho muitos cabelos brancos me deixou cismado.

Sarah colocou pão com requeijão para Nina e fez um prato de frutas também, além de um pão generosamente recheado com

fatias de mortadela defumada.

— Isso vai te causar uma azia dos diabos.

— Se eu comer esse peito de peru light, ricota e suco de melancia que estão no seu prato vou sofrer de desnutrição.

— Estou me cuidando para você. O que acha se pintar o cabelo? — *Digo divertido para testar sua reação.*

— Deus me livre Leônidas. É muito estranho homem de cabelo pintado, prefiro assim. Você cismou com isso de idade agora néh? Quem escuta vai pensar que você tem uns sessenta anos e eu quinze, quando na verdade são pouco mais que dez anos.

Quarenta minutos depois voltamos para a estrada e rapidamente chegamos a propriedade dos pais de Sarah. É uma casa pequena e amarela, porém, muito bonita com um telhado colonial diferenciado, as madeiras de sustentação formam desenhos geométricos e nas pontas vejo telhas de um formato diferente.

Ao fundo o terreno é elevado formando algumas colinas cobertas por uma plantação baixa de um verde vivo. Assim que desligo o motor aparecem duas pessoas na varanda e pelo sorriso da minha Ninfa, sei que são seus pais.

A senhora ostenta uma longa trança na mesma cor acobreada que Sarah tem nos cabelos. Ela é branca como as gêmeas, mas seus olhos são cobalto e o sorriso é o mesmo herdado por Dora.

Não posso dizer o mesmo do pai, o senhor com fortes traços na pele não sorri, mas vejo alegria em seu olhar. Ele apenas abraça a filha e diz alguma coisa em alemão. Alemão? Isso é novidade para

mim. O pai é mais moreno, olhos escuros e com os fios grisalhos. É um homem grande e robusto comparado à esposa que percebo ser bem mais jovem que ele.

— Mãe, Pai... Esse é o Leônidas, meu namorado. E essa princesa é a Nina, minha enteada. — *Ok. Eu esperava uma reação bem pior, mas a senhora pegou Nina dos meus braços e começou a perguntar se ela queria ver as galinhas e andar de cavalo, Sarah foi logo atrás entrando na casa, eu fiquei com cara de tacho ao lado do meu sogro recém-apresentado. Acho que a intenção foi essa mesmo.*

— Então você é médico?

— Sou sim, senhor. Sou neurologista, cirurgião... Neurocirurgião. — *Putá que pariu mil vezes.*

— Está nervoso? — *Observa-me coçando a barba.*

— Não, senhor... Acho que perdi o jeito.

— Soube que é viúvo. Sua filha é pequena, deve ter sido recente que sua esposa faleceu.

— Isso mesmo. Foi recente, em dezembro.

— Confio nas minhas filhas, elas nunca me decepcionaram em nada, nem mesmo estando longe. Ela deve saber o que está fazendo. Por outro lado quero deixar claro a você que, não me agrada vocês estarem sob o mesmo teto sem casar, muito menos você sendo um homem viúvo a menos de três meses. Pelo que Amita me disse, seu casamento não era dos melhores.

— Pretendo me casar com sua filha senhor... — *Estou aqui tomando esporro sem nem mesmo saber o nome do cara.*

— Me chamo Antônio, minha esposa se chama Amita. As meninas sempre tagarelam quando estão juntas.

— Desculpe é que ela se refere a vocês como pai e mãe, nunca me atentei aos nomes. A morte da Silvia é bem recente, mas o fim do meu casamento se deu muito antes, assim que minha filha nasceu.

— Gosto que minha menina esteja com um homem feito, um moleque não daria conta. Elas são ótimas filhas, mas vão dar trabalho como mulheres. Safira é centrada, contida e muito persistente, mas tem um grave defeito... É rasa, não aprofunda relações, é péssima para se relacionar ou demonstrar afeto. Dora é a luz de onde quer que esteja, sorridente, espreitada, dada e muito amiga, capaz de dar a roupa do corpo por qualquer um... Seu grande defeito é não saber perdoar, ninguém a magoa facilmente, mas também não tem chance de fazê-lo duas vezes.

— E qual é o principal defeito da Sarah? — *Vou aproveitar que ele lê tão bem as filhas para me preparar.*

— Sarah é o meio termo entre as duas. Não é tão fechada quanto Safira e nem tão aberta quanto a Dora. Ela é maternal, doce, amigável e muito entregue. Por outro lado é impulsiva, teimosa e inconstante... Seu pior defeito é o orgulho e o topete alto demais quando brava, ela grita demais, se estressa e quase sempre prefere virar as costas para o problema do que enfrentá-lo.

Devo admitir, estou de queixo caído com meu sogro, imaginei um caipira que mal soubesse se expressar. Lembro-me da Sarah ter dito que ele era analfabeto, mas o cara fala alemão e conversa comigo de igual para igual, sem nenhuma desigualdade. Certo que o julguei mal.

— Ela não é como nenhuma outra mulher que conheço. Mesmo com nossas diferenças eu não mudaria nada nela.

— Duvido muito, mas só o tempo dirá o que sente de verdade. Só espero que resolva sua vida e não permaneçam vivendo em baixo do mesmo teto sem a benção de Deus, isso me envergonha.

— Vou resolver tudo.

Vinte e Três

Por Leônidas.

Entro na casa que, para não perder o costume, me surpreende positivamente. A vista de fora é muito agradável, mas internamente é... Extremamente aconchegante e acolhedora. Percebo que existem apenas cinco cômodos bem pequenos, ou melhor, pequeno para os meus padrões. Não consigo imaginar três crianças morando em algo tão... Compacto.

O terreno é bem irregular, porém completamente gramado e tomado por flores, troncos decorados com plantas, a tal árvore de folhas rosas e amarelas chama-se Ipê, ao lado da casa tem um enorme, rosa.

— Sente Leônidas, elas foram no terreiro e devem demorar. Amita vai mostrar toda a criação para sua menina. Aceita um café?

— Aceito sim. — *Acabei de tomar café da manhã, mas não vou fazer desfeita com meu sogro agora.*

Ficar bebericando um café amargo, sentado no sofá com o pai da minha Ninfa completamente sem assunto está me deixando muito, muito desconfortável. Quando já estou a ponto de pedir clemência ele fala.

— Vem, vou mostrar a casa e o terreno a você.

Sou apresentado aos dois únicos quartos, um banheiro simples, a sala que já conhecia e a cozinha que tem um fogão a lenha, uma grande mesa em madeira e panelas penduradas, é o maior cômodo da casa. Seguimos para uma área externa aos fundos da casa. Lá encontramos Nina segurando um pintinho, Sarah sentada sobre uma ripa e D. Amita jogando algo para as galinhas.

— Papai o piu piu! — *Fala feliz da vida.*

— Nossa princesa. A mamãe dele vai ficar brava se o deixar cair, cuidado.

— Ela está sendo cuidadosa Leônidas, sua filha é um amor de menina. Se fosse a Sarah já teria apertado até matar. Quando ela tinha a idade de Nina, apertava os pintinhos até sair as tripas e depois pedia “dissupa”, mas aí já era tarde.

— Amor! Assassina de pintinhos indefesos.

A manhã correu e eu nem me dei conta. Sarah foi ajudar a mãe com a comida, pelo cheiro, vou ter que morar na esteira quando chegar em casa. Eu e o Antônio, ele me proibiu de chamá-lo de senhor, ficamos no quintal olhando Nina brincar com os poucos animais. Agora ela quer levar o porquinho para casa e para meu desespero a mãe da Sarah deu o bichinho para ela. Não sei de onde tiraram isso, levar o animal de avião para São Paulo e ainda criá-lo na minha casa. Quem tem porcos como animais de estimação?

— Princesa, podemos mantê-lo aqui e toda vez que viermos podemos visitá-lo.

— Mas é da Nina o poco.

— Eu sei amor, mas ele vai ficar grande. Não é como um cachorrinho.

— Leônidas leva o bicho, essa qualidade não cresce muito não, vai ficar com uns 25 kg no máximo.

— Esse é meu medo. Minha filha pesa 19 kg.

— A Nina fica cum poco. Papai visita Nina qui.

Não tem nem três meses que Sarah apareceu em nossas vidas e minha filha já está teimosa igualzinho a mãe... Ou a madrasta. Resumo da opera, o “poco” vai para casa conosco.

Como vou me manter em forma comendo assim? Café colonial, almoço regado a milhões de calorias e para completar muitos, muitos morangos com leite condensado. Minha sogra fez galinha com quiabo, polenta, arroz, feijão, farofa, batata ensopada e torresmo. Sério! Não posso vir aqui nem duas vezes por ano sem ter um enfarte.

Depois de dormir não sei por quanto tempo na rede da varanda, fui intimado por Nina a subir para ver os morangos, isso mesmo subir. A plantação fica em uma parte mais elevada da propriedade, são grandes carreiras de pequenos pés verdes onde quase não se vê a terra. Entre as folhas e o solo existe uma lona preta.

— Por que essa lona Antônio?

— Isso é uma forma dos morangos não encostarem na terra, eles são delicados e queimam se tiverem esse contato. — *Estou me sentindo um pouco ignorante nesse momento.*

— Cadê os moangos vô? — Vô?

— Ainda não está na época Nina, eles vão encher isso aqui no inverno. Plantamos para colher de 60 a 80 dias depois. — *O bico que ela faz é tão grande que caímos na risada.* — Ei! Fica calma, tenho alguns pés dando fruto fora de época e você vai comer até ficar vermelha.

Amita aparece com um pote cheio de leite condensado e outro com chantili para passarmos os morangos. Parece fruta de propaganda de cereal matinal, eles são extremamente vermelhos e enormes, a folhagem é muito verde. Sarah senta-se com Nina no meio da terra e come lambendo os dedos com o doce que escorre. Tudo que penso agora é “não posso ficar de pau duro, não posso ficar de pau duro”.

Já consigo me imaginar correndo do meu sogro com uma foice nas mãos. Distraio-me comendo os morangos e também me sujo inteiro, quanto mais eu tento limpar mais fico lambuzado.

— Você está pior que a Nina para comer. Olha esses dedos...
— *A maldita levanta minha mão esquerda e chupa todos os dedos, um a um.* — Hum gostoso.

— Para com isso. Vou ter que me segurar até a noite e você está me tentando.

— Sinto te informar, mas vai ter que aguentar bem mais que isso. — *Olho-a sem entender, nem quero entender isso.* — Não vamos dormir juntos aqui amor. Papai jamais permitiria isso e eu não vou desrespeitar a casa deles.

Que legal, só fico sabendo disso agora?

— Ninfa... Hoje é quarta-feira, vamos embora no sábado. São muitos dias, onde vou dormir?

— Na sala.

— Claro... Na sala.

Acordo com o cheiro de café e pão caseiro, olho em meu celular e vejo que ainda não são 6h da manhã. Dormi em um colchonete no chão da sala, Nina e Sarah dormiram no quarto que foi dela. A noite não foi ruim, mas no fundo eu tinha a esperança de ser agraciado pela visita da minha Ninfa no meio da madrugada. Coisa que não aconteceu.

Depois de usar o banheiro e dobrar os lençóis, caminho para a cozinha onde encontro Amita arrumando a mesa do café da manhã.

— Bom dia sogra!

— Bom dia Leônidas! Sente, pode comer. Só falta vocês.

— Antônio já acordou? — *E eu achando que acordo cedo.*

— Levantamos às 4h da manhã para cuidar dos cafezais. Hoje não fui para ficar com vocês, mas vou levar o almoço para ele daqui a pouco.

— Vocês plantam café?

— Não é nosso. Somos meeiros, trabalhamos na terra de outra pessoa, em troca de parte da produção. Os morangos não dão o ano inteiro e não somos grandes produtores, entregamos nossa produção para uma cooperativa que vende e dividimos os lucros.

— Tem algo que eu possa fazer para ajudar? Tenho condições de...

— Leônidas meu querido, é bom saber que tem boa vontade. Mas nunca proponha isso ao meu marido, ele veria como ofensa. — *Fico sem reação diante da sua atitude* — Não somos ricos como

sua família, mas não passamos necessidade. Já passamos dificuldade, mas nunca faltou comida.

— Desculpe, não quis dizer isso.

— Eu sei.

A quinta-feira foi perfeita, aprendi coisas interessantes.

— Viu como está azulada? — *Pergunta Sarah apontando para a pedra que dá nome ao local.*

— É mesmo, mas ontem parecia verde.

— A coloração muda 31 vezes por dia, varia entre o azul, verde e o amarelo. Tudo depende da incidência do sol sobre os líquens que nascem sobre ela. Se prestar atenção vai ver que a outra pedra junto a grande lembra um lagarto subindo a ela. Amanhã vou levar você para a rota do lagarto, é um passeio turístico que temos aqui.

— Minha Ninfa também é cultura.

— Está pensando que sou pouca merda.

— Ah não! Você é muita merda junta amor. — *Levo um tapa no ombro por isso e rimos voltando para o interior da casa.*

Na sexta-feira deixamos Nina com meus sogros e fomos fazer a Rota do Lagarto, que na verdade é uma estrada que passa pelos principais pontos turísticos da região. Tomei cachaça artesanal, me acabei em queijos e no socol que é divino. Por fim almoçamos em um sítio e nos divertimos no *pesque e pague*.

Sábado acompanhei minha Ninfa a algumas visitas a parentes, são pencas de tios e primos, primas, mulher de fulano e filho de beltrano. Para variar tive que comer em todas as casas que passamos, o povo se sente ofendido se você não aceita o bolo com café... no mínimo.

Estaciono ao lado de uma caminhonete que está ao lado da casa dos pais dela, não preciso olhar para Sarah para sentir que ficou tensa de repente. Algo me diz que um certo sogro vai conhecer meu outro lado.

— Amor...

— É do seu ex esse carro?

— Ele é amigo da família Leônidas, deve ter escutado que eu estou aqui e veio me ver. Só isso amor. Pelo amor de Deus se controla.

— Lembro bem do infeliz que falou com todas as letras que você estava uma delícia. Não vou fazer nada, basta ele não tocar em você. Não vou aceitar que encoste em você. Sem a mão Sarah, se ele encostar não respondo por mim.

— Sejam os racionais, ele vai me abraçar e...

— Vai para casa maneta. — *Respiro fundo tentando relaxar. Essa porra vai feder.* — Estamos há dias aqui sem nenhum contato mais íntimo, não estou reclamando, entendo e respeito a sua posição, mas está complicado aqui em baixo. Só quero deixar claro que meu nível de testosterona está na casa do cacete e esse é o pior momento para ouvi-lo dizer que está linda.

Entramos abraçados, Sarah está dura feito aço. Nina corre ao nosso encontro abraçando nossas coxas.

— Não quero ir para casa não. Nina leva o pouco.

— Vamos levar seu porquinho, princesa. Boa noite a todos. — *Estou sendo civilizado. O cara está sentado no sofá com uma xícara de café e um prato de bolo. Ao ver a Sarah ele se levanta, ela enrola os braços em minha cintura.*

— Ei Sarinha. Achei que não voltaria mais hoje. — *Olha para mim.* — Como vai? — *Apenas aceno com a cabeça. Perco até minha sanidade com essas coisas.*

— Oi Tadeu. Fui reencontrar alguns tios, vamos embora daqui a pouco, nosso voo sai às 22h. Ainda temos que pegar estrada para Vitória.

— Nossa. Já são 17h.

— Pois é... Minha mulher tem que se organizar e se despedir dos pais, o tempo está corrido.

— É uma pena. Quando vier com mais calma podemos matar a saudade, não deixe de almoçar ou jantar comigo.

— Vamos Nina, já estou morrendo de saudade da nossa cama. — *Com um dos braços pego Nina no colo e com o outro aperto Sarah mostrando que ali é meu território e estou disposto a defendê-lo como for preciso.*

— Não sabia que havia casado? — *Olha interrogativo para ela ignorando minha presença. Mais um para julgar nossa relação. Sua pergunta foi para desmerecer o que temos.*

— Não casei ainda, vamos organizar algumas coisas primeiro.

— Obrigada pela visita Tadeu, é sempre muito bom receber você. Agora temos que ajudar nossa filha e o noivo dela com as coisas. Cuidado na estrada. — *D. Amita botando moral nele e em mim. Senti o tom que usou para falar “noivo” e quando falou com o traste já foi abrindo a porta para ele entender que deveria sair.*

Muitas lágrimas, abraços e promessas de uma nova visita em breve. Chegamos em casa mais de meia-noite com um novo membro da família... O porco. Sim, Nina tanto fez que acabamos trazendo o porco e vamos criá-lo como se faz com um cachorro, já avisei que ele vai morar lá fora, no máximo na casinha da piscina.

Amanhã temos o almoço na casa dos meus pais e quero estar descansado.

Com o passar dos dias tudo toma o seu rumo. Dia 7 de março Sarah fez uma festa para Nina na escola com todos os amiguinhos e levou o porquinho para alegrar a criançada.

Nunca vi minha pequena tão alegre e sorridente. É visível a mudança no comportamento dela, o fato de não ficar mais de um lugar para o outro facilitou as rotinas, ter o carinho e atenção constante da parte da Sarah a deixou mais confiante. Quase não reconheço minha filha.

(...)

9 de maio de 2014

Sarah está com o papel da dona da casa mesmo. Vejo Quinha perguntar o que ela quer para o jantar e se reportar a ela de forma

mais respeitosa. Nosso dia a dia tem sido como de qualquer família normal, a única coisa que está me tirando o sono é Ana. A víbora entrou com o pedido de guarda da minha filha, meu advogado informou-me há três dias que temos uma audiência marcada para o próximo mês. Já estamos em maio e domingo é dia das mães, quero fazer algo especial para minha Ninfa, ela já é a mãe da minha filha e não posso deixar este dia passar em branco. Logo teremos outros filhos e já é bom ela se acostumar com essas coisas.

Chego em casa e encontro Dora se despedindo com um forte abraço da irmã, não é comum que as irmãs de Sarah venham aqui, nunca me intrometi, mas elas quase não vêm. Com frequência elas se juntavam no apartamento da Vila Sônia quando todas estavam de folga, para colocar o papo em dia e passar um tempo juntas. Com a ida de Safira para Londres, Sarah e Dora ficaram mais unidas. Minha cunhada mais centrada embarcou para seu curso de Administração hospitalar em março.

Cumprimento as duas e subo, encontro Nina dormindo e a luz do quarto e do banheiro que eram da Sarah estão acesas. Ao entrar no banheiro para apagá-las vejo uma caixa de remédio sobre a pia... não é remédio.

— Teste de gravidez? — *Leio em voz alta. Corro os olhos em volta à procura do resultado, meu coração acelerado. Abro a lixeira e vejo mais duas caixas, por baixo delas estão os testes.* — Positivo em três testes. Parabéns papai! Minha Ninfa vai ser uma delícia grávida.

Chego ao nosso quarto e ela ainda não subiu, deve estar com medo de me falar. Espero, espero e nada. Resolvo ir atrás dela.

Encontro-a na cozinha comendo uma fatia de melancia com a porta da geladeira aberta.

— Tudo bem amor? — *Pergunto apreensivo. Recebo só um “uhum”.* — Alguma novidade? — *dessa vez só estala a língua com um “nhinhi”.* — Nada?

— Amanhã é a festa das mães na escola. Nina está quicando com isso.

— Você vai ser a mãe mais linda da festa. — *Chego perto e beijo seu cabelo, passo a mão em sua barriga.* — Amor, não precisa esconder... Eu já sei.

— O que sabe Leônidas?

— Sobre o bebê. Estou feliz amor, só vamos ter que adiantar o casamento. Seu pai vai me matar.

— O que você teria a ver com isso amor? — *Oi? Tudo. Fui eu que fiz.*

— Eu coloquei-o aqui dentro. — *Acaricio seu ventre, consigo imaginar quando minha mão estará lá na frente.*

— Você acha que estou grávida? — *Pergunta engasgando.*

— Eu vi os testes amor. Está tudo bem, sem problemas. Estou amando a novidade, já quero partilhá-la com todo mundo... Precisamos marcar uma consulta e a Nina? Ela vai adorar ter um bebê em casa...

— Os testes não são meus.

— Como não? Eu os vi no banheiro.

— Olha, finge que não sabe. Ela quer falar primeiro com o pai, mas os testes são da Dora.

Olha o tamanho da merda na minha frente. Impossível esse teste ser da Dora. Impossível a não ser que ela tenha...

— Quem é o pai? — *Sarah arregala os olhos e olha-me com ódio no mesmo instante. Dois segundos depois o pedaço de melancia é empurrado contra o meu peito.*

— Está louco Leônidas? Seu irmão é o pai. O namorado dela lembra-se? Lorenzo vai ser pai e Dora deve estar contando isso para ele agora mesmo.

Com certeza isso vai ser a merda da história moderna.

— Impossível. Lorenzo não pode ter filhos, nunca pode. Meu irmão já fez vários tratamentos, mas nunca pôde ter filhos. Lorenzo é estéril.

Vinte e Quatro

Por Sarah.

Lorenzo é um cara saudável e apaixonado por crianças, acabei de dizer isso à minha irmã para incentivá-la a contar logo para ele sobre a gravidez. Dora saiu daqui certa de que a notícia seria bem recebida, mas a julgar pela reação do Leônidas... Lorenzo vai enlouquecer.

— O filho é dele. Disso eu tenho certeza absoluta e não admito que você questione a honestidade da minha irmã, Leônidas.

— Amor, pensa comigo. Meu irmão nunca pôde ter filhos o corpo dele não produz espermatozoides.

— O filho é dele.

— Sarah, entenda. Lorenzo já fez inúmeros testes e tratamentos o maior sonho dele e ter um filho e ser um bom pai. Infelizmente o corpo dele não é capaz de gerar células reprodutivas, nunca foi amor. Eu mesmo acompanhei isso de perto, e posso afirmar que ele não produz nenhum espermatozoide, ainda não sabemos a causa, mas é um fato.

— Milagres acontecem.

— Traições também.

— Se fosse comigo? Se esse exame que você encontrou fosse meu, você me acusaria de traição? — *Não adianta, por mais que eu queira falar baixo, já estou aos gritos. Vamos de 8 a 80 em dois segundos, é sempre assim.*

— Desse jeito vamos acordar a Nina. Fala baixo, porra. Respondendo a sua pergunta. Eu nunca duvidaria de você, nós nos

amamos e eu sei que não me trairia.

— Então ele também não vai duvidar, eles se amam isso é notório.

— É diferente. — *Cruzo os braços aguardando que me explique à diferença.* — Eu não sou estéril. Imagine como isso vai cair na cabeça dele. Sua irmã é...

— É?

— Droga Sarah! A Dora é... Aberta demais, cheia de amigos homens no hospital. Sei lá... Ela gosta de se exhibir e dançar sem se importar com os homens babando por ela. Você não entende como um homem pensa.

— E como um homem pensa? — *Mantenho minha posição rígida, mesmo estando frente a frente com ele.*

— Ela deu para ele no escritório da boate, eles nem se conheciam. — *Leônidas diz gesticulando como se isso fosse o absurdo do século.* — Ela dançou no palco de pole dance. Nem mesmo aceitar namorar ela aceitou. Pode ser de outro ficante qualquer.

— Você está brincando néh? Dora tinha terminado um relacionamento longo naquele dia e queria se divertir, espairecer. Ela foi curtir com alguém diferente e ser feliz. — *Esse papo não tem sentido.* — Qual o problema de dançar? O palquinho está lá para isso.

— Ele está lá para mulheres vulgares chamarem a atenção de homens com os quais elas querem trepar. De preferência ricos,

dispostos a pagar a sua comanda.

— CHEGA! Vou para a cama, definitivamente isso vai dar pano para manga e eu estarei ao lado da minha irmã.

Subo batendo o pé até nosso quarto, não entra na minha cabeça que ele pense tão mal da minha irmã. Imagino o que pensa sobre mim, que transei com o patrão sem nunca o ter nem ao menos o beijado.

Dora saiu daqui tão animada com a notícia, assustada e animada ao mesmo tempo. O estranho é que, mesmo surpresa ela não demonstrou nenhuma dúvida quanto à reação de Lorenzo. O seu maior medo é em relação ao nosso pai.

Quando cheguei a São Paulo elas me indicaram um implante subcutâneo para usar como contraceptivo, gostei da ideia e coloquei um válido por três anos. Elas já usam há um tempo e o da Dora estava para vencer. Acredito que com a empolgação de namorado novo e viagens que eles sempre fazem, ela acabou esquecendo a data de colocar um novo implante. Resultado... Um sobrinho ou sobrinha a caminho.

Nem acreditei na postura do Leônidas em relação a termos um bebê. Estamos cheios de problemas, e ele vem achar boa a ideia de ter um filho? Totalmente bipolar esse homem. Até poucos meses atrás eu era dispensável... Agora ele quer um filho.

Tomo um banho bem longo para relaxar e esquecer os problemas que com certeza não terão fugido ao amanhecer. Ao sair do banheiro Leônidas está sentado na cama com algumas folhas nas mãos.

— O que é isso?

— A Ana entrou com o pedido de guarda da Nina. Esses são os documentos entregues pelo oficial de justiça, aqui está intimação e a contrafé onde estão citadas as acusações dela sobre mim. Há três dias meu advogado avisou-me sobre a data da audiência.

Permaneço de pé sem entender algumas coisas diante de mim. Há quanto tempo ele sabe disso? Ninguém marca uma audiência do dia para a noite, então esse processo não é de hoje. Por que ele estava escondendo isso de mim? Que acusações são essas e por que estou no escuro?

— Vejo que isso não é de hoje. Por que me contar agora se já estou sendo ignorada a tanto tempo? — *Nem sei mais pelo que estou brava ou se estou brava. Talvez desapontada, estamos vivendo como marido e mulher há meses e ele não me diz algo assim?*

— Estava esperando para ver até aonde isso daria, mas vejo que vai longe. Devia ter te contado antes, mas tudo estava tão bem entre nós três e você sempre tão feliz que não quero chegar em casa e encontrar tristeza, quis te manter assim: Meu paraíso, meu alívio.

— Quis me manter no escuro. Por que contar agora?

— Já que a paz foi quebrada pelos nossos irmãos... Vamos aproveitar a deixa e contar de uma vez. — *Finge humor ao falar.*

Sento-me ao seu lado e cruzo as pernas sobre os joelhos, Lorenzo folheia as páginas e começa a ler a tal Contra Fé.

As acusações vão desde adultério, neste caso além do apartamento usado para seus casos extraconjugais também sou citada como amante fixa. Isso me deixa completamente chocada, nem mesmo havia trocado duas palavras com Leônidas antes do suicídio de sua esposa. Ana o acusa de ser o responsável pelo desequilíbrio mental de filha e consequentemente por seu suicídio. As acusações continuam com o fato de Nina ser criada em várias casas, descaracterizando o direito ao ambiente familiar e gerando assim uma insegurança e falta de rotina em sua criação. Para fechar com chave de ouro a megera está acusando Leônidas de ser instável, violento, leviano e promiscuo. Os casos de agressão contra Talles e o cara da sauna são usados como exemplos de seu descontrole emocional, além do fato de ter sido drogado pelo próprio pai após a morte da Silvia.

— Como ela sabe das agressões? — *Não posso acreditar em tudo que escutei, é muito pior do que pensei.*

— Não faço ideia.

— Amor, você devia ter me dito isso. Quando é a audiência?

— Três de junho. — *Ele tenta, mas não consegue esconder o desgosto.* — Tem quase um mês que leio estes papéis e tento entender como ela pode fazer isso comigo. Faço o melhor que posso para a minha filha, a amo mais do que tudo. Se não fosse por mim Silvia teria feito um aborto e minha princesa, nem mesmo, teria passado de um teste positivo.

— Ela está fazendo isso para se vingar.

— Não. Ela está fazendo isso para ter uma pensão bem gorda ou para ter o prazer de me ver infeliz, sem você ou sem Nina. Acho que qualquer opção a deixará satisfeita.

— Talvez...

— Não se atreva a me deixar agora Sarah. Mato um leão por dia, mas preciso do meu bálsamo ao chegar em casa. Preciso saber que do portão para dentro estou no meu paraíso e ele não será completo sem você ou sem a Nina. — *Enquanto esfrega minhas coxas vejo tanta sinceridade em seus olhos que não tenho coragem de continuar.*

— Não quero estragar a sua vida Leônidas. — *No fundo sinto-me muito culpada por tudo isso. Se eu não estivesse aqui a víbora não pediria a guarda da neta.*

Aos poucos se aproxima do meu corpo e beija meus joelhos antes de esticar cada uma das minhas pernas, suas mãos grandes vão massageando os músculos tensos dos membros inferiores. Sem aviso, levanta-se e busca um frasco de óleo de amêndoas com gengibre no banheiro. Fico maravilhada com sua imagem, os passos firmes.

— O que estraga a minha vida é saber que mesmo dividindo a mesma cama comigo, você duvida do amor que sente por mim. — *Senta-se aos pés da cama e começa a massagear meus pés.* — Qualquer coisa é motivo para cogitar ir embora.

— Não quero ser o seu tropeço. Tenho medo que perca a Nina por minha causa e isso mate o amor que diz sentir por mim. — As mãos firmes sobem até minha panturrilha.

— Eu não digo, eu sinto. Ele me consome... Não tento escondê-lo como você faz.

Desnecessárias são as palavras quando suas mãos atingem minhas coxas. As carícias vão além de uma simples massagem, o aperto é firme, constante e quase doloroso. Duas mãos comprimem o meu quadril enquanto o polegar percorre o vinco que forma o cálice entre as minhas pernas.

O óleo reflete a luz amarelada dos abajures tornando tudo mais erótico, sensual e estamos adorando esta aura. Pego o celular em cima do criado mudo e deixo rolar uma playlist de *Boyce Avenue*.

Até agora ele não tocou meu sexo, fez os contornos do meu ventre, traçou todas as minhas curvas sem tocar o local que agora clama sua presença. Leônidas desliza para cima a medida que suas mãos sobem por meu corpo, já estamos quadril a quadril sendo que eu deitada e ele sentado. Do colo a ponta dos dedos, massageou cada centímetro e mais uma vez sofri a ausência do seu toque, ele não encostou em meus seios mesmo com minhas tentativas frustradas de persuadi-lo.

— Vire-se. — *A essa altura planto até bananeira se ele mandar. O processo foi repetido em minhas costas, mas desta vez não pulou minha bunda, muito pelo contrário ela ganhou grande atenção.* — Espero que já tenha percebido, eu não vou te deixar partir... Nunca.

Leônidas arrasta meu corpo até o meio da cama deixando-me de lado com uma das pernas flexionada. Seu corpo está grudado ao

meu de forma homogênea e irretocável, com os lábios encostados em minha orelha ele diz:

— Não posso perder a minha fonte de paz, o meu aconchego. Às vezes acho que não demonstro o tamanho do meu amor para você. — *Não sei se presto atenção em suas palavras ou em sua glândula que pressiona entre minhas pernas.* — Eu a amo Ninfa. Amo muito. Amo desesperadamente.

O vidro da janela reflete seus movimentos, vejo o lento abaixar de seu quadril enquanto sinto toda a extensão do seu pênis dilatar minha boceta úmida e quente. Quando está completamente dentro de mim ele para, forçando o máximo que pode para entrar ainda mais, até que não haja nenhum espaço vago entre nós. A boca que estava em minha orelha agora morde os ossos do meu ombro esquerdo, parece buscar equilíbrio entre o desejo e a necessidade.

— Leônidas... Ah!

Aos poucos seus movimentos ganham velocidade e precisão. Por mais que eu queira participar não consigo me mover e isso me deixa em chamas. Ele sabe todos os botões que deve apertar para me dar prazer. Com a mão direita Leônidas segura a cabeceira da cama, a esquerda mantém meu rosto junto ao colchão enquanto seu corpo toma posse do meu sem restrições.

— Leônidas, mais. Eu quero mais forte.

— Assim? É assim que a minha Ninfa gosta de ser saciada? — *Minha bunda é puxada para cima e logo estou de quatro sobre a cama com meu carrasco metendo dentro de mim, agora sou eu que seguro a cabeceira, em uma tentativa desesperada de não perder o*

compasso delicioso das estocadas. — E esse grelo inchado de tesão? Isso é só para mim e nunca vou ficar sem, você é minha. Minha! Está presa a mim para sempre.

Com o clitóris enclausurado entre o polegar e o indicador de Leônidas começo a perder as forças, meus seios e tronco já cederam e apenas minhas ancas se mantêm para o ar, enquanto ele se movimenta como uma máquina atrás de mim.

— Ahm, ah... Leô... — Isso só pode ser um prêmio de bom comportamento em vidas passadas. Devo ter sido uma escrava no Egito e estou sendo recompensada agora, ninguém deveria morrer sem ter um orgasmo por penetração e estímulo de clitóris ao mesmo tempo. É fodástico! Nem vi o homem gozar.

Tem um maldito despertador apitando, mas não quero abrir os olhos. Está tão gostoso aqui, devo estar sonhando.

— Alô. Sim aqui é Leônidas Malamam... Sou irmão dele, o que houve? — *Viro-me para encontrar Leônidas com o telefone entre a orelha e o ombro, vestindo a calça e gesticulando para eu acender o abajur.* — Preso? Como assim? O que ele fez para isso acontecer?

Algo me diz que isso tem ligação com a gravidez da Dora.

— Estou indo com o meu advogado. Obrigado por ligar. — *Arregalo os olhos em expectativa aguardando ele contar o que aconteceu.* — Lorenzo foi preso. Parece que ele tentou entrar no seu antigo prédio para falar com a Dora e ela não atendeu, então ele decidiu quebrar toda a portaria e os moradores chamaram a polícia.

— Meu Deus! E minha irmã como está? Ele machucou a Dora? — *Não que eu ache que ele faria, mas nunca se sabe...*

— Olhe Sarah, da mesma forma que você pode defender a sua irmã, eu também defendo o meu. Lorenzo é um homem digno e nunca faria isso, somos um pouco esquentados sim, mas nunca agrediríamos uma mulher, muito menos se ela fosse nossa. Lo não está certo, mas também não está agindo sem motivo.

— Vai me dizer que acha que o bebê não é dele? — *Já elevo minha voz novamente.*

— Fala baixo, porra! Não acho nada, apenas que é melhor não deixarmos isso entre nós. Vou buscar meu irmão e você liga para a sua. Tchau!

Dito isso ele sai sem ao menos um beijo. Ódio!

Vinte e Cinco

Por Leônidas.

Toda essa merda vai afetar meu relacionamento com a Sarah, se já não está afetando. No início era até engraçado meu irmão namorar a irmã da minha namorada, mas agora vejo que nem tudo é tão bom assim, pois tanto as coisas boas, quanto as ruins, vão respingar no meu relacionamento.

Saí de casa nervoso com mais uma discussão e a lembrança do dia a dia com Silvia povoando minha mente. Estamos morando juntos há poucos meses, desde que voltamos de Pedra Azul em março. Neste meio tempo minha vida se tornou um paraíso na terra. Durante o dia administro a pressão e os inconvenientes costumeiros, durante a noite vivo em plena harmonia com minha mulher e minha filha. Nina também percebe as mudanças e sempre sorri, agora minha princesa tem um brilho nos olhos que nunca vi antes.

Chego à delegacia junto com meu advogado Dr. Júlio Delprame, tive que acordá-lo às 4h da manhã para resolver essa bagunça que Lorenzo criou. Depois, eu sou o descontrolado da família.

— Boa noite Leônidas. Vamos entrar e ver qual foi a situação que Lorenzo se colocou.

— Bom dia quase.

Mais de uma hora de espera até que conseguimos falar com o delegado de plantão, pela cara do sujeito a situação do meu irmão não era das melhores.

— Boa noite Wagner. Quais são as acusações contra meu cliente? — Wagner? Assim sem maiores formalidades?

— Seu cliente cometeu dano qualificado contra o patrimônio privado. Agrediu verbalmente os policiais que o trouxeram aqui, o que caracteriza desacato a autoridade. Resistiu à prisão e está detido. — *Júlio o questiona quanto à questão de dano simples ou qualificado, permanece em silêncio. Pelo que esse homem recebe ele deve saber o que está fazendo. Depois de muitas palavras trocadas de forma menos formal do que eu esperava, o delegado decide amenizar a situação por entender que Lorenzo não representa nenhum perigo a sociedade, é só um homem com dor de corno.* — Vou lavrar um termo circunstanciado e o seu cliente deverá comparecer perante um juiz para se explicar quando for chamado.

— Obrigado Wagner!

— Esse é o meu trabalho... A propósito, esperamos você domingo para o almoço de dia das mães. — *Agora sim estou perdido na conversa desses dois.*

Quando saímos da sala para aguardar meu irmão, não pude deixar de perguntar qual a relação dele com o delegado. Descobri que o delegado é filho do marido da mãe dele, fruto do primeiro casamento. Oh mundo pequeno, mas foi melhor assim. Vejo meu irmão caminhando ao lado de um policial, ele parece abatido e putado. Conheço Lorenzo, ele sempre foi responsável e retraído, das poucas vezes que teve problema com a sua raiva... É! Foi complicado, no mínimo.

Lembro-me de três casos marcantes. A primeira vez foi quando mamãe foi assaltada na porta de casa, nós três chegávamos do colégio e ela do consultório. Quebramos o marginal na porrada. Lorenzo teve que ser retirado de cima do cara por mim e por Bento, o infeliz já estava desmaiado e Lo continuava a esmurrar a cara dele totalmente descontrolado. A segunda vez foi na escola, ele brigou com um garoto que havia passado a mão na bunda da sua namorada, tínhamos quinze e dezessete anos, o moleque teve traumatismo craniano, quebrou duas costelas e um dente. A terceira vez? Prefiro nem me lembrar... Foi comigo, por causa da nossa coleção de carrinhos em miniatura. Vergonhosamente eu levei a pior e ficamos sem nos falar por longos dois dias, até papai intervir e jogar a coleção fora lembrando que já éramos maiores de idade.

— Como você está?

— Só quero ir embora. Agora, por favor! — *Fala sem ao menos direcionar o olhar a mim.*

Despeço-me de Júlio e sigo para a casa dos meus pais, onde Lorenzo mora. Em nenhum momento trocamos quaisquer palavras, o silêncio neste momento diz tudo que eu preciso saber e mais um pouco. Suas mãos estão feridas, tem marcas de algemas expressivas nos pulsos, além um grande hematoma no maxilar e suas roupas estão rasgadas.

Quando chegamos vou com ele até o quarto e pego a caixa de primeiros socorros que fica no banheiro. Enquanto Lorenzo toma um banho eu pego uma roupa no armário e jogo a sua no lixo. O dia já está claro a um bom tempo.

— Pode ir se quiser. — *Senta-se com as pernas para fora da cama e eu aproveito para me aproximar, aproximo uma cadeira da cama. Ele não mandou que eu saísse, apenas ofereceu.*

— Não quero ir. Dá-me a mão direita, vou dar ponto nesses dedos e você vai ficar quieto até eu terminar.

— Pode dar ponto até nos meus olhos, estou completamente anestesiado. — *Dói-me vê-lo assim. Não há brilho em seus olhos, parece um cadáver que se esqueceu de cair.*

— Fala comigo. — *Depois de alguns segundos segurando a respiração ele a solta e começa a falar.*

— Ela está grávida. Contou-me como se fosse a notícia mais alegre do mundo, parecia feliz com a ideia. — *Esboça um sorriso falso e continua.* — Teve coragem de dizer que o nosso amor deu fruto e teríamos um “Malamanzinho”. Acredita nisso?

— Se ela está dizendo...

— Porra Leônidas! Só se for filho do Divino Espírito Santo. Eu não posso ter filhos e você sabe muito bem disso, nós sabemos que eu já fiz de tudo e nada deu resultado positivo.

— A Sarah disse que o bebê é seu. Poderia dar um voto de confiança e esperar para ter certeza.

— Ah claro, a Sarah disse. Elas são irmãs, é obvio que se defenderiam. Acho melhor abrir o olho com a sua Ninfa, porque se uma não presta, a outra dever ser da mesma laia. Um bando de vagabundas interesseiras...

— Não vá por aí Lorenzo. A Sarah é minha mulher e não vou admitir que a ofenda, nem longe e muito menos na frente dela. Sei que está com problemas e eu não gostaria de estar na sua pele, mas as coisas devem ser vistas com mais clareza por quem está de fora. Somos médicos e sabemos que a medicina não é uma ciência exata, as coisas mudam, o corpo humano é mutável. Dê-se a chance de ser feliz e tente ir com calma nos seus julgamentos.

— Caralho! Não tem um ano que fiz um espermograma, a situação era a mesma que sempre foi. — *Com uma das mãos sobre o meu joelho enquanto suturo seu dedo, aproxima-se ao máximo do meu rosto e vejo a conhecida fisionomia sem controle.* — Tem ideia de como eu desejei isso? Faz a porra da ideia de quanto eu daria para esse filho ser meu? Mas ele não é! — *Sua voz sai alta enquanto milhares de perdigotos saltam para o meu rosto.*

— Há chances...

— Sim, há duas chances. Ou ela estava tentando me dar o golpe da barriga e acabou engravidando de outro trouxa, sem saber que sou seco. Ou ela trepa com outros caras e engravidou sem querer, aí o babaca oficial seria perfeito para assumir a merda.

— Faça o exame e saia dessa agonia.

— Nem fodendo. Quero mais é que ela e esse bastardo se explodam.

Deixei a casa dos meus pais antes do almoço. Normalmente as sextas-feiras trabalho na parte administrativa do hospital e pude deixar de ir, vou para casa conversar com a Sarah e saber como foi o papo com a Dora.

Por Sarah.

Assim que Leônidas deixa o quarto eu ligo para Dora e ela atende no primeiro toque. Safira viajou para Londres e ela ficou sozinha no apartamento, vai ser assim por dois anos até Sá voltar para o Brasil.

— Alô. — *Uma palavra e consigo perceber que ela chorou a noite inteira.*

— O que aconteceu? Fala para mim mana.

— Ele veio aqui e eu contei sobre o bebê, achei que fosse soltar fogos de felicidade, Sarah. Você não tem ideia de tudo que ele me disse... — *Por mais de quarenta minutos Dora conta as coisas horrorosas que Lorenzo disse a ela. Até quebrou a porta do quarto com um chute e rasgou todas as roupas que deu a ela. Na verdade ele destruiu tudo que deu a ela. Telefone, urso de pelúcia e jogou as alianças de prata na privada.*

Sinto muita pena da minha irmã, não é comum vê-la tão abalada, não houve um só momento em que não estivesse aos prantos e soluçando. Minha vontade é de dar uma boa surra nesse idiota, mas sendo irmão de quem é, até entendo a reação, esse povo dos Malamam é muito esquentado, credo! Se fosse Leônidas teria derrubado o prédio.

— Vem para cá mana, fica aqui comigo.

— Não, eu quero ficar sozinha. Nesse momento tudo que quero é distância dessa família. Meu filho nunca será uma Malamam, como ele me disse com todas as letras. — *Sei que é exatamente isso que ela quer.*

— Você não desceu para defendê-lo de ser preso? Ele pode estar passando por sérios apuros, Leônidas ainda não voltou.

— Não. Ele morreu para mim Sarah. Vou pedir transferência de unidade e agora só quero distância.

Já está claro e logo será a festinha de dia das mães na escola da Nina. Arrumo seu cabelo, visto-a de carneirinho como foi combinado, me arrumo e saímos. Já liguei mais de vinte vezes para Leônidas, mandei mensagem, torpedo e nada... Só espero que ele se lembre da apresentação de Nina, vai ser a primeira já que na páscoa ela ficou com medo e desistiu.

— Que bom que veio Sarah. Onde está o papai? — *Não vou mentir para a psicóloga da escola, já nos tornamos amigas e ela é muito atenciosa.*

— Oi Michele! Ele está resolvendo problemas de família, logo estará aqui. Eu espero.

— Entendo. Leônidas devia se benzer. — *Sou obrigada a sorrir e concordar com ela, nós precisamos colocar água benta na caixa d'água de casa, isso sim.*

Como eu temia, ele não apareceu. Nina fez uma apresentação lindíssima como carneirinho no espetáculo “*Filhotinhos da Mamãe*”, ao final ela correu e disse que eu era a melhor mãe do mundo. Preciso falar que chorei? Litros!

Assim que entramos em casa, vejo Leônidas com o porquinho no colo perguntar para Quinha onde eu e Nina estávamos. Quase respondi “Na puta que pariu”, mas eu vou me controlar.

— Elas foram à apresentação da Nina. Você não deveria estar lá também Léo?

— Puta que pariu! Esqueci-me de mais essa. Sarah vai me escalar. — *Ao escutar as palavras do pai Nina o adverte.*

— Muto feio isso. Bate a boca!

— Desculpe princesa, ou melhor, carneirinho. Você está linda demais! — *Enquanto abraça a filha olha-me sem graça.* — E aí? Como foi?

Subo para tomar um banho e me trocar. Quando chego à sala Leônidas e Nina já estão na mesa e Quinha está colocando os pratos. Ficou um clima estranho entre nós, desde que saiu não nos tocamos, nem um beijo ou um abraço. Sento-me ao lado de Nina e a ajudo a comer, quando terminamos retiro os pratos e ele fica com a filha no tapete brincando de massinha.

— A princesa dormiu. Você subiu e não desceu mais, estava esperando que descesse. Precisamos conversar, amor. — *Olha-me com as sobrancelhas juntas.*

— Você saiu de casa sem ao menos me dar um beijo e não foi à apresentação da sua filha. Nós combinamos Leônidas.

— Meu irmão estava preso. Dá-me um desconto, ok? É sobre isso que quero falar. — *Depois que ele me conta sobre sua conversa com Lorenzo, eu conto sobre a minha com Dora.* — Ninfa, olha para mim. Vamos manter isso fora do nosso convívio, não podemos deixar nossa relação ser afetada pelos problemas dos outros.

— Ela é minha irmã.

— Sim, ele também é meu irmão. Só quero que nosso apoio a eles não passe dessa porta para dentro. Aqui será área neutra, não falamos sobre eles e não discutiremos sobre eles. Isso tudo só está começando e eu não vou permitir que afete o que temos. Podemos tentar assim?

— Podemos.

Enquanto Leônidas dormiu um pouco, eu fui escrever um conto e publicar no meu blog “*Entre as Pernas*”. De um tempo para cá deixei isso um pouco de lado, mas resolvi contar de forma anônima as minhas aventuras com o meu carrasco ao invés de criar contos fictícios.

O final de semana foi diferente para mim e para Leônidas. Eu passei no apartamento com Dora e ele passou na casa dos pais dele e levou Nina. Ficar muito tempo separado se tornou algo incomum para nós dois, parece que um ar gelado está constantemente rondando meus órgãos, meu coração fica pequenininho.

Domingo deixei Dora sozinha para almoçar na casa da minha sogra, ligamos para mamãe e depois desci para encontrar com meu carrasco impaciente na portaria ainda quebrada. Assim que chegamos lá, dona Magda me chamou para ver algumas fotos no quarto, claro que eu sei o real motivo.

— Sarah, minha querida. Como está sua irmã?

— Um trapo, mas vai se recuperar. — *Não quero dar muita brecha, não sei qual a posição dela quanto a isso.*

— Quero que saiba que nem eu, nem Benício iremos tomar partido quanto a isso. Orientamos Lorenzo sobre as possibilidades desse filho ser realmente dele, mas meu filho está irredutível.

— Possibilidades?

— Não me entenda mal. Ele é meu filho e diz ter certeza que não é o pai da criança, ele não acredita nas palavras dela.

— Ela é minha irmã e eu a conheço como a mim mesma. Dora só teve um homem além do seu filho, eles se conheceram no dia que ela terminou um relacionamento estável de oito anos. Não duvido da enfermidade dele, mas o corpo humano é algo muito desconhecido ainda, a medicina se surpreende a cada dia. Não somos leigos para duvidar disso.

— Eu não sei o que pensar.

— Pense em uma garota que está sozinha no momento mais difícil da vida dela. Pense que essa mesma garota vai ter que enfrentar o pai e dizer que está grávida e o namorado não acredita que o bebê possa ser dele. Fora que vai ter que criar uma criança sozinha...

— Se esse neto for meu ele terá de tudo. Mesmo se não for, quero ajudar a Dora. Eu amo vocês como filhas que eu não tive. Só peço que entenda o meu lado, não quero ser injusta com ninguém e meu filho está sofrendo muito.

— Vamos tentar levar as coisas da melhor forma possível. Onde está o Lorenzo?

— Saiu hoje cedo, não sei para onde. Meu filho está de dar pena.

Depois de um almoço regado a brincadeiras do Bento, patadas de Leônidas e a intervenções dos meus sogros. Fomos para casa, amanhã o advogado vem conversar sobre a audiência e precisamos entrar para ganhar daquela víbora.

Vinte e Seis

Por Leônidas.

— Sente-se Júlio. Essa é minha namorada, Sarah.

— Prazer em conhecê-la. É bom que esteja aqui, você é citada no processo. — *Sinto-a enrijecer com a menção a isso. Por mais que saiba do seu amor por mim, tenho a impressão que ela pode ir embora a qualquer momento, vejo como essa situação a afeta.*

— Essa citação é falsa, nunca tive nada com Leônidas antes de começar a trabalhar aqui. Ela não pode provar isso. — *É engraçado como ela muda de postura de um segundo para o outro, minha Ninfa vai de zero a cem em dois segundos.*

— Calma meu amor, vamos resolver tudo e depois ainda quero processá-la com difamação.

Nossa conversa levou mais de três horas. Quando Sarah saiu para buscar Nina com o motorista fiz questão de ficar. Minha sogra mandou os documentos necessários e eu precisava entregá-los ao Júlio para dar entrada nos papéis do casamento.

— Em quanto tempo estaremos casados?

— Os papéis levam trinta dias para correr. Você já pode marcar a data e avisar a noiva, em primeiro lugar.

— Vou contar hoje à noite. Queria ter tudo pronto para ela não ter desculpas.

— Leônidas Malamam tendo que cercar uma pequena mocinha para se casar. O mundo está perdido mesmo. Besteira assim, a gente só faz uma vez meu amigo, depois corre feito diabo da cruz... Falou em cinema eu já pulo fora, imagina casamento.

— Amo essa mulher Júlio. Cada dia é melhor que o outro, até as brigas são gostosas.

— Se você está dizendo...

O restante do dia foi corrido e cheio de problemas. Perdi dois pacientes quase na mesma hora, sendo um em cirurgia e outro que já estava em coma há duas semanas. Comunicar duas famílias que seus entes queridos não retornariam para o lar foi a parte mais complicada, sempre é.

Cheguei em casa mais de 23h, Sarah e Nina dormiam na nossa cama. Tem visão mais bela que essa? Minhas duas razões de viver juntinhas, uma agarrada a outra.

— Ninfa... acorda Ninfa, vou levar a princesinha para o seu castelo. — *Depois de alguns segundos ela se afasta para eu pegar a mocinha dorminhoca.* — Já volto!

Mesmo que não haja sexo ou outras carícias, passar a noite com a minha Ninfa é renovador, é como se eu fosse colocado em um carregador e acordasse pronto para mais uma batalha. Acordamos todos antes das 7h, eu preciso trabalhar e Sarah vai deixar nossa princesa na escola para depois fazer a matrícula em uma grande faculdade que tem cursos a distância.

— Tem certeza que não prefere fazer presencial?

— Eu consigo estudar em casa. Vou conseguir me dedicar e poder estar presente para Nina quando precisar de mim. — *São esses pequenos detalhes que me deixam ainda mais apaixonado por ela.*

— Falando em dedicar-se... Dei entrada nos papéis do nosso casamento. — *Imediatamente Sarah se engasga e recorre ao copo de suco de laranja posto ao seu lado.*

— Como assim?

— Casamento, padre, cartório, vestido... Essas coisas amor.

— Tisala casa cum papai! Nina quer se daminha.

— Podemos arranjar isso meu amor. — *Falo dando tempo a Sarah para absorver a notícia. Sua expressão é de pura surpresa.*
— Arrependida?

— Não. Claro que não... Estou muito surpresa, pois acho melhor esperarmos a questão com a jararaca se resolver para pensarmos no casamento. — *Sussurra enquanto passa geleia em uma bisnaguinha para Nina que está sentada ao seu lado.*

— De forma alguma. Já esperamos demais, daqui a pouco o Antônio vem aqui levar você de mim. — *Quando falo isso escuto um ronc ronc e quase salto da cadeira.* — O que esse bicho está fazendo aqui? Droga! Quinha leva essa peste para o jardim.

— Não! É meu poquinho. Nina deu banho no paco papai. — *Junto as sobancelhas questionando Sarah pela revelação que minha filha acaba de fazer.*

— Amor, o porquinho é mais limpo que muito cachorro por aí. Nina gosta de tomar banho com ele na banheira. — *Oi? Isso só pode ser brincadeira.* — Nem me olha assim, eu brincava na lama com eles e estou viva. Ele é vacinado e muito limpinho.

— Sarah...

— Vá trabalhar querido, dos assuntos da nossa casa e da nossa filha cuido eu.

E foi assim que ela derrubou qualquer barreira que eu tivesse construído contra aquele porquinho de uma figa. *Nossa casa, nossa filha*. Nada poderia me alegrar tanto, não há coisa melhor do que ver minha vida entrando nos eixos depois de tanta turbulência.

Em pouco tempo eu já estava completamente apegado ao Poco, sim esse nome pegou mesmo, como Nina ainda não fala perfeitamente e se refere a ele como Poco, e não porco, todos o chamamos de Poco. Gosto de assistir MMA e ele sempre assiste comigo, também passeio com ele de vez em quando e todos me olham... ou melhor, olham para o Poco, que se comporta como um cãozinho amestrado. Como se não bastasse ele só dorme no tapetinho que fica ao lado da cama da Nina e quando amanhece ele fica gritando para alguém descê-lo, o infeliz tem medo da escada.

Amanhã é a audiência, sinto-me como um esquilo que se entorpeceu de cafeína, não consigo dormir e nem sentar, estou ligado no 220v. Desmarquei minhas cirurgias desta semana e deixei as emergenciais para outros médicos, não tenho estrutura para lidar com essa responsabilidade no momento. Sarah é orgulhosa e tenta transparecer tranquilidade, mas logo está roendo as unhas e chacoalhando o pé enquanto escreve no computador.

Os materiais do curso de letras a distância já chegaram e ela estuda enquanto Nina está na escolinha. No início ela queria pedagogia e com o movimento que seu blog de contos ganhou ela optou por letras. Vamos ver no que isso vai dar.

(...)

03 de junho de 2014

Vejo o sol nascer enquanto Sarah dorme com os cabelos emaranhados em seu rosto e Nina ao seu lado segura sua orelha e chupa o dedo. Não costumo deixá-la dormir aqui, mas hoje não aguentei ficar longe, passei cada segundo observando as duas e velando seu sono. Como pode alguém querer me obrigar a escolher entre esses dois amores tão distintos? Qual o sentimento que existe dentro da pessoa que quer tirar a filha de um pai que a ama? Cheguei à conclusão que isso não é por dinheiro e sim por vingança, Ana acredita que eu tirei a vida de sua filha e por isso mereço sofrer.

Deus, não permita que ninguém tome minha filha de mim. Posso ter cometido todos os erros do mundo, mas nunca faltei para minha menina. Por mais que tenha errado como marido, tenho certeza que não errei como pai. Fiz o meu máximo, dei o meu melhor e sei que o resultado foi maravilhoso. Senhor, guia o discernimento do juiz que estiver a frente do meu caso para que ele veja a motivação egoísta desta ação. Toque no coração daquela jararaca, com o perdão da palavra, para que ela desista e não destrua a minha vida. E por último pai, dai-me paciência para não quebrar tudo que estiver a minha frente, pois essa é a minha vontade, o Senhor já sabe. Por mim quebraria tudo e fugiria deste mundo com a minha mulher e minha filha para sempre.

— Leônidas? Está me ouvindo?...

— Oi! Estava distraído.

— Você passou a noite aí não foi? — *Confirmo com a cabeça.*
— Precisa descansar, a audiência será às 9h. Dorme um pouco.

— Não consigo. — *Antes eu estava preocupado, mas agora que o grande dia chegou parece que vou enfartar a qualquer momento.*

— Você precisa estar tranquilo. Vem aqui. — *Já sentada ela estende os braços e eu me ajoelho no chão deitando a cabeça sobre suas coxas.*

Não sei por quanto tempo Sarah acariciou minha cabeça e disse de várias formas que me ama e como vamos ser uma família muito feliz e logo estaremos falando sobre esse julgamento nas reuniões de fim de semana na casa da minha mãe.

— Tenho um pedido.

— Te dou qualquer coisa para voltar a ser o meu carrasco de sempre.

— Tira o implante. — *Ela não esperava por isso, seus dedos congelam sobre a minha cabeça enquanto sinto sua respiração se alterar.* — Para nossa lua de mel, como meu presente de casamento. Os papéis já estão prontos e agora é só ganhar essa porcaria desse processo e casar, mas quero você sem o implante. Pronta para engravidar... em breve.

— Combinamos de esperar a audiência.

— E esperamos, mas podemos marcar para quando quiser. Então Bento tira esse troço do seu braço e começamos a encomendar nosso Malamam Jr.

— Malamam Jr.? Credo!

— É sério amor. Quero outro filho logo.

— Leônidas... Eu não quero ter um filho agora. Não me sinto preparada para gerar um filho e já temos a Nina, não estou dizendo que não teremos outro filho. Quero esperar pelo menos um ano de casada para isso. — *Uou! Um ano é tempo para cacete. Depois o cara seda a esposa e tira isso na surdina e vai sair como errado.*

— Um ano é muito tempo.

— Podemos ir treinando e quando eu estiver pronta retiro o implante. Ou isso ou deixo até vencer o prazo de três anos. — *Nossa! Tão democrática essa minha mulher.*

— Eu deveria ter o poder de decisão sobre isso também. Você está sendo intransigente. — *Brinco fingindo-me de ofendido.*

— Quem vai engordar, amamentar, parir e ter que ficar gostosa depois sou eu. Então fim de papo. Vamos levantar.

Depois de deixar nossa princesa na escola seguimos em direção ao fórum. Não consegui comer nada, não sei se me sinto cheio ou vazio demais. Um frio desesperador percorre minha espinha deixando-me completamente ereto, pareço o Robocop, nem mesmo sei como andar naturalmente.

Estamos aguardando em uma antessala que mais parece um corredor, para mim o corredor da morte. Sarah acaricia minha coxa constantemente tentando passar pelo menos um pouco de tranquilidade... Como se eu não visse sua mão esquerda na boca e as lascas de unha voando pelo ar. Por mais que Dr. Júlio tenha dito

que as chances de um juiz tomar minha filha de mim são mínimas, não posso nem pensar que as mínimas são reais.

Meu maior medo são as testemunhas que Ana vai usar, tive acesso aos nomes e isso está me tirando do sério. Foram intimados Talles, em decorrência da nossa briga no hospital. Douglas Madeira, o quase defunto da sauna e mais duas funcionárias do hospital. Eu trouxe meus irmãos, meus pais, Quinha, Sarah e Michele que é psicóloga da escola de Nina. Estamos todos aguardando o início da audiência e eu faço o meu melhor para não ir até o tal Douglas Madeira.

— Lembre-se de não se exaltar Leônidas. Deixa-me fazer o meu trabalho e você só fala quando for solicitado.

Neste momento a porta de madeira escura se abre e uma garota loira com cara de estagiária aparece com uma ficha em mãos.

— Audiência das 9h. Leônidas Malamam, Ana Lessa Salvares e Silvério Salvares. Advogados Júlio Delprame e Marcos Carvalheira. Podem entrar!

Não é nada cinematográfico ou parecido com as novelas do horário nobre. No centro da sala há uma mesa em forma de T, no topo um senhor de terno que deve ter uns sessenta anos no máximo. Nos sentamos em lados opostos com a superfície de madeira lustrosa a nos separar. Após uma breve apresentação o juiz inicia a leitura do processo e nossos advogados fazem algumas considerações.

Minha mãe, meu pai e as duas funcionárias já foram ouvidas, nenhum tinha nada que pesasse contra mim. Mesmo com as perguntas absurdas do advogado que representa a Ana, as respostas foram satisfatórias para mim. Quando o advogado perguntou se uma das funcionárias já havia presenciado algum ato íntimo entre mim e Sarah o juiz julgou irrelevante para o processo e indeferiu a questão, ficando assim sem resposta.

Confesso que não pude deixar de temer sobre a nossa reconciliação na minha sala. Vai que ele entende errado a minha tarde de sexo com a Ninfa no sofá do consultório.

Os depoimentos de Lorenzo e Bento foram muito bons e deixaram claro a minha dedicação a Nina, mas o melhor ainda estava por vir. Vejo Quinha sentar-se e começar a responder as perguntas até que Dr. Marcos Carvalheira pergunta.

— Era de seu conhecimento que o Sr. Leônidas Malamam mantinha relacionamentos fora do casamento e que isso desestabilizava a sua falecida esposa.

— Responda, por favor Sra. Aquina de Lourdes. — *Remete o juiz.*

— Bom... Isso não era falado, mas é claro que nenhum homem aguentaria viver daquela forma. Sou da época que uma mulher tinha que atender as necessidades do seu marido e isso não acontecia naquela casa. Silvia, que Deus a tenha, nunca foi carinhosa ou dedicada, ela sempre foi seca. Depois que a menina nasceu a coisa desceu morro a baixo mesmo.

— Mas a senhora confirma que ele mantinha relações sexuais com outras mulheres?

— Com ela é que não mantinha. Desde que Nina nasceu Léo dormia em outro quarto, nunca vi os dois se beijando como um casal apaixonado, nem nos primeiros anos de casados. Com o tempo era cada um para o seu lado e acabou.

— A senhora acredita que Silvia tenha se matado por desgosto em relação ao marido?

— Não. Silvia se matou porque era desequilibrada desde sempre, nunca foi uma mulher comum. Ela molhava bolinhas de algodão em suco de laranja e engolia para ficar magra, usava espartilho três números menor para modelar a cintura até mesmo para dormir. Pessoas normais não tomam quinze comprimidos por dia e não comem papinha de bebê para emagrecer.

— Mas a senhora viu o estado dela piorar com o afastamento do marido? — *Percebi que o advogado estava perdendo a calma.*

— Vi Leônidas tentar salvar o casamento de todas as formas. Vi uma mulher doente que não aceitava os tratamentos necessários. E vi a dona Ana insistir cada dia mais que a filha assinasse uma procuração dando a ela plenos poderes sobre seus bens, mas isso nunca aconteceu, nem ela que era doente, acreditava nas boas intenções da mãe.

— Escuta aqui sua...

— Silêncio. Prossiga Sra. Aquina.

— Há mais de dois anos Leônidas e Silvia viviam em separação de corpos, nunca se tocavam ou se falavam. Desde o nascimento de Nina esse homem sempre foi o pai mais dedicado que já vi, até mesmo durante as madrugadas de cólica ou as febres dos dentinhos foi ele que esteve com ela. Claro que os pais e irmão davam alguma ajuda, mas os avós maternos só passaram a ter maior contato com a pequena depois da morte de Silvia.

O depoimento de Michele foi fundamental. A psicóloga pontuou claramente o apego e carinho que eu e Nina temos um pelo outro, deixou claro o afeto que ela demonstra pela minha família e principalmente o seu desabrochar desde a chegada de Sarah em nossas vidas. Deu o seu parecer profissional sobre as condições emocionais e psicológicas da minha pequena.

O ponto negativo foi o depoimento do maldito cara da sauna... Senti todas as minhas esperanças se encolherem quando ele sentou e um sorriso diabólico cruzou o rosto da minha querida ex-sogra jararaca mor.

— Não se altere Leônidas, estamos indo bem. — *Júlio sussurra ao meu ouvido.* — Nenhum juiz vai tirar a guarda de um pai por causa de uma briga boba. O que está pensando? Seja lá o que for esqueça.

— Estou calculando quanto de força é preciso empregar em minhas pernas para saltar e arrancar a jugular deste infeliz.

Algo me diz que vou mudar de parte interessada para réu.

Vinte e Sete

Por Leônidas.

03 de junho de 2014

— Sr. Douglas Madeira, em qual situação conheceu o senhor Leônidas Malamam? — *Pergunta o advogado dos meus sogros. Em nenhum momento o sujeito me dirige o olhar.*

— Passei um fim de semana com amigos em uma pousada de eco turismo em Bonito no Mato Grosso do Sul. — *Visivelmente nervoso ele estala os dedos e continua.* — No penúltimo dia resolvi fazer uma sauna para relaxar e percebi que dentro do local havia uma mulher nua, coisa anormal já que a sauna era mista. — *O som dos ossos do meu pescoço se estalando chama a atenção de todos a minha volta, minhas duas mãos estão fechadas em punhos sobre a mesa e sei que preciso de todo meu autocontrole.* — Permaneci sentado enquanto meu corpo desfrutava do vapor até que percebi o cordão da bermuda me incomodar e fui ajeitá-lo. Nesse momento e Sr. Leônidas, ao qual eu não conhecia, entra e sem qualquer explicação me espancou violentamente. — *Aí já é demais.*

— Você estava se masturbando... — *Levanto-me dando um murro na mesa.*

— Contenha o seu cliente Dr. Delprame.

— Leônidas já chega... Quer perder sua filha?

— Estou calmo, foi só... já passou.

Mais algumas perguntas e foi o momento de Júlio interrogar o sujeito, ex defunto, quase futuro presunto. As primeiras perguntas

foram básicas e não mudaram nada, porém, ele se contradisse com a história da bermuda dizendo que queria ajustar o velcro.

— Sr. Douglas... O senhor estava naquela pousada há quanto tempo exatamente?

— Chegamos a Bonito cinco dias antes do ocorrido.

— Essa não foi a minha pergunta. Há quantos dias estava hospedado na mesma pousada que o Sr. Leônidas e sua namorada? — *Vejo o homem empalidecer instantaneamente.*

— Na noite anterior.

— E qual foi o motivo de deixar a hospedagem anterior.

— Isso não lhe diz respeito.

— Por favor, responda. — *Diz o juiz arqueando a sobrancelha já branca.*

— Fui acusado injustamente de violar uma regra.

— Seja mais específico. — *Exige o magistrado. A cara de espanto do infeliz é quase um poema.*

— Eu... fui acusado de dar em cima de uma menina e os pais dela acabaram exagerando e armaram um circo sobre isso.

— Fui informado pelo pai da jovem, que você apalpou a menina de dezesseis anos dentro da piscina e só parou quando ela começou a chorar, chamando a atenção dos demais hóspedes. Isso procede? — *Putá que pariu! Devia ter batido mais, se fosse com a minha filha eu matava. Minha sogra está branca feito vela.*

— Não apalpei ninguém, jamais faria isso. A menina só queria chamar a atenção.

— O senhor não estava com sorte naquele fim de semana, não?

Depois de ter minhas esperanças restabelecidas foi a vez de Talles prestar seu depoimento. Vejo o quanto ele está desconfortável com essa situação, infelizmente quando somos intimados não podemos simplesmente dizer que não estamos a fim.

E assim começaram as perguntas por parte do advogado de Ana e Silvério.

— O doutor foi agredido fisicamente pelo Sr. Leônidas em seu local de trabalho.

— Tecnicamente sim. Tivemos um desentendimento pessoal.

— Este desentendimento foi causado por ciúmes dele, a sua amante, a senhorita Sarah Barcelos?

— Não. Nosso desentendimento aconteceu pela minha intromissão no relacionamento do meu amigo com a namorada dele, a senhorita Sarah Barcelos. Para ser amante ele deveria ser casado e ele é viúvo.

— Uma das testemunhas disse que o senhor e a senhorita Sarah tiveram um breve relacionamento e isso culminou a briga.

— Isso seria impossível.

— Desde quando o envolvimento entre um homem e uma mulher é impossível? — *Pergunta o advogado com um sorrisinho debochado.*

— Desde o momento que eu sou homossexual, vivo sob união estável com um homem e não tenho nenhuma atração pelo sexo oposto.

CARALHOOOOO! Virei fã desse cara agora. Minha vontade é de abraçá-lo só pelas caras de espanto que vejo a minha volta.

— O senhor Leônidas tinha conhecimento deste fato? — *Agora fodeu.*

— Sim, Leônidas tem total conhecimento da minha condição sexual. Assim como Sarah que é uma grande amiga. — *Mentira deslavada, mas foi tudo que eu precisava.*

Meu advogado fez algumas perguntas e então entrou a minha Ninfa completamente tensa e deslocada com a situação em que foi colocada. Júlio faz várias perguntas e ela deixa claro que nunca nos falamos antes dela ir trabalhar para mim. Quando perguntado sobre seu primeiro encontro com Ana, ela fala sobre as ameaças da minha sogra em me tirar a guarda se eu continuasse com o nosso relacionamento.

As perguntas do outro advogado não mudam muita coisa. Ao fim mais uma vez tentam me colocar como um desequilibrado e violento, mas percebo que isso não convenceu o juiz.

— Encerrada a audiência, conclusos os autos para a sentença.

Já no estacionamento me despeço de Talles e combino de me encontrar com minha família na casa dos meus pais, o motorista já levou Nina para lá e uma das empregadas está cuidando dela. Depois que todos saem em seus carros converso com Júlio.

— Agora vamos aguardar a sentença do juiz. Ele vai estudar o caso e dar o seu veredito final. Acredito que em duas ou três semanas tenhamos a resposta.

— Tudo isso? — *Sarah pergunta ao meu lado.*

— Manterei vocês informados. Agora preciso ir mesmo.

Uma coisa nisso tudo não passou despercebida por mim, foi o fato de Sarah e Lorenzo nem ao menos se olham. Desde a descoberta da gravidez de Dora o clima está péssimo entre meu irmão e minha Ninfa... Na verdade o clima está péssimo com qualquer um próximo a Lorenzo. Ele que já era reservado ficou completamente antissocial e recluso ao seu mundo particular.

Dora por sua vez pediu transferência da unidade do Morumbi para a unidade Jardins. Fiz questão que ela fosse para lá especificamente, pois é somente diagnóstica e o trabalho é mais leve. Minha cunhada, que está com dois meses de gestação, foi alocada na preparação de pacientes para exames.

Durante todo o mês de maio ninguém exceto Sarah teve contato com a Dora. Segundo minha Ninfa, a irmã quer distância de qualquer pessoa com o meu sobrenome ou ligado a Lorenzo. Talles e Pedro parecem estar muito próximos a minha cunhada, o casal tomou as dores dela e também se mantém longe do meu irmão.

Recentemente conheci Pedro, o marido de Talles. Definitivamente quem vê cara não vê coração, digo sexualidade. Nenhum dos dois dá a menor brecha em ser gay, nunca diria que um ou outro dá o rabo... Surreal imaginar isso.

Quando chegamos à casa dos meus pais Lorenzo já havia sumido, como sempre. Não demoramos nem meia hora e voltamos para nossa casa. O jantar foi a deliciosa macarronada caseira que minha mulher faz como ninguém. Por falar em minha mulher, volto a questioná-la sobre isso quando já estamos a sós no quarto. Sarah escova os cabelos diante do espelho do banheiro enquanto faço xixi ao seu lado.

— Já passamos pela audiência, agora falta casar.

— Meu pai me ligou hoje, queria saber como foi... Também perguntou do casamento.

— Viu? Estamos envergonhando meu sogro com a sua resistência ao casamento. — *Pisco para ela enquanto balanço meu pau, mas não perco o olhar cobiçoso que ela lança sobre ele.* — Vou fazer greve de sexo e só vamos transar depois que disser sim ao padre.

— Faça-me rir, você não fica dois dias sem sexo Leônidas.

— Posso tentar, é por uma boa causa.

Todos os homens do mundo deveriam ter uma mulher maravilhosa para aquecer a cama e o coração. Mesmo enfrentando um dia massacrante tudo se dissipa quando estou com ela, principalmente quando estou dentro do seu corpo. É como se uma válvula de escape fosse acionada e nada mais importasse, não há problema que ela não alivie.

Passamos boa parte da noite fazendo amor, nos admirando mutuamente e fazendo o que fazemos de melhor... Aliviando nossas tensões com a simples presença do outro.

— Amor? — *Estou quase dormindo quando Sarah ronrona me chamando.*

— Hum?

— Pode marcar a data. — *Nada poderia ser mais animador depois de um dia como o de hoje, depois de vários dias complicados. Sorrio satisfeito e cheiro seu cabelo que está na altura do meu queixo.*

— Obrigado!

Por Sarah.

16 de junho de 2014

A vida de “quase” casada vai de vento em popa, ou perto disso. Normalmente acordamos cedo e Leônidas leva Nina para a escola enquanto eu estudo, tenho levado minha faculdade a distância muito a sério. Ana não deu sinal de vida e Nina por sua vez não pergunta da avó. Acho que por sempre estarmos juntas e eu levá-la comigo aos fins de semana para visitar Dora, nos tornamos companheiras inseparáveis.

Eu e Leônidas decidimos que vamos nos casar aqui mesmo, não queremos chamar atenção para isso e já vivemos casados mesmo. Então dia 20 de junho o juiz de paz celebrará nosso casamento juntamente com um padre, será o menor possível. Até tentei segurar um pouco, mas não teve jeito, contratamos uma cerimonialista e tudo vai ficar pronto a tempo... Eu espero. Convidamos apenas meus pais, os pais dele, os irmãos dele, Talles com o marido, Michele, pouquíssimos amigos e Dora.

Essa questão é que está pegando. Dora diz que não perderá meu casamento por causa de Lorenzo e ele não diz nada, nem se vem ou se não vem. Estamos apreensivos com o que pode acontecer quando os dois se encontrarem, mas vou esperar pelo melhor e que se exploda o resto... É meu casamento poxa!

— Ninfa... Amor? Cadê você mulher? — *Ouço Leônidas gritar da sala. Ou alguém está morrendo ou ele é louco mesmo, essa hora sempre estou fazendo Nina dormir.* Já passa das 21h.

— Pelo amor de Deus criatura! Nina acabou de dormir. — *Digo sussurrando do alto da escada. Mas paro de falar ao me deparar com o sorriso gigantesco estampado em seu rosto.*

— Nós vencemos amor! A guarda... Nós ganhamos o processo de guarda. A Nina fica conosco amor!

Percebo que ele carrega uma garrafa de champanhe rose em uma das mãos e a pasta em outra. Desço correndo os degraus que nos separam e salto sobre ele, com o meu peso Leônidas dá três passos para trás e tenta manter o equilíbrio, por fim encosta-se na parede. A pasta é deixada em qualquer canto enquanto a garrafa é arremessada para o sofá e finalmente meu carrasco crava as duas mãos em minhas nádegas, com um giro de 180° estou presa entre seu corpo rígido e a parede.

O momento exige mais do que sexo, nosso beijo diz coisas que nenhum dicionário é capaz de traduzir. A felicidade é latente e concreta, tudo está tomando forma e entrando nos eixos. Nos casaremos no sábado e não será apenas a comemoração da união de um casal e sim da vitória de uma família.

Não interrompemos o beijo, apenas continuamos a nos beijar sem freio ou pausa. Passar o dia inteiro longe é uma tortura para um casal em quase lua de mel como nós, parece que temos fome um do outro e nunca saciamos.

— Como soube? — *Pergunto com os olhos fechados. Sua boca passeia pelo meu queixo, deixa dezenas de mordidinhas maldosas.*

— Dr. Júlio esteve no hospital no fim da tarde. Preferiu avisar pessoalmente... Quase dei um beijo nele em agradecimento.

— Deixe seus beijos para mim amor. — *Trocamos mais alguns beijos e mordidas salientes até que o telefone dele toca.*

Por mais de meia hora Leônidas conversa com sua mãe, que passa para o pai e para os irmãos. Todos felizes e realizados com o resultado. Vejo ele explicando que o advogado entrará em contato com os avós maternos de Nina para combinar os dias que eles poderão ficar com a neta. Também escutei que o apartamento do Itaim seria transferido para o nome de Ana e Silvério, para meu futuro marido aquilo só seria motivo de discórdias futuras.

(...)

20 de junho – Sexta-feira

São 7h da manhã e estou uma pilha de nervos, uma bomba atômica. Meus pais chegaram ontem e estão aqui comigo. Papai não está falando com Dora e não aceitou ficar no nosso apartamento com ela, desde a descoberta do bebê eles nunca mais se falaram. Quem pode culpá-lo? Um homem de mais de cinquenta anos, analfabeto, criado na roça e com ideias antigas. Infelizmente temos que aceitar, pois ele também não entende como alguém estéril pode ter engravidado a filha dele. Para papai, Lorenzo está certo em se afastar e não acreditar que a criança é dele.

Meu casamento está marcado para as 10h, depois faremos um almoço e uma lua de mel de uma semana no Chile. Vamos conhecer as vinícolas chilenas.

Às 9h tudo está ok, só falta entrar no vestido e caminhar alguns passos até meu marido carrasco Malamam. Minha princesa está deslumbrante de daminha de honra, escolhemos um vestido rosa chá com tiara de flores e para mim o branco tradicional, porque não sou pura e não estou nem aí para isso. Se eu não casar de branco papai enfarta.

— Filha... Vamos colocar o vestido?

— Está cedo ainda mãe.

— Mana já são vinte para as 10h. Anda logo que seu noivo não tem cara de quem vai esperar muito tempo. — *Dora olha pela janela e sorri. Por um momento ela está longe de seus problemas. Lorenzo não apareceu e isso para mim é uma benção... Para Leônidas será doloroso.*

Respira! Peito para fora, barriga para dentro e força na peruca que o homem agora é meu.

Vinte e Oito

Por Leônidas.

— Filho... Posso entrar? Já passa das 7h. — *Papai pergunta depois de bater duas vezes na porta.*

— Entre.

Estou sentado em frente ao computador olhando as câmeras de segurança da minha casa. Os pais de Sarah estão hospedados conosco e nosso casamento será hoje às 10h, dormi na casa dos meus pais para dar mais privacidade a ela e suas coisas de noiva.

Fiz o logon no servidor da segurança para observar a movimentação dos responsáveis pela decoração e buffet, além de tentar espionar minha Ninfa aprontando-se para ser oficialmente minha esposa. Infelizmente isso não será possível, já que não temos câmeras no nosso quarto, mas sempre posso ficar de olho no corredor... Vai que ela precisa caminhar um pouco?

— Está nervoso? — *A tranquilidade do meu pai chega a ser irritante.*

— Não. — *Estalo todos os meus dedos pela milésima vez.*

— Engraçado...

— O que é engraçado doutor Benício Malamam? — *Ironizo.*

— Você não está nervoso, mas há cinco xícaras de café espalhadas pelo quarto, uma garrafa de água vazia sobre a mesa da cozinha e um prato com meio sanduiche no chão ao lado da sua cama.

— E isso diz que estou nervoso? — *Pergunto sem tirar os olhos da tela.*

— Principalmente diz que você é um porco, mas também mostra que está nervoso. — *Rimos da sua afirmação. Realmente caminhei pela casa a madrugada inteira, mas não foi pelo casamento... Por ele também, porém o principal é a falta que ela me faz, seu cheiro, seu calor e sua forma não estavam aqui para me fazer dormir em paz.*

— Sinto falta dela ao meu lado. Estranhei a cama, meus braços estavam leves demais... Falta algo que não posso substituir por nada. É melhor não dormir do que dormir sem ela.

— Isso é bom, muito bom. — *Encosta-se na mesa colocando uma das pernas sobre sua lateral. Olho para ele esperando a continuação. Meu pai sempre foi manso com as palavras, quando chega a ser enérgico é porque a coisa desandou de vez.* — Se não estivesse se sentindo mal longe dela diria para cancelar o casamento, isso é primordial para dar certo. Quando preciso viajar ou ficar longe da sua mãe sempre nos ligamos antes de dormir, conversamos sobre o dia, declaramos nosso amor ou fazemos sexo...

— Pai! — *Eu realmente não precisava dessa informação.*

— Nunca fez sexo por telefone? Para de ser ridículo, que minha vida sexual vai muito bem, obrigado! — *Zomba de mim.*

— Não farei nunca mais depois desse excesso de informação desnecessária.

Minha cara de nojo o faz sorrir. Graças a Deus tenho pais maravilhosos, minha mãe é meio hiperativa, mas papai é manso e

calmo como uma brisa. Poucas vezes o vi nervoso ou autoritário, o diálogo sempre foi a sua maior cartada.

— O fato é que vocês têm os principais sentimentos para manter um casamento sadio e próspero. Amor, respeito, amizade e tesão... Até demais eu diria. — *De repente ele desliga o meu monitor e olhando nos meus olhos, em um tom de correção que não ouço há muito tempo diz.* — Leônidas, você deve trabalhar a sua paciência, o diálogo, o espaço e principalmente a empatia. Coloque-se no lugar dela antes de fazer ou dizer alguma coisa, principalmente durante um desentendimento ou quando estiver com raiva. Palavras não tem rabo, depois de ditas ninguém consegue segurar e o que não te fere pode destruir o outro.

— Vou fazer isso pai. Nunca soube que era assim, o sentimento que tenho por ela me consome, chega a ser surreal imaginar que uma mulher possa ter total controle sobre mim dessa forma.

— Elas têm, mulheres mandam obedecendo.

— Tenho medo que ela me deixe. — *Admito sem medo algum de parecer ridículo.*

— Dê motivos para ela ficar. Sarah é uma boa menina, te ama, ama sua filha e sabe o que quer. Só tenha cuidado com seus sentimentos, não faça como Lorenzo ou vai ficar sozinho como ele. — *Depois de um longo tempo observando uma fotografia onde eu e meus irmãos estamos tomando banho de piscina, ele completa.* — Estou de mãos atadas vendo meu filho se perder, não aguentaria passar por isso duas vezes.

— Só se for com Bento, eu já me encontrei. Vamos esquecer os problemas do Lorenzo só por hoje tá? Quero alegria no meu casamento.

— Ele vai?

—Disse que não conseguiria encontrar com a Dora sem arrancar a criança do ventre dela com as próprias mãos. — *Levanto os braços sobre a cabeça, em rendição.* — Palavras dele.

— Meu Deus! Quando esse inferno vai ter fim? — *Sempre que meu pai está nervoso esfrega os cabelos e coça o nariz.*

— Só quando esse bebê nascer pai.

— Aí que você se engana... Estamos só no purgatório, o inferno começa quando a gravidez terminar. — *Levanta-se e muda completamente sua expressão de tristeza para alegria.* — Agora vamos tratar do seu dia, meu filho. Sua mãe já está arrumando a mesa para o café da manhã, seu terno está pronto e uma massagista deve chegar a qualquer momento. Vamos! — *Deixa Sarah desconfiar que uma massagista tocou em mim, vai voar pena para todos os lados. Por um momento sinto falta de passear com o Poco, já virou rotina fazer isso, ele deve estar sentindo falta da nossa caminhada.*

Não espiei novamente as câmeras, vou dar total privacidade para minha Ninfa se aprontar para mim, afinal foi por isso que sai de casa.

Tudo está em seu devido lugar, mesmo sendo uma cerimônia pequena tem que estar perfeito e digno da minha mulher. Os convidados já estão em seus lugares, não convidamos muitas

peessoas, de fora apenas Talles e o marido, doutora Michele e uns cinco ou seis amigos mais íntimos. Tanto eu quanto Sarah estamos sentindo falta dos nossos irmãos, Lorenzo resolveu sumir outra vez e Safira está estudando fora do país.

No meu organismo já se passaram vinte minutos desde a última vez que olhei para o relógio, mas no relógio se passaram apenas dois, respirar já não funciona como exercício calmante. Mandei colocar uma estrutura sobre a piscina imitando um palco onde colocamos as cadeiras e o púlpito para o padre, vários arranjos de flores em tons de rosa, branco e lilás decoram o ambiente. Depois da cerimônia iremos almoçar com nossos convidados para em seguida embarcar para o Chile.

Várias coisas me levaram a escolher este destino. Primeiro não precisa de passaporte, coisa que Sarah ainda não tem, vamos corrigir isso, em breve quero levá-la para conhecer o mundo. Em segundo lugar estamos em 20 de junho, alta temporada no Vale Nevado, podemos esquiar, comer fondue de queijo à beira da lareira e visitar muitas vinícolas.

Ela está atrasada, vinte e sete minutos atrasada. Juro por Deus que vou chutar a cara desse fotógrafo na minha frente, o camarada já deve ter tirado mais de duzentas fotos de mim. Considerando que minha expressão só mudou de impaciente para extremamente impaciente, acho que ele cismou comigo.

— Irmão dá um sorrisinho, parece que está aqui obrigado. —
Bento, papagaio de pirata sussurra ao meu ouvido.

— Qual é a desse cara, porra?

— Ele é o fotógrafo, você está pagando uma fortuna para ele fotografar. É isso que fotógrafos fazem normalmente, irmãozinho.

— Que fotografe a festa e não a mim. Ela está demorando muito, se fosse na igreja só chegaria amanhã.

— Relaxa Léo. Sorria gazela, sorria. Sua mulher vai te matar se o álbum ficar feio.

Sério, a mulher está ali no quarto e demora uma eternidade para chegar aqui? Pelo amor e Deus gente, essa tradição de noiva atrasada é ultrapassada, agora temos direitos iguais caramba.

— Para de roer a unha Leônidas. — *Mamãe para ao meu lado como se estivesse fazendo carinhos no meu ombro esquerdo, quando na verdade dava-me um beliscão.*

— Ai! É só uma ponta solta. Mãe vai buscar aquela... — *Tam... tam... tam... tammm soa o violino do músico que está ao lado esquerdo do padre. O instrumento é pequeno, mas faz um som incrível.*

Meus olhos encontram a dama de honra mais graciosa do mundo deixando a varanda, ela dá o primeiro passo sobre o tapete que desliza entre nossa casa e a piscina. Nina parece um anjinho com um vestido e coroa de mini rosas na cabeça.

Um metro para trás vem a minha Ninfa adorada, mais linda que nunca. Sarah está sorridente e iluminada, vestida de branco parece uma miragem, um sonho inabalável. Hoje este sonho se torna realidade e a garota com cara de ninfeta vai ser a minha esposa até que a morte nos separe.

A cada passo eu a observo para guardar este momento em minha memória. O vestido é simples e sem nenhum detalhe em renda ou brilhos, não tem alças, é completamente branco e seu cabelo está preso na lateral direita do pescoço. Ela usa uma tiara e o ponto mais chamativo de tudo é o buquê de rosas azuis celeste. Em poucos passos estamos frente a frente, Nina entre nós e nada mais no mundo importa além da minha família.

— Demorou.

— Eu esperava que falasse que estou linda. — *Finge-se de ofendida.*

— Estou tentando ignorar essa parte ou fugirei com você para o nosso quarto agora mesmo. Você está deslumbrante minha noiva.

Casamento é um porre, mas quando é o nosso, a coisa muda de figura e tudo cria uma importância sem tamanho. Trocamos alianças e beijei a noiva, agora minha esposa, senhora Sarah Barcelos Malamam.

Recebemos os cumprimentos de nossos amigos e parentes, tirando as brincadeiras fora de hora de Bento, todos estão muito alegres com a nossa união.

— Onde pensa que vai mocinha? — *Puxo-a para um abraço quase obsceno, não quero que saia de perto de mim nem por um minuto.*

— Preciso jogar o buquê senhor Carrasco. Me solta que o fotógrafo está aguardando. — Ah, claro. Pode ter certeza que nunca mais contrato um fotógrafo, cara chato.

Como estamos em poucas pessoas, todas as mulheres da festa se juntam para fazer a foto da noiva jogando o buquê. Mamãe, Dora, minha sogra, Quinha, Michele e mais duas amigas de Sarah estão a postos para pegar o tão sonhado objeto casamenteiro. Sarah fica de costas fazendo uma contagem regressiva até que percebo o infeliz com a câmera na mão deitado no chão atrás da minha mulher.

— Parou, parou... Meu amigo, não tem outro lugar para você ficar não? — *Todos olham sem entender nada, ele mesmo não percebe que foi com ele que falei.* — É com você mesmo que estou falando, arranja outro ângulo que não seja grudado na bunda da minha esposa.

— Leônidas Malamam, se você estragar meu álbum de casamento eu juro que me caso de novo e com outro. Aí sim, vou ter meu álbum de casamento que sempre sonhei. Chispa marido!!!!

— Eu te garanto que jamais será divorciada, pode até ser viúva, mas separada nunca. — *Pisco para ela. E olho para o carinha da câmera que ainda está deitado na grama sem saber o que fazer.* — E você, é bom não olhar para a bunda da minha mulher ou vai sair daqui cego. Tira logo essa porra que é o sonho dela e depois chega de fotos por hoje.

Realmente a foto deve ter ficado linda, assim que Sarah lançou as flores azuis ele iniciou uma sequência de fotos desde a mão dela, o trajeto pelo céu e a queda. O local da queda que me chocou.

Putá que pariu! A força que ela usou para jogar o buquê foi mais do que a necessária e ele acabou ultrapassando as mulheres

que o aguardavam. Chegando a minha festa e parado estava Lorenzo com as flores nas mãos.

Meu irmão não veio preparado para um casamento. Está de calça jeans e camisa preta, botas de trilha e uma mochila nas costas.

— Lorenzo.

— Vim te dar um abraço irmão, não poderia faltar.

Caminho até ele e com um abraço seguido de muitos tapas nas costas nos cumprimentamos. Nenhuma palavra substitui nosso conhecido silêncio, ninguém se manifesta, nem mesmo meus pais. Consigo sentir todos os olhares sobre nós.

— Meu Deus! — *Apressadamente nos viramos para saber o que aconteceu. Dora está mole nos braços de Michele e Talles corre para ajudá-la, minha cunhada desmaiou e todos se desesperam para socorrê-la. Quando faço a mesma coisa Lorenzo segura meu braço.*

— Só vim te dar um abraço, estou indo.

— Sua mulher grávida está desmaiada e é isso que faz?

— Ela não é nada minha, nunca foi. Dê os parabéns a Sarah por mim.

— Pode ter certeza que ela não vai fazer questão.

Depois de ser examinada por Bento, Dora fica no quarto de hóspedes com a mãe enquanto eu e minha família conversamos no escritório sobre a atitude de Lorenzo e o rumo que as coisas estão tomando.

Meu pai decide que de uma forma ou de outra ele vai ter que reagir, sem maiores discussões papai informa que Lorenzo embarcará para o Rio no primeiro voo de amanhã. E pode ter certeza que vai ser assim. Existe um projeto de expansão para terras cariocas e vai ser bom tê-lo lá para estudar as condições.

Deixamos Nina com meus pais e embarcamos para o Chile, uma semana sozinho com a minha esposa é tudo que preciso.

Vinte e Nove

Por Leônidas.

Nosso voo deixou o aeroporto às 21h, foram quatro horas de viagem com uma linda mulher adormecida ao meu lado. Não quis torturá-la com tantas horas dentro de um avião, sei do seu medo exagerado de voar. Digamos que eu dei uma “batizada” na sua garrafinha de água, coisa leve só para deixá-la tranquila. Chegamos a Santiago às 0h local e 1h no Brasil, aqui temos uma hora de diferença do nosso fuso horário.

Quando minha Ninfa acordou já estávamos pousando e graças a Deus ela não reclamou de ter sido literalmente dopada, na verdade ela achou ótimo.

Vamos ficar hospedados em um hotel muito conhecido na Avenida Isidora Goyenichea em Las Condes, esta é uma espécie de Oscar Freire dos chilenos. Como tudo aqui é muito perto, podemos passear tranquilamente de metrô ou de táxi para todos os lugares turísticos. A capital Santiago é extremamente segura em relação as cidades brasileiras e o transporte é muito organizado, assim não precisamos ter tantas preocupações com isso. Aqui a maioria das coisas fecha às 21h e existem alguns feriados chamados de “*irrenunciáveis*” onde nada, absolutamente nada pode funcionar, e não é uma coisa que se refere a repartições públicas ou setores administrativos, se você precisar de uma farmácia não terá. Claro que eu não sou moleque e me organizei para estar fora destes feriados.

Antes de viajar fiz Sarah comprar algumas roupas para frio, estamos em junho e aqui é absurdamente frio. Mesmo morando em

São Paulo não podemos comparar o nosso inverno com o inverno chileno.

O hotel é requintado desde o saguão enorme, os quartos com e áreas de lazer, tudo é surpreendente. Assim que chegamos à nossa suíte a expressão desenhada no rosto da minha esposa chega a ser engraçada, uma mistura de espanto com fascínio e felicidade.

O chão é coberto com carpete negro e as duas paredes internas são brancas, sendo a da cama com um enorme quadro abstrato em vários tons de vermelho. As paredes externas são em vidro, dando-nos uma vista privilegiada da cidade iluminada e da Cordilheira dos Andes. Os móveis são modernos com traços firmes, uma bela cama king size ornada com dois criados nas laterais ocupa boa parte do espaço. Não viemos para usar mais que cama e chuveiro... Então escolhi pela vista e não pelo espaço.

O ponto alto é a banheira localizada junto a janela panorâmica, ela é retangular. Acredito que seja projetada para apenas uma pessoa, mas como agora somos apenas um, isso não vai fazer diferença quero minha mulher colada em mim.

Quando fiz as reservas deixei claro que seria para uma lua de mel e desejava algo romântico e à altura da minha noiva. Sobre a cama estão pétalas de rosas vermelhas, salpicadas pelo chão, sobre a poltrona e até mesmo em cima da mesa de café. Tudo soa a paixão e romantismo.

— Não acredito que temos uma banheira no meio do quarto. Estou apaixonada pela decoração amor! E essa vista? Chega a me

dar vertigem. Em que andar estamos?

— É lindo mesmo! Estamos no vigésimo andar. Eu já fiquei hospedado aqui há alguns anos atrás, mas não em um quarto de esquina, aqui temos uma visão absurda.

— Ah!!! É tão quentinho aqui dentro. Será que veremos neve? Nossa! Meu pai vai adorar ver as fotos da neve, queria poder levar um pouco para casa. — *Sarah está afobada com a viagem, gosto muito disso. Quero mostrar-lhe o mundo.*

— Na cidade raramente neva, quase nunca. Mas chegamos na alta temporada e a Cordilheira está cheia de neve, nós vamos até lá amanhã. Hoje quero consumir nosso casamento, já esperei demais para isso. — *Aproximo-me dela que está observando a cidade.*

O quarto é muito alto e temos uma vista panorâmica, os pequenos pontos da iluminação pública, somados às estrelas fazem com que as grandes janelas pareçam uma obra de arte. É como se estivéssemos em um aquário.

— Não é como se eu fosse uma virgem.

— Mas agora você é minha esposa, a senhora Malamam. E não me lembro de ter te comido com uma vista dessas. Hum? — *Mordo seu pescoço e automaticamente sua bunda se esfrega em mim.* — Vou encher aquela banheira e vamos relaxar um pouco, depois quero comer minha esposa com Santiago aos nossos pés.

Coloco a banheira para encher, derramo óleo de banho marroquino e sais de banho. Enquanto isso ligo para a recepção e peço morangos, chocolate e mais pétalas de rosas. Rapidamente um funcionário traz o meu pedido e nos presenteia com um balde de

champanhe. Deixo-o informado que desejo um fondue de queijo com acompanhamentos variados em uma hora, quando teremos fome.

A água já está perfeita, distribuo as pétalas enquanto Sarah vai ao banheiro. Tiro a roupa deixando apenas a boxer azul marinho. Quando volta para o quarto ela se surpreende.

— Nossa! Amor você realmente está inspirado.

— Estou. — *Começo a retirar sua roupa.* — Você me inspira a ser excepcional. — *Ajoelho-me em frente para tirar sua calça e calcinha. Minha total surpresa é encontrar meu nome escrito com letras douradas logo abaixo da calcinha de renda branca.* — Nossa, o que é isso?

— Uma tatuagem de ouro, não é definitiva vai sair em dois ou três dias. Gostou? — *Passa as longas unhas vermelhas sobre as letras cursivas que formam “Leônidas”.*

— Adorei. Amo ver o meu nome em você. Principalmente aqui. — *Planto um beijo molhado no local sem perder seus pelos ouriçando em câmera lenta.*

Os passos até a banheira são quase coreografados, seguro sua mão esquerda para dar apoio enquanto ela entra no pequeno lago de rosas vermelhas e perfume afrodisíaco. Não espero que sente, entro logo atrás para podermos nos encaixar perfeitamente. Pelo formato retangular e estreito não podemos ficar longe, mas também não ficaríamos se tivéssemos espaço. Sarah e eu abaixamos juntos, ela encaixa-se em mim com as costas juntas ao

meu peito e a bunda sobre meu quadril, meu pênis que já está ereto fica preso entre nossos corpos.

Não tenho pressa, muito pelo contrário, quero que esse momento seja eternizado em nossa vida e que possamos revivê-lo ao longo dos anos. Esfrego toda superfície do seu corpo enquanto cheiro o seu pescoço e nuca, quero ativar todas as suas zonas erógenas para fazê-la derreter de prazer.

— Está feliz?

— Extremamente feliz. Como nunca pensei na vida.

— Seremos ainda mais felizes. Prometo a você fazer de tudo para que seja feliz e realizada, mesmo quando eu errar saiba que é querendo o melhor para você, faço qualquer coisa para vê-la feliz.

— Digo o mesmo a você marido. Faço qualquer coisa para vê-lo feliz.

— Isso é ótimo, por que agora a minha felicidade depende unicamente de você. Vamos começar consumando este casamento.

— Recolho seu cabelo dando livre acesso ao seu ouvido para poder falar ainda mais próximo a ele. — Saia da banheira, Sarah.

Não sou questionado, ela obedece e logo está enrolada em uma toalha branca felpuda. Faço o mesmo mantendo os olhos focados nos dela, a toalha não é capaz de esconder minha grotesca ereção... Não que eu queira esconder, mas percebo seus olhos se alternando entre meu rosto e meu pênis.

Seco-me rapidamente para dar atenção a quem realmente merece, minha esposa. Coloco as mãos sobre as suas e faço-a

deixar a toalha ir ao chão, o corpo ainda está molhado e repleto de pequenas gotas perfumadas. É assim que a quero, molhada e deliciosa. A toalha não resiste a pressão exercida pelo meu pau e cai, ficamos os dois completamente nus e cheios de desejo.

— Minha esposa.

Em poucos passos chegamos até uma das janelas, viro-a de costas para mim e de frente para o grande abismo iluminado. Tão linda!

— A primeira vez que coloquei meus olhos em você, sabia que seria impossível ficar longe. — *Meus dedos percorrem sua espinha enquanto digo estas palavras.* — Cada detalhe de você grita luxúria, parece que é feita para o prazer. Só para o meu prazer, é claro. — *Puxo de leve suas ancas para que fique empinada para mim.*

Começo pelas panturrilhas, lambo e deixo algumas mordidas firmes sobre sua pele com algumas marcas. Quando passo a língua por trás de seus joelhos um sussurro baixo se espalha pelo quarto silencioso. Demoro catando todas as gotículas por toda a coxa até que estejam lisas, estou quase lá.

— Leônidas... — *Não é uma repreensão, mas sim um incentivo... Uma clemência.*

— Estou apreciando-te minha Ninfa. Não me apresse, quero seu corpo arruinado naquela cama quando eu terminar.

A safada apoia os seios contra o vidro e empina-se descaradamente, com as duas mãos abre as bochechas da bunda. Quando você é homem, não tem como algo assim não te puxar para

perto como um imã, estou igual ao pica-pau flutuando no cheiro da comida, sedento por uma boceta sucosa ao paladar. Ah caralho!

Afundo o rosto na fresta deixada pelas nádegas, enquanto minha língua prova o sabor feminino e agridoce que ela libera, meu nariz cava em seu ânus sabendo que ela gosta que o toque. Sarah pressiona o quadril para trás dando-me mais de si e querendo ainda mais de mim. Mesmo desejando estar dentro dela, não quero acabar aqui. Quero muito mais que uma foda gostosa... Quero a foda do século.

Volto a lambê-la sob seus protestos, não consigo deixar de sorrir da sua frustração. Eu também estou frustrado e louco para enterrar até a alma dentro dessa mulher, ouvir seus murmúrios em apelo à libertação. Hoje eu quero mais, muito mais.

Costas, braços, pescoço e até mesmo os cabelos. Tudo foi completamente degustado por mim. Descanso a cabeça em seu ombro enquanto acalmamos nossa respiração apreciando a vista noturna de Santiago. Afasto-me um pouco para apreciar outra vista deslumbrante, Sarah nua de frente para o grande blindex, a crua tradução da luxúria.

— Coloque as duas mãos para cima, apoiadas no vidro. — *Ela obedece no mesmo instante, sem deixar de mover o quadril na tentativa bem-sucedida de me seduzir.* — Não precisa me oferecer essa bunda, vou comê-la de um jeito ou de outro. Abra as pernas... Um pouco mais.

Passo por baixo de suas pernas e sento-me no carpete com as costas apoiadas no vidro frio, dou graças a Deus pelo chão ser

forrado e quente, meu saco agradece. Envolver sua cintura com as duas mãos e trago-a para mim. Primeiro abro seus grandes lábios com a ponta da língua enquanto sugo o grelo inchado para dentro da boca, com a força que usei deve ter lhe causado dor, mas ela não reclamou, ao invés disso ela se movimenta indicando-me o local onde deseja ser chupada. Já conhecemos nossos pontos de prazer e sei quando devo mudar ou investir, intensificar ou abrandar.

— Ah Leônidas. Oh, sim, sim... — *Quase não respiro, ela está sentada sobre o meu rosto esfregando e rebolando cada vez mais forte. Sei exatamente o que está faltando para Sarah derreter na minha boca. Enfio dois dedos no canal quente e escorregadio.* — Isso, mais forte!

Espalmo a mão em sua bunda apertando para deixar marcas duradouras, neste momento ela não perceberia nada além do seu prazer, adoro vê-la perdendo a linha durante o sexo.

— Aqui. — *Ela conduz meu dedo indicador para a entrada já melada de seu ânus.* — Oh! Sim, isso! — *Penetro até a metade e volto, repito o vai e vem até entrar com dois dedos, igual faço na frente. Afasto o rosto e observo seu corpo agir de forma impulsiva e independente.*

Sarah está com as duas mãos no vidro, suas unhas tentam cavar o material rígido sem sucesso. Minha mão direita cobre sua vagina com dois dedos penetrando-a enquanto cavalga freneticamente, minha mão esquerda faz a volta pela sua cintura e dois dedos movem-se como ganchos em seu cuzinho desejoso de prazer.

— Goza pro seu macho, vai! Goza para eu chupar essa boceta vermelha escorrendo de prazer.

— Oh! Deus... Leôni...

Quando seu êxtase chega ao fim e apenas o barulho ofegante da sua respiração preenche o ar a nossa volta, fico de pé e volto a apoiar seus seios contra o vidro deixando sua bunda empinada e as pernas abertas. Não resisto em abaixar e lambê-la de ponta a ponta espalhando seu gosto em minha boca. Faço um cabresto com seus cabelos e beijo-a envergando seu corpo para conseguir alcançar sua boca.

— Toma gostosa. — Meto tudo sem dó, entro até as bolas e não dou pausa para que se acostume com meu tamanho.

Vamos nos encaixando melhor até que ela está completamente ereta e presa contra a janela, eu abro as pernas para ficar na mesma altura e meto com força o suficiente para escutar as pancadas do seu corpo na superfície dura do blindex. O suor escorre pelo meu rosto, costas e se mistura com o dela entre nossos corpos em movimento.

— Não aguento mais Leônidas...

— Aguenta.

Viro-a de frente para mim e a pego no colo, fazendo uma cadeirinha com os braços para deixá-la bem arreganhada. Sarah envolve os braços em meu pescoço forçando para cima, flexiono os joelhos e meto lançado o pau para cima alucinado de tesão. É como se estivesse ligado na tomada, uma britadeira desenfreada implorando por alívio... Minhas bolas se contraem dolorosamente, o

corpo todo está tenso e rígido, em estado de alerta. Oh! Isso vai me derrubar. Olho para trás e dou dois passos para ficar próximo à cama.

— Oh! Caralho Ninfa, delícia! Argh!!

— Goza Leônidas... Por favor, goza! Ahm!

Mais duas estocadas fundas e certeiras e eu gozo. Por alguns milésimos de segundo minha visão escurece e o ar some, fazendo-me cair para trás sentado na borda da cama, deito sobre o colchão macio e arrasto nossos corpos até o centro.

Como descrever este momento único na minha vida? Estou realizado em todos os aspectos possíveis, tenho tudo que um homem pode querer e não há nada do que tenha que reclamar. Tudo que consigo sentir é o delicioso cheiro dos cabelos acobreados da minha esposa espalhados sobre mim, a textura aveludada da sua pele em contato com a minha. O calor e a umidade da sua boceta ainda latejando em torno de mim, que involuntariamente expulsa meu pênis do seu cativeiro onde, de bom grado, se encontrava.

Estou exatamente onde sempre quis estar.

Trinta

Por Sarah

21 de junho - Sábado

Por que tem um refletor na minha cara? E por que tem um elefante em cima de mim?

Oh! Claro, Leônidas. Ontem foi surreal, o homem parecia possuído por um desejo quase desumano de estar dentro de mim. Não que eu esteja reclamando, não mesmo, mas por alguns momentos quis pedir que parasse, acho que até cheguei a pedir. Só de imaginar em tê-lo assim todos os dias já me deixa com um medinho de não dar conta do recado. Não fechamos as cortinas da suíte e o enorme blindex está iluminando completamente todo o espaço, a claridade é desconcertante e incomoda. Por outro lado a vista é... Uau! A vista é divina ao amanhecer, a cidade belíssima com a Cordilheira arrematando com a neve branquinha em cima.

Duas batidas na porta me chamam atenção, por mais que eu tente ignorar as batidas continuam e continuam. Ok! Vou tentar sair desse polvo.

Com muito custo consegui me soltar dos braços de Leônidas, precisou de uma ou duas cotoveladas, coisa pouca. Na porta quem chamava era um funcionário do hotel informando que meu marido pediu que fôssemos acordados às 8h, além de comunicar que o jantar de ontem não foi recebido por ninguém quando chegou e retornou à cozinha do hotel. Poderiam ter colocado a porta a baixo que não escutaríamos.

— Amor! Acorda meu carrasco, temos passeios a fazer e chegou um café da manhã maravilhoso. — *A pedra nem se move.*

— Leônidas, acorda!

— Está uma delícia aqui. Vem cá, vem. — *Puxa-me para seus braços novamente deixando-me de costas para ele, passando uma das pernas sobre mim. Fico enroscada por ele, tento me soltar ou afrouxar o seu aperto e não consigo.* — Esfrega mais essa bunda em mim esfrega. Por que está de calcinha?

— O rapaz veio nos chamar como você pediu. Já passa das 8h, temos que sair para conhecer a cidade amor. Não quero ficar enfurnada nesse quarto, vamos! — *Leônidas puxa minha calcinha para o lado e esfrega a cabeça do pau em minha boceta procurando a entrada.* — Para com isso amor, estou toda ardida por ontem.

— Eu quero minha esposa agora. Empina essa bunda para mim.

— Nem pensar. Para com isso... Ah! Eu ainda estou seca amor, não dá.

No mesmo momento ele cospe nos dedos e passa em minha abertura facilitando sua entrada, ao contrário de ontem, hoje Leônidas me penetra lento e calmo. Começo a gemer gostando da sensação dele dentro de mim, quando seu indicador inicia movimentos circulares em meu clitóris e a outra mão massageia meu seio, não demoro a gozar e junto comigo vem meu maridinho tarado e gostoso.

— Ah! Muito bom acordar com uma trepada.

— Trepada? Não acredito que você falou isso amor. — *Impossível não sorrir.*

Leônidas está deitado de barriga para cima com o pênis descansando sobre a barriga, um braço dobrado por trás da cabeça e o outro estendido. Totalmente relaxado e languido, a expressão em seu rosto deixa claro o quão tranquilo ele está, é como se o mundo, finalmente nos desse dias de paz longe de tudo.

— Trepada, metida, foda ou fazer amor? Pode chamar como quiser, para mim se for com você todas tem o mesmo significado. Amor. — *Oh! Meu carrasco é um fofo.*

— E o que fizemos ontem?

— Ontem tivemos a nossa estreia matrimonial. — *Deito-me em seu peito.* — Foi maravilhoso Ninfa, não sei como dizer o que senti, mas eu senti algo além de felicidade quando te tomei por minha mulher.

— Eu te amo!

— Eu também te amo muito! Agora vamos levantar, tomar café é sair.

— Aonde vamos primeiro?

— Vamos ao Cerro de Santa Lucia, é um morro que nos dá uma vista completa da cidade de Santiago. Cerro significa morro, então coloque algo confortável, pois vamos subir alguns degraus de escada.

Em menos de dez minutos de táxi já estávamos em uma bela praça com construções antigas, um belo chafariz todo feito de mármore coroa o centro desta praça, o local é extremamente arborizado e repleto de flores amarelas, roxas e alguns pinheiros

enormes. É realmente lindo de se ver. Passamos o primeiro jardim e subimos um lance de escadaria antiga.

— Amor, esta é a Plaza Neptuno. Está vendo ali a estátua em cima da fonte? — *Leônidas aponta para a estátua que está no topo de uma grande fonte, muitas árvores enormes que me lembram palmeiras estão no local. A construção é amarela com muitas colunas e escadas dando acesso a outras alas. De frente para a fonte tem uma placa talhada em pedra dizendo que é uma fonte dos desejos e devemos jogar uma moeda e fazer um pedido.* — Vamos jogar uma moeda para não desperdiçar o pedido né.

— Eu já tenho o meu.

— E qual seria...?

— Que isso não acabe nunca, que sejamos eternos namorados.

— Seremos minha Ninfa.

Depois de mais um lance de escadaria, chegamos a uma grande praça, como sempre bem arborizada e com alguns bancos e várias pessoas lendo ou conversando tranquilamente. Muitas estátuas e canhões decoram o lugar de uma beleza inigualável.

— Se daqui já vemos boa parte da cidade, imagina lá de cima.

— Vamos ver até as cordilheiras. Pode apostar. Encosta ali na grade de proteção, vamos fazer algumas fotos. — Leônidas se diverte me fotografando, depois pede para alguém tirar fotos nossas. Calhamos de encontrar um grupo de turistas cariocas que foram muito prestativos. Estou me sentindo a gringa aqui.

Terminamos de subir toda a escadaria depois de passar por mais duas praças muito aconchegantes, realmente não parece que estamos no centro de uma cidade já que aqui é tão tranquilo e bucólico. Além das flores e árvores, temos também uma cascata e uma pequena igreja em uma parte chamada Jardim Darwin. A vista final é maravilhosa, quase não posso acreditar que subi isso tudo a pé, claro que paramos e sentamos em diversos pontos para namorar e curtir o momento especial, mas a subida é bem cansativa.

— Caramba! Deu para cansar hein. — *Meu marido diz abraçando-me por trás enquanto contemplamos à vista.* — Mas valeu cada passo.

— Valeu mesmo. Você estava certo, podemos ver a cordilheira daqui. — *Dou um giro de 360°* — Podemos ver tudo daqui, vejo o hotel, os prédios e a neve. O que é aquele outro morro daquele lado?

— Ah sim. É o Cerro San Cristóbal, vamos tentar visitá-lo amanhã, porque hoje não aguento subir mais nada...

O bom de estar aqui é que quase tudo podemos fazer a pé ou de táxi, hoje deixamos para conhecer os pontos históricos do centro da cidade, alguns marco e igrejas lindíssimas. Almoçamos em um restaurante pequeno e aconchegante com mesas postas na calçada. Romantismo em alta, tirando meu marido que olhava com caras e bocas para qualquer homem que me olhasse por mais de cinco segundos, nem o garçom escapou das suas olhadas.

— Estou morta de fome, tudo culpa sua que acabou com minhas energias antes de sair do hotel.

— Então coma bastante, a noite não será diferente minha Ninfa. Quero sugar até a sua última gota de energia.

Sinto-me em um filme romântico açucarado, nunca imaginei que Leônidas seria tão atencioso comigo. Como não é a primeira vez dele no Chile serviu como guia turístico, explicou-me cada estátua cada marco ou praça, e olha que o lugar é danado para ter estátuas. O frio torna as pessoas elegantes, casacos lindíssimos combinados com calças de couro ou saias de alfaiataria, um cachecol mais elaborado que o outro, até mesmo os homens usando.

— Viu algo nesta vitrine que te interessou? Precisamos comprar algo mais quente para você. — *Leônidas pergunta ao perceber que empaquei diante de uma loja.*

— Isso é uma legging? Não sabia que homens usavam essas coisas.

Na vitrine tem um manequim usando uma calça que lembra as que usamos, ela é preta e extremamente justa e de um material elástico. Impossível não sorrir com essa imagem bizarra, pelo menos para mim. Imagino Leônidas vestido assim.

— É isso mesmo, mas é feita para homens. Se reparar vai perceber que tem um compartimento mais avantajado para guardar o pau do cara.

— Gente! Quem sai com isso na rua? Imagina se o camarada fica excitado por algum motivo ou se tem uma enorme vontade de

fazer xixi? — *Ele sorri e beija minha testa.*

— Não é para usar assim, cabecinha suja. Elas são usadas por baixo da calça social, do jeans ou do couro. O frio aqui é muito intenso e não há saco que aguarde ficar nessa friagem, ficar com o pau congelado não deve ser nada gostoso.

Compramos muitos presentes, roupas para nós dois e deixamos o passeio de amanhã nos Andes agendado. Algumas ruas de Santiago são fechadas para automóveis, apenas pedestres podem circular por lá. Chilenos são um pouco desconfiados e pude perceber isso ao sorrir para alguns deles, poucas vezes meu sorriso foi retribuído. Essa coisa brasileira de chegar falando e com intimidade não existe aqui, chilenos são sérios e muito corretos em tudo.

Depois de muitas compras e caminhadas pelo centro de Santiago, decidimos voltar ao hotel para deixar as coisas e ir ao Mercado Central. Fizemos esse percurso de metrô e fiquei morta de inveja dos chilenos, nunca imaginei um metrô tão tranquilo na minha vida. A estação de parada é em frente ao nosso destino. Não se compara aos grandes mercados que temos no Brasil, mas é muito bom, comidas e lembranças da cidade para todos os lados.

— Sejam bem-vindo! — *Diz um garçom em português com pouco sotaque.*

— Você fala português? Ele fala português amor.

— É comum aqui Sarah. Boa parte dos turistas são brasileiros.

— *Ele olha para o homem a nossa frente.* — O que me indica?

— Centolla com certeza. É nossa especialidade.

Depois que o garçom deixa a nossa mesa com os pedidos, ficamos observando a decoração do lugar e o comportamento das pessoas. O restaurante é todo revestido com tijolinhos de barro e tem uma aura rústica e muito aconchegante. Demora um pouco para o nosso pedido chegar, mas quando ele chega eu fico completamente chocada com o prato. A tal da centolla é uma espécie de caranguejo, aranha ou lagosta gigante de tom alaranjado e alguns relevos bem proeminentes. Junto servem dois pratos com arroz, salada e batata frita, e uma porção de alho frito banhado em azeite, nada muito incomum, a não ser pelo bicho digno de um filme.

— Não sei se quero comer isso não.

— Calma! Dê uma chance para a culinária desconhecida, tenho certeza que irá adorar. Ele vai abri-la para nós.

Sim, o garçom pegou um tipo de alicate e praticamente tirou a armadura do ser estranho que eu ainda não estou muito animada para comer. Uma a uma as patas foram abertas e o centro também, realmente lembra um caranguejo só que monstruoso. Depois de totalmente aberta o cheiro é maravilhoso e não posso resistir a, no mínimo provar.

— Para com essa cara de nojo e prova, vai adorar. Pegue uma parte e passe no azeite depois coma.

— Não estou com nojo, estou espantada com essa... Centolla.

— *Faço como Leônidas disse e delicio-me com uma carne leve, suave e deliciosa. Segundo o garçom, o bicho é cozido no vinho branco... Hum!!!! — Ah... bom demais.*

— Bom não é?

— Cada segundo me impressiono mais com esse lugar.

Trinta e Um

Por Leônidas

22 de junho - Domingo

Estamos passando dias de glória no Chile, nem nos meus melhores pensamentos poderia imaginar que seria assim. Sarah é animada e ativa, gosta de conhecer lugares novos, caminhar e se aventurar no desconhecido. A maioria dos passeios que fizemos foi de metrô, ela adorou ter tudo a mão e de fácil acesso. Aluguei um carro e sairemos muito cedo para o passeio no Vale Nevado onde a levarei para conhecer a neve e aprender a esquiar, já reservei algumas coisas previamente e tenho certeza que vamos nos divertir muito.

— Acorda dorminhoca, temos uma longa viagem pela frente e não podemos nos atrasar.

— Quero ficar aqui.

— Sarah assim vamos perder um dia lindo, fotos incríveis e o tubing que falei ontem, lembra?

— Escorregar com a boia na neve néh? — *Afunda a cara no travesseiro e reclama mais um milhão de vezes.* — Isso é culpa sua, me mantém a madrugada inteira acordada e quer que eu acorde cedo depois. Vou parecer um panda nas fotos.

— Vai estar de óculos Ninfa, mas seria um panda delicioso. — *Recebo uma almofada quando ela se levanta para ir ao banheiro.* — Se ficar desfilando nua na minha frente iremos nos atrasar mais ainda.

Antes das 7h deixamos o hotel em direção à Cordilheira, o dia está prometendo ser perfeito para esquiar e se divertir na neve. Mesmo completamente vestida e encapotada Sarah chama a atenção por onde passa e isso deixa-me um pouco irritado, mas não vou estragar nossa viagem e estou me controlando ao máximo.

Mesmo sendo bem cedo pegamos um engarrafamento para subir a Cordilheira, é um trajeto de mais ou menos quarenta minutos que tem que ser feita com muita paciência e descontração. Em determinado ponto tivemos que colocar correntes nas rodas e isso deixou Sarah apreensiva, a cara que fez quando expliquei que era importante para não deslizar foi hilária.

— Como assim? Podemos deslizar lá em baixo?

— Não seja paranoica. Isso é comum em qualquer lugar que tenha neve, é apenas para a nossa segurança, fique tranquila e tire muitas fotos, pois a paisagem é linda demais.

Quase quarenta curvas depois, chegamos ao Valle Nevado, uma das mais famosas estações de ski que tem aqui. Com todos os procedimentos necessários e o aluguel das roupas e equipamentos apropriados feito, seguimos para a diversão.

O sorriso desenhado nos lábios da minha esposa é o meu maior prêmio, ela está realmente feliz, leve e realizada. Seus olhos brilham com cada novidade apresentada, suas reações ao novo são gostosas de ver e sentir, cada dia confirmo que fiz as escolhas corretas e que não seria feliz de outra forma. Em breve pretendo voltar aqui com minha família completa e curtir o melhor da vida, as pessoas que eu amo.

— Leônidas isso é fantástico! Vontade de não sair nunca mais daqui.

— Podemos arranjar isso. — *Pisco para ela sorrateiro.*

— Até parece. Gosto do meu país, aqui é muito bom para férias e passeios. Eu sentiria falta de casa e da família.

Curtimos a manhã com brincadeiras no gelo e muitos beijos apaixonados. Tudo é novidade e chama a atenção dela, crianças brincando, bola de neve e até mesmo um boneco fizemos, só faltou a cenoura do nariz, pois meu cachecol ele roubou. Fotos, perdi a conta de quantas tiramos. Uma pista de tubing estava pronta para a nossa diversão e curtimos a valer, sinto-me uma criança perto dela, nunca me diverti tanto na vida. Estou totalmente aliviado das tensões e do peso que eu um dia carreguei.

No meio da neve fizeram várias pistas com uma boa inclinação, existem muitas boias redondas onde nos sentamos e descemos escorregando pela pista de neve. É quase um ski com boias de borracha. A brincadeira nos rendeu muitas gargalhadas e com certeza uma canseira enorme. Também fizemos uma caminhada para explorar o local e perdemos um longo tempo em filas intermináveis.

— Agora vamos almoçar, estou faminto e cansado.

— Tem restaurante aqui em cima?

— Tem sim. Vamos fazer um passeio de teleférico pelo vale e ao final desse passeio tem um restaurante maravilhoso com a vista mais incrível que eu já vi.

O teleférico é em formato de gondola, cabem seis pessoas, mas comprei todos os lugares para ter mais privacidade com a minha Ninfa. O passeio é longo e poderemos aproveitar bastante. Enterro as mãos em seu cabelo e tomo seus lábios de forma necessitada, ela me tira do sério com esse jeito de menina e esse corpo de mulher. Apreciamos a paisagem entre beijos e amassos mais íntimos até a chegada no restaurante.

Da última vez que estive aqui não pude notar quantas belezas esse lugar esconde, ou revela. Vim com Silvia e fizemos apenas turismo de consumo, muitas lojas e compras astronômicas. Com Sarah fiz algumas compras, porém nada que tivesse um custo relevante, ela gosta de comprar coisas típicas para presentear os amigos e a família, maquiagem e comida, com certeza voltaremos ao Brasil com um destino certo, a academia.

— É muito caro para uma pessoa normal fazer uma viagem assim?

— Pessoa normal? Não entendi porque não estamos na categoria de “pessoas normais”.

— Você me entendeu sim. Isso tudo custa muito dinheiro, você tem como pagar por isso e estamos aqui, só que a maioria das pessoas não pode.

— Vamos às correções. A senhora é minha esposa, sendo assim não fui eu que paguei pela viagem, fomos nós. Realmente algumas opções que fizemos tem um custo elevado, mas existem opções mais em conta onde os turistas poderão diminuir seus gastos. Algumas agências fazem pacotes de viagem para cinco ou

sete dias com hotel, passagem e traslado por valores muito bons e ainda parcelam em dez vezes. Valeu a pena o investimento não valeu?

— Valeu sim. Nada vai me fazer esquecer os dias que passamos aqui. Estou muito feliz!

— É tudo que eu quero amor, fazer você feliz é o meu objetivo final, se você está feliz eu estou completo... Ou quase, falta só uma coisa. — *Beijos seus lábios apertando a palma sobre seu ventre.*

— Já falamos sobre isso. — *Sarah levanta a sobrancelha fazendo bico.*

— Sim, o que não me impede de tentar.

Depois do almoço fomos para a aula de ski que agendei para ela, mesmo com medo Sarah não passou vergonha e conseguiu absorver bem o que o instrutor dizia.

— Esse cara vai comer neve se não parar de tocá-la dessa forma. — *Falo para mim mesmo enquanto observo o sujeito ajudá-la a ganhar equilíbrio. Tem gente que não tem medo da morte, um pigmeu de 1,65 m cheio de sorrisos para a minha esposa e ainda não se tocou que estou quase ripando a cara dele com o ski.*

— Amor você viu que consegui? — *Sarah grita animada com a pequena conquista. Enquanto ela caminha de volta para o topo da pequena colina eu me aproximo do senhor sorriso e falo em espanhol.*

— Evite poner las manos sobre mi esposa. No me gusta tocar.

— Pido disculpas señor

— No te disculpes. Sólo recuerde que soy un poco violento cuando se trata de mi esposa.

Meu recado foi muito bem compreendido pelo instrutor de ski, o infeliz não tocou mais em minha mulher, pelo menos não mais que o extremamente necessário, porém o seu sorriso excessivo desapareceu dando lugar a um breve levantar de lábios sem mostrar os dentes. Assim está melhor. Voltamos para o hotel e depois de um longo banho quente de banheira com algumas carícias, mas nenhum sexo, dormimos até o outro dia.

23 de junho - segunda-feira

Nosso terceiro dia de viagem foi dedicado aos pontos turísticos mais acessíveis de Santiago. Visitamos a Praça das Armas que é um centro político e econômico da cidade, o lugar é rodeado com alguns dos mais importantes prédios históricos chilenos, como a belíssima Catedral de Santiago. O curioso é que ela foi construída cinco vezes por ser destruída por terremotos. Em volta da mesma praça está o antigo prédio dos Correios, o Museu Histórico Nacional e a Prefeitura de Santiago. Esticamos o passeio para o famoso Palácio de La Moneda, que foi construído para ser a casa da moeda, mas hoje abriga a sede da presidência da república.

Na parte da tarde, ficamos em nossa suíte, afinal estamos em lua de mel e precisamos fazer jus ao tema da viagem. Jantamos no restaurante do hotel e apreciamos a culinária local que é muito conhecida pela presença de frutos do mar. Amanhã iremos para uma vinícola e ficaremos hospedados lá até o dia de voltar para

casa, escolhi ficar alguns dias mais recolhido e junto da minha esposa. Conhecer um novo país é maravilhoso, mas desfrutar da companhia da minha Ninfa é muito melhor.

(...)

24 de junho - terça-feira

Chegamos logo cedo ao hotel da vinícola. A propriedade é enorme e repleta de belas paisagens, a começar pelo formato da antiga construção em U com um pequeno lago artificial no centro. Janelas com mais de quatro metros de altura deixam o clima ainda mais ameno. Móveis tradicionais em madeira de lei, estofados e cortinas florais trazem um ambiente romântico corando a nossa lua de mel. Somos recebidos pelo gerente do local que nos encaminha ao nosso quarto para deixarmos as bagagens.

— O que achou do lugar?

— Maravilhoso é pouco. Tudo aqui é tão bonito e cheio de detalhes, todo canto que olhamos parece ser feito para admirar. — *Sarah para diante da enorme janela e sorri para a vista que nos agracia. Abraço seu corpo junto ao meu, seu cheiro acende meu corpo.* — Lembre-se que temos um guia nos esperando.

— Acho que ele terá que esperar mais alguns minutos, pelo menos para uma rapidinha. Hum? — *Esfrego minha pélvis contra sua bunda empinada, ela toda gostosa vira-se de frente para mim e agarra o fecho do cinto que segura a minha calça abrindo-o.*

— O senhor tem sido um exemplo de marido, romântico, atencioso e não fez nenhuma cena de ciúmes em todos estes dias. Acho que merece um agrado.

— Mereço. — *Se descartar o instrutor de ski é claro, mas ela não precisa saber disso.*

Enquanto morde meu queixo, Sarah abre minha calça e puxa para baixo expondo meu pênis que já se animou com a sua proposta. Ela retira a própria blusa e casaco, solta o fecho frontal de sutiã amarelo em renda dando a deliciosa visão dos seus seios nus ao meu alcance. Antes que eu possa tocá-los Sarah coloca-se de joelhos e abocanha a cabeça do meu pau, lambe e espalha saliva até que ele esteja completamente lambuzado.

— ãhm! Está inspirada hoje?

— Muito. — *Estou com os olhos fechados e as duas mãos apoiando o quadril, frustração me toma ao perceber que a boca macia e quente não está mais em mim. Desço meu olhar e vejo minha Ninfa juntar os seios com as duas mãos, as longas unhas vermelhas emoldurando as mamas redondas e pesadas pelo desejo.* — Vamos tentar uma espanhola? Mas precisa ser rapidinho meu carrasco.

— Puta que pariu Ninfa! Desse jeito vai ser rápido com certeza.

Flexiono os joelhos para alcançar seus seios, enquanto busco apoio na janela, ela encaixa-me entre eles. Meto lentamente para dar-lhe a chance de encontrar e a melhor maneira de me receber, quando vejo que está confortável aumento a intensidade dos movimentos. Meu pau escorrega em um vai e vem alucinante até que minha esposa abaixa a cabeça encostando o queixo no colo e

me permitir entrar. Somente a glândula é abocanhada, mas é o suficiente para destruir com meu juízo.

— Arhg porra, porra! Delícia de boca.

Seguro o topo da sua cabeça e meto totalmente fora de mim, os seios massageiam meu pau e a língua provoca sensações inexplicáveis enquanto me tortura com sua dança.

— Abre a boca toda. — *Seguro os cabelos fazendo um rabo de cavalo e entro até o fundo da sua garganta, mesmo com a resistência que ela oferece não consigo recuar e gozo tudo que tenho dentro dela e saio com calma deixando-a respirar.* — Machuquei você? Estava tão forte que não consegui parar.

— Não machucou, mas se um dia eu vomitar em você não reclama. — *Sorri debochada.*

— Você me deixando gozar primeiro, pode fazer o que quiser. — *Ajudou-a a se levantar e vestir a roupa de frio para irmos encontrar o guia que nos levará para conhecer as viñas e a adega.*

Um homem, falando um português muito bom, por volta dos sessenta anos nos levou para um passeio de bicicleta entre as parreiras, conhecemos várias qualidades de uva, suas origens e especificações. Infelizmente não estamos na época de colheita para apreciarmos os campos carregados de cachos de uva, mas de qualquer forma a beleza do local é incontestável.

Por uma hora pedalamos escutando tudo que o guia tinha a dizer e perguntando o que nos interessava. O ar gelado toca a pele como navalha, Sarah está com a ponta do nariz vermelha e mesmo com luvas sinto meus dedos adormecerem. O guia nos informa que

dali iremos para a adega aprender sobre a fermentação a conservação dos vinhos de boa qualidade.

— Poderemos provar? — *Ela questiona animada.*

— Si! — *Responde o senhor hospitaleiro.*

A adega fica no subsolo, para chegar lá descemos vários degraus de escada até uma grade de aço fechada por correntes, segundo o guia, a entrada aqui é restrita. Toneis gigantescos abrigam a bebida nas suas fases de fabricação. Em determinada parte encontramos milhares de garrafas estocadas e separadas pelo ano de em que foi fabricado.

Ver a Sarah tentando sentir tudo que o guia nos explicava em uma taça de vinho foi a melhor parte, ela fazia cara de quem estava entendendo e partilhando das sensações, enquanto o homem desandava a falar. Tive que me segurar para não rir e deixá-la sem jeito, toda vez que minha Ninfa enfiava o nariz na taça tentando sentir o aroma de tal ou tal uva eu comia mais um pedaço de queijo para manter-me calado. Devo ter passado por esfomeado.

— Eu quase entendi. — *Estamos almoçando no restaurante do hotel e conversando sobre a explicação que recebemos mais cedo.*

— Sinceramente, eu prefiro apenas beber. Tonalidade, consistência, aroma e sei lá mais o que, não entendo nada disso, prefiro continuar leiga.

— Também não sou nenhum conhecedor de vinhos, nunca fui. Bebo e gosto, mas não sou o maior dos interessados no assunto. Por outro lado os queijos e aperitivos são meu ponto de perdição em um lugar como este.

— Até agora o que mais gostei de comer foi a Centolla. No início fiquei cismada com aquela aparência esquisita, mas depois que comi, amei!

— Nada supera comer minha esposa com Santiago a nossos pés. — *Ela quase engasga com o vinho, olha as mesas em volta para confirmar se não fui ouvido e lança-me um olhar matador.* — Não adianta me olhar assim, foi delicioso.

— Sim, foi.

Permanecemos hospedados na vinícola até o fim da viagem, precisávamos de sossego e tranquilidade, onde teríamos tempo de sobra para desfrutar da companhia um do outro. E eu desfrutei até o carço.

Trinta e Dois

Por Leônidas

Segunda-feira 30 de junho

Depois de uma semana em lua de mel, diga-se de passagem foi irretocável, temos que voltar para a vida normal. Chegamos em casa no domingo à noite, aproveitamos a companhia de Nina e do Poco, jantamos pizza e praticamente desmaiei na minha cama. Só damos valor a nossa cama quando ficamos sem ela, pode ser um palácio que jamais será a nossa cama.

Dr. Júlio marcou uma reunião com Ana em seu escritório às 10h, estou a esperando chegar para acertar algumas coisas na minha vida. Chega de fantasmas e histórias mal resolvidas, quero começar minha vida em paz comigo mesmo e com os assuntos que se referem à Silvia, preciso enterrá-los junto com ela.

Depois de muito conversar com Sarah cheguei à conclusão de que Nina não precisa das malditas joias e muito menos do apartamento do Itaim. Vou entregá-los a Ana e ao Silvério, também quero estabelecer algumas regras de convivência e evitar problemas futuros.

— Com licença. Bom dia a todos. — *Meus ex-sogros entram na sala cumprimentando a mim e ao meu advogado, Dr. Júlio.*

— Bom dia Ana, Silvério. Sentem-se, por favor, seremos breves. Meu cliente me pediu que agendasse esta reunião para acertarmos questões práticas em relação a Nina.

— E por que o seu cliente não diz ele mesmo essas coisas? — *Oh mulherzinha intragável.*

— Estou evitando olhar na sua cara e na do seu marido...

— Escuta aqui seu...

— Escute aqui você Silvério. Os dois tentaram tirar a minha filha e a minha mulher de mim, não estou nem um pouco afim de olhar na sua cara ou de lhes dirigir a palavra, saí da minha casa com a intenção de ser generoso, mas posso mudar de ideia agora mesmo e esquecer que um dia fizeram parte da minha vida.

Estou de pé esbravejando e descarregando a raiva que estava guardada em mim a muito tempo. Ninguém sequer respira dentro da sala. O silêncio é cortante e os olhos dos dois estão arregalados com minha voz alta e enraivecida.

— Bom... Como eu ia dizendo, meu cliente deseja acertar questões práticas sobre alguns bens do interesse de vocês. Estou aqui com a escritura do apartamento e com a transferência da posse do cofre onde estão as joias da falecida Sra. Silvia.

— Isso é sério Leônidas?

— Sim Ana, é sério. Minha esposa me mostrou que isso só atrasaria a minha vida. No entanto retirei o anel de noivado e os brincos de rubi que dei a Silvia quando ela descobriu a gravidez. Quero que esses sejam da minha filha.

— Não vai entregá-los à sua amante não é? — *Senhor dos pré-homicidas, dai-me paciência. Essa criatura está pedindo para eu voltar atrás, só pode.*

— Minha ESPOSA não tem nenhum interesse nisso, Ana. Sarah prefere viajar, comer, se divertir e trepar. Quem gostava de

joias era a sua filha, por favor, não as confunda.

— Continua o mesmo descarado de sempre, acho até que piorou desde que minha menina nos deixou.

Preferi deixar isso passar, ela quer brigar e eu quero minha vida em paz. Fui para o hospital e me inteirei dos últimos acontecimentos, situação dos meus pacientes crônicos e rotina do hospital. Fui apresentado ao novo responsável financeiro que trabalhará no lugar do Lorenzo, o nome dele é Luiz e já trabalhava conosco em outra unidade.

Meu irmão embarcou para o Rio no dia seguinte ao meu casamento, as coisas andam na mesma entre minha família e Dora, ela não aceita nenhum contato com nenhum de nós. Sarah está arrasada com isso, além de meu sogro não ter admitido a gravidez e voltado para Domingos Martins sem nem ao menos dirigir o olhar para a filha.

Preciso conversar com Bento, ele precisa me ajudar a convencer a Sarah a tirar aquela merda do braço. Oh mulher teimosa!

— Posso entrar, irmão?

— Olha quem voltou!!! Entra aí cara. Como foi de lua de mel com a sua Ninfa gostosa?

— Não é da sua conta. Preciso da sua ajuda profissional. Sarah usa um implante hormonal no braço para não engravidar, mas eu quero que ela tire aquilo e comecemos a tentar encomendar nosso Malamanzinho.

— Já tentou falar isso com ela? — *Inclina a cabeça para o lado e levanta as duas sobrancelhas com um ar cínico para mim.*

— É aí que você entra. Já falei, pedi, mandei e falei de novo. Ela não quer tirar e disse que pretende esperar um ano de casados para isso, só que um ano é tempo para cacete. Quero que você tire o implante dela.

— Hum! Entendi. Eu devo sequestrá-la ou vamos dar um sossega leão? Tem sempre a possibilidade de um segurar e o outro arrancar a força néh.

— Porra, estou falando sério. — *E eu achando que ele tinha um lado profissional.*

— Olha só Leônidas. Sua mulher disse não e pronto, não vou obrigá-la a retirar o implante contraceptivo para satisfazer um capricho seu.

— Poderia dizer a ela que causa câncer.

— Vai para casa. Tenho uma fisioterapeuta para traçar e sua esposa te aguarda para jantar. Quem te viu e quem te vê hein! — *Será que é tão difícil entender que quero ser pai outra vez?*

Por Sarah

Um mês depois

Como vai a vida de casada? Maravilhosa! Claro que temos desentendimentos e divergências, mas sempre encontramos uma forma de contornar os problemas e chegar a um denominador comum. Leônidas não é fácil de se conviver, é mandão e estressado, implica com qualquer homem por achar que está dando em cima de mim e acha que tudo se resolve na cama. Ok! Não acho isso ruim, na verdade amo meu marido da forma que ele é.

Não posso dizer que sou uma flor de maracujá, pois estaria mentindo. Eu grito, reclamo, fico emburrada e faço greve de sexo, mas ele também gosta. No fim somos feitos um para o outro.

Durante este primeiro mês de casados não houve um só dia que esse homem deixou de me pedir para tirar o implante e começar a tentar engravidar. Não vou mudar em relação a isso, estou fazendo a minha faculdade, temos Nina ainda pequena para criar e ainda tem o Poco que mais parece um filho mais novo, apesar do tamanho bem avantajado.

Nunca mais tivemos problemas com a avó de Nina, dois finais de semana por mês o motorista deixa nossa pequena na casa da Ana e busca aos domingos. Leônidas não abriu mão das datas comemorativas como: natal, ano novo e aniversário, mas concordou em deixá-la passar as férias de julho com os avós maternos. Já tem uma semana que ela está com eles e buscaremos só daqui a mais uma.

Nem preciso dizer que aproveitamos para abusar da privacidade.

— Ninfa?

— Estou no escritório. — *Grito para Leônidas que acaba de chegar do trabalho. Marcamos um jantar na casa dos pais dele e precisei enviar um e-mail para o meu professor do curso de letras.*

— O que está fazendo? Vamos chegar atrasados... Nossa! Você está linda meu amor.

— Obrigada! Só precisava reenviar em e-mail com uma atividade. Vamos? — *Pela cara de safado que ele está e olhando sei que não vamos sair daqui tão cedo. Ele chega mais perto e trocamos beijos quentes e desejosos.*

Dou três passos para trás até encostar na escada que fica anexa a estante alta de livros antigos. É uma escada reta de inox presa por roldanas a uma barra no teto do escritório.

— Sobe, sobe uns cinco degraus. — *Mesmo com um salto de 12 cm faço como ele me pediu.*

Quando estou com um pé no quarto e outro no quinto degrau, Leônidas levanta a barra do meu vestido. Estou com um vestido vinho, sandálias prata e escolhi uma calcinha preta em renda que compramos em uma boutique de Santiago na lua de mel.

— Não tem ideia de como fica deste ângulo. Puxa a calcinha para o lado. — *Obedeço, seguro com a mão esquerda na barra de sustentação de escada e com a direita retiro o fio dental da fenda*

entre minhas nádegas e coloco de lado. — Agora segura assim. Isso!

Seguro uma das bandas da minha bunda, mantendo-a aberta para ele. Leônidas enterra o rosto em minha boceta e enfia a língua profundamente fodendo-me com ela, arqueio ainda mais. Olho para trás e vejo que enquanto me chupa, Leônidas se masturba e esfrega os dedos melados com o meu prazer lubrificando a cabeça do seu pênis que já está vermelho e duro feito aço.

Sua boca toma minha vagina inteira, lambe minhas dobras e meu clitóris, suga meu prazer e meus gemidos aumentam com a força do orgasmo que está sendo construído dentro de mim.

— Ah! Mais, mais amor! Me come Leônidas.

— Agora Ninfa! Desce.

Volto para o chão e abaixo meu tronco, seguro na escada com a bunda exposta para ele. Meu carrasco desliza a glande pela minha umidade, massageia meu clitóris fazendo um vai e vem enlouquecedor. Um dedo pressiona a entrada do meu ânus fazendo pequenos círculos cada vez mais para dentro de mim, logo são dois dedos e não consigo me concentrar com a massagem incessante que ele faz com o pau por fora da minha boceta.

— Vou comer um cu hoje. Quero te escutar gritando enquanto arrombo esse buraquinho quente que está me chamando.

— Oh! Come vai.

— Ninfa safada.

Centímetro por centímetro seu membro penetra-me, abrindo meu corpo como se fossemos um só, a primeira barreira é rompida e ele sai completamente e volta a penetrar ainda mais fundo até não ter mais resistência do meu corpo. Entra completamente e volta a retirar tudo, na terceira vez já estou louca para ser fodida como só ele sabe fazer, louca para sentir a força das suas estocadas até quase a dor me tomar.

Gosto da postura bruta que Leônidas toma na hora do sexo, gosto de ser a sua fonte de alívio. Eu sou o seu maior prazer e eu proporciono tudo que ele mais deseja na vida.

— Fala, eu quero escutar. Fala!

— Come meu cu Leônidas. Ah! Come o cu da sua puta vai.

— Isso. Orhg assim mesmo.

Com os dedos fincados em minha carne, ele me mantém cativa ao seu bel prazer e com a sua voracidade habitual eleva as estocadas a mais alta potência até estarmos completamente saciados e destruídos com tamanho prazer.

Corro para o banheiro do escritório, jogo os cabelos para o lado e dou uma de “bagunçado chic”, quem inventou isso com certeza tinha acabado de ser comida por um ogro. Sento-me no vaso e uso a ducha higiênica para me lavar, ajeito a calcinha que não foi afetada, passo um batonzinho e estou pronta... Com os joelhos tremendo, mas pronta.

— Estou pronta, já podemos ir. Como estou? — *Leônidas termina de virar uma garrafinha de água com gás que estava no frigobar e diz:*

— Está linda como antes. Com uma diferença, o sorriso no seu rosto denuncia que acabou de gozar no meu pau. — *Arremesso minha bolsa de mão nele, que pega e a coloca em baixo do braço.*
— Bora mulher, estão nos esperando.

Chegamos à casa da minha sogra e já estavam todos a mesa nos aguardando, só o olhar do Bento já me deixa completamente sem graça, ele tem escrito na testa “eu sei que você trepou”. Quase morro com isso.

— Boa noite família! O trânsito de São Paulo está de matar.

— Que trânsito Leônidas, moramos no mesmo bairro. Cunhada, ele ainda vai te quebrar ao meio hein, depois não venha me procurar para consertar.

Jesus, alguém ajuda esse cara e manter a boca fechada. Parece um defeito Malamam de fabricação, eles não sabem descansar a língua.

— Vou quebrar você no meio Bento. Respeita minha esposa.

— Meninos, vamos ao jantar que eu já estou faminta, a vida sexual do Léo só diz respeito a ele e a Sarah. E Bento... Cala essa boca! — Pronto, agora todo mundo sabe o que eu estava fazendo no “verão passado”.

Depois do jantar ficamos batendo papo na varanda e conversando sobre as coisas do hospital, as manchetes dos jornais e a falta de água. O assunto Dora e Lorenzo foi enterrado, com o tempo decidimos que é melhor não falarmos sobre isso para não deixarmos os assuntos deles afetarem o meu relacionamento com

Leônidas ou com a família dele. Então eu cuido da minha irmã e eles cuidam do Lorenzo, cada um no seu canto.

Trinta e Três

Por Sarah

Hoje eu e Leônidas completamos um ano de casados. Tenho uma missão quase impossível para cumprir, preciso entrar e sair do hospital sem que isso chegue aos ouvidos do meu marido ciumento. Segunda-feira ele costuma cuidar apenas da parte administrativa e por isso não deverá estar circulando pelos corredores, isso facilita.

Deixo Nina na escola e dirijo apressadamente até o hospital, marquei uma consulta com o Bento e o obriguei a manter o segredo guardado a sete chaves, nem mesmo a secretária foi informada previamente. Passo me esgueirando pelos corredores e chego ao terceiro andar, onde funcionam a maternidade e a ginecologia.

— Bom dia! Tenho uma consulta com o Dr. Bento. — *Por alguns segundos ela me observa tentando lembrar-se de onde me conhece, mas logo desiste.* — Ah, não está na agenda, foi marcado diretamente com ele, é particular.

— Ah, claro! Entendo. — *Isso foi sarcasmo? Meu Deus! Ela está achando que sou o próximo lanchinho do meu cunhado pegador. Mantenho a postura e aguardo até ser avisada que posso entrar.*

Dou duas batidinhas na porta e abro sem muita cerimônia. Bento está sentado atrás de uma bela mesa com tampo e pés de vidro, há alguns receituários por cima, um computador, telefone e uma vagina feita de plástico com o restante do aparelho reprodutor também.

— Como vai cunhada linda? Finalmente resolveu completar o sorriso idiota que meu irmão faz questão de ostentar naquela cara

feia? — *Já de pé ele me dá um beijo na bochecha e indica uma cadeira para que eu me sente.* — Não sei se gosto mais deste Leônidas ou do anterior, mas confesso que esse chega a ser enjoado de tão feliz.

— Acho que você está precisando arrumar uma namorada Bento. Vai ficar para titio de vez.

— Sabe que também estou achando isso, o triste é que quem eu quero não me quer e as que me querem eu já cansei. — *A forma sentida que Bento fala não é comum dele. Vejo que respira fundo e deixa o ar sair de forma pesada, como se recuperasse a razão ou saísse de uma lembrança ruim.* — Mas vamos a sua consulta. Vai retirar o implante mesmo? Prevejo mais um Malamam no mundo.

— Vou sim. Quero dar esse presente de casamento ao seu irmão, ele merece isso e muito mais.

— Credo que meloso!

O procedimento foi simples e rápido, aproveitei para fazer um checkup e verificar as condições para uma possível gravidez, já fiz exames de sangue, urina e um preventivo. Ficar com as pernas abertas para o meu cunhado foi constrangedor, mas ele é tão profissional que parecia ser outra pessoa me examinando, é como se vestisse uma carapuça e ali fosse somente o Dr. Bento Malamam e não o Bento, meu cunhado pra frente.

Ele me explicou que posso engravidar na semana que vem ou demorar meses, isso varia muito de organismo para organismo e não podemos prever. Em todo caso já iniciarei com as vitaminas e

vou tentar melhorar a minha alimentação que não é das mais regradas.

Uma escapadinha para o shopping e compro uma fantasia de submisso, na verdade é uma coleira com algemas e bolinha para tampar a boca. Já consigo até vislumbrar meu carrasco vestido de escravo. Em homenagem a nossa lua de mel faço a mesma tatuagem de ouro que fiz para ele no dia do nosso casamento e coloco alguns detalhes no vão entre os seios lembrando um chafariz ou fogos de artifício.

Às 22h Leônidas estaciona o carro na garagem e eu já estou com tudo pronto, vejo através da janela do nosso quarto que ele caminha com um buquê de rosas e uma pequena caixa nas mãos. Nina já está dormindo e os empregados já foram embora.

— Ninfa? Onde está minha esposa? Tenho presentes e muitos beijos para você. — *Enrolo um pouco no closet para tomar coragem de enfrentá-lo. Estou com um robe preto que cobre até os joelhos e salto alto, meus cabelos presos em um coque e escolhi um batom vermelho vivo para dar o destaque na produção.*

— Estou aqui. — *Paro encostada no marco da porta.*

— Uau!!! Te olhando assim nem consigo pensar no que devo dizer. Todo o meu sangue acabou de se concentrar na cabeça do meu pau. O que pretende Ninfa? — *Entrega-me as rosas e segura a caixa de veludo.*

— Obrigada! São rosas lindas, eu adorei. — *Coragem, seja firme.* — Quero que você pegue aquela caixa preta que está em

cima da poltrona e vista o que tem dentro dela. Hoje o carrasco sou eu.

Leônidas caminha desconfiado até a poltrona, deixa a caixinha de veludo e pega a caixa preta com os acessórios. Quando abre, uma gargalhada toma conta do quarto, ele levanta a coleira e sacode a cabeça achando graça do que vê.

— Isso é para mim?

— Sim.

— Nem fodendo amor. Não sou um submisso na cama, você já devia saber disso.

— Ok! Meu presente ficará para o próximo ano, quem sabe. — *Abro e fecho o robe fingindo ajeitá-lo de forma que Leônidas veja que estou nua por baixo e consiga perceber o brilho das tatuagens.*

— O que é isso aí? O que tem por baixo da roupa?

— Nada que te interesse. Você não quer brincar comigo, também não quero brincar com você. Eu vou dormir.

— Eu vi um brilho diferente aí. Você fez aquelas coisas de ouro outra vez? — *Viro-me a pego um conjunto de pijamas de flanela no closet e saio com ele na mão.* — Vai vestir isso aí no nosso primeiro aniversário de casamento?

— Vou dormir Leônidas. — *Finjo não estar incomodada com ele.*

— Espera... Pode ser sem essa bola na boca, vou me sentir um viado chupando um ovo. Hein?

— Com tudo que comprei pensando em você. Ou vou dormir.

— Ok, mas tira esse robe, quero olhar o que fez para mim.

— Primeiro quero você completamente nu... Senta na cama que vou colocar as coisas em você. — *Faço exatamente isso, coloco a coleira, as algemas com os braços para trás e a bola na boca para ele não falar nada.*

Começo beijando suas orelhas e deslizo a boca em seu pescoço até chegar em seus mamilos, mordo e puxo-os com os dentes. Os olhos do Leônidas queimam sobre mim, suas pupilas estão dilatadas, ainda não fiz nada e sua respiração já está acelerada como se estivéssemos transando há horas. O efeito da bolinha é surpreendente, vejo que ele morde o material emborrachado com força enquanto acaricio o mamilo direito com a língua.

Fico de pé e deixo que o robe caia aos meus pés ficando completamente nua e dando destaque as tatuagens, o olhar dele flameja quando lê o próprio nome sobre a minha pele novamente, a mordida na pobre bolinha é ainda mais forte e os resmungos soam como rosnados. Meu marido já está totalmente excitado, o pênis que antes descansava semiereto sobre a coxa agora está firme e apontando para a lua, clamando pela minha atenção. De repente ele faz menção em levantar e estendo meu dedinho negando com veemência.

— Nem pense nisso. Quero você aí para o meu uso particular e exclusivo. — *Estou adorando isso.*

— Ahorra. — *Tenta falar algo.*

— Não xingue que é feio.

Aproximo-me dele e esfrego os seios em seu rosto, ele tenta colocar a língua para fora querendo me lambe, mas não consegue. Passo pelos seus braços, abdome e volto para o rosto enquanto ele geme de frustração pedindo de forma incompreensível que eu o solte. Fico de joelhos e coloco a cabeça do seu pau dentro da minha boca, brinco com a língua por um tempo até perceber que ele está no limite e precisa de mim tanto quanto eu dele.

Seguro a corrente e o faço caminhar até a poltrona, quando já está sentado com seu mastro lustroso para cima, sento-me sobre ele deixando que entre completamente em meu corpo. O choque é grande e nós dois gememos alto com a fricção das nossas carnes se fundindo.

—Ah! Isso é delicioso amor. Está gostoso?

— Uhum... — *Mesmo preso ele eleva os quadris para entrar ainda mais. Fico com dó e tiro o cinto que prende a bolinha à sua boca, deixando-o livre para falar comigo.* — Até que enfim, agora solta os meus braços Ninfa. Deixa eu te comer como eu sei.

— Ainda não. — *Hoje estou me sentindo poderosa e quero alcançar meu próprio prazer.*

Com os pés em cada braço da poltrona fico completamente aberta para ele, tomo impulso no encosto e começo a cavalgar lentamente até que os movimentos estão frenéticos em busca de alívio.

— Porra! Me solta caralho... Quero te comer amor. Isso é um presente ou um castigo?!

— Estou quase... Ah!

Cavalgo fazendo círculos para estimular meu clitóris contra sua pélvis, Leônidas está completamente alucinado com a cena em cima dele. Tombo o tronco um pouco para trás e coloco o dedo médio no meio das minhas pernas para me masturbar, Leônidas arremete como pode enquanto eu rebolo em busca do meu prazer, até que gozo com um gemido cansado e satisfeito.

— Agora solta isso, me deixou louco gozando desse jeito em cima de mim. Vou esfolar essa boceta hoje. — *Estico os braços e solto as algemas que são de velcro. Leônidas me pega no colo e carrega-me até a cama, fico deitada até ele pegar algo em cima da mesinha.* — Feliz aniversário de casamento minha Ninfa adorada!

Dentro da caixinha havia um colar com um pingente de coração todo cravejado de diamantes, e dentro do coração têm uma foto dele e outra da Nina. Levanto um pouco a cabeça para que ele coloque em meu pescoço e depois beijar o local onde está o colar.

— É lindo amor!

— Que bom que gostou, eu também adorei o meu presente. — *Fala enquanto corre os dedos pela minha tatuagem com o nome dele.* — Me deixa louco de tesão tê-la aqui.

— Esse não é o seu presente.

— Não? — *Com as duas sobrancelhas levantadas e o olhar questionador ele pergunta.* — E qual seria?

— Isso. — *Estico o braço e mostro o único ponto que levei para retirar o implante hormonal, um pequeno curativo cor da pele*

está por cima. — Sabe o que é isso?

Pensa em um homem feliz. O sorriso escancarado de orelha a orelha estampado na cara, o polegar tateando o local para ter certeza e palavras que não conseguiam sair da sua garganta.

— Ninfa? É sério isso mesmo? Retirou o implante?

— Retirei e já podemos começar a tentar.

Sabe quando vemos documentários da vida animal e o leão pula num impulso só para cima do veado? Pois é, eu sou o veado neste caso, não tive tempo de pensar ou dizer mais nada. Minha intimidade que já estava melada pelo orgasmo conseguido cavalcando sobre ele, foi providencial para a penetração repentina que recebi.

— Não vou sair de dentro de você até que esteja grávida do meu Malamam Jr. Está proibido o uso de calcinhas nesta casa, entendeu? — *A cada palavra dita, vagarosamente Leônidas volta a me penetrar até a raiz do seu pênis e retira quase completamente. Ele sabe me enlouquecer.* — Não tem noção do quanto isso me deixa feliz e realizado... Uh, está sentindo como estou feliz aqui dentro.

— Ah, si...sim!

— Não quero desperdiçar nem uma só gota, podemos fazer qualquer coisa e no fim vou derramar até a última gota da minha semente dentro de você. Quero vê-la crescer, germinar. Depois coloco outra e outra... — *Suas estocadas vão ganhando força, quero corrigi-lo, mas não tenho voz, só gemidos e murmúros deixam*

os meus lábios. Leônidas conhece meu corpo mais do que eu mesma e sabe como me deixar a sua mercê.

— Só um... ãh!

— Vamos ver. Minha Ninfa vai ser a mulher mais amada e paparicada do mundo.

Não sei quantas vezes fizemos amor. O homem estava empolgado com a ideia de ter outro filho e cismou com isso. Já vi que estou perdida, perdida e assada.

(...)

Dois meses depois.

Já estamos no final de agosto e nada da minha menstruação aparecer ou de ficar grávida. Bento explicou que quem usa contraceptivos de longa duração tem uma tendência a não menstruar por muito tempo. Mês passado Leônidas ficou um pouco decepcionado quando pegamos o Beta-HCG e deu negativo, este mês não quis fazer achei melhor deixar o barco correr e me dedicar aos meus estudos, a minha filha e ao meu marido. Sim, minha filha!

Nina tem me chamado de mãe, desde o dia das crianças do ano passado, quando fomos a uma loja de brinquedos e encontramos uma amiguinha dela. A menina perguntou onde estava a mãe dela e Nina apontou para mim, de lá para cá ela me chama de mãe.

Semana passada fomos à casa dos meus pais, foi maravilhoso. Mamãe mandou eu ir tomando muita canjica desde agora para dar leite, tomar cerveja preta e comer muito feijão. Não

adianta falar que essas coisas são credence popular, longe de mim contrariar minha mãe. Papai falou que Leônidas não estava trabalhando direito, quase engasguei quando ele respondeu:

— Se eu trabalhar mais nessa causa, sua filha vai ter que andar de cadeira de rodas, senhor Antônio. — Jesus, Maria, José!!!! Papai ficou mudo na hora e trocou de assunto, iniciando uma conversa sobre engordar o Poco para a ceia de natal. Claro que Nina escutou e ficou horrorizada, ainda bem que todos nos dedicamos a fazê-la esquecer dessa hipótese, que foi totalmente descartada.

Estou nos cascos para ir a uma farmácia e fazer o teste de gravidez, já liguei para Dora e ela me incentivou a comprar uns três testes e fazer, mas lembrou que posso ir ao hospital e fazer um de sangue... O ruim é ver a decepção estampada no rosto do meu marido, parece até que é ele que vai engravidar, mesmo se fingindo de desencanado ele deixa transparecer a frustração.

Pego o carro e vou à unidade diagnóstica do hospital que fica nos Jardins, assim Leônidas nem ficará sabendo e não poderá ficar triste.

— Em quanto tempo pego o resultado?

— Às 14h já estará disponível no nosso site. Espero que tenha a resposta que deseja. — *Diz a moça simpática da recepção.*

Ansiedade me define. Não vou conseguir estudar, não tenho nada para fazer e acabo optando por fazer as unhas em um salão próximo à escola de Nina. Nada como algumas horas escutando fofoca e rindo da vida dos outros. A hora passou que eu nem vi.

Busco meu bebê, almoçamos no shopping e aproveito para deixá-la brincar em um play que fica no segundo piso. Depois de comprar algumas roupas de cama para o quarto de hóspedes e escolher algumas blusinhas para Nina, dou-me conta que já passa das 16h e ainda não olhei o resultado do exame.

Voltamos para casa um pouco tarde, minha mocinha já gosta de um passeio. Quando chego em casa Leônidas ainda não está, isso é muito bom. Cuido da minha filha e quando minha ansiedade já está controlada abro o site do centro diagnóstico, número do protocolo, senha... Ah caralho de troço complicado.

BETA-HCG QUANTITATIVO.....POSITIVO

— Positivo? Oh meu Deus!!!! Eu estou grávida? Sim, estou.

Não esperava estar tão feliz com essa notícia. Leônidas vai surtar, com certeza ele vai ficar radiante. Preciso me acalmar, preciso respirar... Sim eu estou grávida!

Ligo para Safira e conto a novidade, mesmo distante não deixamos de nos falar, qualquer coisa ou uma pontinha de saudade e já estamos agarradas no telefone. Quase meia hora no telefone e finalmente ligo para Dora, ela se mudou recentemente para o Rio de Janeiro e acabei ficando sem ninguém da minha família em São Paulo, sinto-me uma ovelha desgarrada que precisa recorrer ao telefone no mínimo uma vez ao dia. Minha irmã salta de alegria com a chegada de mais um bebê, agora só falta a Sá.

Trinta e Quatro

Por Leônidas

Chego em casa e encontro Sarah com uma panela de brigadeiro sentada no sofá assistindo a primeira temporada de Friends. Antes de ir a seu encontro entro no escritório e deixo minha pasta e meu casaco, dou uma sondada pela casa e não vejo nada de errado. Normalmente quando ela está nervosa apela para o brigadeiro e a panela que minha esposa está agarrando no sofá não é nada pequena.

Caminho em silêncio e percebo que ela está ao telefone com uma de suas irmãs.

— Mana eu estou tentando ficar calma, mas parece que vou explodir. Eu sei que ele precisa saber logo, só estou procurando um jeito de contar — *Ela fica um longo tempo escutando e eu apreensivo com essa tal notícia que devo receber.* — Eu sei. Ah, estou completamente apaixonada, sinto até um frio no estômago só de pensar no rosto dele... Sei lá ué!

Completamente apaixonada? Que porra é essa que está acontecendo na minha casa que não percebi antes. Sarah desliga o telefone e percebe a minha presença ao colocá-lo na mesinha. Assim que nossos olhares se encontram ela fica branca e um sorriso amarelo brota em seus lábios. Não haja por impulso Leônidas, não haja por impulso...

— Amor? Está aí tem muito tempo?

— Tempo o suficiente. Por quem está completamente apaixonada? Mas... pense, pense muito bem antes de me responder

isso. Pelo amor de Deus pense. — *Falo baixo e da forma mais branda que consigo, mas infelizmente não consigo esconder a minha ira. O olhar questionador que recebo deixa-me confuso.*

— Pense você antes de me acusar. Vou voltar para o meu brigadeiro antes que você estrague o meu dia com o seu ciúme descabido.

— Descabido? — *Grito já descontrolado.* — Você fala que sente frio na barriga ao pensar no rosto DELE. Quem é ELE porra?

Sarah vira de costas para mim e recolhe a colher e o seu doce, quando volta a me encarar sinto meu coração cair em pedaço. De um segundo para o outro ela está chorando, o rosto molhado e rios escorrendo dos seus olhos, nem sei como isso começou, ela não estava assim até se virar.

Não posso deixá-la sair sem uma explicação, o que está acontecendo com ela e por que está chorando dessa forma se nunca fez isso em nossos desentendimentos?! Coloco-me em seu caminho.

— Por que está chorando tanto? Você parecia falar de um homem e eu me excedi um pouco, mas ainda não me explicou do que estava falando. Que merda é essa Sarah?

— Escuta aqui... — *Tenta falar, mas não consegue e começa a chorar, se irrita com as próprias lágrimas.* — Que droga!

Fico na sala pensando e deixo-a subir sem falar mais nada. Caminho até o escritório pensando no que escutei, preciso melhorar a minha reação às coisas, Sarah sempre diz que meu gênio ainda vai nos separar. A luz de espera do computador está acesa e

apenas debloqueio a tela, vaguear na internet vai esfriar a minha cabeça.

A internet está aberta na página de diagnósticos do hospital, passo o olho pelos dados de Sarah descritos no exame. Beta-HCG... Malamam Diagnósticos... Paciente.... Qual é exame mesmo?

— Puta que pariu!!!!!!

BETA-HCG QUANTITATIVO POSITIVO

Leônidas seu imbecil, filho da puta. Não acredito que fiz isso com ela, não acredito que fiz isso conosco.

Subo os degraus de três em três, entro no quarto feito um louco. Ela está deitada com um dos braços sobre os olhos, ainda chora e tenta esconder do grande idiota que sou eu, por tê-la magoado desta forma. Ajoelho ao lado da cama e coloco a mão sobre seu ventre ainda liso.

— Perdoa esse idiota que te ama mais que a própria vida. Por favor, me perdoa minha Ninfa adorada. Eu vi o exame no computador e enxerguei e grande babaca que fui com a minha esposa.

— Você é um grande idiota.

— Sou.

— Muito grande mesmo.

— Sou o maior deles. O idiota que não percebeu o quão sensível sua esposa reagiu a idiotice e não percebeu que ela falava do nosso bebê. Ninfa olhe para mim.

Por um tempo Sarah continua com o braço tampando os olhos, mas depois vai tirando vagarosamente até olhar-me com o rosto inchado e os olhos vermelhos de tanto chorar.

Não consigo acreditar que conseguimos, ela está grávida e eu estou aqui bebendo sua imagem de forma ímpar. Até ontem não havia mais espaço para tanta felicidade e agora ela traz muito mais felicidade onde achei que não cabia.

— Fiquei fora de mim com a remota chance de te perder, enfiei os pés pelas mãos e acabei te ofendendo e errando feio. Realmente fui estúpido em não perceber o quanto ficou sentida com a minha atitude. Eu te amo demais Ninfa, me perdoa?

— Perdoo, mas não vou esquecer. Agiu precipitadamente como seu irmão fez com a Dora e você viu de camarote a tragédia grega que virou. Nunca mais faça isso.

— Não somos ele, vamos deixá-los de fora. Isso não vai se repetir meu amor, agora me conta como está se sentindo.

Durante o café da manhã contamos a Nina sobre o bebê, achei que teríamos um grande problema pela frente, mas ela me surpreendeu e aceitou tranquilamente. Minha filha é um doce de criança, nem se compara a uns monstros que vejo por aí, ela é gentil e amigável, sempre reage com carinho às pessoas. Sarah está se saindo melhor que a encomenda, as duas são unha e carne nunca se separam quando estão em casa. Nina fez questão de contar para o Poco que eles teriam um irmãozinho e ele teria que parar de gritar na escada para não acordar o bebê.

Coloco uma bermuda e camiseta, pego a coleira e saio para a minha caminhada matinal com o Poco.

— Cara, teremos outro bebê em casa acredita? Vamos desempatar esse jogo, tem que vir um menino para somar ao nosso time. Imagina se aparecer uma perereca no ultrassom? Estaremos na merda, a casa será o clube da Luluzinha e nos mudaremos para a casa da piscina. — *Paro um pouco para ele cutucar alguma coisa no chão. As pessoas ainda olham descaradamente para o cara que caminha com o porco, pior, é que agora falo com ele também. Por sorte não é ele quem fala comigo... aí seria estranho* — Nina está certa, se você acordar o bebê com a algazarra que faz para descer a escada, Sarah vai fazer porco assado no natal. Pode apostar.

Deixo Sarah em casa com seus estudos e vou para o hospital. Combinamos de cada um contar para suas famílias, ela já ligou para as irmãs, os pais e algumas amigas. Eu preferi contar quando chegasse ao hospital.

Mandeí uma mensagem para minha secretária e pedi que reunisse minha família para eu fazer um comunicado, acabei me atrasando por tentar a todo custo fazer minha esposa grávida tomar suco de beterraba com laranja, mas não consegui, ela é teimosa feito uma porta.

Meu celular está vibrando desesperadamente com sms dos afobados querendo saber qual o problema em questão. Abro a porta de uma vez só a mantenho a cara fechada enquanto todos permanecem em silêncio aguardando o meu comunicado. Sucumbo a imensa vontade de rir, mas logo digo em alto e bom som:

— Eu vou ser pai outra vez!!!!!!

— Que benção meu filho. Parabéns para vocês dois e muita saúde para esse novo Malamam que vem ao mundo. — *Mamãe abraça-me e fala com a voz carregada de emoção.*

— Isso é maravilhoso Leônidas! Eu e sua mãe estávamos rezando por isso.

— Obrigada pai! Nossa. Estou que não caibo dentro de mim de tanta felicidade, e pensar que quase estraguei tudo.

— O que aconteceu, ou melhor... O que você fez desta vez?

— Deixa isso para lá, já estamos bem e Sarah já vai marcar a primeira consulta com Bento. — *Viro-me para o meu irmão e digo.*
— Espero que consiga para hoje ainda, falei com ela que você daria um jeito.

— Dou sim, diga a ela para vir depois do almoço que a atendo. E você como está se sentindo com a novidade? Pela cara de felicidade irritante, vejo que está nas nuvens não eh?

Ficamos mais um longo tempo conversando, liguei para Lorenzo que agora mora no Rio de Janeiro e contei a novidade, foi uma grande alegria compartilhar isso com a minha família, a alegria transborda e me deixa sorridente para as coisas mais bobas.

(...)

As semanas se passaram e com elas vieram os primeiros sintomas da gravidez, para mim foi até brando comparado as lembranças que tenho de Silvia. Os enjoos quase não existem e a azia é apenas quando Sarah acorda, já as lágrimas são abundantes

e sem motivo. Minha esposa chora porque está sozinha, chora quando assiste televisão e chora ainda mais para deixar Nina na escola.

Na última semana do mês de novembro Sarah completou quatro meses de gestação e fizemos uma ultrassonografia para tentar descobrir o sexo do bebê, nas anteriores não foi possível saber. Bento tem o prazer de verificar todos os dados e informações do bebê antes de procurar pelo sexo, sei que ele quer me deixar ainda mais ansioso. Só de escutar o bater do coraçãozinho já precisei limpar a garganta para conter as lágrimas de emoção.

— Querem saber o sexo?

— Anda logo com isso. Parece que tem prazer em me deixar nervoso.

— Leônidas! — *Sarah aperta meus dedos e repreende-me na frente do meu sorridente e palhaço irmão.* — Fala de uma vez Bento, ou eu mesmo mato você.

— Vamos lá... Olhem isso aqui... É uma perna? O cordão umbilical? Uma lombriga de Itu? Não! É uma pica digna de um Malamam macho.

Aproximo-me ainda mais da tela enquanto escuto Sarah soltar um gritinho de felicidade, olho todos os detalhes e confirmo que é homem mesmo. Modéstia à parte ele tem um piru enorme, é bem meu filho mesmo.

— Vou deixar o casal à vontade e já volto.

Beijo com devoção a barriga da minha Ninfa, cheiro e faço mil carinhos. Quase não há volume com ela deitada assim, mas o pequeno monte endurecido é o nosso filho e eu estou radiante com isso.

— Eu estou muito honrado em ser o seu marido e digno de receber algo tão precioso como um filho vindo do seu ventre. Mesmo se fosse uma mocinha seria muito amada, mas um menino completa a nossa família e traz a realização que todo homem deseja ter na vida. Obrigada minha Ninfa por tudo que tem me dado.

— Ah! Leônidas, vou chorar de novo. Eu te amo meu ogro romântico.

— Eu também te amo minha paixão.

Trinta e Cinco

Por Sarah

Leônidas está insuportavelmente feliz com a notícia de que teremos um menino, ou como ele mesmo faz questão de dizer, um macho. Durante o dia faço vários vídeos da minha barriga mexendo ou de Nina brincando e cantando para o bebê dormir, nossa filha tem se mostrado uma criança muito generosa.

Os horários da minha casa foram se modificando com o avançar da minha gestação, no início Leônidas começou a entrar mais tarde no hospital e levava Nina na escola. Quando eu estava com seis meses ele delegou algumas funções para outros cirurgiões e começou a trabalhar apenas na parte da tarde... Agora que estou entrando na quadragésima semana ele tirou férias prolongadas, vai ficar dois meses em casa e irá ao hospital uma vez por semana para supervisionar o trabalho neste período.

(...)

11 de abril

A rotina também foi completamente alterada, as refeições estão mais saudáveis, durmo muito mais do que antes e tenho sérias dificuldades para estudar. Não posso dizer que sofri na minha gestação, isso seria mentira, já que quase não enjoei e tive apenas algumas azias chatas, mau humor é meu nome do meio. Quanto mais pesada eu fico, mais irritada me torno. Leônidas está sendo um fofo, mais que isso, está sendo um santo por me aguentar sem reclamações e sempre me lembrando que logo isso vai passar e teremos saudades da barriga.

Infelizmente nossa frequência sexual diminuiu bastante, a intensidade também foi reduzida. Sempre escutei que grávidas têm um desejo sexual elevado, transam como coelhos e vivem molhadas... Meu marido teria adorado isso, mas comigo foi ao contrário, estou sempre cansada e com dores nas costas e pés, não tenho libido e a preguiça me consome. Quando Leônidas está no seu limite ele vem com carinho e mãos tentadoras, ataca-me com aquela língua para lá de treinada e só assim sinto desejo em fazer sexo. Devo confessar que uma vez por semana é o meu máximo... Coitado do meu carrasco, ele nem reclama.

— Alô! — *Atendo o celular que estava ao meu lado na cama, vejo que é minha mãe.*

— Oi minha filha! Como vocês estão?

— Estamos bem mãe. E aí, como vão vocês?

— Estamos bem também, estou preocupada com você, meu amor. Essa madrugada sonhei que o bebê nascia, fiquei cismada e liguei mais cedo, Leônidas atendeu e disse que você ainda dormia. Então liguei agora. — *Olho para o relógio e vejo que já passa das 11h. Meu marido não está no quarto, mas tenho certeza que não foi longe.*

— Fique calma mãe, me sinto muito bem hoje.

— Não se esqueça de deixar tudo pronto. Bolsa do bebê, sua mala, documentos, a cinta, a plaquinha do quarto e uma câmera fotográfica.

— Já está tudo arrumado e prontinho na mala do carro. Leônidas não quis deixar no quarto, falou que na hora do desespero

poderia esquecer.

— Que bom. Você arranhou um marido de ouro. — *Eu que sei.*

Acordei muito disposta, não sinto dores e não estou inchada como estava ontem. Tomo um longo banho de banheira, unto meu corpo com hidratante para estrias e desço atrás de alguma coisa para comer, o cheiro de feijão novinho está indo longe.

— Bom dia Sarah! — *Quinha me cumprimenta e volta a refogar o feijão.*

— Bom dia! Quero um prato bem cheio disso aí. Nossa, o cheiro está indo lá em cima. Estou quase babando.

Bato dois pratos transbordando de feijão com farinha e tomates picados, enquanto isso Quinha me observa com um sorriso sacana no rosto, mas está tão bom que nem ligo.

— Minha Ninfa acordou. — *Beija-me a testa franzindo o cenho para o meu prato quase finalizado.* — Não deveria comer tão rápido amor, e farinha vai piorar a sua prisão de ventre.

— Leônidas! — *O prazer dele é me fazer passar vergonha, só pode.*

— Sabe que é verdade, não estou falando nada demais, muitas grávidas passam por isso e você não será a última. Como está se sentindo hoje?

— Muito bem! Às 14h temos consulta com o Bento.

— Já confirmei com ele. Mamãe irá buscar a Nina na escola hoje.

Chegamos ao consultório com vinte minutos de antecedência, não demorou para a secretária nos convidar a entrar. Bento me parabenizou por chegar a 40 semanas sem ter engordado mais de 11 quilos, segundo ele, hoje em dia as mulheres tendem a engordar de quinze para lá com as comidas industrializadas. Minha pressão está dentro do esperado e o coração do bebê está forte como de um cavalo.

— Escorregue para a ponta da maca e coloque os dois pés nos apoios. — Toda consulta que Bento precisa colocar os dedos dentro de mim, Leônidas quase morre. É possível ver as veias saltando em seu pescoço, como sempre ele vira de costas para o irmão e faz carinhos nos meus cabelos. O procedimento é rápido, porém constrangedor.

— Sarah, você sentiu algo fora do normal hoje? Dores, perda de líquido ou sua barriga ficou dura? — *Imediatamente ele tem a total atenção do irmão.*

— O que está errado Bento?

— Nada de errado Leônidas, só estou fazendo o meu trabalho de obstetra e você fique quieto no seu papel de pai. E aí Sarah?

— Não. Acordei muito disposta, almocei bem. Nem mesmo o inchaço de ontem apareceu hoje. Relaxei na banheira por mais de meia hora, estou renovada.

Bento sai do setor reservado que estamos em sua sala e volta para a mesa, não presta atenção na conversa, mas ele faz duas ligações e retorna.

— Então... Tudo está dentro do esperado e sua saúde continua em perfeita ordem. O que me chamou atenção é que você está com dilatação, na verdade dilatação o suficiente para o parto.

— Sério! Como eu não sinto nada?

— Não é normal, mas acontece. — *Ele olha para Leônidas que está sorrindo nervosamente.* — E você papai babão, não desmaie e não me faça passar vergonha.

— O que vai acontecer Bento? — *Pergunto sem entender o que vem pela frente, nunca tive filhos.*

— Vou levá-la para a sala de pré parto e aplicar uma medicação para estimular as contrações, já que você não tem nenhuma e a dilatação já está muito adiantada. Depois iremos para a sala de parto conhecer a carinha deste mais novo Malamam.

— Oh!

— Vamos lá amor. Chegou a nossa hora, vai ficar tudo bem, estamos prontos para isso não é?

— Estamos... Eu acho. — *Uma pontinha de medo começa a nascer em mim, sei que estou na reta final da gravidez, só não esperava que nascesse hoje.*

Leônidas está totalmente focado em mim, segura minha mão e tenta manter tudo o mais tranquilo passível. Ele já havia combinado com o irmão que o auxiliaria no parto e estaria presente em todos os momentos.

Seguimos tudo que Bento disse para fazer. Fui encaminhada para um quarto particular onde uma enfermeira me auxiliou no

processo de lavagem do intestino, é um procedimento comum antes de fazer o parto normal... Evita certos constrangimentos. Depois troquei de roupa e recebi a medicação receitada pelo meu cunhado. Em uma hora meu bebê já estava coroadando.

— Sarah, faça força quando sentir a contração. Já vejo o cabelinho dele. — *Apenas sacudi a cabeça. Outra contração chegou rasgando-me por dentro e usei toda força que consegui.*

— Isso amor! Uma última vez. — *E assim foi. Mais um rompante de dor e força até não poder mais.* — Nasceu!

Senti a sua ausência dentro de mim. Leônidas levantou e filho totalmente ensanguentado nos braços, uma enfermeira veio e aspirou seu nariz e garganta com uma sonda. O choro forte e estridente tomou conta da sala, meus olhos brindavam a cena diante de mim e as lágrimas foram inevitáveis.

— Bem-vindo meu filho. Seja bem-vindo ao mundo. — *As palavras proferidas por Leônidas face a face com o filho, deixam todos emocionados. Abaixando-se ao meu lado coloca nosso filho sobre o meu peito e nos envolve com seus grandes braços de pai protetor.* — Obrigada minha Ninfa! Esse é o momento mais emocionante que já vivi, eu amo você com todas as minhas forças. Amo vocês!

Depois de passar por todos os procedimentos necessários, fui conduzida ao quarto que permanecerei por dois dias. Leônidas não desgrudou de mim e do nosso filho em nenhum momento, minha mãe viria quando eu já estivesse em casa e minhas irmãs estão morando longe, também viriam mais para frente.

Havíamos combinado de escolher o nome apenas quando o bebê nascesse, deixei essa tarefa para Leônidas. Não me surpreendeu quando ele decidiu por Matteo, eu já esperava um nome italiano. Nosso Matteo nasceu com 53 cm e 4,100 kg, um tamanho de se admirar para uma mãe tão pequena carregar. Trabalhei totalmente de bandida nessa história, meu filho é loiro, tem olhos azul acinzentados, branco feito uma vela e o pé é uma lancha de tão grande.

— Tive medo que puxasse os pés de Lorenzo e papai. — *Leônidas comenta cheirando os pés de Matteo junto ao rosto. Acabamos de chegar em casa e ele proibiu todas as visitas por 48h, segundo ele preciso descansar.*

— O que há de errado com os pés do seu pai e do seu irmão? Não entendi.

— Nunca reparou?

— Nem me lembro de já tê-los visto sem sapatos, mesmo em casa.

— Papai e Lorenzo tem seis dedos nos pés. — *Como nunca vi isso?*

— Sério? — *Fico chocada quando ele confirma com a cabeça.*
— Não acredito que nunca reparei isso, nem mesmo me lembro de Dora já ter comentado ou você. Estou muito surpresa, é genético?

— Não comentamos pois nenhum dos dois tem orgulho disso. Papai morria de medo de que os filhos tivessem o mesmo problema, só Lorenzo que nasceu assim. Meu irmão quando moleque nunca ficava descalço ou de chinelos fora de casa, até mesmo piscina ele

evitava. Morria de vergonha, quanto mais que eu e Bento não perdíamos a oportunidade de chamá-lo de mutante.

— Posso imaginar. — *Bento zoando alguém? Imagina!*

Mamãe ficará uma semana comigo. Safira liga todos os dias e pude apresentá-la ao meu príncipe pela cam, quase pulei de alegria quando ela confirmou a volta para o batizado do meu bebê, já estava achando que moraria para sempre longe do nosso país.

Dora veio no final de semana e logo precisou ir embora, agora que ela está morando no Rio as coisas ficaram mais complicadas para manter tanto contato. Papai passou apenas dois dias e teve que voltar para cuidar do trabalho, ele está babando no neto.

Não tive grandes dificuldade com a nova rotina, ter dinheiro tem suas vantagens, não preciso me preocupar com casa ou comida, tenho pessoas para fazer isso. Dedico-me a Nina e Matteo exclusivamente. Leônidas só retornará ao trabalho quando meu resguardo acabar, mesmo assim ele já decidiu que diminuirá o ritmo de trabalho para estar mais presente no dia a dia da nossa família.

Trinta e Seis

Por Leônidas.

Minha família está completa, hoje tenho tudo que sempre sonhei. Enquanto troco a fralda de Matteo penso que há pouco tempo atrás eu fazia o mesmo com Nina, mas não era porque sua mãe estava exausta depois de horas embalando-o para aliviar as cólicas, era porque minha primeira esposa não suportava cuidar da nossa filha. Sarah cuida dos nossos filhos diariamente e nada passa despercebido, minha Ninfa é uma águia e gerencia tudo a sua volta com maestria.

Essa noite nosso filho sofreu com as cólicas dos primeiros meses de vida, mesmo sabendo que é normal, sofremos junto ao escutar os gritinhos sofridos que ele soltava. Nos revezamos para cuidar, mas confesso que peguei no sono e só acordei hoje cedo e minha esposa não estava ao meu lado, mais uma vez Sarah tentava massageá-lo com óleo de amêndoas e não estava funcionando.

— Vá para cama meu amor, deixa que eu fico com ele.

— Não vou recusar, acho que meus olhos estão com areia de tanto que ardem. Qualquer coisa me chame.

Vou até a cozinha e peço que Quinha providencie um balde limpo com água morna e cânfora. Quando tudo está preparado dispo Matteo e coloco-o dentro do balde transparente deixando apenas sua cabeça para fora. Nina acorda e vem me ajudar com o irmão, com a temperatura da água mais as musiquinhas cantadas pela irmã, Matteo dorme tranquilo e livre das assombrosas dores.

— Papai ele está sofendo né?

— Está sim filha, mas já vai passar. Temos que cuidar dele com muito carinho e tudo ficará bem.

— A mamãe também está sofendo, tá cansada tadinha.

— Por isso temos todos que ajudá-la.

— Eu ajudo! — Diz feliz da vida sabendo que o seu papel é importante.

Já faz mais de quatro horas que Sarah está dormindo e nosso filho come os punhos desesperado de fome. Acendo o abajur e vejo que ela dorme de lado com um vestido simples de alcinha e sutiã de amamentação, coloco Matteo deitado ao seu lado e abro o fecho frontal com todo cuidado do mundo. Seu seio está pesado e cheio de leite, chega a escorrer e molhar o lençol, nosso pequeno faminto parece sentir o cheiro e fica fungando na direção da fartura. Sento-me na cama e direciono a cabeça de Matteo até o bico protuberante e logo ele abocanha sugando desesperado.

— Você não é bobo não néh? Fome não passa nunca.

Aguardo mais de vinte minutos com os braços doendo de ficar na mesma posição, mesmo assim continuo segurando a cabecinha loira dele. Sarah não acordou e nem se movimentou, continuou a dormir exausta.

— Agora chega esfomeado, vamos arrotar na sala e deixar a mamãe em paz.

Volto para a sala e brinco com Nina e o Poco enquanto Matteo dorme no bebê conforto ao nosso lado no chão.

Esse é o meu maior prazer, ficar com os meus filhos e desfrutar da vida que construí com a minha Ninfa. Hoje tenho tudo aquilo que um dia busquei em um casamento de conveniência, e principalmente, o dia a dia me deu a lição de que sem o amor necessário não há casamento que dure ou resista as peculiaridades da vida a dois.

(...)

11 de maio.

— Garoto se você golfar nessa camisa sua mãe vai enlouquecer hein! Não me olha com essa carinha de quem quer pular, se não ela mata nós dois.

Seguro Matteo enquanto Sarah termina de arrumar Nina para sairmos, vamos à igreja batizar o nosso pequeno. Hoje ele faz um mês de vida. Concordamos que não daríamos o título de padrinhos a irmãos ou avós, escolhemos Talles e Michele para padrinhos de batismo. Também escolhermos Pedro, marido de Talles, como padrinho de consagração.

— Ninfa, vamos nos atrasar!

— Estamos quase prontas.

Sento-me no sofá com Matteo acomodado em minhas coxas e observo seus traços masculinos e muito parecidos com os meus, seus olhos são tão ou mais azuis que os meus, mesmo com pouco cabelo já consigo saber que serão loiros e o queixo é bem protuberante. Meu filho tem mãos e pés largos com dedos longos e anilados, isso é típico de um Malamam.

— Sorte sua que não puxou seu tio ou sofreria Bullying por muitos anos.

Sorrio mentalmente ao lembrar das encrencas que meu irmão já passou por se irritar com as brincadeiras e gozações dos colegas de escola.

— Vamos? — *Olho para trás e vejo Sarah e Nina com vestidos iguais, elas sempre fazem isso. Hoje devido ao batizado estamos todos vestindo cores claras e tecidos leves, elas usam vestidos brancos com várias rodela de laranja estampadas.* — Como estamos?

— Parecem um pomar. — *Caminho até elas arrumando Matteo em meu ombro e digo ao seu ouvido.* — Deve estar uma delícia de comer.

— Papai!

— Diga princesa Nina.

— Eu estou de batom e perfume olha. — *Respiro fundo fazendo cara de apaixonado e ela sorri.* — Matteo hoje vai lavar a cabecinha na água do papai do céu néh?

— Isso mesmo amor. Agora vamos para não chegar depois do padre.

Vamos de carro até a igreja onde a família já nos espera. Meus pais e os pais de Sarah já estão nos aguardando, Antônio e Amita chegaram ontem e aceitaram o convite para ficar na casa de papai e mamãe.

Por um tempo conversamos e todos querem ficar com nosso bebê, Nina não desgruda de Lorenzo que acaba de chegar do Rio com a família e deve ficar este final de semana. Finalmente a família está reunida e feliz sem os problemas que enfrentamos há pouco tempo atrás.

Só estamos aguardando Bento voltar do aeroporto, ele foi buscar minha cunhada a pedido do meu sogro, hoje finalmente minha cunhada Safira irá retornar de viagem.

— Quer me entregá-lo Leônidas? Não precisa ser tão possessivo assim.

— Claro mãe, só não gosto que fiquem passando-o de mão em mão. Matteo ainda é um bebê e pode pegar alguma virose. Mal completou um mês e já está no meio de tantas pessoas.

— Nem parece médico falando.

— Neste momento não sou médico, sou pai. E dos piores e mais chatos que possa imaginar, detesto que beijem os dedinhos dele, pois depois ele os coloca na boca e pode pegar sapinho.

— Leônidas, já estou com pena da sua mulher por ter que te aguentar.

Quando Safira chegou foi aquela chuva de lágrimas, sorrisos, abraços e beijos. Já deve ter dois anos que ela está fora, eu havia me esquecido de como elas são grudadas, parece que não se viam há décadas.

A cerimônia durou uma hora e depois fomos todos para a casa dos meus pais, não há nada que não termine em comida e vinho

quando se trata de uma família italiana. Uma bela macarronada regada a muita conversa sobre a unidade carioca do Malamam Apart Hospital e a viagem de Safira.

— Como foi de viagem Safira? Sua irmã falou que você estava fazendo um curso em administração hospitalar. — *Papai pergunta, ela está ainda mais branca que de costume e fica vermelha de repente. Vejo que Bento não tira os olhos dela.*

— Foi... Bom! Consegui me dedicar bastante à minha formação.

— Só isso mana? Nem um gatinho para passar o tempo e esquentar o frio londrino. — *Lorenzo levanta a sobrancelha para Dora, mas ela não se incomoda.*

— Não viajei para isso, mas... Posso dizer que Londres é... Cheia de possibilidades.

— Vamos falar do meu sobrinho que é o homenageado do dia? Tenho certeza que as irmãs terão muito tempo para conversarem em outro momento.

— Bento! Que grosseria meu filho.

— Não se preocupe Magda, tudo que tenho para falar com minhas irmãs deve ser dito em particular mesmo. — *E dirige um olhar cínico para Bento que só falta voar no pescoço dela.*

Muita coisa mudou nestes quase dois anos que estou casado com a minha Ninfa, graças a Deus todas as mudanças foram positivas e muito almejadas. Minha esposa se formará em um ano, já que seu curso de letras à distância tem três anos de duração e

ela é extremamente dedicada. O blog que ela escreve esporadicamente ganhou bastante visibilidade e está rendendo alguns lucros com patrocínios, não é nada expressivo, mas ela está radiante com o sucesso e pretende ingressar no mercado literário.

Nina teve uma mudança significativa em seu comportamento, hoje ela é mais segura e comunicativa, até mesmo das apresentações da escola ela participa. Hoje em dia minha princesa frequenta a catequese e aulas de inglês e balé regularmente. Tudo supervisionado de perto pela mãe.

O Poco é o mais mimado e folgado bicho de estimação que há no mundo, ele mantém o hábito de dormir no quarto com a Nina e ainda não aprendeu a descer a escada. Sempre digo que vou chutá-lo lá em baixo, mas sou louco naquela coisa. Desde que Matteo nasceu acabei deixando-o um pouco de lado para poder ficar com meu filho, mas Nina sempre passeia com ele pelo jardim.

Lorenzo e Dora passaram por um longo período de sofrimento, eu mesmo não acreditava na reconciliação dos dois, Sarah também não acreditava assim como todos que acompanharam essa novela mexicana... Mas tudo acaba bem quando começa bem, hoje eles têm uma família linda e parecem felizes.

— Gostaria de um momento da atenção de todos, por favor!

— Meninos, o pai de vocês quer falar algumas palavras. —
Nos silenciemos enquanto papai se põe de pé no topo da mesa.

— Primeiro de tudo quero agradecer a presença de todos aqui em minha casa. Ter toda a minha família reunida é um prazer imensurável, tenho certeza que são poucos os que têm esse

privilégio. Hoje celebramos a batismo de mais um Malamam e mais uma parte de nós que está ganhando asas para a vida, sinto-me honrado de estar aqui. Tenho três filhos, uma esposa maravilhosa e hoje três netos...

Por um momento papai olha para Dora e reflete. Vejo que minha cunhada se emociona.

— Infelizmente, falta um que sempre será amado por nós. — *Papai respira fundo.* — Mas temos mais vitórias do que derrotas, mais ganhos do que perdas. Passamos por longas batalhas sofremos e sorrimos, infelizmente isso faz parte da vida e não podemos viver do passado. Tenho convicção de que todos aprendemos muito com cada obstáculo vencido. Hoje quero agradecer a Amita e ao Antônio por nos darem noras maravilhosas, nunca poderia escolher melhores. Obrigado!

— Digo o mesmo Benício. — *Fala meu sogro.*

— Parabéns Leônidas e Sarah pela família linda! Parabéns Lorenzo e Dora pela superação e pela família... — *Olha para o Bento.* — Corra atrás do prejuízo meu filho, você já está velho para morar com os pais.

— Eu? Sou um bebê, gente. Ainda não encontrei quem me merecesse.

— Ou não encontrou quem te suportasse. — *Esses dois têm problemas, com certeza. Safira dá uma piscadela para meu irmão depois de alfinetá-lo.*

— Gente, eu que agradeço a todos pelo apoio em todos os momentos de dificuldade, que não foram poucos. Em especial

parabenizo e reverencio a minha Ninfa, por ser a melhor mulher que um homem pode querer. — *Beijo o dorso da sua mão esquerda.* — Sarah Barcelos Malamam, você foi o melhor presente que já ganhei. Amo cada célula do seu corpo, adoro o chão que pisas, e nada me faz mais realizado que acordar ao seu lado todos os dias. Obrigado por me amar!

Epílogo

Por Sarah

Dois anos depois.

— Magda, acho que vou precisar que as crianças fiquem na sua casa. O antialérgico do Matteo está no bolso direito da...

— Sarah...

— Oh! Desculpe, estou nervosa.

— Querida, Nina já está com sete anos e não dá nenhum trabalho. Matteo é terrível, mas Benício não vai deixá-lo nem respirar sem estar atrás supervisionando. Vá tranquila e lembre-se que além de avó sou pediatra. O seu trabalho agora é trazer um novo Malamam ao mundo com segurança.

— Tem razão.

Estou no consultório do Bento sendo examinada. Completei 38 semanas de gestação ontem e até agora tudo estava normal, dentro do possível para uma gestante com um marido excessivamente protetor. Leônidas saiu de casa cedo, ele tinha uma cirurgia agendada e por coincidência outra apareceu de última hora. Augusto, nosso motorista, está de férias e Quinha não sabe nem ligar um carro, para evitar uma discussão cataclísmica com meu marido, optei por ligar para minha sogra pedir que ela fosse buscar Nina e Matteo na escola.

Quando Magda chegou com os netos da escola, fui mostrar os últimos detalhes do quarto do nosso caçula, Marco. Enquanto falávamos sobre decoração comecei a sentir algumas pontadas fortes em meu baixo ventre e relatei a minha sogra. Poucos minutos depois uma forte contração me atingiu. Definitivamente eu sonhei com um parto igual ao de Matteo, mas vejo que não será assim.

Chegamos rapidamente ao MAH e Bento já me aguardava para ser examinada.

— Be, conseguiu falar com o Léo? — *Magda pergunta aflita.*

— Mãe eu não posso simplesmente entrar no centro cirúrgico e avisá-lo que a Ninfa dele está em trabalho de parto. Já imaginou a reação dele? Vai largar o infeliz com a cabeça aberta.

— É verdade. — *Magda vira-se para mim.* — Eu sinto muito, acho que teremos que começar isso sem ele.

— Æmh! — *Outra contração me acerta e não consigo nem raciocinar.* — Tudo bem, só vamos logo. Ele terá que entender.

Sou levada para a sala de parto com um aperto enorme no coração, meu carrasco não está comigo. Estamos tão perto e ao mesmo tempo tão distantes, preciso dele aqui comigo, nos preparamos tanto para esse momento e agora estou sozinha.

As dores estão cada vez mais intensas e menos espaçadas, é como uma fervura em todos os ossos da minha lombar e quadril. Não me lembro de ter sofrido tanto da última vez, isso não pode ser normal gente!

— Bento... Bento?

— Oi! Como está se sentindo? — *Neste momento o obstetra está em ação, aqui não existe espaço para o Bento “porra louca” que ele sempre é no dia a dia, o homem ao meu lado é o profissional competente e dedicado que me acompanha desde as primeiras semanas de gestação.*

— Estou sendo rasgada ao meio por dois jogadores de futebol americano. Dói muito, agora não dói, mas quando ela vem... *Ãaamh!!!!* — *Mais uma vez sou rasgada por uma dor cruel.* — Eu preciso dele aqui. Não consigo mais.

— Eu sei que precisa, mas sou a versão melhorada do Leônidas, pense assim. Ok? Vamos tentar enquanto ele não chega, esse rapaz aqui dentro precisa de você agora. Quando a próxima contração chegar faça bastante força, por ele.

Assim eu faço. Uma, duas, três... Perdi as contas de quantas vezes tentei e tentei, mas não consigo, Marco simplesmente não saí do meu corpo e Bento já falava em fazer uma cesariana, pois eu já estava muito desgastada e não consigo continuar. Faço algumas orações silenciosas pedindo força e implorando para que termine logo. Minhas pernas estão suspensas em apoios e tento me concentrar no movimento dos meus dedos enquanto espero outra contração. Sinto-me sozinha sem o meu marido, mesmo com tantas pessoas a minha volta não é a mesma coisa de tê-lo aqui me apoiando. Parece bobo pensar assim, mas é a verdade.

Mais uma forte contração e dou tudo de mim, travo os dentes buscando mais resistência a dor e ao cansaço que me atinge.

— Já vejo os cabelos dele, cunhada. Só mais uma vez e acabou o sofrimento eu prometo. Está coroando Sarah.

Alguém retira os fios de cabelo que cobrem meu rosto e limpa o suor que escorre pelas têmporas, mesmo com o forte ar condicionado estou suando litros e isso só aumenta a cada contração. De repente ouço um estouro que parece uma porta batendo contra a parede e todos olham para a entrada atrás de mim. Pelas rugas que se formam próximo aos olhos de Bento percebo o largo sorriso em seu rosto.

— Achei que o conheceria antes de você.

— Nunca.

Leônidas se abaixa ao meu lado, ele está todo vestido de capote verde com máscara e toca com monstrosinhos estampados. Por longos segundos ficamos com as testas encostadas curtindo um momento só nosso, ninguém diz nada a nossa volta.

— Cheguei. Perdoe-me não estar com você desde o início, mas eu cheguei e não vou deixá-la sozinha. Vamos juntos Ninfa.

— Eu não estou conseguindo amor... — *Sinto que vai começar novamente e eu grito por ajuda.* — Bento?

— Estou aqui, vamos só mais essa. Respira fundo e faça força quando sentir vontade. Agora não falta nada.

— Isso amor, eu estou aqui nós estamos aqui e vai dar tudo certo. — *Bento dá espaço para o irmão, Leônidas fica entre minhas pernas com uma das mãos pressiona o topo da minha barriga.* — Vamos lá Marco, papai já chegou e está te aguardando.

— Áaarh!!!!!!

— Isso Ninfa. Ele está aqui amor, vamos lá! — *Busco forças em seu olhar e finalmente sinto a cabeça de Marco deixar o meu corpo. Bento toma o lugar do irmão e termina de puxar o sobrinho entregando-o para Leônidas enquanto retira a placenta e corta o cordão. Meu filho chora alto e todos se emocionam com a cena linda de Leônidas agarrado ao filho.* — Seja bem-vindo meu filho. Obrigada meu amor, por mais esse presente.

Uma hora depois, estou em um quarto aguardando alguém trazer meu filho para os meus braços. Bento disse que não conseguiu colocá-lo para fora devido ao meu nível de estresse muito elevado por estar ali sem Leônidas, acredito nele. Não me sinto preparada para algo assim sem o meu marido dando-me forças.

Magda foi para casa buscar as crianças para conhecerem o irmão mais novo e Leônidas já ligou até para os grilos do jardim contando que o nosso filho nasceu, chega a ser chato de tão babão em cima dos filhos. Mamãe e papai devem chegar essa noite, assim que Leônidas ligou eles já foram atrás de passagens, não sei o que seria de mim sem a minha família por perto, mesmo longe sempre perto.

— Olha quem está gritando de fome... Garoto petulante esse. — Meu carrasco mais romântico do mundo entra com um embrulho azul nos braços e uma cesta repleta de comida pendurada no cotovelo. — *Mamãe, esse aqui vai te sugar até sumir, já tentou mamar na manta umas duas vezes.*

— Vem aqui meu esfomeadinho. — *Com cuidado aconchego o pequeno nos braços, hoje tenho a experiência que não tinha com Matteo e com destreza o coloco no braço esquerdo e já encaixo o bico do peito em sua boquinha que briga por alguns minutos até conseguir o que tanto deseja.* — Isso aí rapaz. Ai! Vai com calma meu filho.

— É um Malamam legítimo, não conhecemos essa palavra.

Fim.

Sobre a Autora

Joice Bittencourt é brasileira de 25 anos, nascida no Rio de Janeiro e radicada no Espírito Santo com o marido e dois filhos. Movida pela curiosidade, iniciou na literatura erótica através do best-seller *Cinquenta Tons de Cinza*, e a partir de então a lista de romances do mesmo gênero só vem crescendo.

Com três obras publicadas em um site de compartilhamento de livros, ela decide alçar voos maiores, lançando suas histórias para todos os leitores.

Conheça mais:

<http://joicerbittencourt.blogspot.com.br/>
<http://www.wattpad.com/user/joicecbittencourt>
<https://www.facebook.com/joice.bittencourt>

Leia Também:

No Limite do Prazer

<https://www.amazon.com.br/dp/B00OB3RWQ2>

O Herdeiro

<https://www.amazon.com.br/dp/B00P4CBS78>

Alívio

<https://www.amazon.com.br/dp/B00U3Z55XO>

Série Malamam



Leônidas, Lorenzo e Bento são três irmãos com personalidades extremamente diferentes, igualando-se em três pontos... A possessividade, a beleza e a paixão.

Em breve na Amazon.